

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - FEUSP

FLÁVIA ALVES DE SOUSA

**Entre o "movimento" e a "calmaria": os ritmos das
sociabilidades dos jovens na praia de Flecheiras**

SÃO PAULO

2013

FLÁVIA ALVES DE SOUSA

**Entre o "movimento" e a "calmaria": os ritmos das sociabilidades dos
jovens na praia de Flecheiras**

(Versão revisada)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes Sposito

SÃO PAULO

2013

FLÁVIA ALVES DE SOUSA

Entre o "movimento" e a "calmaria": os ritmos das sociabilidades dos jovens na praia de Flecheiras

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: Sociologia da Educação.

Aprovada em 14 de Outubro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Dra. Marília Pontes Sposito (Presidente) / FE-USP

Dra. Maria da Graça Jacinhto Setton / FE-USP

Dr. Alexandre Barbosa Pereira / UNIFESP

Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano / UFF

Dra. Isaurora Cláudia Martins de Feitas / UVA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.047 Sousa, Flávia Alves de

S729e Entre o “movimento” e a “calmaria”: os ritmos das sociabilidades dos jovens na praia de Flecheiras / Flávia Alves de Sousa; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo: s.n., 2013.

278 p. : il., mapas., fotos.

Versão revisada.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

1. Sociologia educacional 2. Sociabilidade 3. Jovens 4. Mudança social. I Sposito, Marília Pontes , orient.

A meu pai, José Eredilson,
que me apresentou a
simplicidade da vida e ao meu
querido companheiro, José
Lindomar, que está comigo
nas aventuras dessa vida.

AGRADECIMENTOS

Aos jovens de Flecheiras que contribuíram significativamente com seus relatos e experiências para a produção deste trabalho. Aos moradores mais antigos, D. Cirleide, D. Naiza, D. Deusa, D. Neuza, Sr. Valdemiro, Sr. Eridan, Sr. Mauricio e representantes do poder público, por contribuírem com informações valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos queridos professores que no início do doutorado me ajudaram a navegar rumo a um caminho de reflexões sobre o tema desta pesquisa, Frúgoli Júnior, Kimi Tomizaki e Marília Sposito.

Em especial, aos professores Elmir de Almeida e Paulo Carrano, pelas significativas contribuições no momento da qualificação do relatório de pesquisa.

À querida professora e orientadora Marília Pontes Sposito, em especial, pelas diversas contribuições para a elaboração deste trabalho, acompanhamento dedicado e competente nesses quatro anos de pesquisa, ao professor e co-orientador José Machado Pais, que tão gentilmente me recebeu no ICS e por compartilhar de seus conhecimentos para o desenvolvimento deste trabalho, e aos colegas do GETESE pelas ricas discussões nos períodos dos seminários.

A toda a minha família, de modo especial ao meu pai, José Eredilson e sua esposa, Marilene, que me receberam em sua casa durante a pesquisa de campo, ao irmão Renato que me ajudou nas andanças por Flecheiras, contribuindo para o conhecimento de lugares nunca antes navegados e ao Diego Normandi, pelo estímulo e ajuda técnica na produção das ilustrações e adaptações de mapas que enriqueceu o trabalho.

Aos amigos que de forma direta ou indireta ajudaram a construir esse trabalho, seja a partir das conversas na universidade ou na mesa de bar: Ana Carmita, Elzanir dos Santos, Ana Cristina, Camila Holanda, Marcelo Gomes, Júlia Monnerat, Danilo César, Susana Schmitz, Sabrina Ecad, Flávia Albuquerque, Flávia Santos, Alexandre Joca, Roselane Bezerra, em especial, a querida Gabriela Castanheira, que gentilmente leu a última versão do meu trabalho e contribuiu para melhorar a qualidade da apresentação textual, dentre tantos outros...

Aos funcionários da Coordenação da Pós-Graduação em Educação da USP.

Ao programa de fomento à pesquisa, CAPES, que materializou a possibilidade deste estudo.

E ao meu querido amor, José Lindomar, pelo companheirismo, carinho, amor, atenção e por sua leitura e contribuições para a produção deste trabalho.

La ola no tiene forma?

En un instante se esculpe

Y en otro se desmorona

en la que emerge, redonda

Su movimiento es su forma.

(Frente al mar - Octavio Paz)

RESUMO

SOUSA, F. A. **Entre o "movimento" e a "calmaria": os ritmos das sociabilidades dos jovens na praia de Flecheiras.** 2013. 278f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

Esta tese se propõe a refletir sobre as experiências de sociabilidade dos jovens que vivem em uma pequena localidade litorânea em processo de urbanização, desencadeado principalmente pela inserção do turismo nos últimos anos. As mudanças que ocorrem no distrito de Flecheiras, localizado no município de Trairi, no estado do Ceará, compreendem a ampliação e reestruturação dos espaços de lazer, bem como às relacionadas aos aspectos socioespaciais, culturais e econômicos. A presença do outro, entre estrangeiros e brasileiros de outras regiões, representou a novidade e potencializou novos processos interativos, privilegiados nos momentos de lazer. A partir de várias estratégias metodológicas, com base na abordagem do estudo de caso, a pesquisa teve como objetivo compreender como essas mudanças alteram as sociabilidades dos jovens e como essas experiências se relacionam com outras dimensões de sua vida, uma vez que nesses momentos interativos são mobilizados conteúdos e formas diversos. O campo possibilitou pensar que as mudanças geraram novas formas de sociabilidades, manifestando tensões e conflitos entre esses jovens, observadas nas "relações jocosas" entre aqueles moradores do centro de Flecheiras e Barreiro e nas interações afetivas, produzindo separações entre os "nativos" e novas zonas de contato com o outro. As mudanças, também, provocam uma dinâmica diferente na localidade e contribuem para que os jovens vivam uma "intermitência urbana" entre a "calmaria" e o "movimento", demarcada, principalmente, pelos dias de festas e maior circulação de pessoas de fora. Assim, o "movimento" é aguardado pela maioria dos jovens locais e geralmente constituem momentos de aproximação de valores dos grandes centros urbanos, imagens, dinheiro e tecnologias, transformando as referências locais quanto ao estilo e modo de vida desses jovens. Essas transformações apresentam intersecções com outras dimensões da vida, como o trabalho e a família. Neste sentido, a sociabilidade significa expressão das mudanças e ao mesmo tempo que incide sobre a experiência diária dos jovens, a sociabilidade traduz maneiras de pensar, sentir e agir diante dessas alterações.

Palavras-chave: mudanças; sociabilidade; juventude.

Abstract

SOUSA, F. A. **Between the "movement" and the "calm": rhythms of youth sociability in Flecheiras beach.** 2013. 278f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

This thesis proposes to reflect on the experiences of sociability of the young people who live in a small coastal town in urbanization process, triggered mainly by insertion of tourism in recent years. The changes that occur in the locality of Flecheiras, located in the municipality of Trairi, in the state of Ceará, comprise the extension and restructuring of spaces of leisure, as well as those related to aspects Socio-spatial, cultural and economic. The presence of another, between foreigners and Brazilians from other regions, represented the novelty and potentiated new interactive processes, privileged in moments of leisure. From the various methodological strategies based on the approach of the case study, the research had as objective to understand how these changes alter the sociability of young people and how these experiences relate to other dimensions of their lives, a time that these moments are mobilized interactive content and forms various. The field allowed thinking that the changes generated new forms of sociability, expressing tensions and conflicts between these young people, observed in "jokey" relations between those inhabitants of central Flecheiras and Barreiro, and in affective interactions, producing separations between the "native" and new areas of contact with the other. The changes, also, cause a different dynamic in the locality and contribute to that young people live a "urban" flashing between the "calm" and the "movement", sharply demarcated, mainly, by days of festivities and greater movement of people from outside. Thus, the "movement" is eagerly awaited by the majority of local young people and generally are moments of approximation of values of large urban centers, images, money and technology, transforming the references locations regarding the style and way of life of these young people. These transformations have intersections with other dimensions of life, such as work and family. In this sense, the sociability means expression of changes and at the same time that focuses on the everyday experience of young people, the sociability translates ways of thinking, feeling and acting in response to these changes.

Keywords: changes; sociability; youth.

Lista de Mapas

Mapa 1: Mapa de rodovias do PRODETUR/CE I _____	97
Mapa 2: Mapa de Localização das comunidades da Rede Tucum _____	106

Lista de Figuras

Figura 1: Quadro do principais mercados emissores para o Ceará via Fortaleza ____	99
Figura 2 : Movimentação do turismo no Ceará _____	100
Figura 3 : Principais municípios visitados pelos turistas no Ceará _____	104
Figura 4: Dez Praias mais visitadas do Ceará _____	106
Figura 5: Localização de Flecheiras e Barreiro _____	117
Figura 6: Divisões de Barreiro _____	120

Lista de Ilustração

Ilustração 1: Praça da TV _____	56
Ilustração 2: Praça Jonas Henrique de Azevedo e redondeza _____	68

Lista de Fotografia

Fotografia 1 e 2: Modelo da igreja antiga _____	54
Fotografia 3: Igreja atual _____	54
Fotografia 4: Praça da TV _____	55
Fotografias 5 e 6: Movimentação de fim de semana na praça _____	70
Fotografia 7: Pista de <i>skate</i> na praça _____	72
Fotografia 8: Fim de tarde na praça _____	87
Fotografia 9: Festival de dança na praça em outubro de 2010 _____	88
Fotografia 10 e 11: Casa de pescadores e bares na praia (1980 - 1990) _____	90
Fotografia 12: Propaganda de Flecheiras como Paraíso _____	109
Fotografias 13 e 14: Sr. Eridan - criação de animais e seu retorno da pesca _____	123
Fotografias 15 e 16: Barreiro - divisão entre Flecheiras e Barreiro e estilo de casas _	124
Fotografias 17 e 18: jogos de fim de tarde na praia _____	152

Fotografia 19: Futebol feminino _____	152
Fotografias 20 e 21: Antigo campo próximo à praia e atual estádio no Barreiro__	154
Fotografias 22 e 23: Jogos do Fluminense no antigo campo da praia _____	157
Fotografias 24 e 25: Procissão ao amanhecer do dia e o terço nas casas dos devotos	169
Fotografias 26 e 27: Jovens na procissão e hasteamento da bandeira de S. Pedro __	169
Fotografias 28 e 29: Missa e noite do leilão _____	171
Fotografias 30 e 31: Festival de quadrilha e roda de capoeira _____	171
Fotografias 32 e 33: Competição de corrida de pacote e das rendeiras _____	172
Fotografias 34 e 35: Procissão dos pescadores no mar _____	173
Fotografias 36 e 37: Procissão de devotos pela praia _____	173
Fotografias 38 e 39: <i>Réveillon</i> dos Nativos e Amigos de Flecheiras _____	176
Fotografias 40 e 41: Pessoas chegando à festa tanto pela praia como pela estrada	178
Fotografias 42 e 43: Festa do Pisca 2009/2010 _____	180
Fotografias 44 e 45: Organização dos carros e paredões de som 2011/2012 _____	181
Fotografias 46 e 47: <i>Paredão Ricardo Som</i> _____	189

SUMÁRIO

1 Introdução	13
Algumas categorias analíticas	18
Juventude a partir dos clássicos: estudos geracionais e culturas juvenis	18
Uma aproximação ao conceito de sociabilidade	25
A sociabilidade e o lazer	30
O trabalho de pesquisa	32
A ida ao campo	34
2 A praça como expressão da dinâmica das mudanças	47
Entre a antiga e a nova praça	49
A dinâmica da praça: entre o "movimento" e a "calmaria"	74
Praça como ponto de encontro	82
3 A "emergência turística" e as mudanças socioespaciais	89
O contexto da "emergência turística"	92
As ações de incentivo ao turismo	94
Flecheiras e o processo de mudanças	105
A organização dos grupos locais	110
As mudanças socioespaciais em Flecheiras	114
4 As sociabilidades juvenis	126
Relações simbólicas entre Flecheiras/Barreiro	126
Os jovens no jogo relacional entre Flecheiras/Barreiro	133
Elementos de interação entre os jovens	139
Os jovens e as práticas esportivas	143
5 Os jovens na dinâmica das festas	162
A Festa de São Pedro	163
Festas de fim de ano: <i>Réveillon</i> dos Nativos e festa do Pisca	175

As relações entre os jovens na Festa do Pisca	187
6 Da sociabilidade aos modos de vida	193
As novas interações e as implicações na dimensão afetiva	194
As redes sociais entre o local e o global	206
Os estilos dos jovens	212
Das necessidades de consumo à importância do trabalho	218
Os jovens entre permanecer e sair	229
7 Considerações Finais	239
Referências Bibliográficas	244
Anexos	259
1. Perfil dos entrevistados	
2. Roteiro das entrevistas semiestruturada	
3. Roteiro de entrevistas estruturada	
4. Tabelas/ Dados dos distritos	

1. Introdução

Nos últimos anos tem se ampliado o interesse da academia pelo tema juventude, sobretudo, no intuito de conhecer e compreender as diversas manifestações dos jovens nos vários contextos culturais, possibilitando problematizar e perceber as condições e modos de vida dos jovens.

As pesquisas têm considerado desde as experiências dos jovens que estão na periferia dos grandes centros urbanos (MAGNANI; SOUZA 2007, PEREIRA, 2010) aos que vivem em pequenas cidades e zonas rurais (GUARANÁ, CARNEIRO, 2011)¹, o que nos permite relativizar e contextualizar as práticas juvenis. Contudo, os estudos têm indicado que as investigações se centram mais na complexidade da vida dos jovens em grandes centros urbanos do que em pequenas localidades em processo de urbanização. Segundo Sposito (2009), os estudos sobre jovens e o mundo rural ainda precisam ser incentivados, uma vez que a produção existente até o momento é muito pequena em relação às pesquisas sobre jovens nas grandes metrópoles. Para a autora (2009, p. 24), "a predominância de investigação sobre a vida de jovens em grandes metrópoles pode induzir a generalizações apressadas sobre a juventude brasileira, se não forem levadas em conta as condições de vida das pequenas e médias cidades e das zonas rurais". Nesse sentido, existe uma diversidade de experiências socioculturais vivenciadas pelos jovens que se encontram na dinâmica das pequenas cidades e localidades litorâneas e que foram pouco estudadas.

Diante deste quadro, os interesses dessa pesquisa se direcionaram para a compreensão de jovens que hoje oferecem pouca visibilidade no campo do conhecimento e que experimentam mudanças significativas frente aos processos de urbanização de pequenas localidades, transformando suas trajetórias e modos de vida. Neste aspecto, aproximo-me das experiências juvenis produzidas especificamente em um espaço litorâneo em processo de "emergência turística".

¹ Essas são algumas referências dentre tantas outras que abordam essas temáticas.

O distrito de Flecheiras², que se localiza no município de Trairi - estado do Ceará, chamou a atenção pela maneira como vem reestruturando tão rapidamente os seus espaços, onde praças e ruas são reformadas e ampliadas, pousadas, restaurantes, bares e espaços de diversão são construídos, bem como vem ampliando as possibilidades de trabalho. A estas mudanças se somam a participação de outros sujeitos na dinâmica social da localidade, pois algumas pessoas que visitam este lugar acabam se interessando e, desta forma, voltando para investir e/ou residir em Flecheiras em busca de uma vida mais tranquila. Algumas pessoas de outros estados e regiões brasileiras, além de estrangeiros vindos majoritariamente de Portugal, Espanha e Itália têm fixado residência no local, passando a participar da vida cotidiana, implicando em novas configurações socioespaciais, econômicas e relacionais. Por outro lado, estas transformações têm alterado a distribuição socioespacial dos antigos moradores e de pessoas pertencentes às classes populares que chegam à localidade, especialmente atraídas pelas novas possibilidades de trabalho.

A pesquisa propõe, portanto, pensar a dinâmica dos jovens a partir de um espaço social em processo de transformação. É importante ressaltar que as mudanças ocorridas nos últimos anos não se restringem àquelas advindas do turismo, sinteticamente, elas são consequências de dois movimentos: o primeiro corresponde às mudanças que são relevantes na dimensão do cenário nacional e que derivam das condições estruturais, como a expansão da educação nas últimas décadas, as políticas sociais do governo, como bolsa família, ao crescimento da renda familiar, etc. O segundo está relacionado às transformações atuais de grande parte do litoral brasileiro que são expressões da chegada do fenômeno do turismo nas últimas décadas, que tem

² O nome dessa localidade, no domínio popular, significa mulheres atiradoras de flecha. Sua escrita já variou bastante, as mais conhecidas eram Flexeiras, Fleixeiras. A letra x predominava entre as variações. No entanto, quando a localidade despontou para o turismo, o x foi substituído pelo CH - Flecheiras -, relacionando-se, portanto, à palavra flecha. No último ano, 2013, foi feita uma campanha para que as pessoas assumam essa escrita: "Flecheiras com CH; Escreva certo! Ensine certo!" Flecheiras, corresponde a um pequeno distrito que se localiza no litoral Oeste do Ceará. Com base no cruzamento de dados do IBGE, 2010, verificou-se que esse distrito tem, aproximadamente, 3.954 habitantes (ver maiores informações sobre o distrito em anexo de número quatro). Entretanto, ao conversar com alguns moradores locais e agentes de saúde, consideram que o local já tem em torno de 5.000 habitantes. Localiza-se a 140 km de Fortaleza e pertence ao município de Trairi. Este município tem aproximadamente 36 km de costa litorânea, dividido em várias praias. Segundo dados do IBGE de 2010, possui 51.432 habitantes. A economia do distrito de Flecheiras, segundo os dados da Prefeitura Municipal de Trairi, 2011, é baseada no turismo (10 pousadas e 02 hotéis – o que proporciona vários empregos diretos e indiretos), na pesca (um total de 122 pescadores), no comércio e na agricultura (14 famílias). É importante observar que o número de estabelecimentos voltados para receber os turistas já aumentou nesses últimos anos. O turismo vem configurando aos moradores novas possibilidades de trabalho, através de diferentes ofertas de serviços: venda de comidas típicas na pracinha, ou na própria casa (algumas são reformadas, acrescentando-se um espaço onde funcionam como pequenas lanchonetes), lojas de venda de artesanato (diversos), dentre outras. (<http://www.trairi.ce.gov.br>).

reestruturado a dinâmica socioespacial, econômica e cultural de pequenas cidades litorâneas.

É neste cenário que as experiências dos jovens suscitaram a atenção de um modo especial exatamente por começar a perceber um quadro de mudanças de ordem objetiva e subjetiva em relação aos seus modos de vida, que vão desde as vivências nos espaços de lazer às novas configurações no mundo do trabalho.

Desta maneira, é importante salientar a particularidade de como esse tema foi se construindo enquanto objeto de pesquisa, que está relacionado à minha aproximação mais direta com a localidade. Flecheiras é muito especial, pois é onde nasci e onde vive parte de minha família. Nesse sentido, minha relação com ela é marcada, ao mesmo tempo, por um afastamento e uma aproximação, uma vez que, a partir dos oito anos de idade, fui convidada por uma tia para morar em Fortaleza. Esse convite era com a justificativa de que essa mudança seria uma possibilidade de melhorar a vida, de poder estudar, porque, convivendo naquela localidade, não teria “um futuro”. Nessa ocasião, recorde-me que só regressei à Flecheiras após oito anos, em 1992. A partir deste momento, passei a retornar mais vezes, mais muito esporadicamente, sempre em períodos de férias ou feriados. Foi com esse envolvimento particular que, a partir do final da década de 1990 e início da década de 2000, passei a perceber algumas mudanças significativas. Inicialmente, observei especialmente as mudanças quanto à infraestrutura, mas, posteriormente, em meados da última década, outras mudanças foram percebidas, como as relacionadas aos costumes e valores, ao trabalho e à especulação imobiliária. Verifiquei também uma maior circulação de turistas nos espaços públicos, as interações entre estes e os nativos, o maior poder de compra dos moradores locais, o acesso dos jovens às novas tecnologias (acesso à internet, celulares) e os novos espaços de lazer, como a praça, bares e espaços de festas, dentre outras.

Desta forma, as observações pontuais quanto às mudanças passaram a ganhar mais sentido por volta do ano de 2006, pois a cada visita aos parentes, conseguia refletir mais sobre aquele contexto, especialmente porque estava na fase de pesquisa de mestrado com crianças indígenas de um município da região metropolitana de Fortaleza, analisando as mudanças referentes à escola. Nesta perspectiva, estava com o olhar aguçado para suscitar questionamentos sobre a realidade, para perceber as diferenças,

para descortinar o aparente conhecido e poder criar um problema de pesquisa. Assim foi se construindo o interesse por essa temática.

Diante das novas configurações sociais e das implicações destas mudanças para a população local, interessei-me em pesquisar, particularmente, a percepção dos jovens por entender que eles fazem parte da dinâmica local e por estarem diretamente implicados no processo de mudança. Isto é, esses meus interlocutores da pesquisa se constituíram como jovens justamente no momento de intensificação das mudanças e interagem diretamente com os novos atores sociais (turistas, novos moradores, membros de ONGs, entre outros) que participam do novo cenário local.

Conforme Mannheim (1975) e Melucci (2004, 2001), a juventude é um grupo etário privilegiado, a partir do qual podemos compreender os processos de mudanças da sociedade. Os jovens correspondem aos que menos trazem a carga do passado e se expõem de modo mais visível às mudanças. Além disso, esses jovens se encontram em uma fase da vida em que a maioria está trabalhando ou à procura de trabalho, em busca de autonomia individual, bem como vivendo experiências diversas nos espaços de lazer, tais como novas amizades, namoros, paqueras, conversas descontraídas, etc. Tudo isto possibilita novos espaços de interação e encontros com o outro, em que o modo de vida urbano parece ter se tornado referência para esses jovens, traduzindo-se em novas formas de percepção e de mudanças do modo de vida local.

De modo geral, esse cenário gerou o interesse em refletir sobre como os jovens estão vivendo essas experiências, no sentido de como eles se aproximam, interpretam e lidam com essas mudanças sociais, ou seja, de que forma isso implica na sua condição juvenil. Neste sentido, algumas questões ajudam a orientar mais especificamente o interesse reflexivo desta pesquisa: Quais são as formas de sociabilidade que essas mudanças estão gerando? E como essas novas experiências estão alterando o modo de vida desses jovens? Portanto, o objetivo não é só perceber e descrever as formas de sociabilidade, mas também compreender em que sentido essas experiências se relacionam com outras dimensões da vida dos jovens, uma vez que nesses momentos interativos são mobilizados conteúdos e formas diversos. Já em texto dos anos 1990, Melucci (1997, p. 05) tratava desse tema, ou seja, da importância de se observar as experiências juvenis a partir de suas particularidades, pois considerava que “as atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser

entendidas a partir de uma perspectiva macro-sociológica e, simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária”.

Os momentos de sociabilidades dos jovens em Flecheiras, sobretudo aqueles que acontecem nos instantes de uso do tempo livre, que se manifestam especialmente através do lazer, são importantes para compreender os jovens nesse atual cenário, uma vez que são nesses contextos que as alteridades se manifestam, onde as vivências interativas com o outro se intensificam, as redes de amizade são tecidas e os novos valores são compartilhados:

Tem-se definido o lazer como um estado de espírito ou de satisfação consigo mesmo, individualizado ou individualizável. É bem possível, contudo, que o lazer venha também assumindo, cada vez mais, uma expressão de sociabilidade. É, pelo menos, o que parece acontecer com os jovens (PAIS, 1994, p. 109).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que os momentos de sociabilidade estão relacionados à dimensão de lazer, mas não se pode generalizar que toda prática de lazer é produtora de sociabilidade.

É como se essas experiências específicas das sociabilidades aproximassem os jovens mais diretamente das mudanças que ali estão acontecendo, particularmente porque as manifestações de lazer são muito valorizadas em contextos de turismo, seja por meio da ampliação de espaços públicos e privados de entretenimento, ou a criação de festas, festivais. Desse modo, potencializam-se mais possibilidades para que esses jovens estejam produzindo novas formas de sociabilidades, propiciando ampliar, conhecer e viver novas experiências. Não se trata de generalizar que o lazer é uma dimensão importante para os jovens, mas que, nessas localidades turísticas, os momentos de lazer explicitam relações complexas entre moradores e turistas – e provocam ressonâncias no modo de vida dos jovens locais.

Considero os momentos de sociabilidade como ponto de partida para entender as percepções dos jovens nesse espaço social em mudanças e as implicações dessas transformações em outras dimensões da vida. As sociabilidades foram relevantes para compreender aspectos importantes das interações dos jovens locais com aqueles que vêm de outros lugares, bem como as mudanças presentes em outras esferas da vida, como a afetiva, a família e o trabalho.

1.1 Algumas categorias analíticas

Quando me propus a fazer uma pesquisa tendo como objeto de estudo os jovens em uma localidade litorânea, deparei-me com uma teia complexa de significados. No campo empírico, uma diversidade de manifestações de experiências que explicitava o que é ser jovem em nossa contemporaneidade. Por outro lado, experimentei, no campo teórico, da mesma forma, uma diversidade interpretativa que expressa as várias representações que o conhecimento tem produzido sobre a juventude nas Ciências Humanas, sobretudo, no âmbito das Ciências Sociais e da Educação.

Ademais é importante considerar que o conhecimento é provisório e o mais interessante é que isso resulta em uma grande riqueza para a história da produção do conhecimento, pois me faz perceber que o conhecimento sobre um determinado objeto não é único e “verdadeiro”, mas sim construído com base em compreensões, interesses e valores próprios de um determinado contexto histórico e cultural (WEBER, 1999). Desta forma, conhecer, refletir e problematizar sobre a juventude é fundamental para que evitemos construir discursos generalizantes, ocultando e excluindo as diferenças, as heterogeneidades e as desigualdades tão presentes no cotidiano das experiências dos jovens.

1.2. Juventude a partir dos clássicos: estudos geracionais e culturas juvenis

Quando pensamos no termo juventude é recorrente a ideia de associá-lo a concepções que ficaram bastante conhecidas por sua veiculação em vários âmbitos da sociedade, principalmente na mídia, e que marcaram algumas representações generalistas sobre os jovens. As mais recorrentes lembram o jovem como: “rebelde sem causa”, “violento”, “irresponsável”, “ativista político”, “apático”, “hedonista”, “individualista”, “consumista”, etc. As percepções são dinamizadas e constituídas em determinados momentos históricos e culturais específicos.

A academia por sua vez tem produzido discursos e teorizado sobre a juventude, muitas vezes problematizando e desconstruindo alguns discursos hegemônicos e generalizantes, contribuindo para que se percebam os jovens em suas experiências complexas e diversas, considerando o seu contexto cultural, político e econômico.

Determinados estudos tornaram-se referências para quem estuda a temática da juventude. Abordarei aqui alguns que são fundamentais para que compreendamos os debates atuais sobre o tema, em especial, aqueles desenvolvidos no âmbito das Ciências Sociais³. Os primeiros trabalhos sobre os grupos juvenis datam da primeira metade do século XX⁴; contudo, os mais significativos e de mais repercussão para as reflexões atuais datam, predominantemente, do cenário do pós-guerra e se tornaram referências no Brasil.

Destaco inicialmente os estudos que percebem a geração como um fenômeno social, tendo Mannheim como precursor e influenciador de vários trabalhos desenvolvidos neste âmbito⁵. Segundo Domingues (2002),

o conceito de gerações de Mannheim é ainda a mais interessante e completa tentativa sociológica de dar conta do tema [...]. Todos os autores que recentemente retomaram o tema lançam mão amplamente da teorização de Mannheim. (*Ibidem*, p. 69).

Mannheim traz uma significativa contribuição ao pensar as gerações como fenômeno social. Sua concepção foi e é considerada relevante para pensar as complexas relações entre as gerações. Neste sentido, Weller (2010) traz uma significativa interpretação para aqueles que pretendem se aprofundar e trabalhar com a perspectiva de Mannheim, uma vez que esta autora se propõe a fazer uma atualização do conceito de geração. Para tanto, Weller tece uma crítica à tradução do texto de

³ Os estudos desenvolvidos nas Ciências Sociais são centrais para a Educação, uma vez que a produção do conhecimento dessa é com base no diálogo constante com as Ciências Sociais, as quais contribuem com os fundamentos sociológicos, antropológicos e políticos.

⁴ Destacamos os trabalhos da Escola de Chicago. A partir do foco dos estudos sociológicos sobre a cidade, começaram a desenvolver um olhar sobre os grupos de gangues que circulavam na cidade. Os jovens que faziam parte desses grupos eram vistos sob o conceito de “desvio”, o que seria uma característica específica dos jovens que viviam em áreas urbanas marginalizadas.

⁵ Este autor teve bastante influência nos estudos brasileiros, principalmente quando Foracchi (décadas de 1960-1970) iniciou uma pesquisa sobre jovens estudantes universitários e sua relação com os movimentos nas lutas sociais dos anos 1960.

Mannheim (1982) publicada no Brasil, por excluir algumas partes da obra e por ter sido traduzida da versão em inglês e não da alemã. Ademais destas críticas, ela pontua algumas partes do texto que não eram enfatizadas pela maioria dos autores que se propunham a discutir geração, argumentando que acabavam por centralizar na subdivisão deste conceito: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. No entanto, segundo Weller (2010, p. 206), mesmo que essa subdivisão corresponda a uma parte importante da discussão, "só faz sentido quando analisada no conjunto e a partir das leituras que levaram Mannheim a esse [...] conceito de geração".

Para Mannheim (1982), o recorte geracional não se define socialmente apenas pela dimensão biológica, ou seja, delimitada pelo compartilhamento da idade de nascimento de cada indivíduo, que tem a sua importância enquanto elemento potencial para uma geração, mas deve-se considerar fundamentalmente o compartilhamento das experiências sociais. Deste modo, o contexto não é só demarcado pela idade de nascimento e morte, mas é necessário que se perceba a articulação social, as experiências representativas que demarcam uma conjuntura histórica e que sejam especialmente simbólicas e significativas de um grupo, no sentido da dimensão de construção de laços de pertencimento. Desta forma, o autor diz que a geração real pode ter unidades de geração distintas:

pode se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas. (MANNHEIM, 1982 p. 87).

Isto está diretamente ligado à particularidade da semelhança do compartilhamento dos dados que constituem a consciência de seus membros. Nesta perspectiva de análise geracional, o tempo é percebido como um elemento central e abordado na sua dimensão qualitativa, ou seja, relativa a uma maneira subjetiva de sentir o tempo. O que demarca uma "não-contemporaneidade dos contemporâneos", como coloca Weller (2010), ou seja, em um mesmo contexto histórico convivem diferentes gerações e estas têm experiências distintas e heterogêneas.

No âmbito destas reflexões sobre geração, Mannheim (1975) toma a juventude como potência e elemento histórico central para pensar os processos de transição e mudança social, o que para ele caracterizaria as novas gerações.

No contexto de nossos problemas, o fato relevante é que a juventude vem 'de fora' para os conflitos de nossa moderna sociedade. E é esse fato que faz da juventude o pioneiro predestinado para qualquer mudança da sociedade. (MANNHEIM, 1975, p. 95).

Portanto, a juventude é percebida como uma potencialidade que está pronta para novas orientações da sociedade, uma vez que, segundo Mannheim (1982, p. 78), "[...] suas forças formativas estão começando a existir [...]". Juventude, no pensamento deste autor, é percebida como "agente revitalizador"⁶ da sociedade. Esta perspectiva relativa à juventude foi bastante apropriada aos contextos de mudanças, em particular nos momentos de mobilizações coletivas, nas quais os jovens foram vistos como "ativistas" e fundamentais para a luta, como foi o caso do Brasil nos vários períodos das mobilizações sociais lideradas por estudantes, como, por exemplo, as manifestações de posicionamento contrário à ditadura militar nos anos de 1960.

A noção de geração é bastante utilizada nas Ciências Sociais, mas sendo caracterizada por sua imprecisão e fluidez. Segundo Feixa e Leccardi (2010, p. 198), "a teoria das gerações é atualmente tão importante como sempre, apesar de não ter ainda 'gerado' uma atualização de suas bases teóricas e metodológicas". Domingues (2002) ressalta que existe uma tendência a perceber as gerações como coletividades homogêneas, e que seria, portanto, necessário evitar essas impressões e considerar as gerações não como coletividades homogêneas, mas como algo que permita "uma visão que contemple a heterogeneidade, o descentramento e a interatividade das gerações sociais, sem deixar de lado seu substrato material, inclusive biológico" (*Ibidem*, p. 68).

Assim, é importante considerar essa dimensão interpretativa nos estudos geracionais, principalmente quando nos preocupamos em compreender jovens em contexto de mudanças, pensar as conexões geracionais e a importância disso na transição para a vida adulta, pode contribuir para uma aproximação da condição juvenil

⁶ Para Mannheim (1982), "agente revitalizador" pode significar tanto engajamento em causas progressistas como conservadoras e reacionárias. No geral, significa disponibilidade para a ação.

e de suas diversas experiências. Essa perspectiva contribui para pensar o lugar desta pesquisa, uma vez que a mudança no âmbito social é marcante com a presença, principalmente, do desenvolvimento do turismo. Esse contexto tem possibilitado perceber as continuidades e descontinuidades nas relações intergeracionais, que é possível observar de maneira mais explícita na relação dessas gerações com a dimensão do trabalho e experiências de sociabilidade, não esquecendo a ressalva de Weller (2010) sobre Mannheim:

O conceito de gerações de Mannheim e a sua acurada elaboração sobre a posição, a conexão e a *unidade geracional* rompem com uma unidade de geração concreta e coesa e nos instiga a centrar nossas análises *nas intenções primárias documentadas nas ações e expressões de determinados grupos*, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo. Perguntar-se pelos motivos das ações desses atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações, implica ainda em uma análise de conjuntura histórica, política e social a partir de uma perspectiva que poderíamos situar no nível *macro*, bem como do conhecimento adquirido pelos atores nos espaços sociais de experiências conjuntivas, e que poderíamos denominar como sendo uma análise no campo *micro* (WELLER, 2010, p. 219-220, grifo do autor).

Outros trabalhos importantes para a produção do pensamento sociológico sobre juventude e que ajudam a pensar e relativizar as culturas juvenis, são os do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS), desenvolvidos especialmente a partir da década de 1970, em Birmingham, Inglaterra. Com base em uma leitura renovada da perspectiva marxista e pensando a cultura não só como reflexo do econômico, seu foco foram os estudos voltados para a dimensão da cultura e condição social das classes populares. A partir da qual passaram a observar também, segundo Mattelart (2004, p. 61), "as relações das gerações, das formas de identidades e de subculturas específicas que mobilizam os jovens de meios populares".

Neste sentido, as pesquisas relativas aos jovens davam ênfase à cultura, às sociabilidades daqueles que pertenciam às classes trabalhadoras. Centraram-se, principalmente, nas subculturas jovens, "no sentido de estilo cultural específico", conforme Mattelart (*Ibidem*), pois foram produzidas várias monografias referentes aos *hippies, mods, punks* e etc. Para Hebdige (1979 *apud* Mattelart, 2004, p. 62, "as subculturas jovens são um dos terrenos onde os pesquisadores do CCCS se mostraram, ao mesmo tempo, os mais produtivos, os mais inventivos, os que mais imediatamente

percebiam as dinâmicas sociais". Considerações sobre alteridades, como as questões de gênero, observando as diferenças entre homens e mulheres quanto ao consumo de bens culturais, e de "raça", observadas a partir dos processos de imigração, foram também reflexões importantes introduzidas por esse centro de pesquisa. O objetivo do CCCS era reformular o debate da cultura juvenil, desconstruindo o conceito mercadológico de cultura juvenil⁷.

A significativa contribuição do CCCS não foi eximida de críticas, especialmente a crítica referente ao termo subculturas utilizado em relação aos grupos juvenis. Segundo Weller (2005), para alguns autores, como Baacke, Ferchhoff e Neubauer, este termo sugere a existência de uma cultura superior, provoca uma associação depreciativa e seu uso remeteria a segmentos específicos da sociedade. Para estes autores, a especificidade que o termo sugere não faria mais sentido nos dias atuais, considerando "a pluralidade de modos ou estilos, que não são mais específicos de uma dada cultura, uma vez que se manifestam em distintas localidades e em distintos continentes." (WELLER, 2005, p.4). E, desta forma, defendem que seria muito mais indicado utilizar o conceito de "cultura juvenil" ou "culturas juvenis", "porque amplia a possibilidade de compreensão das distintas manifestações juvenis, seus estilos ou modos de vida que vêm sendo criados e recriados em diferentes localidades e contextos sociais." (*Ibidem*, p. 4).

No mesmo sentido, Pais (2003), ao pesquisar sobre as formas de transição dos jovens para a vida adulta, o faz tendo como base reflexiva as "culturas juvenis", ressaltando uma utilização mais dinâmica do conceito de cultura juvenil,

[...] explorando também o seu sentido "antropológico", aquele que faz apelo para modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam significados e valores não apenas ao nível das instituições mas também ao nível da própria vida quotidiana. (*Ibidem*, p. 69).

Essa forma de perceber os jovens contribuiu para que se possa desenvolver um olhar específico, evitando o uso de discursos generalizantes, possibilitando identificar e compreender as diversas experiências e singularidades dos

⁷ Este discurso advinha dos jornalistas, dos acadêmicos e retóricos políticos. Percebiam a cultura juvenil de forma hegemônica, generalizando nas afirmações sobre os jovens, considerados consumistas e hedonistas.

jovens, de acordo com as suas condições e possibilidades. Portanto, aproximo-me desta perspectiva de Pais (2003), pois se conecta com os objetivos e proposta metodológica da pesquisa, corroborando para refletir sobre as experiências, intenções e modos de vida dos jovens diante do contexto de mudanças.

As discussões anteriores são referências clássicas nos estudos sobre a juventude como fenômeno social. Nesta perspectiva, no Brasil, tomando como base o início deste século, os estudos sobre a juventude têm variado quanto a sua abordagem, passando-se a dar atenção às culturas juvenis no sentido de perceber os jovens e suas experiências a partir dos vários espaços de socialização e sociabilidade. As mudanças socioculturais da contemporaneidade, especialmente no final do século XX e início do XXI, têm possibilitado outras perspectivas de vida, de organização do tempo e do espaço, modificando dinamicamente a cultura; outras formas e espaços de produção de saberes são legitimados no cotidiano destas sociedades:

Uma dimensão inovadora constatada em várias pesquisas sobre as práticas juvenis no Brasil e em outros países se refere à importância da esfera cultural e do lazer como espaço produtor de sociabilidade. [...] As diferentes práticas de experiência coletiva em espaços sociais públicos de cultura e lazer podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios onde se processam experiências e se produzem subjetividades. (BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2005, p.177).

Desta maneira, pensar sociologicamente a juventude é primeiro considerá-la como uma construção social e histórica, sendo fundamental identificar as condições de experiências dos jovens, ou seja, buscar perceber os jovens concretos, diante de sua realidade social e suas múltiplas intersecções de classe social, gênero, geração, locais de origem, etc., e, como toda categoria socialmente constituída,

que alude a fenómenos existentes, posee una dimensión simbólica, pero también tiene que ser analizada desde otras dimensiones: se debe atender a los aspectos fácticos, materiales, históricos y políticos en los que toda producción social se desenvuelve. (MARGULIS, URRESTI, 1998, p.17).

Assim, neste campo de conhecimento sobre a juventude no Brasil, uma expressiva quantidade de trabalhos tem se voltado para o âmbito das experiências institucionais de inserção dos jovens, considerando-os no espaço da escola, na relação com o trabalho, nas organizações políticas, etc. Todavia, outros estudos, em menor quantidade, tem se preocupado em pensar os jovens e a sociabilidade.

Portanto, é neste âmbito que esta pesquisa pretende contribuir com a produção de estudos sobre a juventude. As múltiplas interações ocorridas no tempo livre em relação ao trabalho e/ou ao estudo, tem possibilitado aos jovens de Flecheiras, novas sociabilidades.

1.3 Uma aproximação ao conceito de sociabilidade

Nas Ciências Humanas, são várias as apropriações feitas ao conceito de sociabilidade proposto por Simmel (2006). As leituras são desenvolvidas com base nas especificidades e interesses de cada campo do conhecimento⁸.

A sociabilidade como objeto de estudo não é um interesse atual e está diretamente relacionada com a proporção em que os estudos sobre o pensamento de Simmel foram sendo desenvolvidos e apropriados por diferentes campos do conhecimento. Refletir sobre os processos de sociabilidade é pensar e problematizar a relação entre indivíduo e sociedade. Neste sentido, o autor é um dos principais pensadores que tem contribuído para o desenvolvimento de leituras interpretativas e analíticas sobre este prisma. Suas reflexões têm como base o cenário da vida urbana moderna e foram suscitadas a partir da seguinte problemática: “como é possível a sociedade?”

Este autor não só escreveu sobre sociabilidade. A própria reflexão sobre este conceito só pode ser compreendida a partir de sua abordagem mais ampla sobre as formas e conteúdos das diversas formas de sociação, tais como o conflito, o estrangeiro,

⁸ Importante salientar que o debate entre as fronteiras de cada área do conhecimento e como estas áreas vão produzindo suas leituras sobre sociabilidade não vai ser aqui abordado. Mas é uma discussão rica, especialmente para pensar a relação e tensões entre as disciplinas de Sociologia e Antropologia, considerando a partir do período da Escola de Chicago, Frúgoli Jr. (2009).

o segredo, etc. Nessa perspectiva, as interpretações e reflexões de Alcântara Júnior (2005a e 2005b) sobre sociabilidade a partir de Simmel contribuíram para o desenvolvimento dessa tese.

Simmel dedicou-se a pensar a sociedade, observando as interações entre os indivíduos como fator fundamental para a dinâmica social, ou seja, não há sociedade sem que haja a interação. A vida social “é um *acontecer* que tem uma função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma forma” (SIMMEL, 2006, p.18). Neste sentido, ele percebe os indivíduos como fundamentais para que aconteçam esses processos de interação. Desta forma, ele cria o conceito de sociação, que significa:

a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Desta forma, esses interesses formariam a base da sociedade humana. A relação entre forma (o modo de interação entre os indivíduos) e conteúdo (propósito ou motivo) é fundamental para que se entenda a sociação. Estes elementos (forma e conteúdo) são inseparáveis na configuração social, nos fenômenos ou processos sociais, representam a dinâmica, a ação, o *acontecer* da sociedade, o seu fazer e desfazer constante.

Assim, sociabilidade, para Simmel (*Ibidem*), seria uma forma de sociação, significando os processos mais fluidos e autônomos do fazer e do desfazer das interações, que se manifestam mediante jogos de paquera e conversas sociáveis. Sociabilidade é um tipo de interação que tem como principal característica a “ludicidade” nos processos interativos. Diferentemente de outras formas de sociação, a sociabilidade se autonomiza em relação ao conteúdo, ou seja, dos interesses imediatos, o que está em jogo é a forma (“o estar junto”). Não quer dizer que na sociabilidade o conteúdo não exista, mas ele vai ser secundário no processo interativo. O que está em jogo é o modo de se estabelecer a interação. A troca, a reciprocidade também é um

elemento importante, ou seja, "cada um deve *garantir* ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores *recebidos* por esse indivíduo" (SIMMEL, 2006, p.69 - grifo do autor). Este seria o princípio democrático que estrutura a sociabilidade:

Esse caráter democrático só pode ser realizado no interior de um estrato social – já que, muitas vezes, uma sociabilidade entre membros de diferentes estratos sociais se torna algo contraditório e constrangedor. A igualdade, como vimos, resulta da eliminação, por um lado, do que é inteiramente pessoal, e por outro lado, do que é inteiramente material, ou seja, daquilo que a sociação encontra previamente como seu material e do qual se despe em sua condição de sociabilidade. A democracia da sociabilidade, mesmo entre aqueles socialmente iguais, é *um jogo de cena*. A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente ligada a felicidade dos outros. Aqui, ninguém pode em princípio encontrar sua satisfação à custa de sentimentos alheios totalmente opostos aos seus. Essa possibilidade é excluída por várias outras formas sociais que não a sociabilidade. Em todas elas, contudo, essa exclusão se dá por imperativos éticos superimpostos. Somente na sociabilidade ela é dada por princípios intrínsecos da própria forma social. (SIMMEL, 2006, p. 69-70, grifo do autor).

Neste sentido, a sociabilidade ocorreria mais entre iguais, no sentido de que quando existe ciclos sociais muito distintos, fica mais difícil de realizar a sociabilidade, é preciso a reciprocidade, e por isso o compartilhamento de sentimentos comuns. Deste modo, em um ambiente de uma festa, mesmo entre ciclos sociais diferentes a sociabilidade pode acontecer devido ao compartilhamento, por exemplo, do gosto por um mesmo estilo musical - esse seria tornar-se socialmente iguais dentro daquela situação vivida, no jogo do "faz-de-conta, faz-de-conta que todos são iguais" (*Ibidem*, p. 71). Entretanto, isso não significa dizer que nesses processos de sociabilidade não se manifestem diferenças e desigualdades em seus conteúdos, muitas vezes esses conteúdos são mobilizadores de interação.

A perspectiva de Simmel sobre sociabilidade foi aos poucos sendo apropriada pelas Ciências Humanas, como foi dito anteriormente. Contudo, ao se falar das ideias deste autor, não se pode desconsiderar a produção de conhecimento deixada pela Escola de Chicago entre 1892 e 1929, pois são fundamentais para que entendamos as leituras realizadas por esta escola ao pensamento de Simmel, bem como entender

novas problemáticas colocadas sobre este prisma do conhecimento. Vários autores, de forma direta ou indireta, fazem referência a isso, a exemplo de Becker (1996), Velho (2005), Joseph (2005) e Frúgoli Júnior (2007).

Um fato central considerado pela crítica é que Simmel não estava preocupado em criar um método preciso de pesquisa sociológica para entender o social, ou seja, não queria fundamentar uma visão empírica. Já alguns autores da Escola de Chicago, a partir de Robert Park, direcionam um olhar para a compreensão de sociabilidades urbanas localizadas nos bairros, guetos e outros espaços segregados da vida urbana, inspirados em uma leitura particular das ideias de Simmel. O cenário de desenvolvimento de pesquisas em Chicago correspondia a um período de grandes desafios para os Estados Unidos, como o de lidar com a pobreza e a imigração. As primeiras pesquisas foram sendo realizadas considerando as comunidades de imigrantes e a pobreza, principalmente por William Thomas e Albion W. Small (BECKER, 1996). É só nos primeiros anos do século XX que Robert Park⁹ vai ser convidado a fazer parte da universidade e o seu primeiro ensaio, segundo Becker (1996), foi sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. De acordo com Becker (*Ibidem*, p. 180), suas ideias eram com base na seguinte reflexão: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo”.

Portanto, é a partir deste interesse de compreensão sobre a sociedade a partir da dinâmica das cidades, que as ideias de Simmel sobre sociabilidade passam a ser incorporadas ao campo empírico a partir da Escola de Chicago:

[...] cabe uma atenção especial (como propõe Levine) ao modo como Park incorporou e difundiu, de forma eclética, as ideias de Simmel, cuja influência durkheimiana levou o primeiro, metodologicamente, a enfatizar focos empíricos em coletividades concretas (mais do que em tipos analiticamente abstratos de interação social) [...]. (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 19).

Essa prática acabou por ressignificar o que propôs Simmel sobre sociabilidade, e que os trabalhos desenvolvidos por essa Escola teriam orientado uma

⁹ Park foi aluno de Simmel na Universidade de Heidelberg, Alemanha.

perspectiva “especializada” da sociabilidade, principalmente diante dos estudos desenvolvidos sobre segregação, assimilação e integração dos imigrantes de diferentes nacionalidades que compunham um mosaico de diferenças étnicas na cidade de Chicago (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, 2009; JOSEPH, 2005).

Neste sentido, outras apropriações já foram feitas com relação ao conceito de sociabilidade, considerando a produção da Escola de Chicago, bem como os próprios ensaios de Simmel (1977), produzindo novas aproximações e reflexões. Nessa perspectiva, diferentemente do movimento de territorialização estabelecido pela Escola de Chicago, Isaac Joseph propõe pensar a cidade, no sentido da dinâmica de circulação de seus cidadãos no espaço público, pelo processo da desterritorialização. Para tanto, a articulação com algumas ideias de Simmel referentes à experiência urbana, como os do trânsito, do estrangeiro e da conversa, foram fundamentais, como ressaltou Frúgoli Júnior (2007).

Agier (2009), ao desenvolver suas pesquisas tendo como base o contexto da antropologia francesa, pensa a construção das cidades a partir do ponto de vista relacional, destacando, para tanto, as redes alargadas da sociabilidade nos processos de desterritorialização, no sentido de que existem múltiplas maneiras de fazer a cidade. Desta forma, a sociabilidade é pensada como redes, desde os espaços domésticos aos institucionais.

As leituras feitas sobre o conceito de sociabilidade a partir de Simmel apresentam outras configurações intelectuais e diferentes formas de apreensão e construção das interações entre os indivíduos em diferentes contextos nacionais durante o século XX. A dinâmica das reinterpretações e das criações de novos sentidos para este conceito está em sintonia com o pensamento de Simmel e sua perspectiva de compreensão sobre a sociedade, sobre o fazer e desfazer das interações entre os indivíduos e as múltiplas formas de abstração intelectual, visando compreender uma realidade em permanente movimento. Desta forma, o campo empírico e os caminhos interpretativos produzem novas leituras a respeito de tal conceito.

As ideias de Simmel sobre sociabilidade, enquanto forma de sociação, são importantes para pensar a dinâmica do campo de pesquisa; porém, a hipótese é que a sociabilidade nesse contexto de mudança, onde o processo urbano se intensifica e novos valores são compartilhados, não pode ser apenas pensada nas suas relações mais

fluídas e lúdicas, mas como um elemento importante que traduz mudanças nos modos de vida. Para Alcântara (2005b, p. 33), a interação constitui redes de reciprocidades que se expressam nas formas sociais, "delas derivando ou criando as associações, que se projetariam sobre o solo social. Portanto, os modos de vida são os veículos diretos das interações sociais".

A noção de modos de vida busca justamente se distanciar tanto de uma abordagem subjetivista marcada pelas experiências individuais e isoladas dos sujeitos, como de uma perspectiva objetivista centrada nas estruturas sociais e nas condições materiais de vida dos sujeitos pertencentes e condicionados por distintas classes sociais. Dessa forma, modos de vida significa pensar a interação permanente entre as condições materiais da vida, as expressões e representações culturais e simbólicas dos sujeitos e as práticas e experiências singulares dos indivíduos que interagem e agem de maneira ativa diante das estruturas sociais (LOBO, 1992; TELLES, 1992). Modos de vida são maneiras diversas de pensar, sentir e agir que indicam processos simultâneos de reprodução e mudança objetiva e subjetiva na vida social. Os modos de vida juvenis em um contexto de urbanização buscam, portanto, expressar a dinâmica das transformações socioeconômicas, as percepções distintas dos jovens sobre essa realidade objetiva em mudança, os elementos de tradições culturais e simbólicas que permanecem nos fluxos de aprendizagens intergeracionais e os trajetos e experiências subjetivas dos jovens que interagem diante de estruturas sociais mais amplas que marcam a vida local. Nesta perspectiva de análise, as formas de sociabilidade são pensadas tendo como horizonte a complexidade dos modos de vida dos jovens e como um espaço social privilegiado de observação e percepção das diversas intersecções que se estabelecem com outras esferas materiais e simbólicas da vida social desses jovens.

A sociabilidade, nesta pesquisa, é apreendida como uma dimensão da condição juvenil desenvolvida nas interações nos grupos de pares, observando os vários espaços, como, por exemplo, os de lazer e da diversão.

1.4 A sociabilidade e o lazer

Os estudiosos do lazer têm construído um debate significativo no âmbito da Sociologia, mas, ultimamente, tem se estendido para outras áreas de interesse, como a Antropologia e os estudos na área de turismo. O objetivo não é entrar nesse debate específico, mas ressaltar algumas leituras que possibilitaram matizar a compreensão sobre o lazer e suas relações com a sociabilidade.

O lazer é geralmente pensado como em oposição ao trabalho vivido como tempo livre em contraste com as obrigações. Entretanto, não significa que o tempo livre seja restrito às práticas de lazer. Como bem afirma Elias e Dunning (1992, p.145), "todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as de tempo livre são de lazer". Para estes autores, as atividades voltadas para o lazer podem se distinguir das demais:

[...] as atividades de lazer proporcionam - dentro de certos limites - oportunidades para experiências emocionais que estão excluídas dos setores altamente rotineiros da vida das pessoas. As atividades de lazer são uma categoria de actividades em que a restrição rotineira de emoções pode, até certo ponto, ser publicamente reduzida e com aprovação social, mais do que qualquer outra. (*Ibidem*, p.150).

Segundo Dumazedier (2004), o lazer não deve ser definido em oposição apenas ao trabalho profissional, mas ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana¹⁰. Ressalta que o lazer é um fenômeno de muita ambiguidade e que "ele só é compreendido pelas pessoas que o praticam dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros" (*Ibidem*, p. 32). Para o autor, a legitimação do lazer no decorrer do século XX constituiu novas formas de sociabilidade e de agrupamentos antes desconhecidas (*Ibidem*).

Numa perspectiva próxima de Dumazedier, Elias e Dunning (1992), ao refletir sobre o lazer, criticaram o fato dele ser tratado como um mero acessório do trabalho:

¹⁰ As ideias aqui apresentadas apoiam-se no livro *Lazer e Cultura Popular*, que Joffre Dumazedier escreveu a partir da análise da primeira enquête realizada pelo Centre d'Études Sociologiques, durante os anos de 1956-57, sobre a posição do lazer no desenvolvimento sociocultural na França.

Ninguém deve aceitar a afirmação tradicional de que a função das actividades de lazer se destina a permitir que as pessoas trabalhem melhor, nem se quer a ideia de que a função do lazer é uma função que só exista na perspectiva do trabalho [...]. Tanto as actividades de lazer como as de não lazer têm, evidentemente, funções para as pessoas. A questão reside no fato de descobrir quais são. (ELIAS e DUNNING,1992, p.141).

Desta forma, esses autores apontam para uma perspectiva mais relativista do lazer, no sentido da importância de se compreender como ele é vivido e sentido. Nesta mesma direção, para Pais (2010), lazer é, sobretudo, um tempo subjetivo, de forma que o tempo do lazer seria como transversal, no sentido de poder cruzar todo o social.

Os jovens, nesse ambiente de estudo, circulam por vários lugares: os institucionais ligados à família, igreja, escola, trabalho e espaços menos estruturados da sociabilidade, do tempo livre e do lazer. E este tem se intensificado nos últimos anos devido à valorização do lazer em espaços turísticos. Assim, o interesse seria aproximar-me mais dos jovens a partir do *espaço liso* ("uma espacialidade mais antropológica, vivencial e fractal") do que do *espaço estriado* ("espacialidade geométrica, homogênea e unívoca") (PAIS, 2005, p.59)¹¹. O mais importante na pesquisa é perceber as sociabilidades que acontecem nesses momentos de lazer e sua relação com outras dimensões da vida desses jovens.

A vida social dos jovens é demarcada pela diversidade e as ambiguidades das experiências por se tratar de um contexto de vivências específicas em relação aos jovens que vivem no meio rural e nas metrópoles, mas que, ao mesmo tempo, apresenta um movimento de aproximação/intersecção com essas duas experiências.

1.5 O trabalho de pesquisa

Esta pesquisa tem como abordagem metodológica o estudo de caso. Em linhas gerais, trata-se de uma abordagem metodológica de investigação que, na tradição das Ciências Sociais, tem contribuído para compreender acontecimentos e contextos

¹¹ Essas ideias de Pais é com base nas reflexões de Deleuze

complexos, permitindo a utilização de várias técnicas que auxiliem na coleta de dados. Para Becker (1999), o estudo de caso origina-se nas pesquisas médicas e psicológicas com o objetivo de compreender um caso individual, entretanto, tornou-se uma das principais modalidades de análise nas Ciências Sociais e, neste sentido, o interesse é a análise de grupos e organizações e não a de um caso individual. A partir de uma situação, de um caso pode-se compreender fenômenos sociais mais amplos, mas com o cuidado nesse processo de generalização.

De acordo com Velsen (1987, p. 370), "os casos devem ser apresentados na análise em seu contexto social, como parte de um processo social e não como casos ilustrativos que são razoavelmente convenientes para uma generalização específica". A partir desta perspectiva do estudo de caso, o pesquisador pode trabalhar com base em várias estratégias metodológicas, de acordo com a necessidade do seu campo de pesquisa. Assim, pode ter como meio de coleta de dados a observação direta, entrevistas, documentos, questionário, gravações de áudio e vídeo, dentre outros. Nesse sentido, aproximo-me de recursos metodológicos, como a observação direta, análise documental, entrevistas estruturadas e semiestruturadas que contribuíram para desenvolver um significativo trabalho de campo. Este procedimento foi acompanhado do uso de diário de campo para registro de percepções e impressões, bem como de conversas espontâneas – o que proporcionou uma maior aproximação com os significados atribuídos pelos jovens diante das experiências relativas ao tema abordado.

Concomitante ao procedimento relatado anteriormente, desenvolvi a pesquisa bibliográfica sobre o tema nas áreas da Educação, Sociologia, Antropologia e Geografia; realizei pesquisas nos arquivos *online* dos jornais locais (**Jornal O Povo e Diário do Nordeste**), considerando a última década, e em alguns *blogs* atuais que tratam de viagens e comentam sobre Flecheiras, no intuito de perceber os vários discursos e representações sobre o turismo litorâneo no Ceará, e, mais especificamente, nessa localidade; as redes sociais, a exemplo do *facebook*, contribuíram indiretamente para a pesquisa – principalmente quando estava fisicamente afastada do campo – pois possibilitavam uma aproximação com alguns interlocutores, na medida que atualizavam algumas informações sobre eventos, festas, etc. Utilizando dessa prática, conseguia acompanhar à distancia a dinâmica de participação dos jovens nessas festas, sobretudo através dos registros fotográficos e comentários postados. Entretanto, privilegiei a pesquisa de campo *in loco*.

O trabalho de pesquisa foi organizado em dois momentos importantes e relacionados entre si: o primeiro momento foi caracterizado pela maior dedicação aos estudos bibliográficos, principalmente em decorrência das disciplinas realizadas no programa de pós-graduação em Educação e na Antropologia. O segundo momento correspondeu a uma dedicação maior à pesquisa de campo, que, desde 2009, caracterizou-se como um trabalho intermitente. As várias idas e vindas do campo possibilitaram-me significativas reflexões, pois o duplo fator *presença* e *afastamento* propiciou, respectivamente, um olhar dinâmico, uma vez que a cada retorno ao local, confirmava algumas impressões e, ao mesmo tempo, aproximava-me de novas descobertas em relação ao fenômeno social estudado. Isto contribuía para novas ideias e interpretações. Esse período de pesquisa significou um constante tecer, em que o conhecimento foi se construindo e reconstruindo. Neste sentido, é importante considerar que:

Os métodos e as técnicas não são autônomos, nem neutros. A observação instrumentalizada não desvenda mecanicamente o real vivido, pois não prescinde de interpretações e visões de mundo. Pesquisar é sempre tematizar o real, dentro de uma dialética do sujeito e do objeto, com a ajuda de métodos e técnicas que permitem uma mais completa aproximação de um real inesgotável e móvel, já que se modifica constantemente através da interação (HAGUETTE, 1994).

1.6 A ida ao campo

Durante o trabalho de campo consegui construir relações de aproximação com alguns jovens. Algumas relações foram mais indiretas, através de conversas espontâneas e casuais, enquanto outras foram mais diretas, realizando conversas mais sistemáticas, bem como entrevistas semiestruturadas. Quanto a estes, consegui perfazer um total de dezenove interlocutores¹². Destes, oito são do sexo feminino e onze do sexo masculino, sendo quatro moças e três rapazes do bairro de Barreiro e os demais da área central de Flecheiras. Considero esses jovens como um grupo de referência. Suas idades variam entre 18 e 25 anos e compreendem condições sociais diferentes, neste sentido,

¹² O perfil destes jovens encontra-se em anexo. No sentido de preservar as identidades dos interlocutores, especificamente dos jovens, os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios.

posso pensá-los a partir de dois grandes grupos: jovens que são filhos de professores, comerciantes, donos de pequenas pousadas – representam os de melhores condições financeiras e moram predominantemente na área central de Flecheiras; e o segundo grupo corresponde aos filhos de pescadores, pedreiros, domésticas e/ou aposentados, que moram na área mais central de Flecheiras, bem como em Barreiro, com maior predomínio, uma vez que a maioria dos pescadores se deslocou para esse bairro.

Os interlocutores que fizeram parte desta pesquisa estão mais concentrados no segundo grupo, contudo, em algumas discussões mais específicas, especialmente sobre as trajetórias de trabalho, algumas comparações são necessárias com jovens do primeiro grupo. Como na pesquisa privilegiei as sociabilidades manifestadas nas experiências juvenis, em particular nos momentos de lazer, acabei acompanhando mais os jovens que vivem essas experiências, seja nos ambientes de festas ou nos instantes de circulação no espaço da praça, da praia, ou no momento das práticas esportivas de fim de tarde. Neste cenário, percebo duas grandes dinâmicas quanto às manifestações de sociabilidade entre os jovens. Existem momentos em que elas acontecem mais entre os de dentro (moradores da localidade) e em outros instantes são enfatizadas com os de fora (pessoas que estão ali de passagem), sobretudo quando a localidade encontra-se em períodos considerados da alta estação ou grandes feriados. As festas constituem possibilidades importantes de investigação, pois nelas a sociabilidade pode ser investigada em cada um dos momentos – a alta e baixa estação. Por outro lado, as observações dos encontros de fim de tarde na praia para a prática de atividades esportivas foram fundamentais para conhecer as interações principalmente entre os jovens de Flecheiras (entre os de dentro), pois representa uma prática cotidiana entre eles.

Para além de observar e ouvir os jovens, conversei com pessoas que representavam gerações mais velhas, como pescadores, comerciantes, rendeiras, donas de casa, mulheres que trabalham nas casas de veraneio. A partir das entrevistas e conversas com as gerações mais velhas, procurei obter um conjunto de informações que possibilitasse a compreensão das mudanças e as suas relações com as experiências juvenis. Esta prática contribuiu para a aproximação de algumas dimensões das relações intergeracionais – os conflitos e as continuidades e descontinuidades nesse cenário de mudanças. No entanto, não se trata de um estudo comparativo de modos de vida entre gerações, ressalto que compreender as experiências dos jovens constituiu a preocupação

central do estudo. Mantive contatos e conversas com funcionários da Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer e do Turismo, em Trairi, com representantes das associações de moradores de Flecheiras e Barreiro, funcionários das escolas (professores, diretores) e representante do Instituto Terramar (ONG que atua no local desde o ano de 2003, realizando intervenções junto à população jovem, dentre outras ações). Todas essas conversas realizadas tinham o intuito de obter informações que pudessem contribuir para a compreensão do fenômeno do turismo e as principais mudanças ocorridas em Flecheiras.

O primeiro período da pesquisa *in loco* (final de dezembro de 2009 ao final de janeiro de 2010) foi realizado com o intuito de desenvolver observações e conversas exploratórias. O objetivo era mapear os lugares por onde os jovens circulavam, especialmente nos momentos de lazer. Perceber as regularidades da circulação pelos espaços identificados, os fluxos de pessoas e tipos de interações desenvolvidas, bem como começar a conversar com os jovens sobre suas experiências e percepções diante das mudanças que estavam acontecendo na localidade. Todavia, procurei também conversar com pessoas ligadas à Secretaria da Juventude, esporte e lazer de Trairi, associações e diretor da escola de ensino médio de Flecheiras com a intenção de obter alguns dados mais gerais sobre as políticas e condições dos jovens naquela localidade.

Quanto à relação com os jovens de Flecheiras, considerei minha familiaridade com o lugar e desenvolvi uma interação com aqueles jovens que já faziam parte da minha rede de relações, pois acreditava que essa seria uma boa estratégia para iniciar um estudo exploratório: conhecer outros jovens por meio dos amigos e conhecidos, o que era muito tranquilo de ser feito a partir de uma aproximação dos jovens que circulavam pelos espaços de lazer. Contudo, esse objetivo só foi alcançado de maneira mais significativa com a continuidade desse procedimento no segundo período de campo, durante as férias de julho de 2010, permanecendo na localidade do início ao final deste mês.

Nesta perspectiva, após esses dois períodos de inserção no campo, tornou-se possível sistematizar algumas informações que foram fundamentais para a continuidade da pesquisa, como:

- ✓ compreensão das experiências que eram comuns à maioria dos jovens, que variavam entre: gostar de atividades de lazer (futebol, vôlei, festas, momentos de bebidas em bares); possuírem uma trajetória de vida escolar (muitos já haviam concluído o ensino médio ou estavam em fase de conclusão); ter inserção no mundo do trabalho, ou estar à procura de trabalho; participar de grupos culturais (como dança e capoeira); participar do Ponto de Cultura¹³ ou de associações, como a de moradores, ser ligado à igreja a partir do grupo de liturgia, etc. Alguns jovens podem participar de diferentes experiências de interações coletivas (pertencerem ao mesmo tempo a grupos escolares, colegas de trabalho, grupos culturais e esportivos), enquanto outros participam de poucas atividades coletivas. Todas essas formas de agrupamentos coletivos se constroem e se desconstroem a todo instante de acordo com os interesses e os momentos que mobilizam o estar juntos. No decorrer da pesquisa de campo, com base na preocupação de entender as mudanças e suas implicações na vida dos jovens, considerei fundamental tentar contemplar na pesquisa interlocutores que expressassem essas diferentes experiências, uma vez que as percepções quanto às mudanças poderiam variar de acordo com as vivências;
- ✓ identificar os lugares por onde os jovens circulam nos momentos de uso do tempo livre, como a praia e a praça; perceber que o fluxo dos jovens nesses espaços variava de acordo com o período da semana, feriados, férias e festas que ocorrem nesses espaços. Desta maneira, pude registrar algumas falas de jovens locais sobre suas experiências e percepções sobre as mudanças.
- ✓ ter obtido uma aproximação de pessoas mais velhas que contribuíram com informações mais gerais sobre Flecheiras e que permitiram ampliar as reflexões, problematização e compreensão quanto ao contexto social e econômico dessa localidade.
- ✓ conheci pessoas que me forneceram material de vídeo e fotografias de Flecheiras correspondente à década de 1990. Este momento foi muito importante para a pesquisa, pois permitiu perceber como o distrito se transformou na década de 2000, no que concerne à sua paisagem, estrutura das casas, construção de pousadas, bem como as modificações que ocorreram na praça. Com base nesse material, pude começar a fazer

¹³ Os Pontos de Cultura são entidades apoiadas financeiramente pelo Ministério de Cultura, que desenvolvem ações socioculturais, tem sua gestão compartilhada entre o poder público e as comunidades locais. Não existe um modelo único de atuação, uma vez que isso vai variar de acordo com as necessidades de cada localidade. Em Flecheiras os grupos formados a partir do Ponto de Cultura permanecem em suas atividades, mas não recebem mais a verba do Governo Federal para manter essas atividades.

um mapeamento de Flecheiras, que ajudou na percepção e compreensão das principais mudanças.

Com os dados desta fase da pesquisa, foi possível sistematizar novas estratégias de investigação, decidindo que espaços deveriam ser observados com mais afinco e com quais jovens iria desenvolver uma conversa mais estruturada, tendo como base a aproximação que havia obtido de alguns. Considerei também que a aproximação com outros jovens ainda se tornava necessária, para ampliar o número do grupo que iria acompanhar mais de perto durante toda a extensão da pesquisa.

O terceiro período da pesquisa de campo (meados de outubro ao final de novembro de 2010) corresponde a um momento que pude observar os vários movimentos de Flecheiras, não só no período de férias como foram as observações anteriores – o que propiciou perceber a dinâmica na localidade, que se diferencia de acordo com os eventos, os fluxos de pessoas e períodos considerados de baixa e alta estação. Portanto, com a sistematização dos dados em decorrência das primeiras inserções no campo, retornei para continuar desenvolvendo as observações, conversas e iniciar as entrevistas semiestruturadas.

Quanto à observação, considerei, especialmente, os espaços citados anteriormente, como a praia e a praça, dando atenção à dinâmica da circulação dos jovens nesse período do ano, pois não correspondia às férias e não havia nenhum evento especial acontecendo especificamente nesses espaços. Permitiu observar o dia-a-dia dos jovens de Flecheiras, registrando a dinâmica que variava apenas entre os dias mais "calmos" da semana e aqueles com um pouco mais de "movimento" que correspondiam aos finais de semana. Com relação às conversas e entrevistas, o intuito era explorar a temática das mudanças na localidade, bem como o seu significado para os jovens a partir da seguinte questão orientadora: se eles perceberiam mudanças acontecendo na localidade e, se acreditando que sim, quais mudanças eles identificariam, quais lhe chamariam a atenção e por quê. As entrevistas também abordaram temas relacionados à trajetória escolar, às experiências e às perspectivas de trabalho, às atividades dos jovens em momentos de lazer e à mobilidade interna e externa. O importante era atingir esses objetivos, contemplando, na medida do possível, as diferenças de gêneros nas narrativas dessas experiências pessoais e tentar perceber as relações e distinções sociais entre os jovens e as jovens de Flecheiras e Barreiro. A atenção para as possíveis especificidades daqueles que vivem em Barreiro foi uma preocupação que surgiu nesse período de

campo, pois comecei a observar discursos diferenciados, que apresentavam uma certa desvalorização daqueles que vivem neste bairro. Tentei então conhecer e contemplar nas conversas e entrevistas jovens que moravam em Barreiro.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, considerei a relação de proximidade que já tinha com alguns jovens e aquelas que havia obtido na última fase de campo, ressaltando que as experiências citadas anteriormente foram os critérios para ter uma conversa mais direta com os jovens. Enfim, a intenção era não delimitar faixas etárias específicas, que às vezes levam a escolha aleatória de indivíduos correspondentes a determinadas faixas etárias definidas de antemão, mas sim considerar as experiências de ser jovem nessas diferentes inserções coletivas que possibilitam construir demarcadores sociais de construção de experiências juvenis singulares.

Como tinha a necessidade de ampliar o número de participantes da pesquisa, continuei a contar com a indicação daqueles jovens que já conhecia. Eles, mobilizados por minha curiosidade, acabavam indicando outros jovens. Ressalto que o papel de um mediador foi se tornando central nessa pesquisa, pois, por mais que tivesse familiaridade com o lugar, alguns contextos e situações se apresentavam como novidades e, para seu entendimento e conhecimento, tornava-se necessário a contribuição mais direta de alguém que conhecesse mais profundamente a localidade e situações. Desta forma, aos poucos, percebi que havia privilegiado um parente próximo (irmão) como mediador central. Tudo começou de maneira espontânea, nos momentos em que observava os jogos na praia, acabava pedindo que ele me mostrasse jovens moradores do bairro de Barreiro. Na necessidade de conhecer este lugar, ele foi se tornando um mediador fundamental, pois, ao mesmo tempo que me apresentava o bairro, indicava possibilidades de pessoas com quem eu poderia conversar, desde moradores mais antigos (pescadores, donos de comércios) e alguns jovens (moças e rapazes), os quais ele conhecia do período da escola ou dos momentos das “peladas” e campeonatos de futebol.

Nas pesquisas em Ciências Sociais, existe o reconhecimento de que o mediador pode ser uma estratégia importante para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente quando o pesquisador realiza observação direta em contextos complexos e adversos às suas experiências. Como é o caso clássico da experiência de pesquisa de campo desenvolvida por Whyte (2005) ao tentar entender uma complexa região dos Estados Unidos habitada predominantemente por imigrantes italianos, a qual ele

denominou de *Corneville*¹⁴. Diante das dificuldades de inserção no campo de pesquisa, o papel de um mediador tornou-se fundamental para o andamento de sua investigação. Nesta experiência, *Doc*, além de ter se tornado seu "informante-chave", no decorrer da pesquisa transformou-se também em um grande colaborador, contribuindo de todas as formas para facilitar tanto a presença deste pesquisador na área, bem como para a sua compreensão dos fenômenos sociais daquele contexto. Dessa forma, *Doc* estava totalmente imbricado no processo de pesquisa de Whyte (*Ibidem*). Portanto, ressalvo que, diferentemente dessa experiência, o mediador nessa pesquisa não foi fundamental para a inserção no campo, nem tampouco para iniciar uma aproximação com os jovens, uma vez que já tinha familiaridade com alguns, mas ele foi se tornando necessário, especialmente no momento em que surgiu a necessidade de conhecer a realidade de Barreiro, bem como dos jovens que lá moravam.

No período de campo, entrevistei¹⁵ mais diretamente três moças e seis rapazes, destes, uma moça e um rapaz são de Barreiro. Desta maneira, tinha consciência de que precisava ampliar esse número de entrevistados, tanto em relação ao número de moças como daqueles que vivem em Barreiro.

Os dados obtidos nessa etapa do campo foram muito significativos, uma vez que foi possível começar a tecer considerações sobre as mudanças do ponto de vista dos jovens locais e os vários discursos sobre as diferenças entre Flecheiras e Barreiro, destacando as falas depreciativas daqueles que vivem em Flecheiras com relação aos que moram em Barreiro. Assim, era preciso mais tempo de campo para entender as relações entre Flecheiras e Barreiro, especialmente entre os jovens, e para ampliar o número de entrevistados.

O quarto período de campo (meados de junho ao final de julho de 2011) acontece após o meu retorno de um tempo de estudos (janeiro a abril de 2011) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, sob a orientação de José Machado Pais. Após algumas conversas sobre o campo de pesquisa e vendo a necessidade de ampliar algumas informações mais específicas que fossem possíveis de

¹⁴ Esse trabalho de pesquisa resultou no livro *Street Corner Society*, publicado originalmente em 1943.

¹⁵ Com alguns jovens, dependendo das circunstâncias do ambiente da conversa, perguntava se o uso do gravador era permitido, o que foi aceito pela maioria. Assim, entrevistei jovens na praça, em momentos mais calmos, na praia, durante os intervalos dos jogos, e nas suas próprias casas. Todos estes ambientes de conversas foram interessantes, pois alguns problemas que aconteceram foram relacionados mais a questão da timidez de alguns jovens, o que não fazia muita diferença se estivesse ou não com o gravador, pois pude experimentar as duas possibilidades em momentos diferentes.

traçar um perfil dos jovens, decidi, sob a orientação de Machado Pais, por desenvolver um breve roteiro para uma entrevista estruturada. O objetivo era, a partir deste, contribuir com questões mais pontuais que nem sempre são possíveis de se obter durante uma conversa mais espontânea ou entrevista semiestruturada. Retornei para o campo visando explorar algumas características mais específicas dos jovens de Flecheiras, bem como tentar entender os discursos desses jovens em relação ao bairro de Barreiro, dando continuidade às observações, conversas e entrevistas iniciadas anteriormente, bem como da realização da entrevista estruturada¹⁶.

Neste período, se somaram aos nove participantes anteriores, mais cinco moças e cinco rapazes, sendo três moças e dois rapazes de Barreiro, perfazendo um total de dezenove jovens. A aplicação de uma entrevista estruturada contribuiu para construir um perfil dos jovens quanto à condição social, grau de estudo, experiências de trabalho, atividades de lazer e mobilidade espacial e social.

Nessa fase de presença no campo, a atenção estava aguçada, principalmente para a problemática do fenômeno social da relação entre Flecheiras e Barreiro, observando as práticas e discursos, tanto dos jovens que vivem em Flecheiras, bem como daqueles que moram em Barreiro, permitindo registrar os diferentes pontos de vista. As conversas que expressavam os conflitos entre Flecheiras e Barreiro foram percebidas em momentos de sociabilidades dos jovens, muitas vezes, em instantes de lazer e brincadeira. As ideias e expressões depreciativas que implicavam em desvalorização daquele bairro eram manifestas por muitos jovens de maneira jocosa, implicando, por parte daqueles que vivem em Barreiro, posições ambíguas, seja entendendo isso como brincadeira, como insulto ou preconceito.

No quinto momento de pesquisa, de meados de dezembro de 2011 a meados de janeiro de 2012, dei continuidade às conversas e entrevistas com os jovens, principalmente tentando compreender os sentidos das relações jocosas na sociabilidade dos jovens. Nesse período, também intensifiquei as observações nas festas de final de ano, como a Festa do Pisca¹⁷ e a do *réveillon* dos nativos. Foi importante para perceber as singularidades de cada festa e a relação entre elas. Assim, as festas foram se tornando momentos importantes para a observação das sociabilidades entre os jovens.

¹⁶ As questões da entrevista estruturada bem como aquelas que orientaram a entrevista semiestruturada podem ser vistas no anexo de número 2 e 3.

¹⁷ É organizada por jovens de fora da localidade e que tem como elemento central o som automotivo, carros que disponibilizam músicas variadas com os faróis acesos à piscar e ultimamente os paredões de som (caixas de som acopladas a um carro) têm feito parte da dinâmica dessa festa.

Em junho de 2012, correspondente ao sexto período de campo, pude acompanhar especialmente a festa de São Pedro, com o objetivo de perceber a sua especificidade na localidade enquanto festa tradicional, bem como observar a frequência dos jovens e sua participação mais direta nas atividades realizadas durante os dias de festejo.

Na última fase da pesquisa, dezembro de 2012 a janeiro de 2013, a intenção era poder novamente acompanhar as festas de final de ano, sobretudo a Festa do Pisca, para realizar algumas observações mais pontuais orientadas pela banca de qualificação, no sentido de dar mais atenção às redes de sociabilidade e perceber os diferentes objetivos dos frequentadores da festa, entre aqueles jovens que vão para trabalhar e quem vai para se divertir. Neste período, também realizei algumas entrevistas com jovens e gerações mais velhas, no intuito de compreender as mudanças relativas à reforma de alguns espaços, como por exemplo, a praça. Contudo, neste período, a Festa do Pisca teve algumas intervenções do poder público, no sentido de sua proibição. Assim, os objetivos no campo foram modificados, passei a acompanhar esse processo, bem como a maneira como os jovens tentaram burlar essa decisão de proibição da festa, realizando-a em alguns momentos em que não havia fiscalização. Neste sentido, o formato da festa foi redimensionado e ela aconteceu numa constante intermitência entre proibição (por parte da polícia) e quebra dessa ordem estabelecida (por parte dos grupos que queriam a continuidade da festa).

Ao optar por desenvolver a observação direta como forma de inserção no contexto de pesquisa e como maneira de conhecer e problematizar o objeto de estudo, considerei relevante explicitar algumas implicações que são próprias dos pesquisadores que marcam mais a sua presença no campo. As implicações estão geralmente relacionadas à posição e ação do pesquisador. No caso específico, trago duas questões que parecem ser pertinentes e que estão extremamente imbricadas, refiro-me à relação de familiaridade no que concerne ao local de pesquisa e, ao mesmo tempo, o estranhamento no que diz respeito ao fenômeno estudado, uma vez que, no contexto que parecia familiar, surge o "estranho".

O campo e suas facetas possibilitam constantemente ver algo novo, o que está diretamente ligado à intensidade de aproximação com o campo e a problemática de pesquisa. Assim, mesmo sendo de Flecheiras e, portanto, não sendo um contexto totalmente estranho, a inserção nos "labirintos" da localidade, o ver e o ouvir e a atitude

reflexiva, originou um sentimento que aos poucos foi conduzindo-me ao desconhecido, ao não particular. Neste sentido, a sensação de estranhamento nessa experiência foi como um demarcador para o início da construção da pesquisa, pois permitiu "desnaturalizar" o aparentemente conhecido.

Por outro lado, o aspecto do familiar para o pesquisador também cria outra implicação no que diz respeito à aproximação dos interlocutores da pesquisa. Refiro-me à possibilidade dessa relação de proximidade facilitar o acesso aos dados, uma vez que uma parte dos jovens não me desconhece. Vale lembrar que, nas primeiras abordagens junto aos jovens, privilegiei aqueles com os quais já tinha certa proximidade, seja por alguma forma de parentesco ou amizade. Entretanto, essa familiaridade também pode servir de barreira para que esses jovens exponham algumas questões que eles julgam delicadas, não entrando em detalhes, como, por exemplo, a questão das drogas, especialmente, as ilícitas. O que exige do pesquisador um "jogo de cintura" para criar estratégias dialógicas e de observação para se aproximar dos temas que objetiva conhecer.

Penso que realizar uma pesquisa tendo como foco de observação os jovens em um contexto diverso, onde emanam várias práticas cotidianas e trocas simbólicas singulares, é estar atento mais às experiências por eles vivenciadas do que a um recorte etário. Neste sentido, é interessante o que nos diz Bourdieu (1988) em seu artigo "A juventude é apenas uma palavra", ao tecer uma crítica à noção de juventude quando trabalhada apenas considerando o recorte etário:

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constituiu uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes. (*Ibidem*, p.113).

Tendo como referência essa ideia, afirmo que as experiências dos jovens de Flecheiras foram muito importantes e foram o eixo para uma aproximação com o intuito do desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que o recorte por faixa etária limitaria nosso olhar e os sujeitos a serem pesquisados. Não que ele não tenha a sua importância, mas não será um ponto de partida. Além do mais, esse período da vida,

representando a transição da infância para a fase adulta, é um momento, para alguns jovens, de muitas descobertas, buscas por novas experiências, conflitos e produção de subjetividade. Entretanto, isso é relativo, pois varia conforme a organização e expressões culturais de cada sociedade, de acordo com as percepções e perspectivas sobre ser jovem, e como esses constroem a sua dinâmica social.

Nas pesquisas sobre juventude, essa discussão sobre a “transitoriedade” é muito recorrente, pois, segundo Sposito (1997),

[...] embora ocorra um reconhecimento tácito na maior parte das análises em torno da condição de *transitoriedade* como elemento importante para a definição do jovem – transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto – o modo como se dá essa passagem, sua duração e características têm variado nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema. (*Ibidem*, p. 38).

Dessa forma, acredito ser importante explorar esse território que tem sido pouco discutido nos espaços acadêmicos. Refiro-me aos jovens das zonas litorâneas que passam por processo de urbanização e de conexão com os fluxos globais de pessoas, imagens, ideologias, tecnologias e dinheiro. Investigo a especificidade das experiências vividas pelos jovens do litoral de Flecheiras que se encontram na confluência dos espaços sociais e simbólicos daqueles que vivem nas metrópoles. Isso possibilita uma reflexão sobre a condição juvenil nessa localidade de características tão singulares, mas que, ao mesmo tempo, alguns aspectos de sua configuração podem se aproximar de outras experiências. Como nos diz Geertz (1989, p.34) “[...] as ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas; de que, de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir. Fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas”.

A tese está estruturada com introdução, cinco capítulos e as considerações finais. Na introdução, que é o primeiro ponto, apresento o objeto de estudo, bem como a problemática e objetivos. Posteriormente, traço alguns caminhos teóricos a partir de algumas discussões clássicas sobre o tema da juventude e da sociabilidade que julgo serem importantes para ajudar na análise do objeto de pesquisa, assim como uma breve reflexão sobre modos de vida e lazer; por último, apresento os

aspectos metodológicos que orientam essa pesquisa e o movimento de ida e vinda do campo de pesquisa.

O primeiro capítulo foi desenvolvido com a intenção de apresentar as principais questões da pesquisa tomando a dinâmica da praça, pensando-a como uma expressão significativa das mudanças sociais, por considerar que ela condensa as principais discussões que serão destacadas durante a tese. Neste sentido, ela representa as transformações socioespaciais advindas da inserção do turismo e é expressão das ressignificações nos processos de interação e manifestação de sociabilidades, visto que é considerada como lugar de circulação e encontro entre os jovens e de possibilidades de interação com o outro. Além do mais, manifesta a dinâmica local quanto à alternância entre os dias mais "calmos" e "movimentados" e é palco de manifestações diversas, eventos religiosos e culturais.

No segundo capítulo, a intenção é apresentar e problematizar o contexto de pesquisa, dando uma continuidade às reflexões sobre as mudanças socioespaciais, destacando principalmente os deslocamentos que produzem o bairro de Barreiro. Assim, penso o turismo e seus "efeitos" na localidade, percebendo os vários discursos e relações de poder que são concernentes a esse processo, dialogando com as produções da área da Geografia e da Antropologia. Essas reflexões foram apropriadas a partir da realidade do turismo no litoral do Ceará e especificamente na localidade de Flecheiras.

O terceiro capítulo objetivou pensar os jovens no contexto de mudanças, explicitando as principais implicações advindas das transformações socioespaciais, assim como a nova dinâmica de apropriação do território local, configurando naquele lugar o bairro de Barreiro, considerado periférico em relação ao centro de Flecheiras. O objetivo foi pensar os "estigmas sociais" a partir das relações "estabelecidos" e "outsiders" (ELIAS E SCOTSON, 2000), e refletir sobre as "relações jocosas" manifestadas por esses jovens como maneira de reagir a esse contexto, uma vez que eles convivem em várias situações de interações sociais, como na escola, momentos de lazer e experiências de trabalho.

No quarto capítulo, teço algumas reflexões sobre os jovens e as sociabilidades que acontecem especialmente nas festas, fazendo uma aproximação e um distanciamento entre uma festa tradicional, São Pedro, e uma de formato mais

contemporâneo e urbano, a Festa do Pisca, objetivando perceber as sociabilidades manifestadas nessas festas e os significados construído pelos jovens.

No último capítulo, o objetivo é pensar sobre os sentidos das mudanças a partir das experiências adquiridas nos momentos de sociabilidade e como isso implica nos modos de vida. O capítulo visa abordar as novas configurações nas relações afetivas, as apropriações das tecnologias de comunicação, as influências dos valores urbanos nos estilos dos jovens e a importância do trabalho para manter as novas necessidades do consumo.

E, por último, as considerações finais, onde desenvolvo uma síntese analítica das principais reflexões elaboradas diante do tema apresentado.

2 A praça como expressão da dinâmica das mudanças

A praça da localidade, principalmente após a sua reforma em 2007, tem sido considerada como um lugar bastante significativo para a sociabilidade entre os jovens e ao mesmo tempo representa um indício das mudanças socioespaciais que têm ocorrido ultimamente em Flecheiras, dado o seu significado para a localidade, a heterogeneidade dos frequentadores e as diversas possibilidades de usos e apropriações. A movimentação dos jovens nesse lugar, suas dinâmicas específicas de apropriação, bem como a história e as narrativas sobre esse espaço foram se tornando aspectos importantes de serem compreendidos no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, considero a praça como um marcador das mudanças; um ponto de referência dos demais processos de transformações relacionados à transição de uma vila de pescadores para uma localidade receptora de turismo, em processo de urbanização; e também como um ponto de partida empírico para pensar as várias reestruturações nas relações sociais, culturais, econômicas e espaciais, que desenham novas significações nas formas de estar, sentir e conduzir a vida social local.

A "emergência turística" e as transformações advindas dela, como o processo de urbanização, têm gerado continuidades e descontinuidades nas práticas sociais, combinando modos mais tradicionais, referentes às práticas de um pequeno povoado de pescadores, com novos arranjos adquiridos com a sociedade e a vida urbana, principalmente com a permanência e fluxo nacional e internacional de pessoas.

Para ajudar a compreender essas mudanças que ora acontecem nessa realidade social, julgo pertinente tomar como ponto de partida as reflexões de Henri Lefebvre (1999, 2001), sobretudo àquelas relacionadas ao urbano, as quais contribuem para uma aproximação com o fenômeno das transformações decorrentes principalmente da inserção do turismo. Para este autor, o urbano não se limita à cidade, ao contrário, a transcende e estende-se ao campo, transformando os seus costumes e tradições a partir do que ele denomina metaforicamente de "tecido urbano", de maneira que, o modo de vida urbano chega em outras regiões, considerando não só o "sistema urbano de objetos", mas também seu "sistema de valores".

Lefebvre (2001, p.19, grifo do autor) pensa o tecido urbano "como suporte de um modo de viver mais ou menos intenso ou degradado: a *sociedade urbana*. Segundo o autor, esse modo de viver pode ser agregado em dois sistemas relacionados à forma e ao conteúdo da vida social, a saber: o "sistema urbano de objetos", que ele exemplifica como possibilidades, "a eletricidade, a televisão, o carro", etc.; e o "sistema urbano de valores" que para ele pode ser "os lazeres ao modo urbano – danças, canções, os costumes, as modas da cidade, preocupações com a segurança" (*Ibidem*, p.19). Estes elementos podem variar de acordo com cada realidade social.

Assim, a localidade de Flecheiras se torna cada vez mais urbana, pois não se limita a um processo mais gradual em consequência do encurtamento das distâncias e da relação com as novas tecnologias de informação e aproximação com os valores urbanos, mas também devido ao contato direto no seu cotidiano com novas culturas, imagens, modos e valores de vida. É a intensidade própria dos lugares que se tornam turísticos e transformam pequenos povoados em locais "transnacionais". Portanto, esta dinâmica produz novas relações, em vários âmbitos da vida (trabalho, lazer etc.), e formas de sociabilidades, bem como novas maneiras de adaptação devido às possibilidades de apropriações decorrentes das redefinições socioespaciais. Inspirada em Lefebvre, Ana Fani Carlos (2007, p.22) ressalta que a problemática urbana "não diz respeito somente à cidade, mas nos coloca diante do desafio de pensarmos o urbano, não só como realidade real e concreta, mas também como virtualidade [...]".

Neste contexto, foi principalmente a partir da dinâmica da sociabilidade dos jovens que essas mudanças foram suscitadas ao longo da pesquisa de campo, observando principalmente as novas formas de sociabilidades originadas de acordo com as novas possibilidades interativas. Segundo Lefebvre (2001, p.19), a juventude "contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade", ou seja, as mudanças nos modos e estilos de vida podem ser percebidas a partir da dinâmica da vida dos jovens. Sua ideia vai, de certa forma, ao encontro do que propôs Mannheim (1975) e Melucci (2004, 2001)¹⁸.

No âmbito destas mudanças, considero que a sociabilidade dos jovens corresponde a uma dimensão importante, a partir da qual é possível uma compreensão de como eles lidam, interpretam e ressignificam as mudanças que implicam mais

¹⁸ As ideias desses autores foram referenciadas na introdução.

diretamente na sua condição juvenil. Desta forma, iniciarei esta pesquisa tecendo reflexões que têm como referência a dinâmica desses jovens em uma praça, um espaço cotidiano de encontro e de muito significado para eles. Mas é importante ressaltar que, ao mesmo tempo, os jovens não restringe suas experiências de sociabilidade aos limites territoriais desse espaço. Assim, mesmo que seja inventariada a sua fixidez enquanto objeto e aparelho arquitetônico, a praça possui uma vida social que lhe atribui sentido, representando o fluxo, o constante movimento daquela sociedade. Como afirma Certeau (2008, p. 202), "o espaço é um lugar praticado", ou seja, só tem sentido diante da dinâmica de uso e da maneira como é transformado e atualizado. É desta forma que o espaço é compreendido neste trabalho. Portanto, olhar para a praça é se permitir observar vários aspectos mais amplos da vida social de Flecheiras.

2.1 Entre a antiga e a nova praça

Na dinâmica de uma cidade, seja pequena, média ou grande, percebe-se que determinados lugares vão sendo legitimados como pontos de encontros. Esses lugares vão variar, quanto a sua quantidade e necessidade, de acordo com cada contexto socioespacial, cultural e econômico – o que vai construindo demandas diferentes entre uma metrópole e uma pequena cidade. Enquanto nas grandes cidades brasileiras há um maior número desses lugares, sejam privados (shoppings, bares e etc.) e/ou públicos (praças, ruas, parques, dentre outros), nas pequenas cidades estes espaços são reduzidos. Entretanto, atualmente, convivemos com uma ampliação dos espaços privados em detrimento dos públicos – fenômeno que é perceptível, principalmente, nas grandes cidades. As pequenas cidades não estão isentas deste processo de crescimento dos espaços privados, mas é importante considerar as suas peculiaridades, uma vez que a praça, como local público, ainda parece ser um importante ponto de encontro, de lazer, de troca, de alteridade, de formas de pertencimento, enfim, um ponto propício às mais diversas mediações.

O espaço público tem sido bastante discutido na contemporaneidade. Alguns autores seguem uma linha de reflexão que tem a "morte do espaço público" nas grandes cidades como centro da discussão – como Sennett (1976), pioneiro no

tratamento deste tema com a análise desenvolvida no livro *O declínio do homem público*; outros autores, por sua vez, pensam e propõem uma leitura diferente para o espaço público, como propõe Leite (2009), que traz uma discussão sobre o conceito de espaço público, sugerindo que ele pode ser repensado com base nos processos fragmentários e dispersivos da chamada condição pós-moderna. Isso implica um distanciamento da ideia moderna do espaço cívico, pois, este sim, estaria morto; além disso, o autor também trata da aproximação das sociabilidades que asseguram a formação de novos significados aos espaços públicos diante das transformações e das interações sociais que ali acontecem.

Da mesma forma, segundo Carlos Fortuna (2009), se tem anunciado o “esgotamento” ou até mesmo o “fim da cidade”, justificado por vários fatores relacionados à sua insustentabilidade, seja por motivos ambientais ou ingovernabilidade política ou a intensificação das desigualdades. Entretanto, para este autor, esse ponto de vista “constitui uma visão excessiva e adulterada daquilo que se está efetivamente a passar no mundo urbano contemporâneo. [...] O que está a desaparecer realmente não é a cidade em si, mas um determinado modelo histórico de cidade” (*Ibidem*, p. 84). Fortuna (2009) chama a atenção ainda para as novas “reconfigurações urbanas” que se distanciam, em vários aspectos, da cidade que foi se constituindo na antiguidade, na era medieval ou na era industrial. Ele nos convida a ousar e desenvolver, teórico e empiricamente, outros olhares para com a cidade, “do lado sensível do urbano e da vida pública”.

O autor vai na contramão da perspectiva linear dos tradicionais estudos da Escola de Chicago, os quais se concentram, principalmente, na questão da “ecologia humana”, propondo, dessa forma, pensar a cidade com base na “ritmanálise” – os ritmos da vida cotidiana, fazendo referência à Lefebvre (1992), possibilitando uma reflexão sobre a “intermitência urbana”. Assim, de acordo com Fortuna,

[...] os ritmos da cidade têm formas, espessuras e cadências diferenciadas. E têm, ou podem ter, também, intervalos e interrupções. Há ritmos que se sobrepõem a outros, há aumentos e diminuição dos ritmos da cidade, ao longo do dia, ao longo do ano e em função dos diferentes lugares da cidade. A cidade é tão polirítmica, como pode ser arrítmica. Creio por isso que podemos admitir uma reflexão sobre a *intermitência urbana*, como hipótese de registro do movimento na cidade, que em diversas situações permite usos diversos e significados

dísparos dos espaços urbanos. (FORTUNA, 2009, p. 89, grifo do autor).

Ambas as discussões, "a morte do espaço público" e o "fim da cidade", são pensadas a partir das experiências "limites" e "esgotantes" do cotidiano complexo dos grandes centros urbanos. Contudo, na contramão destas reflexões, o processo de crescimento das médias e pequenas cidades no Brasil pode ser um fator que venha a possibilitar outras análises sobre o espaço público e sobre o próprio sentido de cidade, permitindo uma aproximação com as ideias teórico-metodológicas de Leite (2009) e Fortuna (2009). Vale ressaltar que, apesar destes autores proporem uma forma diferente de olhar para essas novas configurações nas grandes cidades, este fato não impede que isso possa ajudar a pensar no desenvolvimento urbano das pequenas cidades e/ou localidades. Mas, para isso, deve-se levar em conta a influência dos modos de vida urbano das grandes e médias cidades nas pequenas localidades, e a relativa dependência delas no que concerne à sede destes municípios – caso de Flecheiras em relação à Trairi.

A dinâmica das relações nas sociedades contemporâneas, em que as distâncias são relativas e as diferentes experiências são mais compartilhadas, aproxima, em certa medida, as vivências entre grandes e pequenas cidades, sobretudo àquelas voltadas ao turismo. As pequenas cidades, considerando, por exemplo, a relação local/global, podem, em alguns momentos de grande movimentação – principalmente nos períodos denominados de alta temporada –, compartilhar da cultura urbana de uma grande cidade, levado em conta a lógica da "intermitência urbana".

Nos últimos anos, as mudanças urbanas têm se tornado realidade em várias localidades litorâneas do Nordeste, pois a inserção do turismo tem alterado significativamente experiências locais, intensificando o contato com a cultura urbana e, assim, com pessoas, imagens e estilos de vida diferentes. Isto é ainda mais forte nas pequenas localidades litorâneas que até então não viviam processos mais intensos de urbanização, mas se tornaram necessários em função do turismo, transformando esses lugares em “localidades receptoras”.

A cidade de Trairi pertence à microrregião de Itapipoca. Esta cidade é composta pela sede e os seus cinco distritos (Canaã, Guadrapas, Córrego Fundo, Mundaú e Flecheiras), os quais se subdividem em várias localidades. Desses distritos,

apenas Mundaú e Flecheiras correspondem à zona litorânea e têm recebido, nas duas últimas décadas, investimentos para tornarem-se localidades receptoras de turistas¹⁹.

Destaco Flecheiras, localidade que vem crescendo economicamente com as atividades ligadas ao turismo e ao comércio. Segundo Nascimento (2008, p. 80), que desenvolveu pesquisa nessa localidade no ano de 2007, a “vila de Flecheiras tem considerável número de estabelecimentos de comércio e serviços, em comparação com as demais praias, passando a liderar o fluxo de pessoas das comunidades vizinhas como pequeno polo regional”. Estes aspectos são relevantes e demarcam as mudanças locais, mas também cabe ressaltar que esse distrito depende da sede de Trairi para vários serviços, como bancos e hospitais, e para uma maior variação de comércio.

Como a maioria dos pequenos núcleos interioranos, a área central de Flecheiras originou-se nas proximidades da igreja e, gradativamente, cresceu por toda a extensão da Rua São Pedro. Aos poucos, o distrito foi ganhando maiores proporções com os becos e ruas que foram se constituindo espontaneamente. Este aspecto revela um pouco da origem do povoamento desta localidade, que, de acordo com relatos de moradores, começou a ocorrer desde o fim do século XIX e início do século XX.

Segundo moradores mais antigos, inicialmente, a localidade foi crescendo de acordo com a ampliação das famílias, os novos casamentos e a chegada de pessoas de outros distritos de Trairi²⁰ atraídas pela pesca que, a partir da década de 1960 e 1970, tornou-se uma atividade econômica promissora – destacando-se a pesca da lagosta. Esse tipo de atividade pesqueira representou, na realidade, o primeiro ciclo econômico e motivou a chegada de migrantes vindos da zona rural desse município em busca de melhores condições de vida.

Relatos de moradores mais antigos confirmam que este tipo de pesca propiciou a melhoria financeira de muitas famílias, em especial, daquelas dos donos de embarcações. Alguns destes passaram a investir em imóveis na capital e na formação dos filhos, os quais eram estimulados a estudar em Fortaleza. Alguns pescadores

¹⁹ Sobre número da população e dados sobre renda das famílias nesses distritos, verificar anexo de número quatro, onde os dados indicam que Flecheiras vem crescendo nos últimos anos, e destaca-se diante dos demais, menos para a sede do município. Os dados estatísticos se baseiam em um cruzamento de dados a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado pelo professor Jakson Aquino, da Universidade Federal do Ceará.

²⁰ Segundo Nascimento (2008), o historiador Tristão de Alencar Araripe destaca que a região do município de Trairi foi habitada pelos índios Pitiguaras, às margens do rio Trairi, em 1608.

destacam que, naquela época, as pessoas não se preocupavam tanto em "ter as coisas", ou seja, em consumir, em obter bens materiais como hoje e que, portanto, uma boa parte do dinheiro recebido pelo seu trabalho era gasto, por exemplo, com bebidas. Entretanto, existiam aqueles que sabiam investir, comprando terrenos. São estes que atualmente se beneficiam financeiramente com a venda de propriedades, pois, devido ao turismo, atingiram uma grande valorização no mercado.

Segundo moradores mais antigos, no que se refere ao crescimento da área central de Flecheiras, primeiro foi construída a igreja, sendo reformada várias vezes, de acordo com as demandas de crescimento da população. A primeira missa dessa igreja foi celebrada no ano de 1938 e a primeira capela foi construída em 1952²¹, o que lhe garante quase cem anos de história – o que é possível conhecer um pouco a partir do relato apresentado a seguir feito por uma senhora que morava nas proximidades da igreja e que afirma conhecer muito bem as mudanças que se sucederam neste espaço.

A igreja sempre foi ali, a primeira igreja que foi celebrada uma missa era um alpendre na bodega²² do meu padrinho (Jonas Henrique Azevedo), (...) Quando o padre vinha, assim falava minha mãe, a madrinha Eremita mandava fazer uma parede bem verdinha de palha de coqueiro para poder colocar a mesa do altar e colocava o padre para celebrar de baixo do alpendre da bodega, pra todo mundo assistir. Depois resolveram levantar a igreja de São Pedro, aí levantaram a primeira igreja, depois desmancharam e fizeram outra. Lembro que no tempo da política do finado Antônio Silva foi levantado outro altar, depois não deu certo, desmancharam de novo (...). Mas não foi sempre desse tamanho não, depois cresceram ela pra trás, não, primeiro cresceram essas duas abinhas de lado, aí não estava cabendo o pessoal. O bispo veio e disse que concordava em crescer a igreja, mas que crescesse para trás e que depois de um tempo se quisesse poderia trazer a torre dela mais para frente. Mas não deu para colocar muito para trás por causa da rua, aí foram crescendo mais na lateral, aí ficou. Mas ela ainda está pequena, porque no dia de ano eu fui pra missa e voltei pra casa porque ela estava cheia demais. Eu fiz minha primeira comunhão na igreja, quando eu era criança já existia. Essa igreja já tem uns cem anos. O padre Tomaz, que mandou fazer o hospital de Trairi, foi quem mandou abrir ela todinha e colocar combogó²³, aí ela

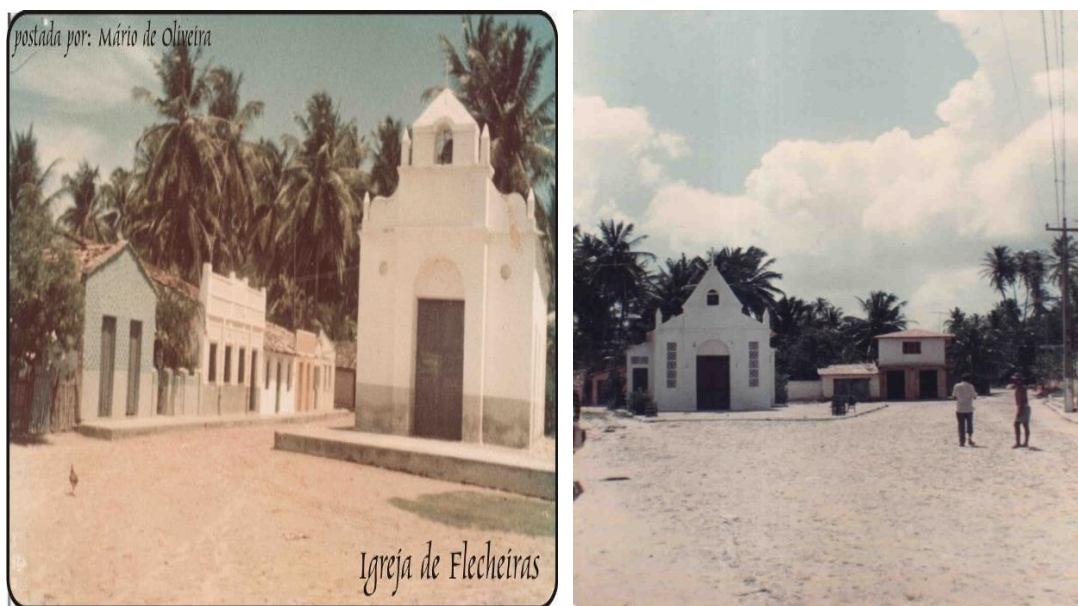
²¹ Atualmente, esse distrito é bastante heterogêneo quanto à religiosidade, para além da igreja católica, existem, pelo menos, três igrejas evangélicas e manifestações de matriz africana, como o Candomblé.

²² As bodegas correspondem a pequenos estabelecimentos que comercializam alimentos básicos, como arroz, feijão, farinha, açúcar, etc., e bebidas, principalmente alcoólicas, como a cachaça. Esses mantimentos eram vendidos à granel. Era, portanto, o local onde geralmente os pescadores passavam na volta do trabalho e tomavam uma doze de cachaça. As denominadas bodegas praticamente não existem mais, deram lugar às mercearias, aos mercadinhos e mercantil. E não vendem mais doze de cachaça.

²³ Combogó ou cobogó é um material vazado usado na construção para facilitar a circulação do vento e do sol nos espaços, usado em paredes ou divisórias.

ficou mais fresca, foi um serviço grande que fizeram, depois, uns oito anos atrás, foi que tornaram a crescer de novo e tiraram os janelões, mudaram as portas. Mas ainda continua pequena, porque tem gente demais, veio muita gente pra cá, cresceu demais, porque Flecheiras só era uma rua, não tinha tanta gente desse jeito. (Dona Neuza, E - 01/2013)²⁴.

Fotografias 1 e 2 – Respectivamente, versão mais antiga da igreja de São Pedro seguida de registro fotográfico referente à penúltima reforma (década de 1980)



Fonte: Fotos do arquivo de um morador local, Jairo.

Fotografia 3 – Atual igreja



Fonte: foto de Flávia Sousa

²⁴ Esta é a padronização para fazer referências aos entrevistados: E - entrevistado, seguido do mês e ano.

A construção da primeira praça, denominada de Praça da TV, é mais recente, data do início da década de 1980. Geograficamente, foi construída ao lado da igreja, sendo separada dela apenas pela Rua São Pedro. Segundo moradores, esta obra foi um pouco posterior à chegada da energia elétrica, o que teria acontecido no ano de 1977; entretanto, a rede elétrica não cobre todo o distrito, só a parte central, de acordo com este depoimento:

[A energia] era de lá do início da rua [São Pedro] até o fim dela, aí depois foi que o pessoal começou a pedir e daí foi chegando nas outras ruas, mas primeiro foi só no centro. Mas só quando o pessoal começou a fazer abaixo assinado foi que começou a sair para as outras ruas, nem na praia tinha. Teve a inauguração quando a luz chegou ali, tia Santa mandou fazer uma festa grande (Naiza, E-01/2013).

A praça se caracterizava por ser um local de uso mais restrito à população local, devido ao seu reduzido tamanho e as poucas possibilidades interativas, uma vez que só possuía algumas pequenas arquibancadas e bancos, local onde os moradores assistiam à televisão. O espaço propunha-se, portanto, a atender às necessidades do período – início da década de 1980 –, que estavam relacionadas à falta de eletricidade na maioria das casas e também do aparelho de televisão, pois eram poucos aqueles que tinham um aparelho de TV em casa.

Segue foto que mostra parte da Praça da TV e uma ilustração que pode contribuir para construir uma ideia de como era esse local:

Fotografia 4 – Praça da TV (década de 1990)



Fonte: fotos do arquivo de um morador local, Jairo.

Ilustração 1 - Praça antiga



Fonte: ilustração de Diego Normandi Dutra

Esta referência de praça não se restringia a localidade de Flecheiras, uma vez que foi também construída em vários outros pequenos povoados e sedes dos municípios dos estados brasileiros, nas décadas de 1970 e 1980, com o objetivo de possibilitar o acesso das pessoas à informação, ao mundo transmitido pela TV. Isso significava que a comunicação não era mais restrita ao rádio. Nas sedes dos municípios mais desenvolvidos existiam, geralmente, duas praças, uma maior que compunha a igreja, geralmente chamada de Praça da Matriz, e outra que só se destinava à TV, frequentemente denominada como a Praça da TV.

Nesse sentido, considerei muito significativa a pesquisa de doutorado de Trigueiro (2004) realizada na primeira década deste século, no interior da Paraíba, no município de São José de Espinharas. O objetivo do autor era compreender como se davam os processos de apropriação e como são reinventados os produtos midiáticos no uso e consumo cotidiano dessa pequena cidade. Este estudo traz o contexto que tentei explicitar anteriormente, pois, quando a pesquisa de Trigueiro (*Ibidem*) foi desenvolvida, a Praça da TV ainda existia em São José dos Espinharas e uma parte da

população ainda assistia televisão nesse espaço. Assim ele contextualiza esse momento histórico de expansão do acesso à informação via televisão:

Instalar repetidoras e espalhar aparelhos em locais de fácil acesso ao público passaram a ser estratégias políticas dos prefeitos dessas pequenas cidades – cidades rurbanas –, uma vez que, quanto mais aparelhos instalados e melhor a qualidade da recepção do sinal, maior a popularidade do edil para com seus munícipes. A instalação da televisão em praça pública passou a ser um ato político, permitindo direito a inauguração, com a presença de autoridades, festas cívicas e populares carregadas de simbolismos que autorizavam a cidade a entrar no acelerado mundo globalizado. (TRIGUEIRO, 2004, p. 219).

No município pesquisado por Trigueiro (*Ibidem*), a televisão em praça pública foi inaugurada no início de 1970, bem antes do que na localidade de Flecheiras. Isso pode estar relacionado ao fato de que Flecheiras era apenas um pequeno povoado pertencente ao município de Trairi, já São José do Espinhara era a própria sede do município. Provavelmente na sede de Trairi, a Praça da TV tenha também chegado na década de 1970 e só depois foi sendo expandida para os seus povoados. De acordo com antigos moradores, Flecheiras teve sorte porque um dos prefeitos de Trairi, Jonas Henrique de Azevedo – gestor por duas vezes (1982-1988 e 1993-1996) – era morador da localidade, o que lhe proporcionou um maior desenvolvimento, inclusive, com a construção da Praça da TV, porque afirmam que antes dele, pouco se fazia por esse distrito:

Na primeira gestão ele trabalhou como todo (trabalhou muito)! Só não fez mais pra cá porque ele dizia que o pessoal ia comentar que ele só fazia mais benefício pra cá, porque era daqui. Aí na segunda gestão ele foi fazer mais em outros lugares, na sede e por aí, e aqui nós ficamos quase sem benefício. (Valdemiro, E-01/2013).

Este político é considerado como um dos fundadores do distrito de Flecheiras e é conhecido por ter sido dono de muitas terras, inclusive, a primeira e a atual praça foram construídas em terras cedidas por ele ou por sua família.

Este aspecto de se atribuir a uma pessoa o crescimento de pequenos povoados parece ser um fato mais generalizado, pelo menos no litoral cearense, pois

outras pesquisas, como a de Albuquerque (2005), realizada no litoral Oeste, no distrito do Pecém, município de São Gonçalo, também traz essa informação no que concerne à fundação desse povoado. Geralmente, esses moradores são considerados os de maior posse e guardam um grande respeito ou gratidão dos demais moradores, especialmente, se mantiverem uma relação mais tranquila com estes, no sentido de facilitar e não dificultar a chegada de outras pessoas, no que diz respeito ao processo de venda ou doação das suas terras.

No caso de Flecheiras, algumas pessoas dizem que o ex-prefeito Jonas Azevedo fez algumas doações de terrenos na região do Barreiro para aqueles que vinham de outras localidades. Esta realidade pode estar relacionada à lógica própria do contexto político daquela época, baseado no denominado coronelismo, que, dentre outras características, traz a garantia do voto pela troca de favores – fato ainda muito presente em cidades interioranas.

Para quem não viveu esse momento da Praça da TV e já nasceu olhando para a televisão na sala da sua casa com toda a tecnologia embutida no ato de assisti-la, fica difícil imaginar várias pessoas em um espaço público, como uma praça, assistindo televisão a partir de um pequeno aparelho instalado a alguns metros de distância dos telespectadores. Mas isso era possível e, na época, representou uma grande novidade, transformou o dia a dia, pois não se dormia sem antes assistir ao jornal e, principalmente, as novelas logo depois do jantar. Esse contexto da chegada da TV nas praças foi bem retratado no filme “Bye Bye Brasil”, 1979, dirigido por Carlos Diegues. O efeito da novidade da televisão retratado no filme era tão grande, que, aos poucos, foi substituindo o lazer promovido pelo circo.

De fato, a Praça da TV, construída com o objetivo de ser um local para se assistir à televisão, com pequenas arquibancadas e alguns bancos, acabou tornando-se, na prática do uso diário, um ponto de encontro, efetivando de fato o que seria o papel de um espaço público, a exemplo da praça, em uma comunidade interiorana. Portanto, local que as pessoas frequentavam não apenas para assistir à TV, mas também para conversar, brincar, enfim, era um espaço de sociabilidade, de encontro.

Segundo relato de moradores, todas as noites, por volta das 19h00min., a praça ficava lotada, turno no qual o aparelho era ligado. Frequentavam pessoas de todas as idades, mas principalmente adolescentes e jovens – moças e rapazes – que foram,

com o tempo, “dominando a área”, afastando os mais velhos. Estes, como alguns outros já faziam, passaram a assistir à TV nas poucas casas daqueles que já tinham adquirido o aparelho. Contam que as casas ficavam lotadas, com pessoas na sala e do lado de fora, com as “cabecinhas” pela janela, tentando achar uma “brechinha” para acompanhar a transmissão.

Desta forma, de acordo com os mais velhos, a Praça da TV ficou no domínio da "rapaziada". A justificativa era de que não conseguiam assistir à TV porque os mais novos faziam muito barulho e muita bagunça e que só iam quando havia algum evento na igreja:

Não gostava não. Coisa minha mesmo. Eu achava tão chato aqueles meninos com aquela bagunça, aquele barulho, eu achava chato e preferia não ir. Eu ia assistir TV na casa de alguém que tinha televisão. Agora quando tinha algum evento lá, na igreja ou na praça, aí eu ia. Evento que eu digo é crisma. Às vezes esses eventos aconteciam na pracinha, porque na igreja não cabia. Às vezes juntava Guajiru, Emboaca (praias da vizinhança), aí era na praça. Era uma das animações que eu gostava de ir. E eu cantava na igreja, como ainda canto, quando tem oportunidade. Nas festas de São Pedro eu também ia... (Dona Cirleide, E-01/2013)

Quem assistia era mais os rapazes, a meninada, algumas pessoas que vinham para a igreja e sentava um pouco por ali para assistir TV, mas dava muita gente, porque o pessoal não tinha o que fazer mesmo... (Dona Neuza, E-01/2013).

Os meninos gritavam, e era aquela zoada medonha... (Naiza, E-01/2013).

Era essa rapaziada mesmo, os mais jovens, porque os mais velhos não vinham não... (Valdemiro, E-01/2013).

Os adultos de hoje, confirmam esse ponto de vista dos mais velhos, pois eles eram essa "rapaziada" que seguia para a praça com o objetivo de assistir à TV e que afirma que a conversa e a brincadeira faziam parte do cenário. Alguns deles dizem que realmente “na praça era mais bagunça do que tudo” e que “descer para a praça” significava também conversar, brincar, namorar, paquerar e não necessariamente se concentrar no que estava sendo transmitido na TV. Encontro na pesquisa de Trigueiro (2004) uma reflexão que ajuda a entender esse comportamento e movimento das

peças na praça e que pode estar relacionado a práticas coletivas de lidar com os fatos midiáticos e as formas de expressá-los:

A Praça da Televisão é um espaço público que dá maior visibilidade aos acontecimentos midiáticos. É o lugar da espetacularização das representações televisivas onde se estabelecem padrões de comportamentos situacionais, quase sempre não permitidos no espaço da casa. Cada lugar da cidade ganha valor simbólico determinado pelo desejo de ver televisão na rua de “fulano”, na calçada de “cicrano” ou na praça com “beltrano”. (TRIGUEIRO, 2004, p. 336-337).

Um adulto morador de Flecheiras, que na época era adolescente e estudava em Fortaleza, mas que estava na região frequentemente no período de férias, fins de semana e feriados, comenta que a Praça da TV era um espaço muito divertido, no qual se assistia novelas, filmes e jogos; porém, o entrevistado ressalta que existia uma reclamação muito recorrente: eram as complicações devido ao sinal da antena. Segundo ele, "dia de jogo então, era aquele sufoco, tentando ajeitar a antena, encontrar o sinal para ver se a transmissão melhorava". (Helano, E-01/2013).

Uma senhora também recorda dessa época, destacando a dificuldade de se ter um televisor em casa:

Nesse período poucas casas tinham TV, por causa da antena, a antena era ruim, não pegava direito, naquele tempo elas eram muito simples, tipo uns pauzinhos de um lado e de outro, aqui e acolá ainda tem gente que tem, mas é difícil. (Neuza, E-01/2013).

Em ambos os contextos de pesquisa, ou seja, tanto naquele apresentado por Trigueiro (2004), como em Flecheiras, é perceptível a satisfação das pessoas com a chegada da antena parabólica, tendo em vista a melhora na recepção do sinal. Esse fato proporcionou mais unidades do aparelho televisor nas casas, mas ainda continuava restrito, visto que eram itens caros, adquiridos só por aqueles que tinham melhor condição financeira – a elite local. Atualmente, ela está presente nas casas mais simples da localidade.

O intervalo de existência da TV nesse espaço público parece ter sido muito curto, de aproximadamente dez anos, pois, na primeira metade da década de 1990, ela teria saído totalmente da praça. Um caso comentado pelos entrevistados e que gerou alguns conflitos entre os moradores e seus representantes políticos, remete ao período em que a televisão foi retirada do seu altar, ou seja, da caixa onde ficava trancada com um cadeado.

Nos relatos não fica claro se a televisão foi retirada por causa de conflitos entre políticos ou se foi furtada do local por algum civil. O fato é que as pessoas não acreditavam que o aparelho havia sumido, exigindo do responsável por ligar a TV o aparecimento da mesma, entretanto, ele nada podia fazer. Assim, ele e sua esposa relatam esse momento ao falar dos poucos conflitos que aconteceram na praça durante a existência da TV:

Não tinha muito conflito para decidir os canais, lembro que teve um conflito para ligar a TV, porque teve um tempo da política que roubaram a TV da caixa, aí ficamos um tempo sem TV. Aí o pessoal brigava, tinha raiva porque queria que a gente abrisse, mas a TV não estava lá. Daí passou um tempo sem ter TV, depois trouxeram outra e colocaram [mas a TV não ficava mais na caixa], ele [responsável pela TV] levava e trazia todos os dias. Mas na época que um novo prefeito ganhou, eles vieram pegar [a TV] e a gente entregou. (Neuza, E-01/2013).

Na realidade de Flecheiras, a pequena Praça da TV, além das ruas, becos e praia, era o maior espaço de convivência pública. As possibilidades interativas eram mais comuns entre aqueles que ali viviam, uma vez que a praça não tinha estrutura para receber um grande número de pessoas. Quando a localidade foi despontando para o turismo e, aos poucos, foi reestruturando seus espaços, não se percebia muito o turista circulando pelas ruas e praça, eles permaneciam mais restritos aos hotéis, pousadas, praia e restaurantes.

Em 2006, a praça foi totalmente reformada, toda a estrutura anterior foi destruída dando lugar a um novo modelo de praça, muito mais ampla e com alguns equipamentos de lazer (pista de *skate*, *playground*, quiosques e espaço livre para apresentações culturais). Foi inaugurada em 2007 com o nome de Praça Jonas Henrique de Azevedo, em homenagem ao ex-prefeito e morador da localidade.

A atual praça possibilitou novas narrativas para a localidade e outros usos, além da produção de significados para aqueles que circulam nela, contribuindo também para a reestruturação do entorno – é o turismo produzindo espaço. Pousadas, lanchonetes e bares foram construídos no lugar de algumas casas residenciais e as pequenas bodegas transformaram-se em mercearias. O relato do senhor Valdemiro, morador antigo do entorno da praça e dono de um comércio desde quando chegou a essa localidade, na década de 1960, retrata a valorização desta área:

Melhorou muito, foi 99%. Total, bem dizer. Aí essa minha casa, que era meio decadente, aí já é bem a terceira vez que eu reformo. Eu morei bem ali mais em baixo, onde é o Rinoceronte [lanchonete]. Era uma casinha ainda meio decadente, era uma casinha de taipa, aí depois eu saí de lá pra cá, mas aí a casa já era velha também, andei ajeitando, mas deu para morar enquanto eu desmanchei para fazer outra. Aí a outra também não ficou muito legal, aí desmanchei pra fazer essa reforma aqui. Foi o tempo que apareceu essa praça e esse calçamento bem aqui na minha frente, aí eu disse: rapaz, é o seguinte, agora tem que melhorar, porque essas feiosas não servem mais pra cá não [referindo-se a sua bodega mais a casa]. Aí o pessoal foi chegando por aqui, aí rapaz, agora melhorou muito [referindo-se ao grande fluxo de pessoas na praça]. (Valdemiro, E-01/2013).

Do mesmo modo como esse morador que ampliou o seu negócio, tendo um ponto de comércio também nos fundos da casa, localizado em frente ao mar, muitos outros fizeram o mesmo e os que não tinham bodegas, construíram algum tipo de comércio, pousadas ou compartimentos nas dependências de seu terreno para alugar em período de alta estação. De forma que o espaço da praça deu novos sentidos a área central e tem sido legitimado como grande ponto de encontro dos vários grupos, nos seus mais diferentes interesses e movimentos do cotidiano.

Assim, a Praça da TV não faz mais parte da paisagem, nem se faz mais necessária em seu objetivo social, pois muitos já possuem o aparelho de televisão em casa. A estrutura arquitetônica da praça também muda, uma vez que o modelo das arquibancadas tornara-se obsoleto, dado a ausência do televisor – já em meados da década de 1990. Estas mudanças também aconteceram em outras experiências, como em São José de Espinharas:

[...] entre 1970 e 1990, a televisão na praça era o espaço mais democrático para a população assistir a sua programação. Depois de 1990, a televisão passou a ser um artefato de consumo e de uso no interior das casas das famílias de baixa renda, um fenômeno que explodia por todo o Brasil. É praticamente impossível se morar em uma casa sem televisão, no atual modo de vida do sertão, porque ela é uma companhia para os que ficam em casa [...]. (TRIGUEIRO, 2004, p. 217)²⁵.

Interessante observar que mesmo com a televisão em casa, alguns membros, principalmente os mais velhos, que eram os adultos naquela época, saem para assistir à televisão na vizinhança. É comum chegar à casa de uma pessoa a noite e perceber a presença de vizinhos assistindo à televisão, em volta de muitos comentários e brincadeiras sobre os personagens das novelas, por exemplo. Fato costumeiro, sobretudo, quando os mais jovens estão no controle da TV, assistindo a uma programação diferente daquela desejada pelos pais, como a novela²⁶.

Realmente, a sociabilidade construída com este antigo ato de assistir à televisão entre vizinhos, amigos e parentes, foi difícil de ser rompida, visto que parece não ter o mesmo significado assisti-la no coletivo do ambiente familiar, pois as manifestações de determinados comentários e brincadeiras parecem perder o sentido. Desta maneira, percebi que alguns vizinhos ainda mantêm essa prática e que esse momento serve também para compartilhar os assuntos locais, atualizar informações, fofocar, bem como "jogar conversa fora", isto é, para além da conversa voltada para a trama da novela. É um momento para se manter os vínculos de sociabilidade.

Mesmo com o fim da Praça da TV após a reforma pela qual passou esse espaço, a sua imagem está muito presente na memória dos moradores, nas suas leituras, narrativas e registros sobre o passado. A praça geralmente representa, no olhar de hoje, um modelo "atrasado", atrelado ao passado e que não condiz com o presente, ou seja, com os projetos de desenvolvimento e urbanização que despontam na localidade estudada. Dessa forma, os relatos sobre esse período da Praça da TV na década de 1980 ao início de 1990 demonstram a representação de outro modo de vida, de uma época em que aquela população vivia em um pequeno povoado de pescadores, onde todos se

²⁵ No contexto pesquisado por Trigueiro (*Ibidem*), diferentemente de Flecheiras, a Praça da TV não foi destruída, mas sim reformada e a TV continua no local, pelo menos durante o período de realização da pesquisa deste autor. Aqueles que queriam, ainda assistiam à TV nesse espaço.

²⁶ Nos últimos anos, muitas casas têm acesso à TV por assinatura, ampliando, portanto, as possibilidades de canais e programações diferentes - o que se torna um maior atrativo para os mais jovens.

conheciam, onde era mais difícil de alguém chegar em virtude das difíceis condições de acesso.

As narrativas orais coletadas enfatizam que naquele período se vivia basicamente da pesca e da agricultura; a maioria das casas era separada por uma cerca de arame, que facilitava a comunicação entre os vizinhos; as poucas bodegas vendiam “fiado”, sendo que os débitos dos compradores eram controlados em cadernetas e os produtos disponíveis eram comprados diretamente pelos donos do comércio no centro de Fortaleza; os escambos do que se produzia garantia que não faltasse comida: era balde de caju que chegava e eram trocados por outras mercadorias, como peixe, era a rapadura sendo trocada por farinha e por feijão, etc. Mas o que era prática comum virou exceção, pois muitas mudanças aconteceram com a inserção do turismo e de uma cultura urbana em Flecheiras. Hoje, uma boa parte das casas – que já não são mais feitas de taipa, nem de palha – são separadas por muros que contornam toda a propriedade e que encerra a sua dimensão de espaço privado, constituindo uma divisão entre a casa e a rua com um portão de alumínio ou madeira.

O “seu Zé” não vende mais “fiado” e nem tem mais a bodega, construiu uma pequena mercearia e concorre em condição de muita desvantagem com aqueles que têm comércio maior, a exemplo dos mercantis. Os produtos já estão ensacados, é só escolher a marca nas prateleiras, pois a venda de produtos à granel está cada vez mais rara. Além disso, não é mais preciso que o comerciante viaje até o centro de Fortaleza para adquirir os produtos, pois o fornecedor já telefona ou bate a sua porta para oferecer os produtos. O “João da Maria” não troca mais o peixe pelo caju, ele vende. Para chegar ao centro do município não é mais preciso sofrer tanto com as reduzidas possibilidades de transportes, pode-se conseguir uma carona ou utilizar o ônibus intermunicipal, disponível agora em vários horários durante o dia, ou, ainda, existe a possibilidade de pegar um veículo que faz frete, seja moto, carro ou ônibus. No lugar da terra batida que dificultava a circulação dos automóveis, há o asfalto desde o fim da década de 1990. Assim, circular pelo local é perceber essas mudanças que muito nos diz dos novos significados que configuram, atualmente, a convivência entre as tradições locais e a vida moderna. Processo este trazido pelas novas experiências globais e socioculturais, intensificadas com a “emergência turística”.

Atualmente, além da TV disponível em casa, do acesso à internet, tanto através do computador, como do aparelho celular, das facilidades de ir e vir, a nova praça também é uma forma de aproximação com o mundo e com o outro – dada a diversidade que em algumas ocasiões é possível encontrar nesse espaço. Se a Praça da TV surgiu proporcionando à população uma aproximação com a cultura urbana, com as informações e com as novidades do mundo via televisão, o contexto de turismo contribuiu para que a atual praça se tornasse um dos espaços que tem possibilitado a interação com o outro, devido às novas formas de apropriações. Pode-se dizer que a dinâmica deste lugar significa, neste cenário, a relação do local com o global. Para os jovens de ontem e para os de hoje, a praça atual é uma grande novidade. Este dado foi observado nos relatos de pessoas com faixas etárias distintas, quando tentei me aproximar de algumas memórias – sobretudo referentes a essa área central²⁷ – que ajudassem a construir um pouco da história de Flecheiras.

Perguntar sobre a praça atual, entretanto, teve como resultado ouvir, na maioria das falas, um discurso comparativo com a praça anterior, num misto de valorização da atual em detrimento da primeira – o que gera uma ideia de reconhecimento das mudanças e da constituição de um novo espaço. Os vários discursos registrados manifestam algumas aproximações. Representam, portanto, uma forma de lembrar o passado “de olho” no presente. Assim, o relato de um jovem e de uma senhora que moram bem próximo da praça e a de um comerciante que sempre morou de frente a esse local são significativas, pois ressaltam as transformações de uma para outra:

Pra mim foi bom. Aquela praça de antes era paia (para dizer que uma coisa é ruim), ridícula, pequena. As pessoas não tinham a liberdade de estar assim como hoje, os jovens reunidos ali e conversando. E para os shows, teatros, é bom. A praça é bonita, grande. (Danilo, 24 anos²⁸, E-01/2010).

²⁷ A importância de uma aproximação, no campo da pesquisa, com outras *gerações* mais velhas, foi expressa como possibilitadora de um acesso à *memória* do local. Assim, a partir da memória de uma determinada geração, se conseguiria visualizar mais substancialmente a mudança; portanto, a memória pode ser tida como o lugar a partir do qual se pode perceber a mudança. Como diz Halb wachs (2004), a memória mais particular se remete sempre a um grupo, ou seja, nisso está em evidência a relação do indivíduo com a sociedade, com os seus grupos e instituições.

²⁸ A preocupação com a identificação da idade do entrevistado é mais em relação aos jovens, por serem interlocutores privilegiados dessa pesquisa.

Hoje mudou muito, porque a outra pracinha não valia nada não, não pegava nome não. As mudanças foram boas, mudou pra melhor. Essa praça chamou muito atenção. Criou vida. (Senhor Valdemiro, E-01/2013)

Mas essa praça aí tá muito elevada, porque antes não tinha onde se botasse os carros, agora o carro fica ao redor, e colocaram os quebra molas e fizeram aquela diferença na igreja para as pessoas poderem chegar, porque era aquela zoadada, aquele burburinho medonho, e ficou tudo bom. Tem onde fazer aquelas representações e danças, tem vindo muita gente fazer dança, tem onde fazer quadrilha, porque antes não tinha. O povo do Mundaú (distrito praiano próximo de Flecheiras) quando passava no ônibus dizia: isso é uma pracinha ou um pinico? O povo gostava muito de brincar. Mas depois que fizeram essa outra pracinha, veio gente do Mundaú, veio tanta gente de todo canto olhar essa pracinha, e ficaram com raiva do Mazinho (refere-se ao prefeito na época) porque ele tinha feito essa bonita pracinha aqui e lá não tinha feito, ficaram com uma rincha... (Dona Neuza, E-01/2013).

Neste sentido, constituiu-se uma nova praça, pensada e construída dentro de uma perspectiva mais moderna em relação à anterior. Representa bem o processo de transição pelo qual Flecheiras passa, deixando de ser apenas uma pequena comunidade pesqueira para tornar-se também uma localidade turística, intensificando o seu processo de urbanização. A recepção de turistas passa a ser o foco de interesse tanto do poder público como da iniciativa privada. Assim, era preciso "arrumar a casa", melhorar a infraestrutura (estrutura para hospedagem e alimentação, pessoal qualificado, equipamentos de lazer, etc.) e tornar os espaços públicos atrativos. Esta iniciativa não é um caso isolado, faz parte de um projeto mais geral de intervenção no espaço urbano contemporâneo, em que as cidades turísticas parecem ter prioridades.

A estrutura arquitetônica das praças nas localidades litorâneas e turísticas tem variado durante o tempo. Ultimamente, é possível observar que as novas praças seguem um modelo com diferentes equipamentos de lazer, com alguns aparelhos de ginástica, *playground*, quadra de jogos, espaços de alimentação, etc. É como se essa estrutura objetivasse contemplar diversas faixas etárias, o que parece orientar uma proposta mais flexível e dinâmica quanto ao seu uso. Este modelo pode variar de acordo com o tamanho do terreno destinado à praça, a proposta do projeto, os objetivos de sua instalação e as necessidades da população, a qual nem sempre é consultada ou respeitada em suas demandas.

Dessa forma, muitas das praças que representam modelos antigos estão sendo reformadas, ou, simplesmente, destruídas para dar vida a outras estruturas, a outros sentidos. Tais reformas urbanísticas, que podem atender ou não às demandas de lazer dos vários grupos sociais, ao mesmo tempo podem criar novas possibilidades e maneiras de uso destes espaços, contribuindo para a manifestação de interações, trocas e sociabilidade entre os grupos.

Assim, a atual Praça Jonas Henrique de Azevedo, em Flecheiras, abriga objetivamente os seguintes espaços: equipamentos de lazer para crianças (parque infantil, existem também pessoas que alugam brinquedos infantis, como, por exemplo, o pula-pula) e para jovens (pista de *skate* e alguns equipamentos de ginástica); um pequeno espaço seguindo o modelo de uma oca, coberto de palha e sustentado por algumas colunas – embora não seja possível saber com qual intenção de uso ele foi construído, é comum ver grupos de jovens sentados no chão, conversando ou ouvindo música no celular; três quiosques (dois são para a venda de comida e bebidas e no outro, que pertence a uma associação, é comercializado o artesanato produzido por moradores locais)²⁹. Os quiosques são abertos todas as semanas, predominantemente a partir das quartas-feiras, o que varia de acordo com os eventos e feriados. Os proprietários disponibilizam mesas e cadeiras, geralmente, oferecem música ao vivo nos finais de semana, principalmente aos sábados.

Para além desses espaços, existem os poucos bancos distribuídos em toda a extensão da praça. Este modelo arquitetônico é praticamente padrão nessas praias turísticas que passaram ou passam por intervenções de investimentos internos e externos para a melhoria da infraestrutura. A ilustração a seguir contribui para uma visualização desse espaço, e dá uma noção de sua aproximação com a praia:

²⁹ Os quiosques são cedidos pela prefeitura, não é pago aluguel, apenas a energia. Dois deles são de associações, um é da Associação dos Produtores/as de Algas de Flecheiras e Guajiru, o outro é da Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras (ADCF) para a venda de artesanato produzido pela comunidade e o último é cedido para uma moradora local. Essa organização permanece desde a construção da praça, 2007. Entretanto, como nesse ano mudou o prefeito, ouvi comentários de que iria acontecer uma reunião para fazer uma nova redistribuição. Conversei com um rapaz da ADCF sobre esse assunto, mas os critérios para a distribuição desses quiosques não ficaram claros.

Ilustração 2 – Praça Jonas Henrique de Azevedo e redondeza



Fonte: ilustração de Diego Normandi Dutra

A posição geográfica continua sendo a mesma da antiga praça, mas ocupando uma extensão bem maior que a anterior, portanto, está localizada ao lado da igreja, sendo separada desta pela Rua São Pedro. Para aqueles que têm acesso ao distrito pela Avenida Litorânea, a praça vai estar à direita e a igreja do lado esquerdo de quem chega. Ambas, estão localizadas bem próximas da praia, praticamente a menos de uma quadra. Ao considerar o contorno da praça e os estabelecimentos que ficam nas suas proximidades, o lado que tem mais movimentação, onde se concentra um maior fluxo de pessoas, sobretudo à noite, é aquele de frente para a Rua São Pedro, pois é só esse lado da praça que fica perto das lanchonetes, bares e mercearias.

Muitos dos estabelecimentos encontrados na região foram reformados, como, por exemplo, a antiga bodega do Sr. Valdemiro, e outros foram construídos levando em conta o turismo, como o *La Terracita* – bar e tapa (geralmente está fechado, abre mais na alta temporada), a lanchonete “O Rinoceronte”, “Kalango Bar”, “Sol Lanches”, o “Lá na Chris Bistrô” e, mais recentemente, foi concluída a construção de um pequeno centro comercial, denominado “Vila Bonita *open mall*”, chamado pela população de *shopping*.

O nome dos estabelecimentos, uma curiosidade a parte, representam a ideia de uma internacionalização de Flecheiras e, ao mesmo tempo, de valorização destes espaços. A maioria desses estabelecimentos fica na Rua São Pedro, nas proximidades da praça, mas nem todos estão bem de frente, o “Lá na Chris Bistrô” é o que fica mais próximo, é um local que tem mudado bastante de proposta e de proprietário nos últimos anos, já foi pizzaria, restaurante, etc., mas, na maioria dessas versões, sempre dispõe de música ao vivo, geralmente às quintas-feiras. Atualmente, funciona como um bar, com bebidas variadas (cervejas e *drinks*) e petiscos, disponibilizando música também nas quintas-feiras, com o predomínio do estilo samba e pagode. Neste dia da semana, a praça fica mais movimentada, há mais jovens, pois dá para ouvir e “curtir” a música sem necessariamente ter que sentar à mesa e consumir – o que é impossível para a grande maioria devido a limitações financeiras.

O outro lado da praça fica de frente a um cercado, terreno da família do ex-prefeito Sr. Jonas Azevedo, mas esse lado é separado da praça por um pequeno corredor asfaltado por onde os carros conseguem circular em torno do lugar, além de servir também de estacionamento, o que minimiza a quantidade de carros estacionados na própria Rua São Pedro. Em situações de muito fluxo de carros, como no período das festas de fim de ano, essa área central fica no controle dos guardas de trânsito, para evitar o grande número de carros circulando no trecho central, tendo em vista o fluxo grande de pessoas e os eventos da igreja. O congestionamento só não é maior porque a pista construída mais recentemente, que dá acesso às demais áreas de Flecheiras, como Barreiro e Guajiru, não foi feita na área central, mas sim fora, em uma parte menos residencial. Isso foi considerado uma grande conquista da comunidade, via Associação de moradores, pois no projeto original, ela passaria por dentro dessa área central.

Fotografias 5 e 6 – Movimentação de fim de semana na praça: de frente ao Lá na Chris Bistrô e quiosques



Fonte: fotos de Flávia Sousa

Pela arquitetura da atual praça, é possível perceber que ela tem objetivos de usos bem diferentes da primeira, e não se restringe em ser apenas um ambiente de encontro, mas também de entretenimento. É uma área de lazer para várias classes e grupos etários. Durante as observações de campo, essa limitação dos bancos sempre intrigava, pois são sempre bem disputados. É comum ver casais ou pequenos grupos desejando que os bancos sejam desocupados para que eles possam sentar e descansar, depois de muito circular e ficar em pé. Essas situações conduziram a seguinte pergunta: porque a existência de uma praça tão grande com tão poucos bancos? Esse modelo indica determinadas possibilidades de uso, que diferenciam do modelo de praças antigas com diversos bancos, caracterizando-se como um lugar de passagem, onde os frequentadores não se demoram muito. Para quem quer ficar um pouco mais nesse espaço, tem que usufruir dos serviços oferecidos pelos quiosques, assim, poderão ter acesso às cadeiras e mesas, ou seguir para os bares que ficam nas proximidades da praça. Tais possibilidades implicam em ter dinheiro para consumir.

Deste modo, as questões apresentadas anteriormente levam a entender que o espaço foi pensado mais para receber quem vem de fora do que para os frequentadores da localidade. Mesmo que não tenha sido a intenção, a condição da estrutura dá margem para essa consideração. Tal pensamento continua tendo lógica

quando observamos relatos de usuários do local, criticando alguns equipamentos de lazer. Neste sentido, a existência da praça agrada e é valorizada em sua beleza por todas as gerações, mas não é isenta de críticas quanto a sua estrutura. Isso ficou registrado no comentário de uma senhora demonstrando sua preocupação com as novas gerações que tentam usar a pista de *skate*, e de um jovem que expressa um saudosismo com relação às apropriações que eram possíveis por eles na praça anterior. Ambos são conhecedores das duas praças:

Sobre isso aí ficou bem melhor. Falta alguma coisa, como banco pra sentar, mas melhorou muito, bastante. Eu só não gostei daquilo ali (pista de *skate*), só pra ferir as crianças, que eles teimam, querem fazer e acabam se ferindo, já se machucou muita gente ali... Não deviam ter feito aquilo ali... (Dona Cirleide, E-01/2013).

Eu falaria da outra praça como se fosse essa, só que essa é diferente. Naquela época a gente ia, ria, sentava, tinha vários bancos, hoje em dia não tem mais banco, agora é muita gente e pouco banco, e antes tinha vários bancos, a gente sempre ocupava, sentava com os amigos. (Mário, E-01/2013).

A crítica à estrutura da praça e aos seus equipamentos de lazer, como a pista de *skate*, é bem frequente, mas isto não impede as várias apropriações deste espaço. Por exemplo, a pouca presença de bancos não implica na ausência de usuários, uma vez que é comum ver grupos, especialmente de jovens, sentados no chão, nos poucos lugares que a base é feita de grama. Os grupos se apropriam do local seja apenas para sentar e conversar ou também para compartilhar bebidas. Isto significa que a presença dos quiosques, onde há comidas e bebidas e dos bares ao redor, não impede que os jovens levem a sua própria bebida, adquirida num preço mais econômico no comércio local. Outro aspecto sempre destacado pelos jovens quanto à pista de *skate* está relacionado às suas atividades esportivas prediletas, observando a construção de uma quadra esportiva protegida por redes no lugar da pista de *skate*, uma vez que teria maior relação com a cultura local, ressaltam que eles gostam é de futebol, vôlei, e não de *skate*. Inicialmente, como era novidade, esse equipamento teve alguns usuários, jovens e adolescentes tentavam aprender a usar o *skate*, mas essa prática não teve uma continuidade, e assim foi gerando outras formas de usos, ou seja, outras interações e sentidos foram construídos. Observei várias formas de uso: hoje ele é mais utilizado por

adolescentes e crianças, alguns sentam lá em cima da parede da pista e ficam conversando, outros brincam de subir e descer correndo, enquanto outros preferem brincar de bola (ficam jogando bola de uma ponta a outra da pista), ou mesmo tentando algumas manobras de bicicleta – o que já gerou alguns pequenos acidentes.

Fotografia 7 – Pista de *skate*



Fonte: foto de Flávia Sousa

As manifestações descritas significam usos e "contra usos", ou "contra sentidos", destes equipamentos de lazer no espaço público da praça, aproximando-se das reflexões de Leite (2007) ao pensar as reformas urbanas nos espaços públicos, especialmente aqueles que passam por processos de enobrecimento. Para o autor, "essas significações, ou contra sentidos, que diferem daqueles esperados pelas políticas urbanas, contribuem para uma diversificação dos atuais sentidos dos lugares" (*Ibidem*, p. 214).

As manifestações também indicam que a população não foi consultada ou ouvida sobre as suas demandas quanto a esse espaço. É como se ele tivesse chegado “de cima para baixo”, o que gerou esta falta de identificação da comunidade local com estes determinados equipamentos, explicitado tanto pelos jovens como pelos mais velhos. Neste sentido, encontro uma aproximação com a reflexão de Gomes (2007):

Há de se considerar que cada praça de uma cidade guarda singularidades histórico-culturais para a população que a frequenta. Nesse processo, criam-se identidades entre o usuário e o espaço público que irão desencadear no efetivo uso desse espaço por aquela população. Dessa forma, em qualquer intervenção feita nos equipamentos públicos, cujo uso seja da população em geral, é importante que se consulte os moradores da localidade. Assim, garantir-se-á um maior sucesso do empreendimento e, conseqüentemente, ter-se-á a certeza de seu bom uso e funcionamento, principalmente quando se trata de algo que faz parte do cotidiano das pessoas, especialmente aquelas que pertencem aos estratos menos favorecidos da sociedade, que enxergam na praça, o refúgio da rotina ou até mesmo o prolongamento de suas casas. (GOMES, 2007, p. 115-116).

As várias mudanças que se sucederam na localidade, como as reformas e a ampliação da igreja e da praça, não excluíram, mas sim contribuíram para a preservação dessa zona como área central. Estas intervenções colaboraram para revitalizar e valorizar mais ainda o espaço, ampliando o comércio nas suas proximidades e tornando-o um local de bastante movimentação, o que varia de acordo com o período do ano e os eventos que estejam acontecendo na localidade.

Em geral, as intervenções são percebidas pelos moradores de maneira positiva, necessárias, valorizadas e admiradas, uma vez que sempre associam essas intervenções urbanas ao maior fluxo de pessoas. As intervenções na praça representam aspectos importantes para o desenvolvimento da localidade, pois significa mais circulação de dinheiro, novas possibilidades de trabalho e, conseqüentemente, mais renda para as famílias e um maior poder de consumo. Para os jovens, uma forma de ampliar as interações, de conhecer outras pessoas. Portanto, os discursos críticos a determinados equipamentos não diminuem o valor que dão a esse lugar, mas sim expõem uma visão crítica diante das mudanças. A população demonstra estar se apropriando desse espaço e reconhece o que não lhe agrada, ou seja, o que não está relacionado à cultura local e que poderia ser diferente, aproximando-se das necessidades e demandas dos usuários.

Assim, a praça é um lugar significado de várias formas, de acordo com os interesses dos grupos ou sujeitos que circulam por ela, uma vez que identifico crianças, adultos, jovens e idosos participando de sua dinâmica, tanto os moradores locais como os que estão ali só de passagem. A praça é um dos espaços por onde os jovens circulam e que me chama a atenção pela forma como foi estruturada e pela maneira como os

moradores e os frequentadores de finais de semana vêm ocupando e significando esse espaço. Ressalto a dinâmica e as possibilidades interativas entre os de dentro e estes com os de fora – é um espaço rico em sociabilidades e em manifestações de alteridades. Dessa forma, da antiga para a nova praça, algumas práticas permanecem de forma ressignificada, sobretudo, os encontros com os amigos.

2.2 A dinâmica da praça: entre o "movimento" e a "calmaria"

[A praça] pra mim é um lugar animado, onde a gente encontra muitas pessoas que a gente não conhece e encontra os amigos. Mas, de segunda a quarta, não tem gente, não tem animação, nem na sexta, só na quinta-feira, porque tem adoração [evento da igreja, onde as pessoas se encontram para rezar, evento que não precisa ser presidido por Padre], como no sábado e domingo [tem missa], daí dá mais gente na praça. Na semana as pessoas ficam mais em casa... (Pedro, 18 anos, E-11/2010).

Este relato expressa um pouco a dinâmica do fluxo dos jovens na praça, que varia de acordo com os eventos que estejam acontecendo. Durante todo o ano, é grande o fluxo de pessoas, eventos e festividades, sendo o espaço público da praça o grande palco para a maioria dos acontecimentos, bem como para o encontro no dia a dia. Percebemos este lugar como um termômetro para sentir a dinâmica da movimentação no distrito, pois quase todos os eventos acontecem nele ou passam por ele. Os acontecimentos que dinamizam o cotidiano de Flecheiras são denominados pelos jovens como os "dias de mais movimento", que se caracterizam por uma maior presença de visitantes. Esses dias, geralmente, correspondem aos períodos de férias – julho e dezembro/janeiro e feriados – sendo que ganham muito mais destaque os momentos de festas, que acontecem em momentos específicos durante todo o ano: "Quando tem movimento é sempre melhor, né. A época do festival das algas, do réveillon, do carnaval, é sempre muito bom. Na semana quando tem alguma adoração na igreja, dá mais gente" (Danilo, 24 anos, E-11/2011).

A ideia do "movimento" trazida pelos jovens é para designar que tais dias são promissores, que algumas expectativas podem ser alcançadas, como a possibilidade de encontrar um amigo, um colega, ou uma paquera que mora fora e que pode estar

presente nessas ocasiões, ou simplesmente porque nesses dias pode-se encontrar os amigos que ali vivem, mas que não vão sempre à praça, só mais em momentos especiais, como um fim de semana, um feriado, um evento da igreja, uma festa. Enfim, a ideia de "movimento" trazida pelos jovens representa a possibilidade de encontrar, de compartilhar com os amigos da diversão, de conhecer pessoas novas, de sair da "calmaria", ou seja, da tranquilidade da dinâmica cotidiana, fora dos períodos de maior movimentação. É um cenário em que as cenas vão sendo produzidas de acordo com o seu "movimento" específico, na lógica da "intermitência urbana" – hipótese reflexiva que propôs Fortuna (2009) para pensar uma forma de registro do movimento na cidade e que me parece muito apropriada para compreender o fluxo de alternância entre o "movimento" e a "calmaria", registrada a partir do cotidiano da pesquisa e muitas vezes explicitada pelos jovens ao se referirem à dinâmica local. O relato do início deste capítulo expressa a dinâmica na praça nos períodos da "calmaria", ou seja, fora das temporadas de férias e festas, em que a circulação das pessoas é menor, predominantemente, no fim de semana, e os eventos na igreja são importantes para demarcar um maior "movimento".

A praça é o termômetro onde podemos perceber a "intermitência urbana" entre o "movimento" e a "calmaria". Durante o dia, este lugar é praticamente sem uso, registra-se como um grande espaço de transeuntes, portanto, lugar por onde todos passam rumo à praia, a um comércio, para o trabalho, para aguardar a chegada de um transporte. Enquanto o sol brilhar forte, é difícil quem queira ficar em seus espaços. Existem algumas árvores em toda a extensão da praça, mas estas ainda não conseguem gerar uma condição térmica agradável para que as pessoas permaneçam nesse lugar durante o dia, uma vez que ainda são pequenas. Existe uma única árvore grande, uma mangueira, que já é bastante antiga e que foi preservada no local no período da reforma. Portanto, é só quando o calor diminui, no fim da tarde, que a praça começa a ganhar dinamicidade, pois alguns usuários começam a chegar. Mas, de fato, é praticamente um espaço de uso noturno.

O movimento inicia com a chegada de duas mulheres que vendem comida em determinados pontos da praça, quando começam a arrumar as mesas e a disporem seus produtos. Também chegam os donos dos quiosques, abrindo as portas e organizando cadeiras e mesas. Seguindo esse movimento, chega o dono de um brinquedo infantil chamado pula-pula, que começa a armá-lo para a alegria das crianças,

essas são os primeiros usuários juntamente com seus acompanhantes, que podem ser suas babás, avós ou mães, sem falar dos estudantes do turno da tarde, pois geralmente aguardam num cantinho da praça o transporte escolar, que logo chega para conduzi-los às suas localidades.

2.2.1 Dias de "calmaria"

Durante os dias letivos, a circulação dos jovens é mínima, acontece mais no momento em que os alunos do turno da noite estão saindo da escola (que se localiza a uma quadra da praça), alguns passam um tempo conversando, enquanto outros namoram na praça e logo vão embora. Em torno de onze e meia da noite, não existe mais ninguém. Alguns jovens, tanto moças quanto rapazes, dizem que no começo, quando a praça era novidade, a circulação era bem maior, mas que, atualmente, a frequência é mais relativa aos dias que têm movimento. "Antes eu ia mais, mas fica na mesmice, sempre a mesma coisa, quando tem alguma coisa diferente, às vezes, eu vou..." (Danilo, 24 anos, E-11/2010).

Estes dias mais "calmos", representados pelo período da baixa temporada (fora dos períodos de férias), se transformam um pouco nos dias de evento da igreja, como na quinta-feira que acontece a adoração, após o encerramento algumas pessoas, principalmente jovens, ficam um pouco mais de tempo na praça, namorando ou conversando com os amigos. Como nesse dia geralmente acontece um evento no bar "Lá na Chris Bistrô", depois da adoração, iniciando geralmente a partir das 21:00hs, alguns jovens aproveitam para ficar na praça e ouvir um pouco de música e ver a movimentação das pessoas. Nesses dias, alguns grupos de amigos sentam-se nas mesas dos quiosques ou no chão da praça, com bebidas compradas no comércio local. No fim de semana o "movimento" aumenta um pouco, devido a uma pequena presença de veranistas na localidade (os donos das residências secundárias) e moradores de localidades vizinhas e da própria sede, percebe-se uma maior presença de pessoas na praça além dos "nativos". Os quiosques ficam mais frequentados, às vezes, oferecendo música na noite de sábado, geralmente música popular brasileira, sempre o mesmo artista (voz e violão).

2.2.2 Dias de movimento

Durante o recesso escolar, este local se torna bastante movimentado, tanto com a presença dos jovens locais como dos vindos de fora, dada a intensidade da circulação dos turistas e dos moradores das casas de veraneio. Estes têm presença na localidade durante todo o ano, principalmente nos finais de semana e feriados. Desta forma, a dinâmica da praça e da localidade de Flecheiras se altera consideravelmente.

As interações e circulações dos jovens por esse espaço se modificam, momento em que a relação com o outro é mais presente, o que vai variar de acordo com o sexo. Alguns ressaltam que o espaço da praça é um bom lugar para se investir em uma paquera e, quando isso acontece, geralmente, a continuidade é na praia, pois seria um lugar mais reservado, melhor para namorar – muitos casais utilizam os paquetes³⁰.

Nos dias de maior “movimento” se configura na praça uma grande aglomeração, pessoas de todas as idades circulando e utilizando dos equipamentos de lazer, sendo possível perceber as interações, as diferenças e as fronteiras simbólicas que se estabelecem entre usuários internos e externos à localidade. Ao reservar o olhar para a dinâmica específica dos jovens, se observa que a presença deles se intensifica depois das nove horas da noite, momento em que a maioria já está liberada das suas obrigações laborais. Eles ficam nesse local até enquanto haja movimento que os agrade, podendo retornar cedo para casa ou tarde da madrugada. A maioria deles fica circulando, dando volta na praça e nos seus arredores, uns em pequenos grupos conversando, outros namorando, sentados nos bancos ou na grama. Em alguns momentos, os jovens da localidade se aproximam dos de fora e vice versa, geralmente porque já se conhecem de outros momentos, da ocasião de alguma festa ou porque esses jovens já vêm com certa frequência à localidade e acabam desenvolvendo uma relação de proximidade, renovadas nesses momentos de sociabilidade. Muitas vezes pode ser para conversar com parentes, porque as famílias foram residir em outras cidades e nos períodos de férias ou festas eles marcam presença.

³⁰ Tipo de embarcação movida à vela que os pescadores usam no litoral cearense. Em Trairi, eles denominam de paquete, mas esse tipo de embarcação é mais conhecido como jangada. Procurando na internet, percebi que essa palavra tem vários significados e uma delas é relativa a um tipo de embarcação, mas bem diferente dessa utilizada no litoral cearense: denominação também dada aos antigos navios de luxo de grande velocidade, geralmente, movido a vapor, utilizados no transporte de passageiros, correspondências e mercadorias.

Quanto à maioria dos jovens que está na praça “só de passagem” eles ficam entre si, estacionam seus carros ao redor da praça, onde “curtem” o som e as bebidas que já trazem no carro. Neste caso, aproximações também podem acontecer principalmente motivadas pelas situações de paquera. Outros, principalmente os que estão com seus familiares, ficam na parte onde se comercializam bebidas e comidas, tanto na praça como nos estabelecimentos que existem nas proximidades. Nestes dias mais lotados é difícil ver pessoas da localidade nesses estabelecimentos específicos, dado o grande fluxo de pessoas externas. Portanto, especificamente na praça, a área dos quiosques é a mais utilizada por essas pessoas como espaço de alimentação, bebida e encontro. Mas não significa que os jovens da localidade não frequentem esse local, sobretudo, aqueles que já têm recursos financeiros próprios, uma vez que para estar nesse espaço, é preciso consumir. Mas observo que, na maioria das vezes, eles compram a sua própria bebida e interagem em torno dela em algum ponto da praça, seja de pé, próximos a um carro ou a uma moto, ou sentados na grama, aproximando-se do comportamento daqueles que são de fora.

Os grupos são bem dinâmicos, devido à circulação dos jovens, ora se percebe grupos mistos, ora eles estão bem separados, de acordo com o sexo. Esses grupos não se caracterizam como nas grandes cidades, que geralmente tem um recorte das diversas "tribos urbanas" e que é possível identificá-los observando seus comportamentos e modos de estar no espaço público. Neste cenário específico, não é possível identificar grupo x ou y, mas sim jovens que têm muitas coisas em comum naquele contexto. Nesses momentos procuram seus pares de acordo com as identificações e relações de amizade para compartilhar da diversão, do bate papo, destacando alguns acontecimentos coletivo ou individual, depende da identificação ou aproximação entre aqueles que estão no grupo. Os rapazes geralmente estão falando da última festa que foram, destacando as paqueras, os "ficas", inclusive, sobre os amigos que passaram a noite "azarando", mas não conseguiram conquistar ninguém; ou da organização da próxima festa que estão prestes a ir, combinando para onde vão, decidindo entre as possíveis festas que estão acontecendo no município, ou comentando sobre algum campeonato, para aqueles mais ligados aos esportes.

Flecheiras é conhecida, principalmente no meio publicitário, por ser uma localidade tranquila, que oferece aos visitantes a possibilidade de um turismo tranquilo e familiar, diferentemente de outras praias do Ceará, como Canoa Quebrada e

Jericoacoara, que são conhecidas por sua beleza e agitação noturna (festas em bares e boates). Isso é sempre ressaltado nos meios de comunicação: "Nesse universo natural [praias de Trairi], o visitante se entrega aos prazeres do lazer tranquilo e respira uma atmosfera de descanso e paz, integrando-se ao cenário" ("Caderno de turismo" – **Jornal Diário do Nordeste**, agosto de 2011).

Esta imagem de uma vila de pescadores tranquila se transforma, assim, de acordo com a movimentação de finais de semana e das festividades que ocorrem durante o ano e que dinamizam o dia a dia dos moradores, principalmente, dos jovens, pois aguardam ansiosos os dias de "movimento". Nesta pequena localidade, as festas tornam-se momentos de lazer, diversão e de encontro com os amigos e com aqueles que estão ali de passagem. Portanto, a maioria das festas atraem a presença desses jovens, contribuindo para o compartilhamento de algumas experiências comuns, como música, dança e bebidas.

São várias as festas que já fazem parte do calendário de Flecheiras: Festa do Réveillon dos Nativos, Festa do Pisca, Carnaval, Festa de São Pedro, Festival de Quadrilha, Feira da Aliança, Regata Ambiental, Festival das Algas, Festival de Danças do Litoral Oeste. Algumas já são tradicionais e antecedem a inserção do turismo no local, como a Festa de São Pedro, apresentações de quadrilha, carnaval, as demais chegaram junto com a dinâmica do turismo.

A praça tem se tornado o palco da maioria desses eventos, pois desse total, apenas a Regata Ambiental, o Réveillon e a Festa do Pisca não acontecem nesse espaço, ocorrem na praia, devido ao grande número de pessoas e as especificidades do evento. Mas, mesmo que a festa seja na praia, a praça é ponto de encontro, é onde os jovens começam a reunir o grupo, a observar as novidades e a sentir o clima da festa; observam, também, as pessoas que estão circulando pela localidade e é um momento para "fazer a calibragem" (começar o consumo de bebidas). Muitas vezes, o clima da festa se inicia neste espaço, como pude observar em certa ocasião, quando a Festa do Pisca começou, ainda no fim da tarde, com muitos carros, som e bebidas. Lembro que ao se encerrar, a praça estava totalmente suja, cheia de latas, garrafas de bebidas e copos descartáveis. Uma parte dessas festas, que já aconteciam antes da construção da nova praça, também ocorria na praia que era tida como o espaço mais amplo para a sua realização.

Dessa maneira, toda a movimentação dessa pequena localidade converge para a praça. Dinâmica que propicia várias experiências interativas aos jovens, que na relação espaço-tempo variam quanto à intensificação das relações entre os jovens locais e destes com os de fora. Como dizem os jovens, a localidade vive momentos calmos e outros mais movimentados. Essa alternância cria na maioria dos jovens uma ambiguidade, ou seja, uma lógica anual de dupla expectativa, que corresponde tanto à espera por aquele período de "movimento", bem como o contrário, isto é, à volta à "calmaria", ao ritmo mais habitual dos acontecimentos:

Assim, tudo demais cansa, no período mesmo do *réveillon*, eu sinto tanta saudade de Flecheiras calma, mas tem época que fica muito tempo sem ninguém que você prefere ter movimento para se divertir, para movimentar Flecheiras, se não, não tem outras coisas (Marina, 25 anos, E-01/2010).

Alguns jovens, principalmente os mais introspectivos e que não lidam bem com os dias de muito "movimento", manifestam uma sensação de estranhamento do seu lugar, dizem sentir-se incomodados quando tem muita gente, muitos observadores externos: "é estranho, mas tem horas que não me sinto à vontade, me sinto observado, como se estivesse no *big brother*"; "tem horas que parece que não estou na minha cidade, parece outro lugar" (Marcos, 23 anos). Esse sentimento expressa um contexto em transformação que passa a interagir com experiências globais, ao lidar com as novas imagens explícitas nas mudanças socioespaciais e nas novas possibilidades interativas. É um cenário que primeiramente cria esse "impacto", assusta para quem olha de dentro, sobretudo para os mais velhos e os jovens que ainda experimentaram o local com outra dinâmica, que se limitava mais a cultura de uma pequena comunidade de pescadores, com poucas novidades e que, no caso atual, ainda não se adaptaram aos constantes fluxos, e às "festas diferentes". Possivelmente, esse sentimento já não vai fazer parte das novas gerações, dos atuais adolescentes e crianças, pois já começam a fazer parte da história nesse contexto de mudanças, de uma localidade turística. A metáfora do estrangeiro de Simmel (2005) ajuda a pensar esse contexto situacional de estranhamento dos "nativos", quando dizem que "tem horas que não parece que estou em minha cidade". Os momentos de maior "movimento" os colocam em contato com experiências das quais não estavam acostumados e que os aproximam basicamente das experiências de

estranhamento da vida em uma metrópole, onde o encontro na rua com o desconhecido e o comportamento *blasé* é mais comum. Portanto, esses jovens estão no seu lugar de origem, têm uma relação de pertencimento, mas algumas situações específicas os deixam numa relação de aproximação e distanciamento desse lugar, especialmente nos espaços públicos.

Esse ciclo, entre o "movimento" e a "calmaria", tem caracterizado o cotidiano dos jovens, transformando, demarcando o jeito de ser e estar nessa localidade, implicando também em preocupação e cuidado com a aparência. A maneira de se apresentar nos espaços públicos vai variar entre os dias movimentados e os mais calmos, com pouca presença de turistas. Uma situação transmite melhor o que estou querendo expressar e foi descrita em diário de campo:

Era domingo à noite, final de semana correspondente ao feriado 7 de Setembro, a praça tinha pouquíssimo movimento, o que é normal, pois como era domingo, muitas pessoas já haviam retornado do feriado. De repente encontro um jovem, começo a conversar e pergunto sobre como andava o seu retorno aos estudos, pois havia saído da escola e estava matriculado no supletivo na sede de Trairi. Ele responde que já não estava mais indo, pois andava com dificuldades financeiras. Pergunto: mas você não está mais trabalhando? - Eu estou sim, mas tenho muitas coisas para resolver. Falou que tinha que pagar umas contas, como presentes e roupas que ele havia comprado, pois precisava se arrumar e não andar daquele jeito - nesse momento ele aponta para a bermuda estilo surfista que estava um pouco rasgada em uma das pernas, na altura do joelho. Comento: mas isso é quase nada, não tem nenhum problema. E ele afirma: você acha que se fosse outro dia, eu estaria aqui desse jeito, claro que não, gosto de andar arrumado. E fez questão de deixar claro que estava só de passagem, estava só procurando por uma pessoa, mas que já ia para casa (Diário de campo, setembro de 2012).

A situação anterior representa atualmente um jeito de pensar de vários jovens. Alguns explicitam isso em sua fala, outros deixam transparecer isso na sua preocupação com o seu estilo, com a aparência, com uma preocupação em querer andar na moda - o que é perceptível no modo deles se vestirem. Esse aspecto será mais explorado no quinto capítulo.

Atualmente, a praça é o palco cotidiano das observações e das exhibições, a partir de onde podemos perceber as manifestações dos estilos, de onde você observa e

é observado, de onde surgem muitos cochichos e comentários sobre o jeito das pessoas, sobretudo entre as meninas. Dessa forma, é considerado o principal espaço público agregador da diversidade local, propiciador das várias mediações do estar junto, da interação, dos conflitos, da construção de alteridades, contribuindo para novas experimentações, para a vivência de novas sociabilidades e a construção de novos significados.

2.3 A praça como ponto de encontro

Para a maioria dos jovens, o dia a dia é marcado por um fluxo de atividades que varia entre ir à escola, trabalhar, ter momentos de lazer, como jogar futebol ou vôlei, encontrar os amigos na pracinha ou na praia, participar das reuniões da associação comunitária ou do Ponto de Cultura, participar de pequenas festas dentro e fora deste espaço, dentre outras. Entretanto, isso não é uma regra para a vida dos jovens, essa dinâmica varia de acordo com as condições sociais e a situação de gênero e os interesses específicos de cada um.

Desta forma, nos dias mais "calmos" ou "movimentados", nos quais os jovens estão geralmente circulando pela localidade, a intensidade dessa movimentação varia de acordo com os dias da semana, pois é mais frequente no fim de semana. Identifico que é no período noturno que mais se percebe a dinâmica na localidade, principalmente, quando se está na época do recesso escolar (férias) e nos feriados. O que demarca esta circulação é o encontro com os amigos/colegas e o que vai determinar a presença do jovem nos variados grupos é a finalidade do encontro, que pode ser: para bater um papo (seja na casa de um amigo, na praça, na praia, em um bar, etc.), ir a uma festa, ir para um evento da igreja, "curtir" uma praia, pescar, praticar alguma atividade esportiva, dentre outros. Enfim, o encontro com os amigos pode variar de acordo com a situação, ou seja, a maioria dos jovens circula por vários grupos, de acordo com os seus interesses. Isso chama a atenção na fala dos jovens, pois quando se comenta sobre o que gostam de fazer nos momentos em que estão livres das suas obrigações laborais e/ou escolares, a maioria refere-se ao encontro com os amigos, que pode ser nessas várias situações mencionadas.

Dessa forma, os laços de amizade entre os jovens são bem fortes nessa pequena localidade e geralmente se constroem ainda no contexto da vizinhança e/ou da escola, estendendo-se para fora desses limites e sendo fortalecida nessas várias possibilidades interativas. E, dependendo do horário, a praça é sempre o ponto de encontro, seja para permanecer nela ou se dirigir a outros lugares em busca de festa e diversão, especialmente à noite. O encontro na praça para seguirem para uma festa é geralmente necessário, pois é onde se articulam as caronas. A praça também é considerada pelos jovens como o lugar da paquera.

É bem interessante este aspecto da busca pela diversão, porque este é sempre o objetivo de parte desses jovens, geralmente, a partir das quintas-feiras até o fim de semana, onde estiver acontecendo alguma festa, algum movimento que eles julguem interessante, estão se articulando para ir. Nesse sentido, existe uma menor variação dos jovens nos grupos, visto que necessitam de uma relação próxima e de confiança para seguirem juntos para uma festa, principalmente fora da localidade, devido a vários motivos, como, por exemplo: a necessidade de uma ajuda financeira caso o amigo não esteja com dinheiro suficiente para entrar na festa ou para comprar a bebida; e, caso alguém exagere no álcool ou entre em alguma confusão, sabe que não vai ser largado sozinho, ou seja, é preciso existir uma cumplicidade e camaradagem no grupo para compartilhar tanto da “curtição”, como das adversidades que possam ocorrer nesses lugares fora do domínio da localidade – manifesta-se um maior cuidado com a segurança. É preciso “estar esperto” em lugares nos quais não se tem domínio dos códigos, conforme observamos a partir de experiência relatada por dois jovens e apresentadas a seguir:

Estava na praça em um momento de conversas espontâneas com alguns rapazes, falávamos de assuntos variados em relação à diversão. Quando dois destes começaram a falar de uma festa que haviam frequentado em uma localidade da zona rural do município. Afirmavam que não tinham gostado porque acharam as meninas bestas, que não podiam nem se aproximar, pois elas logo diziam que tinham namorado. Um dos rapazes comenta: “eu lá quero saber se a pessoa tem namorado. Primeiro, que nem estava “dando em cima”, só queria conversar, convidar para dançar, mas as meninas já chegavam com essas histórias. Não gosto disso, não se pode nem trocar umas ideias. Gosto de ir pra festa para se divertir, conversar, conhecer as pessoas”. Outro rapaz mais experiente, de aproximadamente 30 anos, contesta: “rapaz, eu acho que isso que as meninas estavam fazendo era

para evitar confusão, como tu vai saber se elas tinham ou não namorados, vai que de repente eles estavam lá. Tem que ter cuidado, porque o povo que mora para essas bandas de dentro, não tem conversar não, vão logo é pra briga, pro facão. O povo é diferente, não é a mesma coisa de ir para uma festa aqui ou lá no Trairi (sede), que as pessoas já se conhecem”. (Diário de campo, junho de 2011).

Alguns aspectos dessa fala e da maneira dos jovens investirem no lazer noturno remetem a uma reflexão de Carrano (2002) sobre a “cultura da noite” dos jovens de Angra dos Reis. Ele pensa esse movimento na cidade a partir do que denominou de “jogos noturnos”, para referir-se especificamente à diversão, à sedução e à conquista:

Em comparação com outros períodos do dia, a noite educa para formas diferenciadas do corpo habitar o tempo e o espaço. A liberdade dos corpos e a busca do encontro que os sujeitos procuram nas noites de lazer exigem a atenção ao múltiplo, ao esperado e aos detalhes, que em outros momentos, seriam negligenciáveis. As noites de lazer na cidade excitam a *ludicidade*, mas também exercitam uma determinada *corporicidade*. Os jovens que praticam a noite sabem que precisam ler os sinais, identificar os códigos, armar e também saber fugir de armadilhas. Os jovens jogadores dos jogos noturnos sabem que a noite é mãe e amante de dores e prazeres. (*Ibidem*, p. 46, grifo do autor).

No período da alta estação ou férias, todo dia é dia de procurar onde se divertir, com a exceção da segunda-feira – “dia para recarregar as energias”. Quando não está acontecendo nenhum evento na localidade de Flecheiras, os jovens buscam em outras, seguindo até para outros municípios, especialmente quando é uma festa tradicional, pois representa garantia de um grande público e diversão, sem prejuízo no investimento. Algumas vezes, ao realizar observações na praça e registrar o retorno rápido de alguns jovens que foram para outras localidades em busca de diversão, tentava buscar informação sobre o motivo do retorno precoce e a resposta era sempre em torno do julgamento do “movimento”, que muitas vezes consideravam fraco: “o movimento estava fraco”; “o movimento não estava com nada”; “tinha pouca gente”.

O investimento na festa segue uma hierarquia. Mesmo que na localidade esteja acontecendo algum tipo de diversão, ela vai ser selecionada em uma escala de valor em relação a outras festas que possam estar acontecendo no município. Portanto,

em uma noite os jovens podem circular por vários lugares até encontrarem a festa que eles queiram “curtir” e a decisão final está sempre relacionada, no caso dos rapazes, aos lugares que eles percebiam mulheres bonitas e desacompanhadas. Isso garantiria mais possibilidade de uma paquera, o que eles julgam muito difícil no próprio lugar de origem. Esta característica de sair circulando é um hábito que predomina mais entre os rapazes, especialmente os que dispõem de moto ou carro.

Como o distrito é pequeno, as possibilidades de circulação em espaços públicos são bem reduzidas, restringindo-se à praça e à praia, os demais seriam alguns bares e clubes, com os quais os jovens se identificam. Quando acontecem eventos, festas em outras localidades do município, em outras cidades da região ou mesmo em Fortaleza, esses jovens se organizam "para marcar presença", garantindo caronas em carros ou motos dos amigos motorizados. A facilidade do deslocamento atual, com a aquisição de carros, motos, é bem diferente para quem foi jovem em décadas anteriores, pois existia a dificuldade de transportes, esperando-se sempre por ônibus, pelos carros de fretes, presos aos horários e itinerários desses transportes.

Nestas condições, era comum ver grupos de jovens retornando a pé das festas que aconteciam em outras localidades do município. Os jovens contam muitas histórias sobre esse fato, lembrando algumas aventuras sobre o retorno de festas, não pela estrada, mas por cima das dunas, especialmente quando saíam da sede de Trairi para Flecheiras, o caminho era muito mais rápido pelas dunas, mas podia se tornar mais distante, caso o estado alcoólico fosse alto. Dessa maneira, a maior circulação de carros na localidade e a aquisição de um transporte particular faz uma grande diferença. Como um jovem comentou: "era a coisa mais rara se ver um carro na localidade, hoje se vê vários" (Gustavo, 22 anos, E-01/2010), destacando as mudanças sociais referentes ao acesso aos bens de consumo e ao fluxo de pessoas.

Além dos dois clubes que existem há mais tempo nessa localidade, novos locais de encontro e lazer foram construídos nos últimos anos, como bares – alguns disponibilizam espaço dançante –, lanchonetes e restaurantes, mas permanece a praça como espaço comum do encontro, do bate-papo, da paquera. Os estabelecimentos privados não são acessíveis a todos, uma grande parte deles só é frequentado pelos turistas e veranistas, e por uma minoria local que tem condições financeiras de arcar com os altos preços. A maioria dos jovens reclama das condições, justificando que os

estabelecimentos cobram um valor muito alto pelas comidas e bebidas, que são feitos apenas pensando no turista. Nesse sentido, a praça é o espaço mais livre e agregador. É o primeiro local para o qual os jovens se dirigem todas as noites, funciona basicamente como se fosse um ponto de encontro marcado antecipadamente, mesmo que depois se decida seguir para outro local, mas é na praça que tudo começa, onde os caminhos da noite são decididos pelos jovens.

A praça é lembrada como uma grande mudança na localidade, como se fosse a responsável por novas possibilidades de sociabilidade entre várias gerações. Os moradores destacam também que ela possibilitou a frequência de mais pessoas, inclusive vindas de “fora”, porque a anterior era muito pequena e escura. Entretanto, ressaltam que no início o fluxo de pessoas era maior, porque era novidade, e que agora esse fluxo haveria reduzido, sendo mais forte em períodos de eventos:

Ave Maria, essa praça é uma beleza, muito linda, todo mundo acha bonita quando chega ali, muita animação, é porque hoje diminuiu um pouco, mas quase toda semana tinha animação, seresta, dança, até eu cansei de dançar ali, tinha jogo - as meninas jogavam ali. Melhor que a outra é, porque se a gente não quiser ficar lá, vai para outro canto, tem a praia. Pra mim é melhor que a outra. (Dona Naiza, E-01/2013).

[...] aí vem gente de todo canto, não falta gente de Trairi, quase todo dia tem gente do Trairi aqui nessa pracinha. Na quinta-feira, que é dia da adoração, tá assim de gente do Trairi, mesmo sem ter festa, vem aí e ficam no churrasco do Marcelinho [fica em uma esquina do lado da praça]. (Dona Nelza, E-01/2013).

A praça do distrito de Flecheiras é conhecida como um espaço central para a população, como referência de encontro e onde acontecem várias manifestações – é um espaço de múltiplos usos. Nestes aspectos, ressalto as continuidades observadas entre a primeira e a atual, sobretudo, no sentido da praça como ponto de encontro com os amigos. Mas, percebo que a nova praça contribui para uma maior dinamicidade com o diferente, com o outro, possibilitando novas sociabilidades, e produção de significados para os seus usuários, dadas as novas práticas de apropriação do espaço em contexto de turismo.

Nesse sentido, a praça adquiriu historicamente um valor social, cultural, político e econômico de grande importância para as cidades, pois faz parte de sua

constituição, de sua dinâmica e, por isso, significa espaço de memória. A praça, tanto em seu modelo, como nas formas de usos e construção de sentidos, expressa um modo de pensar o espaço coletivo, o "lugar público". Um estudo desse espaço pode revelar muitos elementos de uma sociedade e de um tempo, sejam os aspectos estéticos e culturais manifestados na arquitetura, os valores, as formas de interações e conflitos sociais que compõem o processo de constituição dos espaços, bem como as mudanças mais significativas no desenvolvimento das sociedades.

A dinâmica dessa realidade social vai ao sentido do que foi discutido no início deste capítulo, nas reflexões de Leite (2009) e Fortuna (2009). O debate sobre a “morte da cidade” ou do “espaço público” deve ser tomado por outra chave interpretativa, que é a de pensar os processos de urbanização e sua reestruturação bem como os novos usos e possibilidades interativas nos espaços públicos, de acordo com cada singularidade. É perceber as possibilidades narrativas desses espaços, descortiná-los diante de suas constantes transformações, ressaltando suas continuidades e discontinuidades. Perceber essa dinâmica, seja nas grandes, médias ou pequenas cidades, é o que proporciona refletir sobre as mudanças e seus significados na vida daqueles que as produzem.

Fotografia 8 – Fim de tarde na praça



Fonte: foto de Flávia Sousa

Fotografia 9 – Festival de dança na praça em outubro de 2010



Fonte: foto de Flávia Sousa

3 A "emergência turística" e as mudanças socioespaciais

*Tranquila, serena e calma
a vida aqui continuou.*

*Flecheiras adormecida
um belo dia acordou
com suas ruas iluminadas
a luz elétrica chegou*

*Aqui não entrava carro
pois não podia passar
devido à quantidade
de areia à beira-mar
se viesse pelas dunas
era só pra se atolar*

*Hoje em dia é grande o tráfego
de ônibus e caminhão
que vem superlotado
de material para construção
pra fazer casas pro povo
muros, sobrados e mansões*

*Hoje em dia as jangadas
não têm mais o seu valor
fizeram outras de tábuas
ferradas com isopor
Dando assim mais proteção*

à vida do pescador

*Também a Teleceará
faz grande comunicação
atende de dia e de noite
a toda a população
sempre vem pra cá*

*um parque de diversões. (Dona Rita
apud Coriolano, 1998).*

Esses versos de Dona Rita, poeta de Flecheiras, tentam expressar suas percepções sobre as primeiras grandes mudanças que aconteceram, principalmente, durante as décadas de 1980 e 1990, e que talvez representem o começo do processo de urbanização nesta localidade. Os versos chamam a atenção para vários aspectos importantes. Ressalto primeiramente a super valorização destas mudanças, representadas no trecho *“Flecheiras adormecida, um belo dia acordou”*, o qual considero muito significativo, pois é como se esses elementos da urbanização despertassem a localidade para a vida, tornando-a mais dinâmica. Um segundo aspecto também muito importante que se anuncia nos versos é uma demarcação do início da chegada do turismo, como percebido no trecho *“Hoje em dia é grande o tráfego de ônibus e caminhão que vem superlotado de material para construção, pra fazer casas pro povo, muros, sobrados e mansões”*, pois está se referindo principalmente ao que conhecemos hoje como casas de veraneio, ou segunda residência. Isto demarcou muito a paisagem naquela época em que a praia era predominantemente povoada por pescadores, com suas casas simples, de taipa ou palha - como podemos ver nessa foto antiga.

Fotografia 10 e 11 - Casa de pescadores e bares na praia (1980 - 1990)



Fonte: Fotos cedidas por uma antiga moradora da localidade

Pode-se dizer que este foi o primeiro movimento de mudanças relacionadas à chegada do turismo na localidade. No início, por volta do final da década de 1980, as mudanças aconteceram mais timidamente e se fortaleceram no final da década seguinte, intensificando o processo de urbanização, sobretudo, com os investimentos do governo em infraestrutura para que a localidade se transformasse em "receptora de turistas". Este momento representa um segundo movimento que corresponde ao fortalecimento dos potenciais turísticos de Flecheiras.

Com a melhoria da infraestrutura (hotéis, pousadas, restaurantes, ruas asfaltadas e áreas de lazer), ampliou-se consideravelmente o fluxo de visitantes no distrito. Esse fluxo se tornou mais perceptível especialmente após a reforma da praça que se transformou em espaço de circulação dos moradores locais e de turistas, possibilitando novos processos de interação. Dessa forma, a praça passou a representar e a sinalizar esse segundo movimento, sobretudo, pelas novas formas de apropriações e de significados construídos pelos atores sociais - destaque aqui um olhar especial para os jovens.

Esta prática da ocupação do litoral com casas de veraneio, pousadas, hotéis e restaurantes, significou todo um processo de redistribuição socioespacial. Isto implicou no deslocamento de alguns moradores da praia, principalmente, pescadores, para uma outra área da localidade, o que gerou o bairro do Barreiro que foi se constituindo tanto com a chegada de antigos como de novos moradores. Estas mudanças têm gerado diferenças significativas entre a área antiga, centro de Flecheiras, e a área relativamente nova, implicando em manifestações e conflitos nas relações sociais.

Esta dinâmica social de Flecheiras não é um caso isolado, é uma expressão das transformações, da intensificação, da urbanização e dos novos processos de apropriação e de construção de sentidos nas localidades que se tornam turísticas. Dessa maneira, a intenção é inicialmente apresentar o contexto das mudanças que ocorreram na localidade, não abrangendo a discussão sobre o turismo, mas focalizando a discussão no cenário mais amplo para que seja possível relacionar a essas mudanças específicas. Nesse sentido, o objetivo é apresentar as condições nas quais estas transformações aconteceram na localidade de Flecheiras, discutindo o que há de comum e singular nesse fenômeno social, e quais são as suas demandas e implicações para a população. Em seguida, dando continuidade aos efeitos do turismo no distrito, considero importante tentar compreender como aconteceu a distribuição socioespacial entre antigos e novos moradores.

3.1 O Contexto de "emergência turística"

Devido ao processo de colonização e de urbanização da costa brasileira, o litoral, como categoria genérica, foi geralmente pensado como o lugar das cidades, mundo urbano, portanto, lugar povoado, favorecendo o contato e a chegada dos estrangeiros. Tal representação foi sempre feita em oposição ao sertão-interior, que geralmente era visto como meio rural e despovoado. Estas categorias sociais são dinâmicas e acompanham as mudanças econômicas, sociais, políticas e as novas significações simbólicas ao longo do século XX e no início do século XXI. Dessa forma, na produção social e histórica do litoral, no Brasil contemporâneo, esse contexto passa por intensas mudanças que transformam representações negativas em positivas, considerando, principalmente, o cenário de "emergência turística" que intensifica o processo de urbanização nas grandes e pequenas cidades, em especial, no litoral do Nordeste brasileiro. Processo que se justifica com o litoral sendo representado como um lugar turístico, onde acontecem múltiplos fluxos de pessoas e múltiplas circulações de imagens e estilos de vida urbanas.

Alguns estudiosos denominam esse fenômeno mais atual de ocupação da costa litorânea de "litoralização":

O termo litoralização representa um neologismo explicitador do movimento de ocupação contemporânea do litoral. A necessidade de criação de um termo é consequência da transformação do movimento de valorização do litoral em verdadeiro fenômeno de sociedade, ligado a uma urbanização significativa dos espaços litorâneos e traduzido na inserção gradual das zonas de praia à lógica derivada de uma sociedade de lazer e turística. (DANTAS, 2002, p. 58).

Neste novo cenário, as várias representações históricas sobre o litoral e suas diferenças são atualizadas, modificadas, invertidas, reproduzidas nos diversos discursos dos agentes de turismo, dos turistas e da população local. Além disso, as novas interações com turistas que vêm de diferentes lugares continuam produzindo diferenças importantes entre essas zonas litorâneas como áreas de contatos de diversas culturas e as pequenas localidades situadas no sertão do Ceará, uma vez que estas têm

menos contatos com estrangeiros³¹. O objetivo não é estender a discussão das representações comparativas entre estas categorias, mas sim fazer uma breve reflexão para adentrar as atuais mudanças no litoral, com base em alguns lugares que estão passando por recentes processos de urbanização, advindos principalmente da "emergência turística", tendo como ponto de partida o local de pesquisa.

O turismo é considerado uma construção e uma prática social que traz no centro do seu processo o constante deslocamento de pessoas, o que dinamiza a relação entre o local e o global, favorecendo os processos interativos entre os diversos atores envolvidos, possibilitando novas formas de sociabilidades. Ao mesmo tempo, o turismo significa fator de desenvolvimento, que implica em mudanças socioespaciais, econômicas e novos arranjos sociais nas localidades receptoras.

O turismo tem crescido nas últimas décadas no Brasil e ganhado várias proporções. Estamos diante de um momento histórico em que o turismo é considerado como uma atividade econômica de grande potencial desenvolvimentista para o século XXI, sobretudo, nas regiões menos desenvolvidas. No caso do Brasil, destacam-se as regiões costeiras que tomam a paisagem como a base do turismo litorâneo, no qual o Nordeste vem se consolidando nos últimos anos, no âmbito nacional e internacional, como um significativo polo turístico.

Inicialmente, a atividade turística foi ganhando força nas regiões Sul e Sudeste do país. Só posteriormente, no final da década de 1980, passou a ser desenvolvida no Nordeste, principalmente com a melhoria das rodovias e a ampliação dos aeroportos, tendo em vista que o avião passa a ser um transporte acessível à classe média. Desde então, essa atividade no Nordeste só cresce e tem tomado grandes proporções, em relação à especulação imobiliária, ao crescimento da rede hoteleira e à criação de serviços pelas agências. Segundo Rodrigues (2001, p. 147), "O Nordeste começa a ser vendido como o novo Caribe, o Novo Mediterrâneo, a Nova Flórida. As iniciativas isoladas dos governos estaduais resultam num significativo aumento dos fluxos, tanto da demanda interna, como da demanda externa".

As iniciativas turísticas no litoral cearense, que datam da década de 1980, aconteceram, mais precisamente, nas praias de Canoa Quebrada, pertencente ao

³¹ Algumas zonas rurais nos últimos anos têm passado a vivenciar o denominado turismo rural, o que possibilita uma maior dinamicidade nesses municípios e localidades. Entretanto, as experiências são mais intensas nas regiões Sul e Sudeste ao se comparar com o Nordeste. Nesta região, o Ceará já tem algumas iniciativas, principalmente, em áreas serranas, onde a temperatura é amena, mas o predomínio é do turismo litorâneo.

município de Aracati, litoral Leste do Estado, e na praia de Jericoacoara, em Jijoca, localizada no litoral Oeste. Ambas, segundo pesquisadores, "tiveram que se confrontar com uma nova realidade a partir do desenvolvimento do estado e das políticas de incentivo ao turismo. Novos valores passaram a entrar em choque com os já existentes" (LIMA e SILVA, 2004, p.20).

Neste sentido, Rodrigues (2001) chama a atenção para alguns aspectos fundamentais relativos às mudanças sociais, políticas e econômicas que aconteceram no país e que contribuíram para o desenvolvimento do turismo: a formação de uma classe média, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a motorização familiar, a melhoria da rede de transporte e comunicações, a melhor articulação das regiões brasileiras, a difusão dos meios de comunicação e a urbanização do país. Com cenário propício para o desenvolvimento da atividade turística, o empreendedorismo avança com toda força criando e oferecendo vários tipos de serviços. A especulação imobiliária foi um dos setores que cresceu demasiadamente diante da "onda do turismo" com o loteamento das chamadas "residências secundárias", o que ficou mais conhecido como o "turismo de segunda residência"³². Desta maneira, as classes mais favorecidas economicamente passaram a ter um segundo imóvel, que podia ser na serra ou no litoral, ou mesmo em ambos.

3.2 As ações de incentivo ao turismo

Ressaltar as transformações que modificam os espaços e as relações socioeconômicas nesses contextos de turismo é considerar, sobretudo, as mudanças de âmbito mais globais e regionais que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento deste fenômeno social. Nisbet (1979) afirma, a respeito das transformações sociais no mundo moderno, que se deve observar "os fatores internos e externos" atuantes nas mudanças sociais. A importância do "acontecimento" e, em consequência, da História nas análises das circunstâncias que motivam as mudanças sociais, considerando-as como uma particularidade, em que o "tempo", o "lugar" e a "circunstância" sejam elementos

³² Segundo Cruz (2009), no Brasil os domicílios particulares de uso ocasional nos Estados costeiros agrupam 80,32% das residências secundárias do país. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, na região Nordeste, o estado do Ceará ocupa o terceiro lugar no número de segundas residências.

centrais nesse processo. Da mesma forma, a "continuidade" e a "descontinuidade", principalmente esta última, seria, para o autor, o elemento mais importante ao se tratar das grandes mudanças sociais.

O desenvolvimento do turismo no Ceará, em relação à infraestrutura, teve muito apoio de financiamentos externos. As políticas de incentivo e investimento são resultados das políticas mais amplas de abertura econômica do país na década de 1990, período que se possibilitou uma maior internacionalização da economia brasileira a partir da intensificação de financiamentos internacionais para as obras de infraestrutura em regiões reconhecidas como potencial turístico. De forma que houve um acordo entre o Estado e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), através do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), no qual o BID financiou grande parte dos projetos voltados para o desenvolvimento do turismo e o estado entrou com outra parte. No início da referida década, a partir de um estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre a região Nordeste, na tentativa de identificar atividades econômicas que no decorrer do tempo apresentariam vantagem competitiva, foi criado em 1992 o Programa de Desenvolvimento de Turismo do Nordeste (PRODETUR-NE), com o intuito de expandir a indústria turística, uma vez que o turismo foi eleito como uma atividade econômica propulsora³³.

Dessa forma, o projeto PRODETUR-NE teve como objetivo geral: contribuir para o desenvolvimento sócio econômico regional através de investimentos em infraestrutura básica e serviços públicos em áreas atualmente de expansão turística; e como objetivos específicos: atrair atividades turísticas privadas adicionais e de melhor padrão; gerar oportunidades de emprego; melhorar os níveis de renda; aumentar as receitas públicas; beneficiar a população de baixa renda das áreas selecionadas com disponibilização dos serviços de abastecimento de água, esgotos e acessos pavimentados; e aumentar a capacidade dos Estados beneficiados de acompanhar a demanda por serviços básicos.

O "Governo das Mudanças", na representação do governador Tasso Jereissati, criou o Plano de Desenvolvimento Estratégico³⁴, através do qual o turismo foi

³³ No estado do Ceará, isso se deu nos períodos dos Governos de Tasso Jereissati, conhecido como Governo das Mudanças (1987-1990, 1995-1998, 1999-2002) e no de Ciro Gomes (1991-1994).

³⁴ Este planejamento compreende metas que devem ser desenvolvidas dentro de um período de 25 anos, de 1995 a 2020.

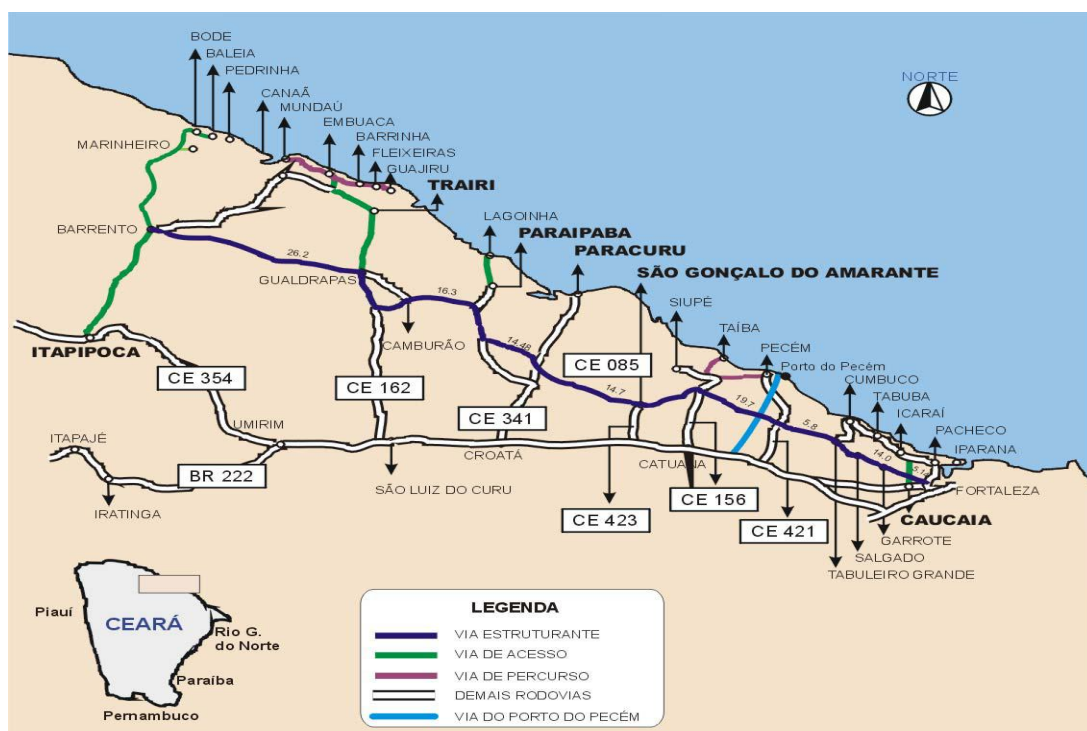
eleito como meta prioritária, pois foi considerado um grande potencial para o desenvolvimento econômico, social e cultural do estado. Entretanto, o incentivo ao turismo já era contemplado nas políticas governamentais desde o ano de 1989, quando foi criado o Programa de Desenvolvimento do Turismo do Litoral do Ceará (PRODETURIS-CE), o qual se voltava para o ordenamento do espaço litorâneo cearense. Para efeito deste trabalho, o litoral cearense foi dividido em quatro regiões: I – Região metropolitana de Fortaleza; II – Caucaia, São Gonçalo do Amarante, Paracuru, Paraipaba, Trairi e Itapipoca; III – Aquiraz, Cascavel, Beberibe, Aracati, Icapuí, Pindoretama e Fortim; IV – Amontada, Itarema, Acaraú, Cruz, Camocim, Barroquinha, Chaval, Granja e Jijoca de Jericoacoara.

As quatro regiões foram incluídas no PRODETUR-NE, sendo que a realização do projeto de desenvolvimento do turismo não aconteceu ao mesmo tempo em todos estes municípios, sendo unicamente a segunda região a ser contemplada na primeira fase do PRODETUR. Dessa forma, o município de Trairi, considerando as praias de Mundaú, Flecheiras e Guajiru, foi contemplado pelo investimento.

É nesse período de investimentos no potencial turístico do Ceará que o aeroporto Pinto Martins, em Fortaleza, passou por algumas reformas e no ano de 1997 foi classificado como internacional e, ainda no final desta mesma década, foram construídas as estradas que deram acesso ao litoral Leste e Oeste. É através da estrada estruturante, mais conhecida como a Rota do Sol Poente, que se tem acesso às praias do litoral Oeste. Verifica-se, dessa forma, um leque de intervenções para a melhoria da infraestrutura no estado, em se tratando do aeroporto, de rodoviárias e de rodovias, tudo para facilitar as mobilidades, principalmente, das regiões beneficiadas com o PRODETUR-NE.

O mapa a seguir contextualiza o litoral Oeste do estado do Ceará a partir de Fortaleza, destacando os municípios que foram beneficiados pelo PRODETUR-NE, no que diz respeito à região II.

Mapa 1 - Mapa de rodovias do PRODETUR/CE I



Fonte: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/>

Outro aspecto tão importante quanto os citados anteriormente e que está diretamente ligado às mudanças e à construção do fenômeno do turismo no estado do Ceará, é a transformação da imagem do Nordeste que passa de lugar da seca e da pobreza para ser considerado uma região do sol e da praia. Dimensão muito bem ressaltada por Almeida (2004), ao fazer uma discussão sobre como as regiões, em nome do desenvolvimento, podem tornar-se "turistificáveis":

O Nordeste é um caso emblemático desta situação. De uma região conhecida no cenário nacional pela seca, miséria e flagelados, as ações de políticas revalorizaram elementos da natureza até então negligenciados como o sol e a praia mudando sua imagem para região turística em ascensão. Ou seja, pode ocorrer de um espaço qualquer ser planejado, institucionalizado enquanto lugar turístico. Iniciativas públicas e privadas unem-se e criam territórios privilegiados, selecionados como tal pela excepcionalidade de seus recursos naturais. (*Ibidem*, p.1).

Diante desse cenário, durante a década de 1990, o Ceará foi se consolidando como destino turístico, sendo Fortaleza a porta de entrada e por onde toda a estrutura para o turismo começou a atuar. Assim, foram visíveis as transformações que marcaram algumas localidades com a chegada do turismo, destacando-se o "turismo de veraneio" ou "segunda residência", que no seu início foi mais intenso nas localidades litorâneas que eram próximas da capital do estado, as consideradas Regiões Metropolitanas. As praias de Icaraí e Cumbuco, no município de Caucaia, e as praias de Iguape e Prainha, no município de Aquiraz, são exemplos de localidades que foram rapidamente tomadas por esse tipo de turismo, no qual a demanda era tanto da população interna do Estado como externa. Entretanto, nos últimos anos, devido também à saturação do turismo nessas regiões e à busca por lugares mais tranquilos, verificou-se que essa prática do "turismo de veraneio" ou "segunda residência" se estendeu também para municípios não metropolitanos, incluindo Trairi, um dos que mais cresceu.

Conforme afirma Assis (2012), em sua recente tese defendida na área de Geografia da USP, sobre turismo de segunda residência em uma localidade litorânea do estado do Ceará:

[...] É no litoral onde esse crescimento das segundas residências tem maior expressão. A soma dos dados dos 21 municípios litorâneos revela que, entre os censos de 1991 e 2010, o total desses domicílios quase triplicou, saltou de 18.460 para 48.954 unidades. [...] Outros municípios não metropolitanos, como **Trairi** (no litoral Oeste) e Cascavel (no litoral Leste) foram os que apresentaram maiores taxas de crescimento anual das residências secundárias nas últimas décadas. (*Ibidem*, p.88, grifo nosso).

Segundo este pesquisador, tem aumentado o investimento de turistas estrangeiros que adquirem a segunda residência no Nordeste e que se dividem, basicamente, em dois perfis: o primeiro formado por turistas estrangeiros aposentados, que adquirem um imóvel em condomínios para passar temporadas de até seis meses – destacando que muitos ultrapassam este período de estadia, caracterizando-se como imigrantes; e o segundo formado por casais mais jovens que compram imóveis menores com o objetivo de passar férias, alugando-os nos períodos que estão ausentes.

Conforme os dados apresentados na imagem abaixo, junto ao fluxo interno de turistas no Ceará, verifica-se também o grande número de estrangeiros. Ao considerar o último ano analisado, 2010, é possível desenvolver uma classificação dos cinco primeiros países e constatar um maior fluxo de italianos (1°), portugueses (2°), alemães (3°), franceses (4°) e espanhóis (5°):

Figura 1 – Adaptação a partir do mapa de indicadores da SETUR-CE

Principais mercados emissores para o Ceará via Fortaleza: 2006/11														
Países	Resultados Alcançados										Metas		Variações(%)	
	2006	%	2007	%	2008	%	2009	%	2010	%	2011	%	2010/06	2011/10
NACIONAIS	1794369	100,00	1.838.839	100,00	1.956.285	100,00	2.296.898	100,00	2.472.299	100,00	2.828.489	100,00	37,8	9,3
Norte	190.203	10,60	172.034	9,40	185.847	9,50	179.646	7,96	234.898	9,50	262.846	10,00	23,5	11,9
Nordeste	682.122	38,00	671.624	36,70	721.869	36,90	776.585	34,41	912.278	36,90	944.142	38,92	37,8	3,5
Centro-Oeste	145.344	8,10	177.514	9,70	187.803	9,60	237.647	10,53	237.341	9,60	258.993	9,85	63,3	9,1
Sudeste	687.243	38,30	717.375	39,20	772.733	39,50	941.787	41,73	976.588	39,50	1.028.241	39,50	42,1	6,3
Sul	109.457	6,10	91.502	5,00	88.033	4,50	121.193	5,37	111.253	4,50	124.326	4,73	1,6	11,8
INTERNACIONAL	268.124	100,00	249.591	100,00	222.110	100,00	209.653	100,00	218.430	100,00	220.090	100,00	-18,2	0,3
3° Alemanha	10.081	3,76	11.255	4,51	11.905	5,18	11.321	5,40	14.943	6,81	14.620	6,60	48,2	-2,8
Argentina	13.566	5,22	3.519	1,41	2.710	1,22	1.782	0,85	2.875	1,31	3.590	1,45	-78,5	11,0
Austria	2.189	0,82	4.317	1,73	2.332	1,05	2.087	1,00	1.895	0,85	2.260	1,00	-15,2	18,0
Belgica	2.949	1,10	2.570	1,03	2.421	1,09	2.579	1,23	1.470	0,67	1.684	0,72	-50,2	7,7
Cabo Verde	6.515	2,43	12.827	5,14	8.773	3,95	6.489	3,10	5.815	2,65	5.896	2,68	-10,8	1,4
Canada	466	0,17	1.422	0,57	800	0,36	2.159	1,03	2.523	1,15	2.596	1,18	453,6	2,6
5° Espanha	17.535	6,54	9.233	3,70	10.150	4,57	9.896	4,72	10.774	4,91	15.864	7,12	-38,6	45,4
EUA	5.094	1,90	6.214	2,49	4.864	2,19	14.361	6,85	10.511	4,79	4.862	2,21	106,3	-63,7
1° Itália	81.574	22,89	55.149	22,50	59.570	26,82	58.535	27,92	56.415	25,71	58.586	26,83	-8,1	3,8
4° França	16.329	6,09	11.904	4,77	18.480	8,32	17.359	8,28	14.000	6,38	16.984	7,72	-14,3	21,3
Finlândia	7.507	2,80	13.101	5,25	4.775	2,15	4.927	2,35	4.279	1,95	4.356	1,98	-43,0	1,8
Holanda	19.707	7,35	15.572	6,24	13.563	6,12	10.483	5,00	9.523	4,34	2.442	1,11	-51,7	-74,4
Inglaterra	3.459	1,29	6.164	2,47	8.063	3,63	4.067	1,94	2.150	0,98	2.838	1,29	-37,8	32,0
Noruega	5.362	2,00	5.894	2,35	6.574	2,96	6.891	3,33	4.345	1,98	4.664	2,12	-18,0	7,3
Polónia	6.918	2,58	7.536	3,02	8.129	3,66	4.277	2,04	2.436	1,11	2.588	1,14	-64,8	3,0
2° Portugal	53.625	20,00	39.479	15,82	29.718	13,38	29.268	13,96	39.783	16,13	44.286	20,13	-25,8	11,3
Suiça	13.245	4,94	16.021	6,42	10.306	4,64	9.791	4,67	9.523	4,34	10.472	4,78	-28,1	10,0
Outros	21.772	8,12	26.402	10,58	19.346	8,71	13.271	6,33	26.200	11,94	22.352	10,16	20,3	-14,7
Total	2.662.493	100,00	2.078.593	100,00	2.178.395	100,00	2.496.511	100,00	2.691.729	100,00	2.848.489	100,00	30,5	5,8
Índice(1995=100)	270,7	-	273,8	-	286,0	-	323,8	-	353,3	-	373,9	-	30,5	5,8
Var Anual(%)	4,8	-	0,8	-	5,6	-	18,6	-	29,4	-	30,8	-	-	-

Fonte: SETURICE
Obs: 2010 e 2011 (dados preliminares)
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Turismo

Fonte: <http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/estudos-e-pesquisas/Indicadores%202012.pdf>

Na localidade de Flecheiras é possível perceber que existe um maior fluxo de portugueses, italianos e espanhóis, seja como turistas ou como empresários com investimentos em negócios, como pousadas, restaurantes e, principalmente, casas de veraneio, onde passam grandes temporadas, caracterizando-se como uma segunda residência.

Para esse fenômeno da chegada dos estrangeiros com o objetivo de realizar investimentos no litoral, alguns autores chegaram a denominar de “neocolonialismo”. Para Almeida (2004),

o turismo tem se revelado como uma forma de exploração planejada, uma estratégia de ampliação da apropriação de recursos dos países industrializados nos países em desenvolvimento, mas ainda rico em ecossistemas naturais de interesse turístico. (ALMEIDA, 2004, p. 2).

O quadro abaixo dá uma ideia do fluxo de turistas no Ceará, nacional e internacional, destacando seu crescimento desde o início deste século, observando que a movimentação é maior nos municípios do interior do estado do que na capital:

Figura 2 – Movimentação do turismo no Ceará

Movimentação turística no Ceará: 2000/11					
Anos	Movimentação Turística				
	Capital	(%)	Interior	(%)	Total
2000	1.507.914	22,3	5.239.917	77,7	6.747.831
2001	1.631.072	25,5	4.755.188	74,5	6.386.260
2002	1.629.422	25,0	4.879.847	75,0	6.509.269
2003	1.550.857	22,7	5.266.687	77,3	6.817.544
2004	1.784.354	23,4	5.826.275	76,6	7.610.629
2005	1.968.856	23,7	6.340.241	76,3	8.309.097
2006	2.062.493	22,5	7.103.255	77,5	9.165.748
2007	2.079.590	21,4	7.639.328	78,6	9.718.918
2008	2.178.395	21,4	8.003.224	78,6	10.181.619
2009	2.466.511	21,5	8.979.520	78,5	11.446.031
2010	2.691.729	21,2	10.008.271	78,8	12.700.000

Fonte: SETUR/CE

Obs: a) Total de 82 municípios turísticos e b) movimentação turística envolve os fluxos de origem nacional, internacional e intraestadual.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Turismo

Fonte: <http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/arquivos-do-estudos-e-pesquisas/Indicadores>

Para compreender o fenômeno da valorização do turismo litorâneo é importante que se perceba o litoral e, mais precisamente, o mar como elemento da natureza carregado de significados sociais e culturais. Sendo assim, o turismo deve ser compreendido a partir da história das sociedades e das construções sociais em torno do uso deste elemento da natureza³⁵. No Ceará, o que tem surpreendido é que alguns visitantes (nacionais e internacionais) não estão somente de passagem, eles têm fixado

³⁵ Em um trabalho de pesquisa durante quatro anos nos arquivos da Biblioteca Nacional de Paris, permitiu que Corbin (1989) analisasse o período de 1750 a 1840 no que diz respeito à relação dos europeus com o mar. Ele afirma que estes percebiam o mar como um lugar propício a banhos, tratamentos medicinais e viagens de lazer.

residência no estado, seja simplesmente para morar, seja para investir economicamente em algum negócio lucrativo. Deste modo, diferentes classes sociais e práticas culturais começam a conviver e a interagir com esse espaço de formas distintas.

Se na cultura brasileira a praia era mais comumente conhecida como um lugar destinado à morada de pescadores, pelo acesso mais fácil que tinham ao seu ambiente de trabalho, agora, em muitas realidades, são as classes médias e altas que ocupam a maior parte destes lugares. As pequenas casas de taipa dos pescadores deram lugar a grandes mansões, hotéis e *resorts*. São essas classes sociais que estão na margem da praia, de frente para o mar, utilizando esse espaço geralmente para descanso, lazer, contemplação da natureza e diversão em suas casas de veraneio, ou utilizando dos serviços oferecidos pelas redes hoteleiras e restaurantes.

O processo de "litoralização" não acontece tranquilamente e varia de acordo com cada realidade, pois em alguns lugares a especulação imobiliária e a inserção de outros atores sociais não são aceitas passivamente, uma vez que isso implica mudanças significativas na organização do espaço, no meio ambiente, na cultura e na economia. O turismo geralmente tem o seu caráter positivo quanto ao aumento das possibilidades de trabalho, mas também pode tornar-se uma atividade predatória, gerando muitos problemas, como a prostituição, o aumento do uso de drogas ilícitas, as desigualdades sociais, a super valorização do solo, dos imóveis, dentre outros, dificultando muitas vezes a própria permanência dos nativos na região.

Dessa forma, alguns municípios que ainda não foram tomados por essa atividade tentam se organizar e evitar a chegada de grandes investidores e de um turismo de massa e predatório. Mediante esse fenômeno, muitos conflitos entre grandes empresas imobiliárias e pescadores já têm ocorrido no litoral cearense, a exemplo da praia do Batoque e do Canto Verde, localizadas no município de Beberibe, litoral Leste do Ceará. São localidades que têm resistido à especulação imobiliária, aos grandes investimentos em troca do desenvolvimento de um turismo comunitário e sustentável cuja base está na própria organização dos moradores e no cuidado com o meio ambiente. Eles defendem isso como uma prática possibilitadora de mais geração de renda para a própria comunidade, o que também não ocorre sem divergências de interesses entre moradores, pois existem aqueles que acreditam que o turismo de massa traria mais oportunidades de trabalho para a região.

Nesse sentido, o trabalho e apoio de ONGs, a exemplo do Instituto Terramar³⁶, e Universidades, como a Federal e a Estadual do Ceará, têm sido fundamental para o fortalecimento, orientação e reestruturação e/ou constituição das associações dos pescadores e moradores dessas comunidades³⁷, no intuito de defenderem suas terras das grandes especulações imobiliárias e possibilitar um planejamento de um turismo comunitário e sustentável. Em 2001 foi criada a Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM), no Ceará, com apoio do Instituto Terramar e da Associação Tremembé (Itália). A ação do grupo compreende a organização de algumas localidades que querem realizar um turismo comunitário, com ênfase em uma prática que garanta a sustentabilidade, com base em um respeito e valorização dos modos de vida locais, defendem uma prática diferente do turismo convencional. Esta rede atua:

[No] Processo de formação de sujeitos na perspectiva de empoderamento das lideranças comunitárias e de desenvolvimento de habilidades e competências voltadas para o desenvolvimento do turismo; melhoria das infraestruturas turísticas; melhoria das infraestruturas básicas; construção de estratégia de marketing e promoções dos produtos e serviços turísticos comunitários; relação com organizadores e operadores de viagens e a comercialização do turismo comunitário e solidário; articulação e trocas com outras redes

³⁶ O Instituto Terramar, fundado em 1993, se designa como uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua na Zona Costeira do Ceará, visando o desenvolvimento humano com justiça socioambiental, cidadania, participação política, autonomia dos grupos organizados e fortalecimento da identidade cultural dos Povos do Mar do Ceará. Esse instituto tem realizado vários projetos educativos na localidade de Flecheiras, visando o fortalecimento de lideranças e a prevenção das consequências negativas que o turismo pode trazer, como uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis e prostituição infanto-juvenil.

³⁷ Neste século já foram realizados alguns encontros para discutir e encaminhar uma agenda de atuação para a melhoria da situação dos moradores das zonas litorâneas. Os primeiros foram denominados Encontro Cultural dos Povos do Mar do Ceará, realizados duas vezes, sendo o último em 2005, no Centro Cultural Dragão do Mar, contou com a participação de vários setores da sociedade, desde as comunidades litorâneas, a partir do Fórum dos Pescadores e Pescadoras do Litoral Cearense (FPPLC) e o Fórum de Defesa da Zona Costeira do Ceará (FDZCC), como representantes das universidades e Organizações Não Governamentais. Nos últimos anos aconteceram encontros que se denominam de Encontro SESC Povos do Mar, que acontecem na praia de Iparana, em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. O último foi em Agosto de 2012, com a participação de oitenta e seis comunidades pesqueiras, etnias indígenas, quilombolas, mestres(as) da cultura, pesquisadores e organizações não governamentais. Estes compreendem os mesmos objetivos dos encontros anteriores, compartilhar as diversas experiências dessas localidades litorâneas, bem como discutir os diferentes problemas e pensar estratégias para lidar com as mudanças advindas principalmente do turismo.

fatores, inclusive, de como foi se dando o processo de transformação, ou seja, como o turismo chegou e se desenvolveu, quais os interesses envolvidos e quais atores (ONGs, associações locais, movimentos sociais, universidades, etc.) puderam se constituir no movimento de mudança. É importante ressaltar que as intervenções e as mudanças estão situadas num campo de conflitos com muitos interesses; empreendimentos imobiliários, turísticos, políticos, movimentos sociais, intelectuais, ambientalistas, etc.

A intensificação do turismo gerou necessidades de articulação e de parceria entre a iniciativa privada, que detém o domínio do oferecimento desse serviço, e os órgãos públicos, bem como da participação das instituições promotoras do conhecimento, como as universidades. Estas se abrem para as parcerias no intuito de produzir conhecimento em busca de compreender o turismo enquanto fenômeno social e contribuir para amenizar e tentar mediar e/ou solucionar "efeitos" negativos próprios desse processo, como os socioespaciais e socioambientais.

Atualmente, diante das publicações, pode-se dizer que as Ciências Sociais têm ampliado seu olhar para esse fenômeno e essas publicações, segundo Barretto (2003), priorizaram o olhar para os impactos na cultura, os processos de aculturação e a questão da autenticidade, tanto no Brasil quanto no exterior, deixando de dar maior importância para outros aspectos, como: "alteridade, constituição da diferença, relações de gênero, relações interétnicas no trabalho, modos de produção e representações sociais, por exemplo" (*Ibidem*, p. 20). Para a autora, estes temas são importantes nas Ciências Sociais, e poderia se encontrar no turismo um rico campo de pesquisa. Concordo com a pesquisadora, pois muitos são os trabalhos que tratam do "impacto" sofrido na relação entre visitante/visitado, destacando mais os aspectos negativos desse processo, onde o lugar de destino é sempre vítima de degradação ambiental e social em detrimento das várias possibilidades investigativas que se manifestam nas experiências de trocas produzidas nas localidades receptoras.

Em trabalhos mais recentes, alguns antropólogos que pensam sobre o turismo – como Banducci (2001), Graburn (2009), dentre outros – têm refletido sobre esse processo, mas não generalizando os efeitos da relação, e sim o relativizando, sobretudo porque isso varia de acordo com cada dinâmica social, cultural e econômica, em relação ao modo como foi se constituindo esse fenômeno em cada expressão local.

Os estudos sobre turismo na antropologia brasileira na década de 1990, de acordo com Banducci (2001):

Ainda que preocupados em enfocar os efeitos da atividade sobre pequenas comunidades locais, sobretudo de pescadores do litoral, os trabalhos demonstram estar nutridos da crítica aos enfoques de caráter "maniqueísta" que caracterizam as primeiras abordagens antropológicas sobre o turismo internacional. (BANDUCCI, 2001, p.43).

Vale ressaltar que nem toda relação que se estabelece em uma experiência de turismo é unilateral e negativa para a localidade receptora, mas sim que ambos os envolvidos podem ser ativos nesse processo e constituir uma configuração menos assimétrica concernentes a alguns aspectos. Não se pode também generalizar e afirmar que as mudanças ocorridas nas localidades receptoras são especificamente relativas ao fenômeno do turismo, principalmente em se tratando de contextos contemporâneos de globalização e do advento das tecnologias da comunicação, bem como das mudanças socioeconômicas e políticas de cada sociedade. É desta perspectiva de interpretação antropológica do turismo, comentada anteriormente, que me aproximo para refletir sobre a localidade em estudo. No sentido de que esse olhar crítico contribui para relativizar este fenômeno e seus efeitos na localidade pesquisada, tendo como foco de estudo as manifestações dos jovens locais diante das mudanças, uma vez que são sujeitos ativos do processo.

3.3 Flecheiras e o processo de mudanças

A inserção do turismo no município de Trairi provocou significativas mudanças socioeconômicas e de infraestrutura em várias localidades, principalmente das que foram consideradas potenciais turísticas, como no caso de Guajiru, Flecheiras e Mundaú. Acrescento também a praia de Emboaca, localizada entre Flecheiras e Mundaú, que não foi incluída nos investimentos do PRODETUR, como as demais, caracterizando-se mais como um lugar de passagem. Entretanto, nos últimos anos, essa

pequena localidade tem atraído uma certa movimentação, principalmente, de moradores das redondezas e da capital, identificando-se o aumento das casas de veraneio e do comércio local, entre mercearias, bares e pequenos restaurantes que são abertos durante o dia para atender aos banhistas. A praia em questão é considerada aquela que apresenta menos infraestrutura, praticamente sem opção para hospedagem, recorrendo-se à opção do aluguel nas casas dos moradores. A estrutura física da pequena localidade não oferece condições de crescimento, pois a extensão entre a área de praia e as dunas é muito pequena. Algumas residências já estão sendo construídas sobre as dunas.

O município de Trairi já tem uma valorização significativa no que diz respeito ao turismo do Ceará, pois está em décimo lugar segundo os indicadores da secretaria de turismo do estado, considerando os principais municípios visitados desse estado, com base nos indicadores do ano de 2010.

Figura 3 – Principais municípios visitados pelos turistas no Ceará

Discriminação	Percentual na Demanda (%)		Turistas	Permanência (Dias)
	Interior	Total		
1 Caucaia	16,43	10,73	307.717	5,7
2 Aquiraz	15,47	10,10	289.736	6,6
3 Beberibe	12,98	8,48	243.256	4,8
4 Aracati	12,82	8,37	240.202	5,4
5 Jijoca Jericoacoara	7,70	5,03	144.189	6,8
6 Paraipaba	3,59	2,34	67.175	6,5
7 São Gonçalo Amarante	2,66	1,74	49.873	10,4
8 Casocavel	1,54	1,01	28.838	11,2
9 Paracuru	1,50	0,98	28.159	9,1
10 Trairi	1,41	0,92	26.463	7,6
11 Sobral	1,41	0,92	26.463	5,1
12 Sede	1,12	0,73	21.035	7,0
13 Canindé	1,05	0,69	19.678	6,2
14 Guaramiranga	1,00	0,65	18.660	7,3
15 Maranguape	0,94	0,61	17.642	19,5
16 Juazeiro	0,87	0,57	16.285	5,9
17 Camocim	0,76	0,50	14.249	11,9
18 Icapui	0,67	0,44	12.553	9,4
19 Maracanaú	0,67	0,44	12.553	7,4
20 Itapipoca	0,60	0,39	11.196	11,8
Subtotal	85,2	55,6	1.595.921	8,3
Outras localidades	14,8	14,0	277.522	-
Total Interiorização	100,0	69,6	1.873.443	8,9

Fonte: SETUR/CE (2010).

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Turismo

Fonte: <http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/estudos-e-pesquisas/Indicadores%202012.pdf>

O distrito de Flecheiras tem se destacado no município de Trairi como umas das praias mais visitadas. De acordo com uma pesquisa que foi realizada recentemente pela secretaria de turismo do Ceará, Flecheiras aparece como uma das dez praias mais visitadas do estado. A figura a seguir ilustra essa informação:

Figura 4 – Praias mais visitadas do Ceará



Fonte: <http://www.tribunadoceara.com.br/noticias/listas/10-praias-mais-visitadas-do-ceara/>

Entretanto, a valorização turística dessa localidade no âmbito do estado, é mais recente. O processo de mudanças teve início mais precisamente no final da década de 1980 e veio se intensificar mais nesse século. Assim, conhecida como uma comunidade pesqueira e calma, atualmente Flecheiras tem sido considerada também como um destino turístico, destacando-se também por suas belezas naturais e pela infraestrutura no atendimento ao turista. Dessa forma, ela é geralmente destacada nos meios publicitários:

O lugar é o principal ponto de agito de Trairi, concentrando a maioria das opções de hospedagem, bares e restaurantes. Além das águas cristalinas do mar, podem ser encontradas belíssimas lagoas azuis entre dunas e coqueiros. Vale a pena ainda fazer um passeio de jangada no mar e de buggy nas dunas. (Portal guia da semana, 2012).

Tornou-se nacional e internacionalmente conhecida por suas belezas paisagísticas, principalmente, após a realização da quarta edição, em 2009, do *reality show* "No limite", produzido pela Rede Globo de televisão, que divulgou a imagem do

lugar como o "paraíso perdido"³⁸. Esta prática já vem se reproduzindo desde a década de 1990, se considerarmos as telenovelas globais que foram filmadas em praias cearenses, como, por exemplo, “Tropicaliente”, de 1994, e “Meu bem querer”, de 1998. Ambas ajudaram a criar uma imagem do litoral cearense como terra do sol e de paisagem paradisíaca exatamente no momento de abertura e incentivo do governo do estado para o turismo.

Essa questão da representação e da publicização de localidades litorâneas como "paraíso" é interessante quando nos propomos a pensar nas novas representações do litoral, principalmente, em dinâmica de turismo. Ultimamente, muitos são os lugares que são denominados como paraíso. Em Flecheiras algumas frases ficaram emblemáticas: "Até então vender um lugar no paraíso era pecado"³⁹; "Não é exagero de chamar a praia de pequeno paraíso perdido"⁴⁰; "A praia é um pedacinho do paraíso"⁴¹. Tais afirmações já estão naturalizadas nos vários tipos de mídias e têm sido reproduzidas, tanto pelos viajantes/turistas como por alguns moradores das localidades que levam este adjetivo. Sob o ponto de vista crítico, diríamos que o termo ao ser utilizado pela mídia não passaria de uma estratégia publicitária, mas, ao observar a reprodução das afirmações no cotidiano das pessoas, surge o questionamento: qual significado teria o termo *paraíso* ao ser associado ao seu habitat⁴²?

Interessante perceber que muitos jovens estão reproduzindo esse discurso – afirmam que vivem em um paraíso – é bem comum ver esse texto nas redes sociais e nas suas falas. Para exemplificar essa representação, trazemos uma foto postada via *facebook*:

³⁸ A equipe esteve presente no município de Trairi por aproximadamente dois meses e meio. Não foi possível fazer pesquisa de campo nesse período, mas, posteriormente, os comentários sobre os artistas globais que frequentaram o local, como Zeca Camargo, Ana Maria Braga, ainda eram fortes.

³⁹ Texto retirado de uma placa de propaganda de um condomínio fechado, durante o ano de 2010. A placa estava fixada na entrada do distrito.

⁴⁰ Texto retirado de um artigo sobre turismo em Trairi, publicado no jornal Diário do Nordeste em agosto de 2009.

⁴¹ Referência vista em um blog sobre turismo, publicado em 5 de janeiro de 2010.

⁴² O termo ‘paraíso’ é bastante usado no cotidiano e me parece que está sempre querendo designar algo positivo, no sentido de que possa ser bom, belo, que inspire tranquilidade, algo oposto aos conflitos, as dificuldades e a desarmonia.

Fotografia 12 – Propaganda de Flecheiras como Paraíso



Fonte: Facebook, em 2012

Consideramos importante esta representação sobre Flecheiras e como isso está associado à melhora nas condições de vida, passando uma imagem "positiva" quanto ao viver nessa localidade, diferentemente de outras épocas em que as condições de vida eram mais difíceis, como alguns moradores recordam. As mudanças relacionadas à melhor condição de vida implicam, dentre outros fatores, na mobilidade destas pessoas, entre permanecer e sair da localidade, diferente de décadas anteriores.

Recordo de alguns discursos que expressavam a negatividade de se viver em Flecheiras, destacando a falta do que fazer, as limitadas possibilidades de trabalho, um lugar "atrasado" e "parado", onde as pessoas de poucas condições financeiras não possuíam perspectivas de "melhorar de vida", onde essa oportunidade só parecia existir para aqueles que mantinham um pequeno comércio ou eram os patrões no trabalho com a pesca. Esses foram discursos que marcaram um momento, hoje relativizado, contexto em que vários aspectos positivos são mobilizados nos discursos sobre viver em Flecheiras, o que parece moderar o fluxo de saída.

Diante desse cenário de abertura para o turismo e a construção simbólica da valorização do "viver em Flecheiras", a população foi crescendo e atraindo pessoas com interesses diversos: investidores no ramo da hotelaria, veranistas, turistas, estrangeiros que decidem morar na localidade em busca, principalmente, de paz e tranquilidade e de pessoas dos municípios vizinhos que também vieram residir, mas, diferentemente, dos primeiros, estão em busca de trabalho. Este rearranjo incide em um movimento migratório nesse pequeno distrito. Contexto que configura novas relações sociais, caracterizando-se pelas assimetrias de poder e de condição social.

Dessa maneira, a inserção do turismo provocou significativas mudanças socioeconômicas. As possibilidades de trabalho se ampliaram com a chegada do turismo, são hotéis, pousadas, casas de veraneio, condomínios fechados, restaurantes, bares e o aumento significativo do comércio, principalmente, mercearias, supermercados, pequenas lojas de roupas e artesanatos; bem como no ramo da construção civil (com o crescimento dos depósitos de material de construção, acompanhado da necessidade de mão de obra).

As mudanças citadas foram observadas também por pesquisadores da área da Geografia, que, nas décadas de 1990 e 2000, já haviam chamado a atenção para a rapidez e dinamicidade das transformações advindas do fenômeno do turismo. Coriolano (1998), que realizou uma pesquisa sobre o desenvolvimento do turismo em Flecheiras e Guajiru, entre os anos de 1997 e 1998, já considerava Flecheiras como uma localidade receptora de turistas. Dez anos depois, Nascimento (2008), ao realizar uma pesquisa sobre os arranjos produtivos locais do turismo, ressaltou o curto período de mudanças, destacando que no intervalo de dez anos a localidade experimentou reorganização socioterritorial expressiva, principalmente, no perfil das atividades econômicas.

3.4 A organização dos grupos locais

Em comparação com outros lugares que sofrem com os "efeitos" do turismo desordenado, Flecheiras vem se caracterizando como uma localidade que tenta se organizar para pensar as melhores formas de lidar com a inserção do turismo, de

forma que seus "efeitos" não impliquem em grandes problemas ambientais e sociais para a região.

Diferente de outras experiências que iniciaram uma "luta" contra o turismo de massa e, conseqüentemente, contra a especulação imobiliária, privilegiando a organização da própria comunidade dentro da perspectiva do que se entende como turismo comunitário, em Flecheiras o processo foi outro. Os elementos do turismo foram chegando aos poucos, como o primeiro hotel – *Solar das Flecheiras* –, ainda na década de 1980⁴³, na mesma década iniciaram-se os investimentos em pousadas e a construção de casas de veraneio. Mas esses processos tornaram-se mais intensos ao final da década de 1990 e no decorrer da década passada. Assim, os loteamentos e a especulação imobiliária são considerados como gerador de impactos ambientais e alguns conflitos sociais.

Nesse sentido, mesmo com os "efeitos" negativos desse processo, o turismo foi considerado como uma forma de desenvolvimento e diminuição do desemprego na região. Entretanto, diante das conseqüências da rapidez do seu crescimento neste século, a localidade tem fortalecido a sua organização, a partir da associação comunitária, em defesa de um "turismo sustentável", ou seja, tentar controlar um pouco essa situação, discutindo sobre que tipo de turismo se deseja para a localidade. Para tanto, tem recebido o apoio de vários setores da sociedade, como organizações não governamentais e universidades, na parceria também com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para a qualificação do trabalhador, na ideia de que a localidade possa suprir às demandas de trabalho advindas com o turismo.

Alguns moradores de Flecheiras, de acordo com os seus interesses, organizam-se em associações⁴⁴. A Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras (ADCF) foi a primeira a ser criada nessa localidade, em 1989, seguindo a

⁴³ Muitas vezes este hotel foi referenciado como o primeiro hotel de praia do estado, sendo por muito tempo o único local estruturado para receber turistas nesse local. Entretanto, este hotel não faz mais parte da lista de hospedagens da localidade, desde 2011. Devido a um conflito entre os sócios que corre na justiça, ele entrou em processo de demolição, o que não foi concluído e já se estende por mais de dois anos. Assim, chegar em Flecheiras é visualizar logo na entrada parte dos escombros dessa estrutura no chão e outra parte ainda levantada. Esse fato foi noticiado na televisão e em todos os jornais do estado.

⁴⁴ Associações existentes: Associação de Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras (ADCF); Associação dos Moradores de Barreiro (AMB); Associação de Produtores de Algas de Flecheiras e Guajiru (APAFG); Associação dos Amigos de Flecheiras (AMA); e Associação de Pousadas e Hotéis de Trairi (Ahtra).

iniciativa de Guajiru, praia vizinha que constituiu a sua associação no ano anterior. Foi essa organização específica que possibilitou inicialmente lidar com as primeiras ameaças de construções irregulares que prejudicariam o meio ambiente, demandando posteriormente o apoio de outros setores da sociedade.

O Instituto Terramar tem uma história de forte atuação nesse litoral. Começou a desenvolver seu trabalho por volta do início da década passada, iniciando com uma contribuição voltada para a preservação do meio ambiente, com o projeto “Algas Cultivando Sustentabilidade”. No seu desenvolvimento teve o apoio da Universidade Federal do Ceará e Núcleo de Educação Ambiental (NEA) do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis (IBAMA). A partir dessa aproximação, interessou-se em ampliar a atuação, desenvolvendo uma relação com as escolas, no intuito de realizar projetos educativos voltados para crianças e jovens, pela mediação do professor. Inicia com o projeto "Criança Construindo", em 2004, trabalhando diretamente com a formação de professores, na ideia de uma educação diferenciada, no sentido de que eles pudessem trabalhar nas escolas a cultura local. Esse projeto se transformou em um mais amplo, denominado “Vida e Litoral”.

A inserção nas escolas possibilitou aos mediadores do Instituto conhecer as potencialidades artísticas dos jovens, suas manifestações em momentos de teatros e danças, o que contribuiu para a criação, juntamente com os jovens e as escolas, de um Ponto de Cultura, denominado “Abrindo Velas, Pescando Cultura”. Desde 2005, atuam mais diretamente incentivando a dança e o teatro, além de contribuir com os projetos educativos desenvolvidos na comunidade. Um dos representantes do Instituto Terramar, ressalta que a ideia de incentivar os jovens com esse Ponto de Cultura foi com o objetivo de sensibilizar e despertar um diálogo entre eles, no sentido de discutir direitos e deveres, aprender a lidar com os problemas de sua localidade. Dessa forma, alguns projetos realizados pelo Ponto de Cultura foram desenvolvidos junto às escolas de ensino fundamental e médio, no intuito de educar crianças e jovens para a preservação do meio ambiente, bem como prevenir quanto ao uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis e prostituição.

Nos últimos dias de pesquisa de campo, observei que existe uma grande preocupação em relação ao envolvimento dos jovens com o uso de drogas ilícitas, manifestada através dos relatos dos pais, dos próprios jovens, dos sermões da Igreja

Católica e do Instituto Terramar. Percebi que esses discursos são baseados em alguns casos isolados de jovens que são dependentes, desencadeando uma generalização de alguns discursos mais moralizantes dos pais e de líderes das igrejas locais. O tema referente ao uso de drogas, especialmente as ilícitas, apareceu quase como um tabu nas conversas que estabeleci com alguns jovens. O assunto não é comentado e, quando é citado, faz-se sempre para demonstrar receio ou dizer que são os outros jovens, os que moram em Barreiro, mas não os que vivem na parte mais central de Flecheiras. Entretanto, existe uma incidência do consumo de drogas ilícitas pelos jovens, porém, isso não acontece publicamente, é realizado de maneira mais reservada, sobretudo nos espaços afastados da praia no período da noite.

Dessa forma, jovens e adultos de Flecheiras apresentam um discurso recorrente em relação a um grupo de meninos de Barreiro. Este grupo de adolescentes (geralmente 4 ou 5 que andam juntos com uma idade média de 15 a 16 anos) apresenta atitudes e estilo de comportamento (jeito de andar, corte de cabelo, maneira de expressão) que são estigmatizados pela maioria da população local, vistos como causadores de brigas, usuários de drogas e praticantes de pequenos furtos. As práticas e discursos relativos a este tipo de manifestação de "violência" e de uma certa preocupação com a insegurança são vistos como novidade na localidade e a responsabilidade por essa sensação geralmente é associada à chegada do turismo e ao bairro de Barreiro, constituído nesse processo mais dinâmico de mudanças das duas últimas décadas.

Atualmente, são essas questões anteriores que preocupam os moradores da localidade. Mesmo que esta tente se organizar para lidar mais diretamente com as consequências ambientais e sociais do turismo, muitos problemas escapam ao processo educativo, como os conflitos sociais advindos das desigualdades econômicas e das diferenças culturais constituídas mais fortemente nessa contemporaneidade.

Percebo, de forma geral, que existe uma organização ativa nessa realidade e que isso vem contribuindo para pensar o turismo e seus efeitos – o que não seria possível sem a contribuição de outros setores da sociedade. De acordo com conversas e entrevistas com jovens participantes da associação, Ponto de Cultura e representantes do Instituto Terramar, é possível considerar que a participação dos jovens é bastante presente, mesmo que seja marcada pela rotatividade de alguns membros da

ADCF e do Ponto de Cultura, que pode apontar para algumas incompatibilidades entre as práticas coletivas e seus projetos individuais (estudo, cursos, trabalho), mas o que não significa um afastamento total dos projetos e ações coletivas.

3.5 As mudanças socioespaciais em Flecheiras

As mudanças socioespaciais acontecem, principalmente, diante da especulação imobiliária, momento em que o litoral é loteado e supervalorizado. Os terrenos são vendidos para a construção de hotéis, pousadas e casas de veraneio. Atualmente, tem se destacado a construção dessas casas dentro de condomínios fechados. Modelo que já é predominante na nova forma de morar de uma classe média e alta de Fortaleza e tem se expandido para as localidades em processo de "litoralização".

A especulação imobiliária, sobretudo na construção de casas de veraneio, fomentando o denominado turismo de segunda residência, gerou um deslocamento dos moradores da praia para áreas mais afastadas, a maioria, pescadores. Constituindo-se neste processo, o bairro de Barreiro, para o qual também chegam novos moradores em busca de trabalho, incidindo em uma reestruturação socioespacial.

Atualmente, Flecheiras caracteriza-se por sua diversidade sócio econômica e isso se expressa na organização da sua estrutura espacial. Quem chega à localidade consegue perceber que a Rua São Pedro, que permite o acesso à cidade, é marcada pelo predomínio do comércio (mercearias, padarias, pequenas lojas de roupas e acessórios e pousadas, em meio a casas residenciais) e as ruas mais próximas da praia, como a Rua da Praia, Rua do Pecado e a Rua Bela Vista, são marcadas pela presença de restaurantes, bares, pousadas, hotéis e casas de veraneio, também com a presença de residências de moradores nativos.

Muitas pessoas com uma melhor condição financeira e que já moravam nestas ruas mais centrais, beneficiaram-se com a atividade turística, pois foi possível investir em pequenos negócios. Já aqueles que não conseguiram se beneficiar por meio dessa atividade, por morarem em bons terrenos, "entregaram-se" à "onda" da especulação imobiliária, pois, diante das poucas condições financeiras, encontraram na

comercialização de seu terreno uma forma de melhorar as suas condições de vida. Isso no sentido de poder estruturar uma casa melhor e ajudar a sua família, ou mesmo investir o dinheiro em algum tipo de negócio, mesmo que afastado da área mais central, como é o caso da região do Barreiro, para onde muitos foram deslocados.

A área, quanto mais afastada da praia, menor valor possui. Assim, a Rua do Alto, mais conhecida também como Rua do Grupo, que fica paralela à Rua São Pedro, era até pouco tempo a menos valorizada, em relação aos antigos moradores não conseguirem se beneficiar com as ofertas de serviços para os turistas. Era uma das ruas em que existia o predomínio de casas de “taipas” e palhas até meados da década de 1990, como recorda uma antiga moradora: "Não sei se você lembra que aqui as casas eram todas de palha, o povo até chamava aqui de rua da palha, era palha nas paredes e na cobertura, algumas eram misturadas, com paredes de barro e outras de palha..." (Deusa, E-11/2010). Foi uma rua onde demorou chegar o calçamento, a iluminação, mas que hoje, já consegue, relativamente, se beneficiar da "onda" do turismo na cidade, seja com o aluguel de casas, venda de terrenos ou pequenos comércios.

Atualmente, as casas de taipa em Flecheiras são praticamente inexistentes. As que ainda permanecem se localizam predominantemente no bairro de Barreiro, que vem crescendo bastante nos últimos anos, principalmente, pelo processo da saída dos moradores tradicionais da praia para este bairro⁴⁵ e a chegada de novos moradores. Isto suscitou uma observação especial durante a pesquisa de campo, uma vez que é bastante referenciado, tanto no relato de jovens como de adultos, ressaltando aspectos que desvalorizam e depreciam, que são, de certa forma, "estigmatizantes" daqueles que lá residem.

Barreiro faz parte de Flecheiras, é uma área que tem se ampliado bastante nos últimos anos e localiza-se mais distante da praia. Antes essa área era apenas conhecida como Sobradinho. Aos poucos foi ocupada por novos moradores que chegavam a esse local ainda na década de 1990 e por pescadores que moravam na “beira da praia” e que, diante da especulação imobiliária, venderam seus terrenos e migraram para esse local. Isso é considerado um movimento constante nessa

⁴⁵ Esse processo de deslocamento que vem acontecendo em vários litorais do Brasil e tem criado o que alguns autores denominam do fenômeno da "favelização", consequência da saída dos moradores tradicionais da praia, como os pescadores, para áreas mais afastadas, e a chegada de outros moradores em busca de trabalho.

localidade. Mais recentemente, passaram a chegar de maneira mais intensa os migrantes em busca de novas oportunidades de trabalho e vindos das localidades vizinhas, assim como de outros municípios (principalmente do município de Itarema, da localidade de Almofala e de Itapipoca, mais especificamente dos Pracianos e da praia da Baleia). Segundo uma moradora da área, que trabalha como agente de saúde, em um levantamento que havia feito, no ano de 2010, somente em Barreiro havia em torno de trezentas e treze famílias, número que já havia aumentado em meados de 2011, quando sua entrevista foi registrada.

A título de ilustração, este pequeno mapa pode ajudar o leitor a ter noção da geografia de Flecheiras e das localizações de algumas ruas e espaços que fiz referência nesse capítulo. Outras indicações que estão no mapa, mas que ainda não foram citadas serão feitas nos próximos capítulos, como por exemplo, o antigo campo de futebol.

Figura 5 – Localização do centro de Flecheiras e bairro do Barreiro



Fonte: *software Google Earth.*

Barreiro tornou-se bastante procurado por pessoas com poucos recursos, os mais pobres, principalmente porque nesse lugar ainda era possível a compra de um terreno a baixo custo, ao se comparar com outras áreas mais valorizadas. Entretanto, nos últimos anos, o valor dos terrenos nessa área também tem aumentado consideravelmente, isso devido à procura, tendo em vista que existe uma grande valorização dos terrenos na beira mar e na área central e porque esta parece não ter mais para onde crescer. Nesse sentido, Barreiro ainda é uma opção mais acessível para a grande maioria.

Dessa maneira, a área foi crescendo sem muita assistência por parte da prefeitura. Até o primeiro semestre de 2011, nenhuma rua possuía calçamento, só no meio deste mesmo ano se deu início a esse processo, mas restringindo-se a uma pequena

parte da rua que dá acesso à "Barreiro de baixo" e pela ocasião da inauguração de uma creche, assim justificaram alguns moradores. A ocupação desse espaço tem se caracterizado pelas ruas abertas de forma desordenada e pequenos becos, com utilização, nas áreas mais afastadas, de energia clandestina (ou "gato", como é popularmente conhecida esta prática). Em outras décadas, Barreiro se restringia apenas ao lugar onde as mulheres iam lavar roupas na lagoa Maria de Barro e pegar água para beber no Sobradinho.

À medida que a lagoa secou, as pessoas foram ocupando esse espaço a partir do Sobradinho, como é chamado o lugar onde há um poço com bomba, de onde os moradores retiram a água para beber⁴⁶. Nesse sentido, trazemos um relato muito significativo que retrata o início da habitação nesse lugar, simbolizando as primeiras famílias que venderam seus terrenos na praia e seguiram para Barreiro ou, como era denominado nessa época, Sobradinho:

Assim, hoje quem mora mais lá em Flecheiras é turista. Toda a minha família vendeu lá e veio pra cá, porque assim, chega um português, um italiano..., os gringos chegam e te oferece um dinheiro, eles sabem que você nem está acostumado a ver [tanto dinheiro], aí pega e vende, e acha que vendendo lá, vai viver melhor aqui, mas não vive. Isso porque tem gente que pega o dinheiro e não sabe o que fazer. Faz muito tempo que minha família veio para cá, quando a gente chegou aqui só tinha a nossa casa e uma casinha pequenininha de palha, aí depois foi melhorando. Por exemplo, a gente investiu o dinheiro, a gente comprou terreno. Aqui foi meu pai quem me deu quando eu casei, ele também comprou um caminhão, porque ele trabalha com reciclagem, comprou outros terrenos. Meu pai morava bem perto da praia, mas ele não era pescador, era pedreiro. Na época, pra ele foi bom. Ele também deu terreno para meus irmãos. O dinheiro ajudou toda a família [...] Assim, porque quem vendeu lá e veio pra cá, a maioria era pescador, então era mais fácil pra eles lá, e morando aqui é mais difícil para se deslocar. (moradora do Barreiro de Baixo - Sobradinho - E-01/2010).

É importante ressaltar que tanto o denominado centro de Flecheiras como o Barreiro são lugares bem heterogêneos. O primeiro é considerado mais valorizado por estar na área da praia, ou seja, todos estão mais próximos do mar, por concentrar a

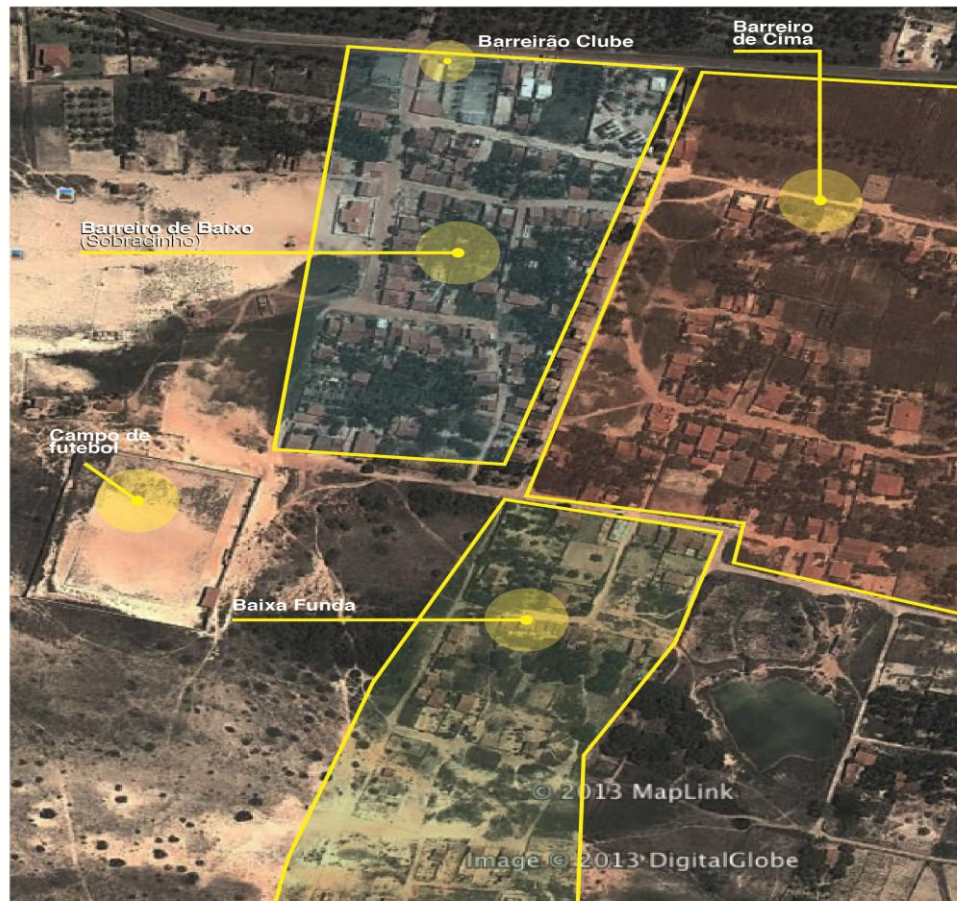
⁴⁶ Este lugar está praticamente desativado, uma vez que são poucas as pessoas que ainda retiram água desse lugar para beber, a maioria tem preferido comprar água em garrafão, pela praticidade e confiança que estariam bebendo uma água mais potável.

maioria dos investimentos, das casas de veraneio, do comércio, mas não se restringe a essa configuração, uma vez que muitos moradores antigos ainda permanecem nessa área, entre pescadores, comerciantes e trabalhadores diversos. Portanto, convivem diferentes classes sociais, é possível encontrar uma grande casa com arquitetura exuberante ao lado de uma outra bem simples. Entretanto, a maioria das casas mais simples passou por reformas, se adequando às mudanças, uma vez que, ultimamente, muitas pessoas têm conseguido uma renda extra com o aluguel da casa nos períodos de grandes festas, como réveillon e carnaval, pois as diárias em pousadas e hotéis ficam bem mais caras para os visitantes nesses momentos.

Na maioria dos comentários dos moradores que vivem no centro, Barreiro é representado como um lugar homogêneo, pois, por muitas vezes, os discursos que desvalorizam essa área são explicitados de maneira generalizada. Contudo, este bairro é também heterogêneo, ao começar pela própria formação, que se deu entre antigos e novos moradores e por sua própria divisão interna, que diverge da visão homogênea daqueles que olham de fora. Barreiro se divide em basicamente três subáreas: Barreiro de Baixo, Barreiro de Cima e Baixa Funda. Essas divisões não explicitam fronteiras físicas bem delineadas, mas indicam fronteiras simbólicas construídas que representam as diferenças entre seus moradores.

A seguir apresento um mapa do bairro, a partir do qual tentei apresentar essas três divisões; entretanto, ressaltamos que os limites aqui apresentados oferecem uma ideia aproximada, uma vez que não existem pontos claros de referência física exprimindo essas fronteiras.

Figura 6 – Divisões de Barreiro



Fonte: *software Google Earth.*

As classificações supracitadas surgiram de acordo com o crescimento e tudo indica que foi com o objetivo de diferenciar os mais antigos dos recém-chegados. Vale ressaltar que no cotidiano tais denominações são mais usadas em momentos que necessitam de uma explicação, de se estabelecer referências espaciais, é um 'parar para pensar' na configuração espacial e se responder: onde estou e onde está fulano? Elas são

usadas, principalmente, quando se quer designar determinados lugares, para indicar uma direção, uma vez que não há nomes de ruas nessa área.

Os moradores antigos estão mais concentrados no denominado Barreiro de Baixo, que alguns preferem chamar de Sobradinho, a partir de onde essa área foi se tornando residencial e onde se encontra a maioria das pessoas com uma melhor condição financeira, o que é possível verificar a partir da própria estrutura das casas. Um residente dessa área, filho de antigos moradores de Flecheiras, disse em seu relato que ali onde ele vivia com sua família não se chamava Barreiro e sim Sobradinho, pois a certeza disso pertence aos mais velhos, eles é que afirmam que ali era conhecido como Sobradinho. Para esse rapaz, Barreiro seria um pouco mais afastado dali, onde denominam de Barreiro de Cima, justifica que lá sim faz jus ao nome, pois correspondia ao lugar de onde tiravam barro, por isso a derivação do nome de Barreiro. Quando perguntei sobre a Baixa Funda, ele comentou que ali já era praticamente em cima das dunas, localizada depois da lagoa. Ressaltou que ali sim seria a favela de acordo com a fala de algumas pessoas. Quando dizem que Barreiro é uma favela, estariam se referindo, na realidade, apenas a essa área. Para ele, é nessa localização que estaria a maior concentração dos mais recentes moradores, pessoas mais pobres que chegam em busca de trabalho.

Fisicamente, esses lugares estão bem próximos, as fronteiras são borradas. Entretanto, historicamente, no processo de ocupação e apropriação, eles se distanciam e se diferenciam significativamente. Os mais antigos guardam um sentimento de pertencimento ao lugar, têm uma história construída coletivamente, laços afetivos de parentescos e amizades, e parecem não querer ser confundidos com os outros que ali chegam, sobretudo diante dos discursos “estigmatizantes”. Uma residente do Barreiro de Baixo (Sobradinho), ao comentar sobre os discursos pejorativos referidos a esse bairro, afirma não se sentir atingida, pois acredita que por ser moradora antiga, não vão dizer nada contra ela, pois a conhecem. Quando falam de Barreiro estão se referindo aos novos moradores, aqueles que não são dali. Assim, ela concluiu esse assunto: "eu, como pessoa, não me sinto nem menor e nem maior que eles" (Iranir, E - 06/2012).

Entretanto, o grupo dos recém-chegados também constitui um grande misto. Existem os que são conhecidos e os totalmente desconhecidos (famílias vindas de

outras localidades ou municípios vizinhos), mas alguns são parentes afastados ou próximos dos que já vivem ali em Flecheiras (primo(a), cunhado(a), tio(a), etc.), bem como os filhos de Flecheiras, aqueles que no passado, quando jovens, saíram em busca de uma vida melhor e, na ausência do êxito, retornaram. Nesse sentido, quando tomaram conhecimento das melhorias na condição de vida, das maiores possibilidades de trabalho na terra natal, resolveram retornar, muitos já com a família formada.

Conversei com uma pessoa que na sua trajetória de vida já havia morado em São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, e que atualmente retornou e está vivendo com sua família no Barreiro de Baixo, considerando-o um lugar muito tranquilo em relação às suas experiências de vida em grandes centros urbanos. Esse processo de migração ou retorno para a terra natal, sugere que ele se constitui, também, por uma rede de pessoas, mantida por parentesco ou amizade, incluindo as que já conhecem as condições de vida nessa localidade, indicando as possibilidades e as condições para que outras pessoas venham "tentar a vida". Parece que essa mesma lógica esteja acontecendo com esses novos grupos que estão chegando, pois existe uma grande concentração de famílias de um único lugar, como, por exemplo, Almofala – local mais citado quando vão destacar a origem desses novos moradores.

Portanto, existe toda uma forma de redistribuição socioespacial dessa grande área que genericamente chamam de Barreiro. Percebi isso como um cuidado de quem mora mais tradicionalmente no lugar, como se isso correspondesse a uma maneira desses moradores mais antigos tentarem se diferenciar e, de certa maneira, se defender dos discursos generalizantes que desvalorizam aqueles que vivem nesse bairro.

Essas construções são recentes, é um arranjo social de acordo com a expansão dessa região, mas é difícil tentar olhar para dentro e entender como se deu esse processo. Até pouco tempo, tudo era denominado como Flecheiras, o único espaço que se diferenciava era o Sobradinho, por ser conhecido como o lugar onde as pessoas pegavam água para beber. Hoje, para alguns moradores de Barreiro, é complicado expressar essas diferenças, muitas vezes afirmando que tudo é Flecheiras e que tais diferenças nem deviam existir, mesmo que nos seus discursos reconheçam e apontem as diferenças que os distanciam. Outros entendem que esse distrito cresceu e que Barreiro seria como se fosse um bairro de Flecheiras. Eles fazem associação com uma cidade que vai crescendo e necessariamente vão constituindo seus novos bairros:

[...] por mais que as pessoas queiram fazer uma separação entre Flecheiras e Barreiro, eu acho que não existe separação, Flecheiras é um distrito de Trairi, e ela é a cidade, não é Barreiro. Todo mundo diz eu vou para as Flecheiras, ninguém diz eu vou para a praia de Barreiro, o que existe é Flecheiras, Barreiro é como se fosse um bairro que está crescendo, assim como em Fortaleza, que tem bairros muito grandes (Andressa, 21 anos, E-11/2011).

Muitas vezes utilizam-se das denominações: centro ou rua para se referirem a parte mais antiga de Flecheiras e Barreiro para essa nova área em crescimento, diferenciando entre Barreiro de Baixo, Barreiro de Cima e Baixa Funda quando é preciso especificar o endereço de alguém.

Nesse sentido, para o Sr. Eridan, pescador e atualmente morador de Barreiro, esta área representa a "Flecheiras de antigamente", referindo-se à parte mais central do distrito antes do processo de urbanização e das demandas provocadas pelo turismo. Ressalta a calma e os aspectos da não urbanização, de não ter estradas asfaltadas e nenhum grande fluxo de pessoas e carros, o que evita o grande barulho que acontece na área central. Ele afirma que é assim que se sente, vivendo na sua antiga Flecheiras, criando seus animais, plantando uma coisinha ali no quintal e saindo para pescar.

Fotografias 13 e 14 - Criação de animais no quintal do Sr. Eridan e seu retorno da pesca



Fonte: fotos de Flávia Sousa

Fotografias 15 e 16 - Barreiro: a primeira foto representa uma das passagens entre Flecheiras e Barreiro de baixo, a pista é o limite; a segunda representa um pouco dos estilos de moradia desse bairro.



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Para alguns moradores mais antigos, morar em Barreiro é como se pudessem voltar no tempo, possibilitando certa continuidade de experiência de vida, sem o registro direto das mudanças, as quais se tornam mais perceptíveis quando precisam chegar até o mar, pois a distância é maior, diferente de quando viviam mais próximos da praia. Precisam cruzar toda a extensão do centro de Flecheiras, o que faz alguns afirmarem que parece ser outro local, sobretudo nos períodos de maior movimentação, destacando a quantidade de gente, carros e barulho. Esse fato, para alguns jovens, significa uma característica negativa viver em Barreiro, pois afirmam que chega a ser "calmo demais", "não tem o movimento que acontece lá em Flecheiras". Alguns moradores, principalmente os mais velhos, chegam a dizer que passam muito tempo sem precisar andar em Flecheiras, pois tudo que eles precisam, encontram em Barreiro, principalmente no que diz respeito ao comércio. Ao contrário da maioria dos jovens, pois sempre que podem estão circulando pelo centro.

Dessa forma, percebe-se aqui as diferenças no que concerne a "intermitência urbana" entre as experiências daqueles que vivem na área central de Flecheiras e aqueles que vivem em Barreiro. Os primeiros tem relação mais direta com essa intermitência entre o "movimento" e a "calmaria", uma vez que os fluxos se concentram mais nessa área, assim é mais fácil sentir essa dinâmica, enquanto Barreiro

experimenta mais constantemente um cotidiano sem alternância, ou seja, vive em um ritmo mais constante da "calmaria". Desta forma, os jovens deste bairro vivem mais o "movimento" quando saem no sentido do centro de Flecheiras.

Outro aspecto importante é que essa área fica praticamente invisível para aqueles que não são de Flecheiras, ou são, mas não foram se dando conta do seu crescimento. Os turistas ficam basicamente na praia e circulando pela área central, e quem passa na pista que separa Flecheiras de Barreiro não consegue ter dimensão da amplitude e da heterogeneidade que compõe esse bairro, uma vez que na margem da pista de ambos os lados visualiza-se paredões de construções, casas de veraneio, pousadas e condomínios fechados. É comum ouvir relatos de moradores mais velhos do centro comentarem que não têm mais noção do tamanho de Flecheiras, que já se perdem, principalmente em Barreiro.

As relações constituídas nesse contexto intensificaram as desigualdades sociais e as relações de poder entre essas duas áreas, criando em alguns momentos uma atmosfera conflituosa, em que imagens negativas e que desvalorizam o Barreiro são construídas e manifestadas por diversos atores sociais, variando quanto às situações, as formas de suscitar e de reagir a essas imagens. Entre os jovens, isso implica nas dinâmicas das sociabilidades.

4 As Sociabilidades Juvenis

As mudanças socioespaciais, apresentadas no capítulo anterior, geraram uma relação assimétrica entre o denominado centro de Flecheiras e o de Barreiro, na qual este último é geralmente desvalorizado e considerado periférico em relação ao primeiro. Isto foi observado tanto no relato dos mais velhos, ao demonstrar preocupação com a segurança e indicar que a localidade estaria ficando perigosa devido ao crescimento de Barreiro, bem como a partir de alguns "discursos jocosos" manifestados por alguns jovens, referindo-se a Barreiro como "favela", "lugar sujo" e "perigoso".

Estas representações são problematizadas pelos próprios moradores do bairro do Barreiro, os quais constroem um discurso que as relativiza, criando uma imagem que expressa a apropriação destes em relação ao bairro em que vivem. Os moradores constroem uma versão, criando imagens internas que ora se aproximam ora se distanciam daquelas criadas por atores externos ao bairro – as imagens vão depender de quem fala e de onde se fala. Essas imagens internas contribuem para uma assimetria para com os recém-chegados no bairro, sobretudo, os que vêm de outros municípios e distritos. Estas relações específicas serão discutidas no decorrer deste capítulo, tendo como apoio reflexivo as ideias de Elias e Scotson (2000) sobre estigma social, a partir da relação “estabelecidos” e “*outsiders*”. Na continuidade desta discussão, pela chave interpretativa das "relações de jocosidade", considero importante a compreensão de como os jovens lidam com as diferenças e as desigualdades sociais, e as implicações disso nas relações de sociabilidades, uma vez que foram nesses momentos que observei estes discursos jocosos serem manifestados pelos jovens.

4.1 Relações simbólicas entre Flecheiras/Barreiro

Um fato que suscitou minha curiosidade durante a pesquisa de campo em relação à dinâmica socioespacial foi exatamente alguns comentários que ouvi nas ruas e na praça, com certo conteúdo e tom depreciativos em relação ao Barreiro. Passei, então, a dar mais atenção a estes discursos e a procurar conhecer este bairro, uma vez que as

recordações daquela área se limitavam ao Sobradinho. Os comentários que chamaram a atenção se referem ao local geralmente designando-o como: lugar sujo; favela, onde morariam favelados, pessoas envolvidas com drogas ilícitas, e aqueles que cometem roubos na região. É como se toda a “desgraça” que acontecesse na localidade fosse de responsabilidade dos moradores de Barreiro. Algumas observações pontuais, conversas e entrevistas contribuíram para melhor rever o olhar sobre a problemática dos discursos depreciativos de alguns moradores do centro de Flecheiras em relação ao bairro de Barreiro.

A seguir, dois relatos do diário de campo podem contribuir para o início de uma reflexão:

Era noite de uma quinta-feira, dia de adoração na Igreja, posteriormente aconteceu um bingo na praça, organizado pela igreja. Particpei da adoração, do bingo e depois fiquei um pouco circulando pela praça, quando encontrei dois jovens conhecidos, uma moça e um rapaz, aproximei-me após o convite do jovem, quando pude acompanhar uma conversa que já estava acontecendo entre eles - falavam de Barreiro. A moça dizia que nunca mais iria até esse lugar, pois parecia uma favela, era sujo, com muito lixo, e que da última vez que esteve lá, havia sido atacada por pulgas. O amigo argumenta: é, você fala desse jeito, mas o "fulaninho" que você gosta é de lá. E ela contra-argumenta, afirmando que não gosta mais dele, ao mesmo tempo justifica que ele foi morar lá, mas seria de Paraipaba [município litorâneo vizinho à Trairi]. Esses jovens moram próximo do centro. (Diário de campo, 04 de novembro de 2010).

Era um sábado e estava na praça acompanhando uma das noites da Festa de São Pedro, 2011, quando dois rapazes desconhecidos iniciam uma conversa motivada pela fala do apresentador do festejo daquela noite. O apresentador dizia que só poderiam se inscrever para participar daquela apresentação [que correspondia a de melhor cantor da noite] pessoas da comunidade, e explica Flecheiras e Guajiru. Nesse momento, um dos rapazes pergunta ao seu amigo: e por que Barreiro não pode participar? Observando que o apresentador não teria citado o nome desse lugar. O rapaz responde que Barreiro pode participar sim, pois é como se fosse um bairro de Flecheiras. E ressalta para ele, tudo é Flecheiras. Portanto, querendo dizer que quando o apresentador falou Flecheiras, Barreiro já estava incluído. Mesmo fazendo essa ressalva, o rapaz continua a explicar e faz uma comparação que expressa as diferenças que há entre essas duas áreas, aproximando-as de duas realidades da cidade de Fortaleza, pois afirma que um é como se fosse Pirambu e o outro, a Aldeota. O primeiro

corresponde a um bairro localizado no litoral, conhecido como uma periferia de Fortaleza, perigoso e pobre. Já o segundo, corresponde a uma imagem de bairro "nobre", onde mora parte da elite de Fortaleza, localizado próximo à praia de Iracema. Portanto, para encerrar essa conversa, ele compara Barreiro ao Pirambu e Flecheiras [centro] a Aldeota. (Diário de campo, 25 de junho, 2011).

Nos dois relatos transcritos anteriormente fica bem explícito que existe uma nítida diferença entre a área central de Flecheiras e Barreiro e que este último é demarcado como “o outro de Flecheiras” por ser visto como lugar menor e periférico, desvalorizado pelas condições sociais adversas da maioria dos que vivem na área central. Este fato conduz a uma reflexão sobre este fenômeno social, neste caso, aproximei-me da perspectiva de Elias e Scotson (2000), em *Os estabelecidos e Outsiders*. Nessa obra, os autores tratam da questão das configurações do poder e as relações entre autoimagem e imagem negativa do outro, tendo como quadro social de experiência a pequena comunidade denominada por eles de Winston Parva, Inglaterra.

Elias e Scotson (*Ibidem*) consideram esta relação social entre estabelecidos e *outsiders* um tema humano e universal que pode ser encontrado em algumas configurações sociais complexas, como em contextos de mudanças. Entretanto, os autores ressaltam que os conceitos ‘estigmatizantes’ usados pelos grupos estabelecidos podem variar de acordo com o quadro social e as tradições de cada grupo. No estudo empírico realizado por estes autores o grupo estabelecido tendia a generalizar determinadas representações negativas da minoria como se fossem comuns a todo o grupo, ou seja, "atribuir ao conjunto do grupo outsiders as características "ruins" de sua porção "pior" – de sua minoria anômica" (ELIAS E SCOTSON, 2000, p. 22).

Neste sentido, percebo que podemos tecer algumas aproximações com a realidade de Flecheiras, uma vez que os discursos depreciativos que carregam um certo estigma em relação aos moradores que vivem em Barreiro são generalizados, tomando como referência alguns atos "infracionais" que passaram a acontecer neste distrito nos últimos anos, como pequenos roubos, brigas, principalmente, em momentos de festas, além de maior circulação e uso de drogas ilícitas. A fala de um jovem morador do centro de Flecheiras expressa um pouco os motivos dessa imagem "negativa" ao comentar sobre Barreiro:

[...] eu acho que está relacionado à questão das drogas, mas ali no Barreiro tem muita gente que fuma e tal.. O pessoal vai para as festas e não se controla, acabam se envolvendo, fumando...Tem vários cantos aqui [...] O pessoal do Barreiro tem uma fama, as pessoas que roubam são de lá [...] Acho que é porque eles são menos favorecidos economicamente, são os mais pobres aqui de Flecheiras. Eu acho que seja por isso [...]. (Danilo, 24 anos, E-01/2010).

No diálogo com os moradores, é como se estes acontecimentos representassem uma novidade logo atribuída a Barreiro: "é o povo de Barreiro". Alguns falam de forma genérica, outros tomam o cuidado de relativizar – "são essas pessoas que vieram morar no Barreiro"; outros atribuíam os atos a um pequeno grupo de jovens e adolescentes moradores dessa área – "são aqueles mirins de Barreiro [...]". Soma-se a esse aspecto o fato deste bairro ser desprovido de alguns equipamentos urbanos, e por estar mais afastada da praia, de uma área que tem se valorizado muito, considerada mais nobre, onde vivem e circulam pessoas com uma maior condição financeira, onde os moradores convivem mais diretamente com as várias novidades, com os turistas e com os estrangeiros residentes na localidade.

Dessa forma, a partir dos novos acontecimentos associados genericamente ao Barreiro e "reprovados" pelos moradores mais antigos, foi se construindo uma imagem muito negativa desta área, produzindo uma representação do todo pela minoria, visto que Barreiro não é só formado por moradores recém-chegados, mas também por antigos. Mesmo reconhecendo que atualmente os moradores da área mais central também cometem atos "infracionais", o rótulo já estava impregnado ao bairro de Barreiro. O relato de dois jovens moradores da área, um rapaz e uma moça, contribui para ilustrar e melhor compreender a complexidade socioespacial, bem como os sentimentos reativos de quem é atingido por esses discursos depreciativos:

Lá é bom, mas lá, assim, o Barreiro é desvalorizado demais, mas é o pessoal mesmo da Flecheiras que desvaloriza o Barreiro [...] Sei não, eu não entendo não. Apesar de que acontece algumas coisas lá em Barreiro, tem menino muito novo que usa droga, sabe. Aí tudo que acontece de roubo por aqui, eles culpam o Barreiro, culpam a comunidade toda de Barreiro, aí é como se todo mundo fosse culpado, sabe. Aí o Barreiro fica sempre assim, sendo o pior, sendo o ruim. (Eduardo, 18 anos, E-11/2011).

Eu gosto de morar em Barreiro. O que eu noto é que o pessoal de Flecheiras exclui as pessoas daqui. Para eles é como se só existisse marginal. Eu já ouvi de muitas bocas, pessoas dizerem que não morariam aqui porque só tem marginal. Não é porque aquela pista divide Flecheiras e Barreiro, que aqui é outra cidade. Eu acho que é por isso que aqui tem tantas coisas, pois as pessoas se revoltam. Eles podiam se unir para tentar resolver e não excluir. E aqui tem muita gente boa e com caráter. E as pessoas falam Barreiro como se fossem todos iguais. E Flecheiras também tem [...] [pessoas envolvidas com drogas e furtos]. (Renata, 19 anos, E-07/2011).

As instituições, como igreja e escola, associações de moradores, bem como organizações não governamentais que atuam no distrito de Barreiro, possuem maior conhecimento dos problemas sociais, entendem que, mesmo existindo um maior índice de atos "infracionais" cometidos pelos jovens que moram em Barreiro, sabem que os problemas não se restringem a essa área e que atualmente existem também jovens do centro que estão se envolvendo, o que os faz pensar em projetos e ações que possam contribuir para diminuir esses problemas sociais.

Um membro da Associação de moradores de Flecheiras, diz que percebe Barreiro como um "pano de fundo" de Flecheiras, ou seja, percebe que os problemas sociais não estão restritos a aquele lugar. Acredita que as mudanças atuais têm contribuído para esse quadro, entende isso, sobretudo quando compara o seu período de adolescente e jovem com os dias de hoje. O entrevistado afirma ainda que, antes, a diversão era ir para praia, dunas, praça, participar de grupos de jovens (onde discutiam aquilo que não podiam ter em casa, representando um momento de socialização, de aprendizagem sobre vários temas importantes para a formação pessoal e social) e que, hoje, os jovens estariam mais ociosos, influenciados por outros meios. As possibilidades de diversão aumentaram, destacando as várias festas, bares e jogos. Observa a importância do trabalho das associações de Flecheiras e Barreiro que estão sempre pensando em projetos educativos e de inclusão no mundo do trabalho, principalmente, para os jovens. Isso também é observado por membros da Associação de moradores de Barreiro, mas existem críticas à atuação em prol da busca pela solução desses problemas, referem-se à falta de trabalho em conjunto. Neste momento, ficam explícitas as diferenças e divergências entre essas duas áreas, pois quem vive em Barreiro reclama da falta de união, por isso, teria se criado também uma associação no distrito, para lutar pelos interesses de quem vive ali.

Reconheço que o cenário da pesquisa é bem mais diverso do que aquele analisado por Elias e Scotson (2000), uma vez que a realidade social abordada por estes autores refere-se a uma configuração muito específica, em que os moradores são divididos em uma zona da classe média e duas zonas da classe trabalhadora. A zona mais antiga da classe trabalhadora é chamada de aldeia e a outra zona, onde estão os moradores recém-chegados que também pertencem à classe trabalhadora, é chamada de loteamento. Elias e Scotson (2000) destacam o fato dos moradores mais antigos, que vivem a mesma experiência de classe, se diferenciarem daqueles de mesma classe, exatamente pelo estigma que carregam por serem recém-chegados, não fazendo parte da tradição do local, bem como do "carisma grupal" compartilhado entre os antigos moradores, uma vez que os recém-chegados são também desconhecidos entre si, sendo difícil para eles se estabelecerem enquanto um grupo coletivo e enfrentar os estigmas.

Já na configuração de Flecheiras, o recém-formado bairro de Barreiro é constituído por moradores antigos deste distrito, principalmente, os pescadores que se deslocaram da praia para essa área, e por recém-chegados – muitos vindos de uma mesma região. Para além disso, existe ainda o aspecto das diferenças econômicas entre esses moradores, o que não é citado no trabalho de Elias e Scotson (*Ibidem*), mas que, neste local de pesquisa, faz uma diferença. Os recém-chegados geralmente passam a viver nessa localidade com menor condição financeira do que aqueles que já estão ali, os moradores mais antigos, pois já estão relativamente estabelecidos. Assim, os recém-chegados de outras regiões chegam quase sem nada e aos poucos vão se estabelecendo. Um jovem morador de Barreiro chamou a atenção para esse aspecto dos migrantes e para sua busca pelo trabalho:

[...] vem muita gente para trabalhar. O que eu tenho a dizer deles é que são muito trabalhador, eles chegam aqui praticamente nu, e daqui a pouco já estão todos vestidos. As vezes chegam famílias sem nada, daqui a pouco já tem terreno, já tem suas coisas, é um povo trabalhador [...] Eles vêm porque aqui é mais fácil de conseguir trabalho [...] Meu pai costuma dizer que Flecheiras é lugar de engordar magro [...] Mas é mesmo, quem vem aqui querendo trabalhar, encontra mesmo. Todo mundo que vem pra cá se dá bem de vida [...] Tem gente que fica rodando e disse que não gostou de Flecheiras, mas são os que não têm coragem de trabalhar [...] Não tem [trabalho] pra ganhar muito dinheiro não, mas dá pra viver [...]. (Raí, 22 anos, E-06/11).

Dessa maneira, diante da heterogeneidade do Barreiro, alguns moradores antigos de uma área mais central de Flecheiras estariam criando discursos pejorativos não só em relação aos de fora, mas também com relação aos de dentro. Essa prática acaba por criar outras formas de redistribuição socioespacial dentro desse novo bairro (Barreiro de Baixo - Sobradinho -, Barreiro de Cima e Baixa Funda), o que pode ser interpretado como uma tentativa dos moradores mais antigos desta área se desvinculem das imagens negativas. Esta relação do centro de Flecheiras com Barreiro produz outra configuração, outro plano de manifestação entre "estabelecidos" e "outsiders": os moradores mais antigos, sobretudo do Barreiro de Baixo (Sobradinho), ao expressarem as diferenças em relação aos novos moradores que ali chegam, designando que os favelados estão majoritariamente concentrados na Baixa Funda, constroem também uma relação assimétrica, considerando as diferenças sociais, por não serem do lugar, e desigualdades econômicas, por serem mais pobres.

Elias e Scotson (2000) ajudam a pensar este fenômeno socioespacial, contribuindo também para que essas relações assimétricas não sejam vistas apenas como "preconceito social", sendo importante procurar perceber a sua complexidade, pois não se limita à dimensão individual, mas sim de grupos. No jogo das relações sociais do distrito de Flecheiras não existe a necessidade dos que vivem no centro de se colocarem explicitamente como superiores, demarcando, enumerando características de porque são melhores, mas isso fica transmitido de maneira implícita diante dos vários discursos aqui apresentados. O que é mais forte nessa relação é essa desvalorização generalizada do outro, a partir do momento que tomam a parte pelo todo.

Dessa forma, quanto a especificidade desse fenômeno social, encontro também algumas aproximações com o contexto observado por Agier (2011) em sua pesquisa realizada na cidade de Salvador, a partir de um estudo da vida cotidiana no bairro da Liberdade, tendo como base algumas mudanças urbanas significativas a partir da década de 1960. O autor em questão observou que a cidade é dividida em duas grandes regiões: a primeira que representa os bairros mais antigos e desprovidos de política urbana e abandonado pela população em ascensão social, portanto, onde estão os habitantes mais pobres e negros; e a segunda que representa os estabelecidos, que se diferencia pelo poder econômico e por ser uma população com maior concentração de brancos, com acesso à política urbanas.

As diferenças sociais são sobressaltadas e a primeira região (Liberdade) é, geralmente, na escala de toda a cidade, designada como "marginal" ou "periférica". A região da Liberdade compreende um conjunto de bairros. Agier (2011, p. 70) mostra como a mesma lógica é trazida do exterior para dentro da região, quando os moradores, considerando os sub-bairros, demarcam essa imagem negativa para "uma certa parte do bairro, concentrando nela toda a má reputação". O autor faz essa discussão tomando como ponto de partida, mas não se restringindo a ela, a noção de "região moral", originado de Robert Park da Escola de Chicago. A região seria aquilo que separa os espaços urbanos e que no jogo das relações identidade/alteridade se constroem atributos morais com relação a determinados espaços, gerando fronteiras e classificações socioespaciais. Agier (*Ibidem*) não se limita a essa perspectiva "espacializada", pois a partir de um estudo das "situações" estende suas observações e reflexões para os processos interativos, para identificar as redes sociais no espaço urbano, no qual não vou me deter. Assim, as aproximações entre essas experiências, representa o quanto esse fenômeno urbano manifestado pelas desigualdades sociais é universal.

Observei que a maioria dos jovens manifesta um comportamento específico ao lidar com essas situações, pois percebem os momentos em que esses discursos são suscitados apenas como brincadeira. Destaca-se uma relação mobilizada pela ludicidade, em que o conteúdo utilizado para suscitar o outro, não é levado a sério e entra no domínio da jocosidade. Dessa forma, as reflexões sobre "relações de jocosidade" podem contribuir para pensar esse contexto.

4.2 Os jovens no jogo relacional entre Flecheiras/Barreiro

Este jogo relacional é manifestado de formas diferentes, ao considerar os discursos de alguns adultos em relação aos dos jovens. Os primeiros, quando falam da relação e dos estigmas no que concerne ao Barreiro, aparentam preocupação com essa nova realidade, com a insegurança, com os atos "infracionais" e ilícitos de determinados indivíduos e/ou grupos e um medo de que seus filhos envolvam-se, sobretudo, com as drogas ilícitas (maconha, crack, dentre outras). Já entre os mais jovens, esse jogo relacional é demarcado pelas brincadeiras, pela jocosidade, não entram numa relação

conflitiva direta, no sentido de que isso implique em desavenças, brigas, mas sim, utilizam-se dessa "simbologia negativa" de Barreiro e dos discursos depreciativos para chamar a atenção do outro e gerar mais uma aproximação do que um afastamento, entretanto, demarcando as diferenças em relação a quem é de Barreiro.

A manifestação deste fenômeno relacional entre Flecheiras/Barreiro e a sua especificidade entre os jovens, contribui para pensar como as mudanças provocam conflitos e tensões nas relações de sociabilidade entre eles. A intenção deste capítulo é olhar mais para as relações internas entre os jovens locais, percebendo como eles constroem significados diante das mudanças. O cenário me faz pensar em uma possibilidade reflexiva de aproximação entre os discursos depreciativos e a sociabilidade, no sentido de que os discursos, muitas vezes manifestados de forma "jocosa" pelos jovens, podem modular as diversas formas de interação entre os jovens de Barreiro com os jovens que estão na área mais central de Flecheiras. A sociabilidade é aqui pensada na sua dimensão lúdica, em que as formas interativas, o estar junto, o suscitar o outro é mais importante do que o conteúdo em si (SIMMEL, 2006). Entretanto, as sociabilidades não estão livre dos elementos de tensão e conflito, expressados em seu conteúdo.

As brincadeiras são originadas por parte dos jovens que não são moradores de Barreiro, como aqueles que vivem no centro ou em outras localidades como identifiquei em alguns relatos. Entretanto, não significa que o próprio jovem de Barreiro, em determinadas situações, não utilize dessa própria imagem negativa para suscitar uma brincadeira quando lhe seja apropriado. Considero interessante o relato do jovem Raí, morador do Barreiro de Cima, quando estava se referindo ao fato de que as garotas de Flecheiras, principalmente, algumas que moram no centro "são muito bestinhas", "só querem ser"⁴⁷. Neste momento, o jovem relata uma situação que já vivenciou algumas vezes no espaço da praça. Disse que chegou neste lugar com uns amigos, procurou um lugar para sentar e viu os bancos todos ocupados, mas verificou que um deles estava ocupado por algumas garotas que ele julga "bestinhas" e resolveu "aprontar uma para cima delas", ou, como diria em outros contextos, ele resolveu "causar": percebeu que o banco tinha uma pontinha livre, então chegou e sentou, o que

⁴⁷ Explicam que denominam de garotas "bestinhas", que "se acham", algumas meninas que vivem mais na parte central de Flecheiras, geralmente seus pais são donos de negócios (comércios, pousadas), e que isso seria um motivo para elas se "acharem", se sentirem melhores.

possivelmente gerou certo incômodo, pois o banco deve ter ficado mais apertado. Disse que a reação foi imediata, as meninas levantaram e explanaram em alto e bom som: "só podia ser do Barreiro mesmo". Ele conclui o relato afirmando que fez isso porque tinha certeza que elas sairiam, ou seja, o ato as provocaria e eles ficariam com o banco. Disse que geralmente usa essa estratégia para conseguir um banco na praça. Argumenta que não fica chateado com essas reações, "não tem inimizade não, são só brincadeiras", justificando que existe a convivência com algumas pessoas legais e que não ligam para essas diferenças de quem mora no centro de Flecheiras ou em Barreiro.

Outro rapaz, que mora no Barreiro de Baixo (Sobradinho), relatou que é comum ouvir as piadinhas, que, por qualquer motivo, as pessoas falam: "só pode ser do Barreiro", "como se a gente fosse pessoas diferentes. Têm pessoas que pensam que se andar em Barreiro, é assaltado" (Leandro, E-06/2012). Diante dessas situações julgadas como brincadeiras, ele geralmente ri e contesta: "é, mas vocês ainda vão morar aqui". Afirmou que algumas vezes usou o seguinte argumento: "eu moro é na serra de Barreiro". O jovem conclui tecendo algumas compreensões sobre essas situações, considerando tanto as provocações como a sua reação: que tudo não passa de uma brincadeira e que, por isso, não dá importância; algumas pessoas que faziam essas brincadeiras, hoje já estão morando ali também e que a tendência seria essa, exatamente porque Flecheiras não teria mais para onde crescer; disse ter percebido a diminuição dessas brincadeiras, e acredita que seja em razão desses deslocamentos.

Interessante observar a estratégia utilizada pelo jovem de se valer de aspectos que considera positivo em relação ao local que mora para contestar as provocações. Afirmar-se como morador da serra do Barreiro é como se dissesse, "vocês moram na praia, mas eu moro na serra". De fato, ele não está na serra, mas sim porque Barreiro está bem próximo das dunas, sobretudo, para quem mora na área correspondente ao antigo Sobradinho, usufruindo de uma visão privilegiada das dunas. Essas variadas formas de revanche podem significar uma busca de equilíbrio de poder, de minimização das desigualdades. Uma vez que nesses últimos anos muitos dos que moravam no centro já estão também vivendo nesse novo bairro, a força desse estigma pode estar enfraquecendo, como bem observou o jovem morador do Sobradinho ao afirmar que muitos daqueles que provocavam as brincadeiras, já estariam também vivendo em Barreiro.

Portanto, os jovens de Barreiro com os quais mantive diálogo são quase unânimes ao afirmarem que não se incomodam e não levam a sério, pois já estão acostumados com as brincadeiras, especialmente, os rapazes, pois veremos que as garotas manifestam uma reação diferente.

Desta forma, dando continuidade a essa reflexão, considero que as interpretações antropológicas, especialmente sobre "relações jocosas", podem ajudar a pensar a singularidade da manifestação desse fenômeno entre os jovens. Neste sentido, a tese do antropólogo Pereira (2010) foi inspiradora para o desenvolvimento desse olhar. Sua pesquisa de doutorado foi desenvolvida com jovens da periferia de São Paulo e a "jocosidade" foi percebida como um dos aspectos importantes no cotidiano dos jovens. O objetivo era entender, a partir de algumas escolas de dois bairros de São Paulo, "como as experiências juvenis modificavam e eram modificadas por outras experiências como as escolares, territoriais (de moradores da periferia), tecnológicas, além das de gênero, classe social e raça" (PEREIRA, 2010, p. 5). Assim, as etnografias realizadas o fizeram perceber dois aspectos importantes do cotidiano dos jovens: o lúdico e o tecnológico, destacando que "as relações estabelecidas com os itens tecnológicos mantinham fortes associações com o lúdico" (*Ibidem*, p.5).

O elemento da "jocosidade" se manifestou como fator mobilizador de interações entre os jovens dos contextos observados por esse pesquisador, "além de explicitarem certas ambivalências em suas interações entre si e com a escola, revelaram-se como componentes importantes das relações juvenis, estudantis e de gênero que eram por eles empreendidas" (*Ibidem*, p.145). As ambivalências observadas referem-se à oscilação entre demonstrações de agressividade e amizade e/ou de diversão, evidenciando movimentos de aproximação e distanciamento entre os jovens. O autor observou também que as jocosidades repõe assimetrias no interior dos grupos e entre os sexos.

Alguns antropólogos, como Mauss e Radcliffe-Brown, buscaram analisar e compreender as relações de jocosidade a partir das estruturas de parentesco que se davam por casamento. Esta reflexão, como afirma Gastaldo (2010), ficou subordinada à questão do parentesco. Para Brown, parentesco por brincadeira⁴⁸ "é a relação entre duas

⁴⁸ Entendemos "parentesco por brincadeira" como "relação jocosa". A maioria das traduções traz esse segundo termo, mas no livro consultado, a tradução está como parentesco por brincadeira.

peçoas, na qual uma é, por costume lícito, e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou a zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida" (1973, p.115). Assim, a brincadeira não deve ser levada a sério. Para o autor, nessa relação há uma combinação de "amistosidade e antagonismo". Radcliffe-Brown (*Ibidem*) entende que as formas deste tipo de relação podem variar de acordo com cada sociedade, entretanto, ressalta duas variações importantes nessas relações, a simétrica e a assimétrica. A primeira significa dizer que as pessoas envolvidas na relação podem uma zombar da outra, ao passo que na relação assimétrica ele traz duas possibilidades, a de que apenas uma pode suscitar a brincadeira, restando ao outro apenas ouvir, mantendo o bom humor, pois isso, é importante, mas sem emitir reação, ou a possibilidade daquele que está recebendo a zombaria poder retribuÍ-la, mas apenas em parte. A relação estabelecida entre os jovens de Flecheiras e de Barreiro encontra-se mais próxima desta última definição, pois os jovens implicados nesse processo, parecem sempre ter uma reação, seja de um simples riso, um gesto simbólico ou uma resposta verbal, mas não na mesma medida, dada as condições adversas em que os últimos se encontram em relação aos primeiros. É essa configuração socioespacial que dá sentido a estas manifestações jocosas.

Radcliffe-Brown (1973) destaca que as relações jocosas "são modalidades de organizar um sistema definido e estável de conduta social no qual os componentes de conjunção e os de disjunção [...] são mantidos e combinados" (*Ibidem*, p.121). Entende que a disjunção social "implica divergência de interesses e, portanto, a possibilidade de conflito e hostilidade, ao passo que a conjunção exige ausência de contenda" (*Ibidem*, p.117-118).

Mesmo que este autor tenha centrado seus estudos nas relações de parentesco no seu livro *Estrutura e função na sociedade primitiva*, reconhece que alguns estudos já estavam sendo realizados na África, levando em conta relações jocosas entre tribos, observadas fora da estrutura de parentesco do casamento, motivadas pelas relações de "amistosidade" e ajuda mútua. A perspectiva de Radcliffe-Brown (*Ibidem*) contribui para iniciar uma reflexão sobre as relações jocosas manifestadas pelos jovens diante da situação aparentemente disjuntiva entre o centro de Flecheiras e Barreiro. Dado a centralidade dos seus estudos nas relações de parentesco, aproximo-me também de outra perspectiva sobre as relações de jocosidade trazida por Lowie (1920), uma vez que, diferentemente de Brown (*Ibidem*), pensou essas relações

fora dessa estrutura de parentesco. Segundo Gastaldo (2010), que analisa as sociabilidades manifestadas a partir das "relações jocosas futebolísticas", para Lowie,

[...] a ênfase na compreensão do fenômeno está antes na *relação* propriamente dita (hoje diríamos "interação social") do que nos liames estruturantes do parentesco. Em todos os seus termos, Lowie enfatiza a *relação* entre indivíduos ou grupos com outros indivíduos e grupos, e o modo como a jocosidade medeia esta interação, negociando com humor situações sociais de conflito. Os laços de parentesco aparecem como parte do quadro estruturante geral daquelas sociedades, mas não como o "motivo" daquela modalidade de relação. (GASTALDO, 2010, p.2, grifo do autor).

Assim como na pesquisa de Pereira (2010), observo que os elementos de jocosidade manifestados entre os jovens são mobilizadores de interações, sobretudo, em determinadas situações quando são explorados conteúdos referentes à relação Flecheiras/Barreiro. As relações jocosas atribuem sentido às situações assimétricas vividas por esses jovens, que longe de entrarem em confrontos diretos, constroem uma relação de proximidade baseada na "amistosidade". Isso não significa dizer que não existam indivíduos ou grupos de jovens nessas duas áreas que não enfrentem um conflito mais direto, que tenham rixas entre si, mas que a maioria dos interlocutores ressaltou essa relação baseada na brincadeira no tocante às situações que são sublinhadas as diferenças entre Flecheiras/Barreiro. Nesse sentido, precisamos lembrar que os principais interlocutores dessa pesquisa são de Flecheiras/Barreiro, não que obrigatoriamente tenham nascido ali, mas que moram nessa localidade há muito tempo, se constituíram como jovens no contexto de mudanças, ou seja, fazem parte do processo, dessa forma, não foi dada uma atenção específica aos recém-chegados.

As garotas de Barreiro, ao se referirem a esta situação, expressavam uma reação diferente dos rapazes, pois o que se sobressaía não era a aceitação desses discursos depreciativos como brincadeiras, como logo destacam os rapazes, e sim como uma forma de discriminação, como afirma Renata, uma das entrevistadas: "o pessoal da rua discrimina muito Barreiro". Ao comentar sobre as brincadeiras que aconteciam em torno dessa situação, tanto ela como outras garotas, foram enfáticas em dizer que não consideravam isso uma brincadeira. É importante observar que aqui está sendo tratado só apenas um lado dessa relação, ou seja, enquanto as garotas de Flecheiras ou de outras

localidades podem suscitar a brincadeira, as que são provocadas dizem não entendê-las dessa forma.

Renata diz ainda que sempre ficou chateada com essas situações. O próprio relato da jovem pode justificar essa observação. A situação relatada aconteceu na volta dela para casa, após uma partida de futebol, momento em que foi provocada por uma garota que reside em Cana Brava (localidade praiana de Trairi). Ela explica:

Eu estava em um jogo e quando ele havia terminado e voltávamos pra casa, uma moça que morava na Cana Brava disse que morava lá, mas não no Barreiro, porque neste lugar só tinha marginal, então eu (Renata) disse: você não devia dizer isso, porque eu moro lá, e quando você diz isso, você também está me incluindo e eu não sou marginal. As pessoas não percebem isso, que nem todo mundo daqui é isso que elas dizem. (Renata, 19 anos, E-07/2011).

Percebo que essa representação sobre Barreiro não se limita ao centro de Flecheiras, pois outras localidades também reproduzem os discursos depreciativos com relação a esse bairro, os quais se manifestam também em momentos de competições como as de futebol.

4.3 Elementos de interação entre os jovens

Algumas considerações sobre esta configuração social apresentada anteriormente são importantes para ajudar a compreender essa situação específica dos jovens que fazem da condição social de um grupo motivo de brincadeira nesses momentos de sociabilidade. As relações entre a maioria desses jovens que vive no distrito de Flecheiras é baseada na amizade, que pode ser construída a partir das experiências de convivência que se dão desde cedo nas relações de vizinhança, fomentadas tanto na escola, nos momentos de lazer, nas atividades esportivas, bastante praticadas por eles diariamente, e nas festas tradicionais e aquelas que chegaram juntamente com a emergência turística.

Apesar das poucas opções, o lazer aparece como uma dimensão importante na vida desses jovens. Os aspectos abordados anteriormente são relevantes e especialmente a convivência cotidiana na escola e nas atividades esportivas pode ajudar

a construir e a fortalecer essa aproximação entre os que vivem no centro de Flecheiras e Barreiro, diminuindo os antagonismos e atritos nas sociabilidades, uma vez que criam interdependências a partir dessas vivências.

O ambiente da escola não foi observado diretamente, mas ela era referenciada como parte de um momento importante na vida da maioria dos jovens. Para aqueles que possuem uma vida escolar ativa, passam a conviver juntos desde o ensino fundamental até o ensino médio. Atualmente, compartilham do primeiro momento escolar no bairro de Barreiro, pois a escola de ensino fundamental foi transferida da área central de Flecheiras para esse bairro no início dos anos 2000. Esta relação é mantida com a continuidade dos estudos no ensino médio, mas agora já localizado no centro de Flecheiras, pois com a construção da escola de ensino fundamental em Barreiro, a antiga escola do centro de Flecheiras, do início dos anos 1980, passou a dedicar-se mais ao ensino médio⁴⁹; porém, as turmas de sétima e oitava série ainda estão em suas dependências, devido à falta de espaço no prédio de Barreiro. Antes, para cursar o ensino médio, os jovens precisavam se deslocar para a sede do Trairi, uma vez que na localidade só existia o ensino fundamental.

Desta forma, o poder público, ao construir uma escola no novo bairro, criou indiretamente condições que proporcionam aos jovens que eles convivam, experimentando a circulação nas duas áreas, gerando uma aproximação entre eles. O relato de uma jovem moradora de Barreiro destaca esse elemento da escola ao falar das relações de amizade que construiu com jovens da "rua"⁵⁰:

Eu não gosto de me separar, eu me junto. Vou para lá, fico com as meninas, tenho muitas amigas, fazemos muitas coisas juntas. A escola fez eu me enturmar, ter diálogo com as meninas. Eu procurei fazer amizades. Eu não diferencio. Digo que moro em Flecheiras, no bairro Barreiro. (Renata, 19 anos, E-06/2012).

⁴⁹ As escolas chamam-se, Escola de Ensino Fundamental Mestre Sabino e Escola de Ensino Médio Fortunato Severiano da Costa. Essas duas escolas atendem estudantes não só da localidade de Flecheiras, mas também da vizinhança, como de Emboaca e Guajiru.

⁵⁰ Rua é usado pelos moradores para se referirem a parte central de Flecheiras, principalmente, no comparativo com Barreiro.

Tal realidade, que é mais recente, se complementa com a construção de uma creche, em 2011, no Barreiro, e com a aquisição de um anexo à Escola de Ensino Fundamental Mestre Sabino, onde acontece a educação infantil. Neste sentido, esse cenário pode tecer outra configuração no que concerne aos jogos sociais que produzem estigmas. As relações podem se tornar mais próximas, mas, ao mesmo tempo, podem produzir novas diferenças e outras assimetrias de poder. De todo modo, nos últimos anos, o bairro estigmatizado passa a adquirir alguns equipamentos públicos importantes para o distrito, como os citados anteriormente, dentre outros que estão previstos, como um posto de saúde e uma delegacia de segurança pública.

O bairro também ganhou um estádio de futebol, que foi deslocado da praia para essa área, bem como tem conquistado a sua importância no desempenho apresentado no grupo de quadrilha, assim como o time de futebol, que no último ano ganhou pela primeira vez uma vaga na segunda divisão ao participar do campeonato municipal. Ademais, essas duas áreas não estão isoladas uma da outra, a mobilidade é constante, principalmente, da parte dos moradores de Barreiro que se deslocam para Flecheiras, para o trabalho e o lazer, sobretudo, os que gostam de ir jogar na praia no fim de tarde ou passear na praça à noite. Dessa maneira, as desigualdades, o estigma explícito nos discursos negativos entre essas áreas não implicam em processo de segregação, especialmente, a partir do momento em que se passa a observar e dar mais atenção às interações, às relações de interdependências.

Um outro aspecto relevante que expressa um pouco da dinâmica entre essas áreas é a organização dos grupos culturais e esportivos. Percebo que existem algumas variações quanto aos participantes. Cada área possui seu grupo de quadrilha e times de futebol masculino e feminino que participam de vários níveis de competições. Algumas pessoas ressaltam que antes esses grupos eram mais fechados quanto a sua composição, mas, nos últimos anos, isso tem variado bastante, objetivando uma recomposição interna não derivada da moradia mas como expressão de um bom desempenho. Nos momentos de apresentações de quadrilha juninas, chamou-me a atenção a participação de jovens moradores da área central de Flecheiras no grupo de Barreiro. Ao conversar com uma das jovens, esta confirmou que havia sido convidada para participar do grupo e aceitou porque gosta de dançar quadrilha e também por admirar o grupo do Barreiro. Já nas práticas esportivas, Flecheiras (centro) possui três times e Barreiro apenas um que participam dos campeonatos municipais e

intermunicipais. Entretanto, na hora de formar um time, tanto Barreiro pode convidar jogadores do centro de Flecheiras, como esta também pode convidar jogadores de Barreiro. Entendo que a importância nesses momentos é formar um time forte e conquistar a vitória para o distrito, sem pensar nas diferenças ou divergências existentes entre as duas áreas.

A dimensão coletiva e lúdica das atividades culturais e esportivas parece nesses momentos estar acima das diferenças. Esse cenário, somado ao fato de um maior número de pessoas saindo do centro de Flecheiras para residir em Barreiro e à chegada de alguns equipamentos urbanos, pode constituir novos elementos que eventualmente modifiquem as relações de poder, diminuindo os estigmas.

Diferentemente desta configuração social que vai despontando atualmente, os interlocutores centrais desta pesquisa foram se constituindo como jovens exatamente no processo de mudanças, intensificado no início deste século, convivendo com o crescimento do distrito e as desigualdades que caracterizaram e produziram diferenças entre a área mais antiga (centro de Flecheiras) e Barreiro. Compartilharam das novas experiências, das apropriações e significados diante da reestruturação socioespacial. Alguns vivendo uma dupla adaptação, lidando com as novas vivências advindas da inserção do turismo, como a ampliação das possibilidades de lazer, o convívio com pessoas diferentes e a mudança da residência, saindo da proximidade da praia, de uma relação de vizinhança para um lugar desconhecido, que era a vida no novo bairro do Barreiro – realidade dos atuais jovens que viveram isso ainda quando crianças ou adolescentes. Uns reuniam algumas vantagens, pois possuíam parentes vivendo lá, outros não. Experiência bem lembrada pela jovem Andressa⁵¹, que atualmente trabalha no centro de Flecheiras e vive mais tempo nesse lugar do que em Barreiro, onde mora sua família, que se mudou para esta área no final da década de 1990:

No começo eu achava muito ruim, ainda tinha pouca gente, não era assim, não tinha iluminação, o que eu achava bom era porque já tinha alguns primos meus que já moravam lá, com quem brincava. [...] Mas quando chegava à noite, me dava uma tristeza, porque era escuro, não tinha iluminação, só ficava em casa mesmo, também não tinha televisão. Aí eu achava ruim, mas depois fui me acostumando, fui

⁵¹ Esta jovem permanece mais tempo na casa da família com a qual trabalha, indo em sua casa mas esporadicamente. Trabalha no restaurante dessa família.

fazendo amizades, fui achando bom [...] mas agora que vim embora pra cá de novo, e quando volto lá, eu acho estranho [...]. (Andressa, 21 anos, E-11/2011).

Neste momento, ocorria uma relação de vizinhança quebrada com o deslocamento para o Barreiro, mas as amizades ali cultivadas eram mantidas no momento do convívio na única escola do distrito, localizada no centro de Flecheiras, ou nas atividades de lazer na praia. Era comum, também, as redes primárias passarem por processo de recomposição pois os antigos vizinhos de Flecheiras tornavam-se os novos de Barreiro, pois os deslocamentos atingiram muitas famílias. São esses jovens que construíram uma maneira interativa mais humorada para lidar com as mudanças advindas do processo de urbanização e as diferenças e os estigmas que foram surgindo na relação entre Flecheiras/Barreiro. As relações jocosas manifestadas por eles são próprias desse contexto e só nele fazem sentido, para os jovens de amanhã, elas poderão perder sentido diante da dinâmica das mudanças sociais.

4.4. Os jovens e as práticas esportivas

Era fim de tarde de uma sexta-feira, e como sempre, nesse horário gostava de caminhar na direção da praia, assim como várias outras pessoas. Chegando na praia, caracterizei aquele momento como bastante dinâmico e animado, principalmente devido a beleza do pôr do sol e das pessoas de várias faixas etárias que pude encontrar por lá: eram crianças brincando na praia; adultos sentados e conversando nos paquetes ancorados na praia, a maioria pescadores; outros, entre nativos e turistas, a caminhar pela areia da praia, solitariamente ou acompanhados; e uma grande parte dos jovens concentrados nas atividades esportivas, que variavam entre vôlei (masculino e feminino), futebol (masculino e feminino) e futevôlei (masculino), e de longe dava para avistar alguns jovens praticando *surf* e *kitesurf*, sendo impossível naquele momento definir se eram nativos ou turistas. Ademais dos que estavam jogando, existia uma plateia, entre jovens e adultos, sentados em paquetes ou simplesmente no chão. Enquanto acompanham as partidas, trocam conversas com os amigos, alguns não tiram o olho dos filhos que brincam na praia. É, portanto, também um momento para observar e encontrar alguns colegas e amigos. Dessa forma, esse público variava entre jovens e adultos, verifiquei que alguns já eram casados e que estavam com seus filhos, principalmente as mulheres. Percebi nesse momento que muitas pessoas casadas também vão para praticar esportes, tanto homens como mulheres, sejam jovens recém casados ou adultos, tanto do

centro de Flecheiras como de Barreiro, mas com o predomínio dos primeiros, que moram mais próximos da praia. Então recordei que em Barreiro, do mesmo modo, há campo de futebol, onde os de lá também jogam no fim de tarde - o que pode justificar a pouca quantidade de pessoas deste bairro na praia praticando futebol. (Diário de campo, 12/2011).

Os esportes são, para a maioria dos jovens de Flecheiras, um momento de estar com o outro. É uma prática que faz parte do cotidiano, realizada nos momentos de lazer no uso do tempo livre. Para Elias (1992), o esporte compreende atividades de lazer, devido a sua especificidade no lidar com as emoções, excitação, impulsos, pois mesmo que estes tenham suas regras, é um momento de fruição das emoções, diferentemente das atividades rotineiras que exigem um maior controle das emoções. Os esportes nessa localidade são realizados de maneira espontânea e descompromissada, como uma atividade lúdica, ou com o objetivo de treinar para os campeonatos que acontecem no município. Tendo como base essas duas dimensões dos esportes nesse local, o objetivo aqui é dar mais atenção para as práticas espontâneas e descompromissadas, momentos em que acontecem várias manifestações de sociabilidade predominantemente entre os jovens dessa localidade. É um momento em que são poucas as possibilidades de uma pessoa de fora entrar nesses jogos, uma vez que os grupos (no futebol) ou duplas (no vôlei de praia) já são formados, mas percebi que eventualmente isso pode acontecer, principalmente, com aquelas pessoas de fora que vão se tornando mais conhecidas devido à frequência na localidade e participação na plateia. Como se trata só de um momento de lazer, interessados em jogar podem entrar a partir da formação do denominado “time de fora”, de acordo com a dinâmica das partidas.

O mesmo não ocorre em momentos de campeonato, quando existe uma grande flexibilidade na maioria dos times para a entrada de jogadores tanto internos ao município como externos, pois faz parte da lógica da composição. A preocupação central é formar um time forte para o campeonato que vai ser disputado, seja municipal ou intermunicipal. Desta maneira, a inserção de jogadores de fora da localidade é bem aceita, sobretudo, daqueles que jogam profissionalmente.

As práticas esportivas constituem-se como elemento forte de agregação coletiva, jogo e disputa. A competição neste sentido propicia a formação dos grupos

sociais e institui sociabilidade. Mesmo nas práticas espontâneas de fim de tarde, onde não há o objetivo de disputas de campeonato, a competição está presente, ela é inerente ao jogo, como afirma Elias (1992), pois sempre haverá um indivíduo ou uma equipe vitoriosa. Mesmo nos momentos em que o esporte tem apenas um caráter lúdico, o fato de sair vitorioso numa partida tem a sua importância para os indivíduos e grupos no que diz respeito à autoestima, o reconhecimento e a aprovação do desempenho do jogador pelos demais.

Desde o início da pesquisa, as atividades esportivas praticadas pelos jovens, moças e rapazes, chamavam atenção, dado a estimulação visual, pois diariamente era possível encontrá-los jogando na praia, principalmente, no fim da tarde, com exceção do intervalo entre natal e *réveillon*, pois é neste mesmo espaço dos jogos que é armado o palco para a festa. Os jovens retornam a ocupar esse espaço apenas após a limpeza, tendo em vista que podem se acidentar com os restos de vidros das garrafas de bebidas deixados na areia. A partir dessa observação, comecei a considerar que o esporte tinha um valor singular para aqueles jovens. Isto se confirmou ao conversar com eles sobre o que gostavam de fazer quando não estavam nas suas obrigações diárias, como, por exemplo, nos intervalos da escola e/ou do trabalho, uma boa parte dos comentários ressaltou o encontro com os amigos nos momentos dos esportes praticados no fim de tarde na praia e em outros espaços.

Deste modo, o estar junto dos amigos, a sociabilidade ali envolvida, são aspectos que mobilizam e dão sentido aos encontros de fim de tarde seja para participar do jogo ou simplesmente para assisti-lo. É uma prática de encontro em que as relações tecidas são mais entre os jovens da localidade, diferentemente dos momentos de festas, pois os fluxos são maiores e os objetivos incluem também a aproximação com o outro (pessoas de fora, que estão ali de passagem). Nas sociabilidades de fim de tarde, os jovens fortalecem as relações com aqueles de quem são mais próximos, como os amigos e os colegas e eventualmente podem desenvolver aproximações com os que estão ali de passagem. Quanto a isso um jovem relata que desenvolveu amizade com um rapaz de Fortaleza nessa situação, pois com o consentimento da dona da bola o rapaz entrou no seu “time de fora” para jogar vôlei. A partir de então, sempre que está na cidade os jovens encontram-se e consideram-se amigos.

Desta forma, as atividades esportivas para além de significarem uma forma de lazer para esses jovens, são também – sobretudo o futebol – elementos agregadores de diferentes grupos. Como afirma Elias (1992, p.280), "[...] um jogo como o futebol pode ser jogado por muitos grupos diferentes". Portanto, é um dos momentos em que na realidade específica desse distrito acontecem as interações entre alguns jovens que moram no centro de Flecheiras com os do Barreiro.

As sociabilidades manifestadas são mobilizadas pelas brincadeiras constantes, muitas vezes incompreensíveis para quem não vive ali. Ao observar o jogo de vôlei, percebi algumas brincadeiras bem comuns, geralmente, relativas às expressões que ressaltam o desempenho dos jogadores, como por exemplo: "não almoçou hoje não", "tá dormindo", "tá com a mão furada"; o que no discurso do futebol significa: "fulano tem perna de pau" ou então, "fulano tá acabado", etc. Esta última expressão refere-se aqueles jogadores que foram jogar após uma "noite de farrá", ou mesmo para aqueles que têm o hábito de beber muito. Sem mencionar as várias expressões corporais ou risos diante de algumas atuações dos colegas e dos xingamentos e apelidos. Chamou-me a atenção o fato de nessas oportunidades de observação dos jogos, não ouvir brincadeiras que ressaltassem os "discursos negativos" do centro de Flecheiras em relação ao Barreiro.

Segundo relatos, ultimamente, estes discursos não são mais utilizados nessas situações, seria um comportamento do passado e, quando eram verbalizados, sobressaíam-se as relações jocosas. O que alguns jovens comentam é que essa relação marcada pelas diferenças entre Flecheiras e Barreiro tende a se manifestar sobretudo nos momentos específicos de campeonatos de futebol, onde as disputas ficam mais acirradas e os conflitos aparecem, uma vez que Flecheiras não torce por Barreiro e vice-versa. Ao falar dos campeonatos, um jovem destaca: "É um povo desunido".

Um rapaz morador do bairro, ao analisar outra situação que se refere a conflitos entre grupos, chama a atenção para esse lado agregador e de união das práticas esportivas, pois ele considera que as trocas, os encontros para treinos e competições, possibilitaram a aproximação entre Flecheiras e Guajiru (localidade que fica próxima a Flecheiras). Ele destaca que antes, tendo como referência outras gerações, os jovens de Flecheiras e Guajiru não podiam se encontrar em uma festa que era certeza de haver briga. Ele ressalta que hoje as relações são outras, pois o incentivo aos esportes, os

encontros e a circulação entre as duas localidades, acabou com os conflitos ou, pelo menos, diminuiu bastante. Desta forma, as ideias de Elias (1992) sobre a dimensão do esporte como elemento pacificador e importante para amenizar a violência entre grupos faz aqui todo sentido. O autor entende que os elementos complexos do jogo, diante das disputas entre os grupos e o aprimoramento de suas regras específicas, aquelas que conduzem o jogo, ameniza a violência, onde diferenças podem ser resolvidas sem o apelo direto à violência física (ao ferimento mútuo):

O desporto é, de fato, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planejar. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido. (ELIAS, 1992, p. 243).

O relato do jovem que mora em Flecheiras também vai ao encontro das análises de Zaluar (1994) sobre o futebol, ao afirmar que o esporte não compreende apenas uma necessidade simbólica de expressão do coletivo:

O esporte cria também um espaço real de encontro entre as pessoas que se reúnem tanto para aprender e experimentar suas habilidades, quanto para conhecer os outros e a si mesmo nisso. Daí resulta a ampliação do horizonte dos jovens que acabam saindo do círculo familiar mais estreito, da rede de vizinhos mais próximos, da sua rua ou praça para o bairro, ou seja, de redes de sociabilidades que vão integrá-los à cidade. (ZALUAR, 1994, p.65).

Ainda sobre esta relação Flecheiras/Barreiro chamou-me atenção o comentário do dirigente da associação Fluminense de futebol de Flecheiras, que atento para essas diferenças construiu, entre os anos de 2009 e 2010, um projeto para ser realizado com crianças e adolescentes das duas áreas, com o objetivo de aproximá-los e minimizar as diferenças a partir do futebol. O projeto, denominado “Bom de bola dentro e fora da escola”, estava vinculado ao empenho dos alunos na escola, para que cada um pudesse obter um acompanhamento de acordo com seu empenho e comportamento na escola, no intuito de ajudá-los a superar problemas relacionados à violência e baixa autoestima. Segundo o seu idealizador, o objetivo era:

Desenvolver um trabalho de interação para acabar essa barreira social de divisão – de Barreiro ser uma coisa e Flecheiras ser outra coisa. A gente tentou a partir de futebol unir essas crianças para que elas não vissem Flecheiras como sendo os meninos de Flecheiras – com aquela diferença social. A gente tentou fazer isso, mas como a gente não tinha a sala, que era o campo de futebol, ou seja, o principal não tinha. Então o que eu fazia era aproveitar parte do campo [da praia] para fazer atividades com eles. Dividia meu tempo com eles em alguns dias da semana. Eu pegava as crianças de Barreiro e trazia pra cá e pegava as crianças daqui e levava para o Barreiro. Eu misturava para ver se quebrava essa barreira, pra ver se um não olhava o outro com essas diferenças. Você sabe que as barreiras sociais não é uma coisa que se consegue quebrar com facilidade. É muito difícil de aceitar essa realidade, mas ela existe e algumas pessoas se colocam num patamar inferior e quando não se tem uma autoestima acaba caindo no fracasso. E por eles não estarem aqui e por lá ser um lado mais pobre, e por lá ser teoricamente o lado em que as pessoas dependem do outro [...]. (Mauricio, E-05/2013).

Para alcançar este objetivo foi criada uma escolinha de futebol, iniciando o trabalho apenas com ajuda de terceiros, como um veranista que ajudou com materiais (chuteiras, camisetas, cones, etc.) e uma educadora física que contribuiu realizando aulas de alongamento. O projeto foi apresentado ao poder público, em busca de um apoio no que diz respeito à infraestrutura e à material, mas não obteve retorno positivo. Assim, ele foi conduzido por algum tempo com a liderança de seu idealizador, Sr. Mauricio, que dava aulas sobre cidadania e aulas práticas sobre futebol. No período, utilizavam parte do campo da praia, pois ainda estava em negociação para venda. Como o Sr. Mauricio veio a ter um sério problema de saúde e o espaço do campo tinha sido vendido, não foi possível continuar com o projeto, especialmente, pela falta de infraestrutura.

As atividades esportivas praticadas por esses jovens são diversas: futebol, futsal, vôlei, futevôlei, corrida, natação, *surf*, *kitesurf*, além da capoeira, mas, neste contexto, percebi que esta última é considerada mais como uma atividade cultural do que um esporte. Algumas atividades têm mais adeptos que outras, são os casos do futebol e do vôlei que parece “ter caído mais no gosto da rapaziada”, e são consideradas as práticas mais antigas nessa localidade, ganhando destaque o futebol, que já vem de outras gerações. A novidade é que, nos últimos anos, tem crescido o número de mulheres praticantes dessas várias atividades, principalmente, no futebol e no vôlei.

Assim, as mais recentes são o futevôlei, o *surf* e o *kitesurf*, modalidade que atrai alguns jovens influenciados pelos turistas, que nos períodos de férias praticam esses esportes. Mas o aprendizado é dificultado diante do alto custo do material necessário.

O espaço que mais concentra essas atividades é a areia da praia. É nela que os grupos disputam e delimitam seus campos. Portanto, basta o sol começar a baixar e a temperatura ficar mais amena, que é possível perceber o movimento dos jogadores e apreciadores na direção da praia, seja a pé, de bicicleta ou de moto. Aos poucos os grupos vão se formando e na medida em que outras pessoas chegam, a circulação dos membros dos grupos vai acontecendo, uns chegam e outros saem. Esse movimento é bem comum, pois depende muito da liberação das obrigações laborais e/ou escolares da maioria dos participantes. O fim de tarde torna-se bem dinâmico, pois é um intervalo em que acontece o encontro entre jovens que estão saindo de um dia de trabalho com aqueles que estão partindo para o turno da noite. A mesma dinâmica acontece com os jovens estudantes.

Dessa forma, eles vão se organizando para garantirem esses momentos de lazer, pois julgam como fundamental no seu cotidiano, como afirmam alguns jovens: "Eu fico muito em casa, quando eu saio é para ir jogar vôlei, que gosto muito [...]" (Duarte, 22 anos, E-11/2011). Este jovem comenta o que faz para driblar os dias em que trabalha em um restaurante para não perder o seu jogo de vôlei: "[...] meu trabalho mesmo é quinta, sexta, sábado e domingo ali no restaurante. Eu vou lá umas três da tarde, lá para as quatro e meia eu saio para ir jogar vôlei e volto umas seis horas para as sete abrir o restaurante" (Duarte, 22 anos, E-11/2011).

A prática de esportes como uma forma de lazer é possivelmente bastante valorizada pelos jovens devido aos aspectos abordados anteriormente, bem como a ausência de outras opções naquela localidade, onde não há outros equipamentos públicos, além da praça. Desta forma, os jovens criam suas situações de lazer. Atualmente, existe uma pequena academia de baixo custo que ganhou alguns adeptos para a prática de musculação, mas isso não significa uma diminuição dos jovens nos jogos de fim de tarde, mas sim uma agregação: "Eu começo a trabalhar as seis e meia, aí paro as onze, volto doze e meia e paro as cinco, aí vou malhar (academia de musculação) e depois venho jogar" (Eduardo, 18 anos, E-11/2011). Outro rapaz também

comenta a importância desses momentos de lazer e ressalta as mudanças observadas nos últimos anos:

[...] Gosto da praia mesmo, e mais no final da tarde. Quando eu saio do trabalho, jogo vôlei, futebol, às vezes dou uma caminhada na praia [...]. Agora aumentou muito os jovens na praia, tem muito mais, até porque as meninas também começaram a jogar, tem muitas, e depois que colocaram postes [de iluminação] ali na praia, aumentou mais ainda, o pessoal fica até bem mais tarde. Não tem nada pra fazer mesmo, vão jogar, é bom porque é um exercício, faz bem para o coração. (Carlos, 20 anos, E-11/2011).

Cada uma das mudanças ressaltadas por esse rapaz tem a sua importância no cotidiano desses jovens. A iluminação nessa área específica da praia, onde estão localizadas algumas residências, pousadas, hotéis e restaurantes, contribuiu indiretamente para a ampliação do tempo de lazer dos jovens, no que diz respeito à prática de vôlei e futevôlei, pois uma parte da área iluminada corresponde ao local onde são armadas as redes para as práticas desses esportes. É comum passar nesse local em torno das nove ou dez da noite e ainda ver os jovens jogando, uma vez que, anteriormente, estas atividades encerravam-se juntamente com o pôr do sol.

A participação feminina nas atividades esportivas representa uma mudança muito importante na configuração social de Flecheiras, uma vez que, como alguns destacam, a predominância nas práticas esportivas era dos rapazes. Nos últimos anos as garotas vêm conquistando cada vez mais espaço. Elas estão presentes em todos os esportes citados, com maior participação no futebol, futsal e vôlei. As primeiras iniciativas ocorreram no futebol jogado na praia, posteriormente, o futsal e o vôlei, sendo este último mais recente. Alguns comentários de mulheres adultas ressaltam que o futebol feminino já vem de muito tempo, pois desde a década de 1980 que elas jogam na praia, faziam pequenos torneios com as localidades vizinhas. Mas, reconhecem que, atualmente, o fluxo de mulheres "jogando bola" é maior.

No fim da tarde, elas estão disputando espaço na praia com os rapazes. No local, são disputadas partidas de vôlei de praia feminino e masculino, em espaços diferentes, mas sendo vizinhos de campo; futebol feminino e masculino; e o futevôlei (só masculino), este é o que começa mais tarde, por volta das sete, sete e meia. Somente

quando se encerra o vôlei no campo masculino é que tem início o futevôlei; porém, isso não significa que as partidas de vôlei se encerram, pois muitas vezes elas continuam no campo feminino e com partidas mistas. O futevôlei, que compreende a junção do vôlei e futebol, é uma modalidade recente em Flecheiras, pois em observações anteriores essa prática esportiva não era identificada entre os jovens.

Os rapazes, como jogam há mais tempo o vôlei, já tinham o seu campo definido. Assim, quando as meninas passaram a jogar, seu espaço também foi delimitado, localizando-se ao lado dos rapazes. Mas, isso não significa uma completa separação entre homens e mulheres, especialmente no vôlei, pois em determinados jogos, quando os rapazes estão com problemas, seja pela falta de rede ou de bola, eles juntam-se com as garotas, jogam partidas mistas, como estava acontecendo nos últimos dias de pesquisa, no início de 2013. Existe uma cooperação entre moças e rapazes, o que interessa naquele momento é vivenciar o prazer do momento de lazer, de forma que as regras são adaptadas para o jogo misto. Acredito que a crescente participação das meninas nessas atividades tenha uma grande influência da escola, através do incentivo para a prática de atividades físicas, incluindo os esportes.

Durante a vida escolar os esportes já fazem parte do cotidiano, pois existem os grupos formados para participar dos torneios escolares. Este aspecto é destacado pelas jovens, que consideram a experiência nas atividades de educação física na escola importantes, sobretudo, a partir do estímulo do professor de educação física. Uma jovem recém-formada no ensino médio e jogadora de futsal ressalta que um determinado professor de educação física do ensino fundamental foi muito importante para que as meninas criassem interesse pela prática de esportes, pois o professor as incentivava nos momentos de aula, criando condições para que as alunas também jogassem. A jovem também afirma que alguns professores excluía as garotas dos esportes, preocupando-se apenas com os rapazes.

Fotografias 17 e 18 - Jogos de fim de tarde - jogo de vôlei misto e futebol masculino; jogo de vôlei e futebol feminino



Fonte: fotos de Flávia Sousa

Fotografia 19 - Futebol feminino



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Os esportes de fim de tarde não atraem somente jovens, mas também adultos, entre homens e mulheres casados. São pessoas que já praticavam esportes há mais tempo e que não pararam diante das obrigações familiares. Se existe tempo disponível, algumas mulheres levam seus filhos que brincam com outras crianças,

enquanto a mãe joga uma partida. Os jovens casados também vão participar, seja jogando ou simplesmente participando como plateia.

Além das práticas esportivas praticadas atualmente na areia, existia anteriormente um terreno público, localizado de frente para a praia, que era utilizado pelos jovens para o futebol (treinos, amistosos e campeonatos). No entanto, diante da especulação imobiliária, este terreno foi vendido para a iniciativa privada e em contrapartida a prefeitura prometeu um estádio de futebol no bairro de Barreiro. Mas, os muros foram levantados, as traves foram colocadas, no entanto, até a última observação de campo, o estádio ainda não havia sido concluído, mesmo assim, já estava sendo utilizado para treinos e a realização de campeonatos locais.

Nos últimos dias de pesquisa de campo, tomei conhecimento que o estádio estava fechado, pois os jovens consideravam impossível continuar jogando, devido ao péssimo estado da grama e o desnível do terreno. Esse campo que foi deslocado para o Barreiro, quando ainda era na praia, favorecia mais aos moradores do centro de Flecheiras, que, em seus relatos, contam o quanto era difícil um grupo do Barreiro entrar, uma vez que já era de certa forma dominado pelos vários grupos do centro de Flecheiras. Desta forma, o mesmo acabou acontecendo quando o campo foi construído em Barreiro, o domínio passou a ser mais dos moradores desse bairro; no entanto, com o seu fechamento, improvisaram um espaço que fica no próprio Barreiro de baixo, próximo ao estádio, onde também fica difícil algum jogador do centro de Flecheiras participar. Um rapaz relatou que, às vezes, se juntava com outros da rua⁵² e que seguia para o Barreiro para tentar jogar, uma vez que eles conheciam alguns rapazes do distrito, mas disse também que não tiveram chance de jogar, pois os grupos já estavam formados. O jogo já era mais fechado, só davam chance para um de fora entrar quando algum jogador se machucava ou faltava ao treino.

Percebe-se que no que diz respeito à ocupação do espaço, eles se fecham no seu grupo de bairro, ou quando alguém de fora do bairro entra, é devido as relações de amizades. Por um lado, essa ação dos jogadores do Barreiro pode ser motivada, também, pelos processos de estigmas sofridos e por em outros momentos não serem

⁵² A denominação rua, como explicitado anteriormente, também serve para referir-se ao centro de Flecheiras.

aceitos, pois quando o campo localizava-se na praia as equipes desse bairro não tinham chance de jogar.

Nestes contextos dos esportes e das redes de relações – principalmente, nos jogos de fim de tarde, os quais não têm o objetivo direto de uma competição oficial, mas sim da brincadeira e do prazer de jogar, contribuindo para a interação entre o centro de Flecheiras/Barreiro – são de extremo valor as relações de amizade, ou seja, precisa ser conhecido de alguém para eventualmente ser aceito nos grupos já formados nos momentos das peladas ou treinos. Diante da necessidade daquela equipe fechada, a regra para se chamar outro jogador para entrar na partida, é primeiro os “mais chegados”, os amigos, os conhecidos e que sejam “bons de bola”, isso é no caso do futebol e do vôlei também. Uma jovem do Barreiro (casada) disse que demorou um pouco para começar a jogar no vôlei de praia, inicialmente, somente assistia às colegas jogarem, observava para aprender, uma vez que não tinha prática no vôlei, só em futebol de salão. Então, com um tempo depois, conquistou um espaço. Relatou que guardava certo receio em entrar para jogar, pois considerava algumas jogadoras muito experientes e competitivas. Portanto, mesmo que fosse apenas um momento de brincadeira, sabia que não poderia ser fraca, uma vez que se exige muito do parceiro em um jogo de dupla. Dessa forma, tinha que tentar acompanhar o ritmo, porque do contrário poderia perder o lugar conquistado.

Fotografias 20 e 21 - Antigo campo próximo à praia e estádio que está sendo construído em Barreiro



Neste sentido, as redes de relações são importantes para o acontecimento e a manutenção da maioria dessas práticas esportivas, como o vôlei e o futebol. As amizades são significativas na composição dos grupos, quem é permitido entrar ou não, bem como as relações de proximidade com pessoas que têm um maior poder aquisitivo, que possam contribuir financeiramente para o funcionamento, doando os instrumentos necessários, como bola e rede. A relação com os políticos, como vereadores, ou comerciantes, é importante, pois podem contribuir doando esse material. Na ausência de algum desses materiais, os grupos ficam parados, à procura de quem possa fazer a doação, quando essa busca apresenta-se difícil, acabam por tentar fazer uma "vaquinha" (contribuição em dinheiro de cada um que joga naquela equipe). Essas possibilidades realizadas ajudam a equilibrar o poder sobre o material, sendo de direito de todos aqueles que participaram de um modo ou outro, o que evita os conflitos que podem ser ocasionados quando esse material está no monopólio de uma pessoa, que na condição de uma melhor situação financeira, o adquire por conta própria. Esse fato já aconteceu e, dependendo da pessoa, isso pode ser um problema ou não para os demais da equipe, devido à dependência que se estabelece.

Na época dos campeonatos municipais, sobretudo, os torneios de futebol, a contribuição financeira é fundamental, pois alguns times conseguem patrocínios no comércio local, bem como doação de dinheiro dos considerados sócios, geralmente pessoas que acreditam naquele time, ou que no passado já o defenderam. Isso é destacado para o time do Fluminense, o mais antigo. Outros times realizam bingos, ou outras maneiras de adquirirem dinheiro para garantir pelo menos o uniforme, muitas vezes contribuem do próprio bolso para fazer inscrição no campeonato e pagar o transporte. Deste modo, as redes de relações podem se estender para fora do local, recebendo incentivo e contribuição de estrangeiros, como é o caso do Independiente que tem uma boa relação com um argentino, o qual tem participação na criação do time. Este tem casa de veraneio nessa localidade e sempre ajuda com o uniforme nos períodos de campeonato. Esse time existia anteriormente com o nome de internacional, mas, no momento em que foram pedir ajuda para esse veranista, prática costumeira dos times locais, a possibilidade da contribuição estava submetida à troca do nome para Independiente, pois seria uma forma de homenagear seu pai que já havia sido técnico do Independiente da Argentina.

Com a garantia de sempre contar com essa ajuda financeira, aceitaram a troca; entretanto, na fala, muitas vezes as pessoas usam o nome Internacional, depois corrigem e dizem o atual nome. Afirmam que isso acontece porque já estavam acostumados com o primeiro nome. Este fato gerou um conflito entre os jogadores, pois o Independente havia se tornado mais competitivo nos momentos de campeonatos, convidando jogadores de fora em detrimento daqueles da localidade. Isso criou um conflito, gerando uma separação entre esses jogadores e constituindo um novo time – Nápoles – constituído apenas por jogadores locais. Um dos diretores, que também é jogador, afirma que a ideia era valorizar os jogadores locais, incentivá-los, uma vez que nos momentos de campeonatos geralmente eram substituídos por jogadores convidados de outra localidade e do município.

Nesse sentido, o interesse por esportes nessa localidade estende-se para além desses momentos de lazer no fim de tarde e dos torneios escolares. A tradição é referente ao futebol. O distrito de Flecheiras possui quatro times masculinos: Fluminense (time mais antigo e considerado tradicional), Independente, Nápoles e Barreiro (time formado mais recentemente). Todos os três primeiros são pertencentes à área do centro de Flecheiras. Os quatro times participam dos campeonatos municipais, tendo destaque o Fluminense e o Independente, que fazem parte da segunda divisão. A novidade do campeonato municipal de 2012 é a passagem de Barreiro para a segunda divisão, ganhando assim o respeito dos demais.

Destes times, o Fluminense se destaca não só pela sua tradição na localidade, mas por ser considerado um dos melhores do município, no que diz respeito ao desempenho, somando várias vitórias a partir do momento da fundação da Liga Desportiva Trairiense, em 1997, quando foi possível oficialmente se realizar os campeonatos municipais⁵³.

⁵³ Segundo o diretor, inicialmente esse time foi formado com o nome de Oceania, em homenagem ao local praiano e por ter sido formado originalmente por pescadores. No entanto, posteriormente, no ano de 1947, com a intervenção de uma antiga moradora que havia vivido por alguns anos no Rio de Janeiro e por gostar do time Fluminense, sugeriu a troca no nome do time, o qual veio então a se chamar Fluminense, adotando, portanto, as cores do Fluminense do Rio de Janeiro. A partir desse momento o time começa a participar dos torneios intercomunidade. Em 1997 o Fluminense deixa de ser apenas um time e torna-se uma instituição, que se denominou de Associação Desportiva Fluminense de Flecheiras, constituindo-se em uma instituição da comunidade sem fins lucrativos, com objetivo de entretenimento e lazer, passando a contribuir também para outras práticas esportivas.

Fotografias 22 e 23 - Jogos do Fluminense no antigo campo localizado na praia de Flecheiras



Fonte: fotos do arquivo do Sr. Maurício

Os esportes voltados para o campeonato, especialmente o futebol, tem uma organização específica no que se refere à formação dos times. Mesmo que estes já tenham alguns anos de tradição, ou seja, já tenham certo tempo de criação, isso não significa dizer que os membros desse time representem essa tradição, pois há uma grande mobilidade no momento de formar uma equipe para participar de um campeonato. Isso porque o futebol praticado nessa localidade pertence à categoria de amador, portanto, os times não têm vínculo formal com seus jogadores, o que acaba possibilitando uma aproximação entre jogadores do centro de Flecheiras e Barreiro e de outras localidades e municípios. Desta forma, na decisão de um campeonato, o que importa é tentar constituir uma equipe forte, independente para qual time o esportista já tenha jogado naquele campeonato ou em outros, o importante a ser considerado é o seu desempenho.

Quando não existia ainda o time de Barreiro, alguns jovens jogadores desse bairro eram convidados para representar algum dos times do centro de Flecheiras; mas, após formarem o seu próprio time, em 2011, alguns membros não queriam aceitar nele a participação eventual de jogadores do centro. Isso aconteceu recentemente quando disputavam uma vaga na segunda divisão do campeonato municipal, mas com a orientação e insistência do técnico, acabaram aceitando, o que parece ter contribuído

para a composição de um time forte, garantindo uma vaga na segunda divisão. Este aspecto representa um pouco das fronteiras simbólicas entre Flecheiras (centro) e Barreiro, que com o seu crescimento tem construído suas próprias representações, sejam, nos esportes, com o time de futebol e *futsal*, e nos grupos culturais, como a quadrilha e a capoeira – o que contribui, de certa forma, para aumentar a autoestima daqueles que vivem nesse bairro do Barreiro.

Por um lado, as práticas esportivas, seja apenas na sua dimensão lúdica ou competitiva, parecem ser incentivadas e valorizadas pelo poder público, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude, com projetos para a realização de campeonatos municipais e torneios escolares, que tendem a acontecer anualmente, às vezes com dificuldades para a realização das premiações em dinheiro. No caso de Flecheiras, como já citado, esse incentivo parece estar relacionado primeiro aos interesses imobiliários, devido ao caso da venda do terreno do campo (espaço conquistado pelos pescadores) para particulares e a não finalização do que ficou acordado, que era a construção do estádio em Barreiro. Isso gerou um problema nas atividades de treinos dos jogadores para os campeonatos, pois agora precisam recorrer a outros locais, necessitando de autorização para treinar no estádio do Trairi, sobretudo os jogadores do centro de Flecheiras, uma vez que o campo improvisado na área do Barreiro é de domínio dos jogadores desse bairro. Enquanto os espaços para esse tipo de atividade necessitam ampliação, dado o aumento do interesse pela prática dos esportes, eles estão sendo reduzidos, em prol dos interesses imobiliários, da valorização dos terrenos na área da praia, restando apenas à faixa de areia da praia, onde não dá para realizar os treinos com o uso das chuteiras, sem falar de alguns conflitos com donos de pousadas e hotéis que delimitam o espaço, pois alguns proíbem a prática de jogos em frente aos seus estabelecimentos⁵⁴.

Percebe-se, portanto, diferentes formas de manifestação de agrupamentos nas práticas futebolísticas, que variam entre o objetivo de lazer em atividades espontâneas de fim de tarde com os amigos e as competições mais oficiais dos períodos de campeonatos. Mesmo que exista essa variação, ela limita-se ao que entendo como práticas amadoras, sem intenção profissional, mas, por um lado, se aproximando da

⁵⁴ Dessa forma, nesse último ano, 2013, apareceu uma novidade na localidade, pois foi construído um campo privado para o jogo de futebol de salão, em que as pessoas têm que pagar para jogar. Mas não houve mais tempo para explorar essa novidade, devido ao fim ao encerramento da pesquisa de campo.

matriz do "esporte bricolagem" e por outro, da matriz do "esporte comunitário", como classificado por Damo (2005). O autor analisa na sua pesquisa de doutorado o futebol espetáculo, com o objetivo de entender o processo de formação de atletas em profissionais, tendo como campo etnográfico a cidade de Porto Alegre. Na sua tese, Damo (*Ibidem*) esboça algumas classificações que denomina de estratégicas para a compreensão da diversidade dos “futebóis”, correspondem a quatro matrizes, são elas: bricolagem, espetáculo, comunitária e escolar. Para ele, "jogar no parque não é a mesma coisa que jogar no estádio" (DAMO, 2005, p.31). Desta forma, a compreensão dos “futebóis” passa pela identificação das fronteiras entre as diferentes categorias e da mesma forma, pelas modalidades distintas de *habitus*.

Entende o “esporte bricolagem” como aquele praticado em espaços livres, como na rua, nas praças, parques, terrenos baldios, sem preocupação com as regras oficiais, uma vez que não está submetido a uma agência controladora, de forma que existe uma liberdade para a invenção e adequação dos códigos situacionais, o que não o torna menos incompleto que outras categorias, pois essa seria a característica do “bricolagem”, que "é estar à mercê dos agenciamentos". Neste sentido, Damo (*Ibidem*) identifica a "pelada" como um “esporte bricolagem”, porque se joga adaptando-se às condições que se dispõe – é um esporte de improviso. Para o autor,

[...] o tempo da bricolagem é o tempo social do não - trabalho - do lazer, da recreação, do ócio, etc. -, ainda que seus praticantes se empenhem de modo laborioso com intenso desperdício de energia física e psíquica. A duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições climáticas, as limitações de horários impostas pelas locações de espaços, entre outras. (DAMO, 2005, p. 37).

O futebol de “matriz comunitária” é definido por ele também como vinculado ao tempo de lazer, mas diferentemente da matriz do “esporte bricolagem”, este é realizado em espaços mais padronizados, mesmo que não tenha a pretensão de seguir o modelo dos campos oficiais. É uma prática intermediária entre o “esporte bricolagem” e o “esporte espetáculo”. Deste modo,

Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário - em boa parte do Brasil, ao menos de São Paulo em direção ao Sul é chamado de "futebol de várzea" - é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala. A divisão social do trabalho fora do campo não é nula, mas precária. Todos os times de várzea têm um técnico e quase todos têm também um dirigente e um massagista, diferindo da bricolagem, portanto. Entretanto, o técnico da várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. (DAMO, 2005, p. 42).

Encontro proximidades entre as atividades futebolísticas praticadas pelos jovens de Flecheiras com essas duas classificações pensadas por Damo (*Ibidem*), uma vez que não há nessa localidade a prática de um futebol profissional, apenas o time que representa o município de Trairi tem essa classificação, pois compete no campeonato estadual, e no último ano conquistou uma vaga na segunda divisão, para a alegria dos torcedores.

Desta forma, encontro aproximações e considero bem significativa para esse contexto a ideia de sociabilidade desenvolvida por Dayrell (2005), a partir de Simmel, ao pensar a cultura juvenil e a importância das interações estabelecidas entre os jovens:

A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (“os amigos do peito”) e aqueles mais distantes (a “colegagem”), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras. O movimento também está presente na própria relação com o tempo e o espaço. A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da casa ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas, também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais [...]. (DAYRELL, 2005, p. 1111).

Considero estas interações cotidianas, manifestadas nesses encontros para as várias práticas de esportes, como uma forma de sociabilidade, que implica mais diretamente nas relações entre esses jovens, ou seja, é um compartilhamento prazeroso de um momento de lazer, em que os laços de amizades são tecidos e fortalecidos, pois o grande objetivo da maioria é estar com esses amigos. Essas práticas apresentam-se

importantes também para construir momentos de agregação entre Flecheiras (centro) e Barreiro, mesmo que geralmente mediadas pelos conflitos.

5 Os jovens na dinâmica das festas

Nos últimos anos, as festas originadas em contexto de turismo ganham destaque no distrito de Flecheiras, ampliando as possibilidades de lazer, principalmente para a maioria dos jovens. Os momentos de festas têm se apresentado como importantes expressões das mudanças e são úteis para o desenvolvimento de sociabilidades entre os jovens e destes com outros jovens que estão na localidade só de passagem – os turistas, os veranistas, os apreciadores das festas.

Perceber os sentidos e as sociabilidades construídas por esses jovens locais em relação aos momentos festivos contribui para que se possa entender os sentidos que eles os atribuem, uma vez que, além das novas festas com características urbanas, os jovens compartilham também daquelas mais tradicionais. Assim, poderemos entender os significados que eles vão construindo diante das mudanças e das sociabilidades produzidas no jogo da interação com o outro. Conforme ressalta Carrano (2002), as relações estabelecidas nos tempos e espaços de lazer desenvolvem importantes processos sociais de formação da subjetividade juvenil.

Existe um calendário de festas e eventos (*réveillon* dos nativos e amigos de Flecheiras, Festa do Pisca, carnaval, Festa de São Pedro, Festival de quadrilhas, Feira da aliança, Festival de dança e Festival das algas), os quais tendem a acontecer anualmente, mas alguns apresentam descontinuidades, como os eventos criados mais recentemente – a exemplo do Festival das Algas⁵⁵ - que dependem predominantemente de organização mais externa à comunidade. As festas têm se tornado um atrativo em muitas localidades turísticas. Como explicita Rosa (2007, p. 206), "a festa tem-se revelado como um importante produto da indústria do entretenimento, tornando-se a época de sua realização o momento em que se intensifica a recepção de turistas".

⁵⁵ O Festival das Algas acontece desde o início deste século com parceria entre a Prefeitura Municipal de Trairi, a Associação dos Hotéis e Pousadas do Trairi (Ahtra), o Ministério do Turismo e o Sebrae/CE, dentro do projeto Roteiro Integrado Rota dos Ventos, que abrange os municípios de Caucaia, São Gonçalo do Amarante, Paracuru, Paraipaba e Trairi. O objetivo do evento é a produção e comercialização de alimentos feitos com algas bem como artesanato. O evento acontece durante dois dias, geralmente no mês de agosto, depois de dois anos sem edição, o último festival aconteceu nos dias 09 e 10 de dezembro de 2011. Uma marca deste evento, além dos produtos feitos com algas, são as atrações musicais, como em 2008, com a presença do cantor Geraldo Azevedo. No ano de 2012, o evento não aconteceu.

Essas festas propiciam uma "disritmia" quanto ao cotidiano considerado mais calmo, instituindo dias de "movimento", um momento desejado pela maioria dos jovens, em especial as mais recentes, trazem uma dinâmica mais urbana à localidade, pelo estilo diferente do formato e pelas pessoas que são, em sua maioria, da cidade.

Existem, portanto, algumas festas consideradas tradicionais e singulares em Flecheiras, com o predomínio de participantes do município e de localidades vizinhas. Por outro lado, há festas com predomínio de um público externo à região e que se originaram com a inserção do turismo. São as festas com influências mais urbanas, algumas totalmente produzidas por pessoas de fora. No primeiro caso, destaco a festa de São Pedro que ocorre no final do mês de junho e se caracteriza por representar uma manifestação de matriz religiosa, o que nos últimos anos tem se modificado em virtude da incorporação de novos elementos a sua programação. No segundo caso, darei especial atenção às festas de comemoração da passagem de ano, mais especificamente a festa do *réveillon* dos nativos e à Festa do Pisca, por ter um estilo dos modos de vida urbano. O objetivo é apresentar um pouco sobre a constituição dessas festas, sublinhando as mudanças, as relações e conflitos entre elas, destacando a especificidade da Festa do Pisca para a manifestação das trocas e formas de sociabilidade dos jovens. Esta festa foi originada em um cenário de turismo, caracterizando-se pela presença de apreciadores externos, em sua maioria jovens, e por se tratar de um evento em que os elementos centrais aglutinadores de pessoas são música (aparelhagem de som) e bebidas alcoólicas.

Desse modo, é fundamental desenvolver uma discussão sobre as festas já citadas, procurando entendê-las diante do seu surgimento e das mudanças. Ao pesquisar o circuito das festas bregas em Belém do Pará, Costa (2009) ressalta que, ao analisar uma festa, é importante considerar as variações no formato e as regularidades do acontecimento.

5.1 A Festa de São Pedro

A festa de São Pedro já acontece há algumas décadas e atravessou gerações; porém, nos últimos anos, tem se modificado quanto a sua proposta. Realizei observação nessas festas do mês de junho em 2011 e 2012 e verifiquei diferenças de um

ano para outro, sobretudo no que diz respeito às atividades culturais e lúdicas que são dinamizadas nas noites após a celebração, durante os nove dias de festejo. No sentido de conhecer e ter uma maior noção das mudanças, foram realizadas entrevistas com pessoas mais velhas que vivenciaram essa festa em outros momentos. O evento é organizado pelo conselho e pastorais da igreja São Pedro, com o apoio da Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras e Ponto de Cultura. A festa conta com a participação dos jovens, em especial aqueles que são ligados a essas organizações ou que fazem parte da pastoral da juventude e do grupo de liturgia da igreja, mas também alguns estrangeiros que moram na localidade. É uma festa em que a maioria dos participantes externos ao distrito vem de localidades próximas. O período em que ocorre o evento é o tempo de receber parentes, amigos e conhecidos, que geralmente estão presentes nesses dias de festa. Os turistas têm maior participação no fim de semana, mas são poucos, porque junho ainda corresponde à baixa estação, tendo mais destaque aqueles que vêm passar o fim de semana nas suas casas de veraneio.

Conforme relatos de moradores mais antigos, que têm atualmente em torno de cinquenta e sessenta anos, a festa de São Pedro já mudou muito. Esses moradores ressaltam que antes, quando jovens, essa era a maior festa da localidade, aguardada por todos, pois possibilitava muito movimento e animação, que se iniciava com os próprios preparativos. Afirmam ainda que a tradição era garantida pela forma de organização com o objetivo de arrecadar dinheiro para a realização da festa e para a igreja. Este trabalho estava sob a responsabilidade de dois grandes grupos, denominados de partidos, o azul e o encarnado (vermelho). Havia uma competição para ver quem arrecadava mais dinheiro e as formas eram as mais diversas. Os membros dos partidos iniciavam pedindo contribuições nas localidades e municípios vizinhos. Antes do mês de junho, saíam em uma peregrinação de vários dias como aponta uma das entrevistadas no trecho transcrito a seguir:

[...] a gente ia até Paracuru (município litorâneo próximo ao Trairi) a pé, cansei de ir, e passava fome. Saía aqui pela Lagoinha (praia vizinha ao município de Trairi, pertencente ao município de Paráíba), aí de lá ia para o Paracuru. Passava o dia pedindo esmolas para a igreja, daí dormia e no outro dia a gente vinha. Daí pedia esmolas na Lagoinha e de lá a gente voltava a pé. Isso tudo dava quatro dias. Não faltava onde dormir, pois tinham os parentes, almoçávamos sempre na casa de alguém. Agora parou mais, mas logo no começo, quando as moças tinham vontade de trabalhar, quando

chegava próximo ao levante da bandeira, quando faltavam uns quinze dias, a gente já se tacava no mundo pra pedir ajuda para a igreja. (Naiza, E-01/2013).

Outra forma de arrecadar o dinheiro era no período da pesca da lagosta, no início do mês de junho, quando chegavam várias embarcações na localidade e as moças pediam contribuições para os pescadores, que doavam lagostins para serem vendidos.

Ave Maria, quando o pessoal chegava do mar a gente ia pra praia, nós ganhava era muito, a gente fazia era dinheiro de lagosta, porque naquele tempo eles pegavam também lagostim, e eles davam pra gente era de muito, aí a gente ia vender. Vendia para o Sr. Raimundo Nonato, que naquele tempo ele era o dono das embarcações, e ele é quem comprava. Cada lagostim era cinco mil réis. (Naiza, E-01/2013).

As demais formas de arrecadação de dinheiro compreendiam àquelas realizadas durante os nove dias de festa, com as barracas, nas quais se vendiam comidas e faziam brincadeiras. Algumas dessas brincadeiras eram bem tradicionais, as vendas das fitas na cor do partido e a brincadeira do caritó. A primeira correspondia às fitas de cor encarnada ou azul que eram colocadas nas roupas das pessoas (homens, mulheres e crianças), que pagavam um determinado valor por ela. A brincadeira do caritó⁵⁶ – correspondia às moças que simbolicamente eram colocadas no caritó – acontecia da seguinte forma: a moça, quando presa em uma barraca, solicitava-se para que fosse resgatada pelo seu namorado, quando isso acontecia, anunciava-se a partir de um som que a moça já havia saído do caritó. As brincadeiras são assim descritas:

Aí quando chegava o pessoal a gente fazia os partidos, pegava as fitas e pregava com alfinete no bolso do rapaz, pedia com licença e colocava, eles perguntavam quanto era, naquele tempo era cinco mil réis, e eles pagavam. Era os partidos azul e vermelho, e o partido azul era sempre mais pra frente do que o vermelho. E tinha o caritó, os homens botavam as moças no caritó, daí tinha que pagar para tirar as moças do caritó. Era uma barraquinha feita para caber só uma pessoa, daí as pessoas iam por detrás e colocava a moça lá dentro, aí quando o

⁵⁶ Esse termo tem vários significados, mas é geralmente usado para referenciar-se às mulheres mais velhas que não se casaram, o que corresponde ao mesmo que deixadas no canto.

namorado de la passava, a gente dizia - fulana tá no caritó -, daí o rapaz tinha que pagar para tirar. Era na faixa de dez mil réis, daí, se quisesse, ele tirava. Naquele tempo tinha as radiadoras em cima das casas, aí era anunciado que o fulano de tal tava tirando a fulana de tal do caritó, daí os meninos tiravam o pau aí ela passava para fora. Nas festas de Flecheiras nós ganhávamos dinheiro de partido era assim. (Naiza, E-01/2013).

Quando se dava por encerrado o festejo, o partido vencedor apresentava sua rainha para desfile, esta recebia a faixa da rainha que havia desfilado no ano anterior. Desta maneira, a última noite terminava com um leilão e festa dançante⁵⁷ e, ao amanhecer do dia seguinte, era realizada a procissão com a imagem do santo no mar, seguida por vários pescadores, e a missa de encerramento.

A procissão no mar é uma característica marcante da festa e muitas pessoas recordam com saudosismo da organização, da performance e da dedicação dos pescadores naquela época, como percebemos no relato abaixo:

Outra coisa boa que eu sempre lembro muito da festa, era a procissão depois da festa, a procissão pelo mar, os pescadores todos com aquela roupa tradicional, com aquela fazenda de algodão. A gente pegava a casca do muric, fazia aquela água bem vermelha, colocava o pano pra ficar avermelhado, aí eles vinham com os pés descalços, com os materiais de pesca nas costas. Era assim que todos eles participavam da procissão e traziam o santo. Era lindo. "Fino" pescador [...] Era assim, quando chegavam do mar, eles vinham trazendo o santo em procissão, os vinte pescadores, eles vinham trajados tradicionalmente. E hoje não vai nem um para trazer o santo. Hoje é quase a mulher que vai, porque não tem pescador, por incrível que pareça, com tanta gente. Aí são coisas que a gente nunca vai esquecer [...]. (Cirleide, E-01/2013).

O relato acima já representa um pouco das mudanças que estão acontecendo quanto ao formato dessa festa, corresponde a atual diminuição da participação dos pescadores no momento da procissão, justificada pelas mudanças relativas ao trabalho, uma vez que os homens estariam abandonando a pesca para

⁵⁷ Algumas pessoas falam que muitas vezes a festa só acontecia na noite seguinte, no dia mesmo de São Pedro, 29 de junho – o que variava de acordo com a opinião de cada padre. A justificativa para que não acontecesse no dia do leilão, era relacionada ao estado dos pescadores no outro dia para realizar a procissão com a imagem do santo no mar, pois muitos ficavam bêbados, impossibilitados de seguir a procissão. Então, o padre é quem resolvia qual era o dia da festa dançante.

trabalhar em outras áreas e os atuais jovens não estariam interessados em serem pescadores; porém, mesmo com a diminuição, ainda há trabalhadores da pesca, sobretudo os mais velhos. Não significa a ausência dessa participação, pois, nos dois anos em que acompanhei mais diretamente o desenvolvimento da festa, foi possível observar que esses pescadores entraram no mar para seguir a procissão, pelo menos em torno de uns 25 paquetes. Ao chegar à praia, o número dos pescadores que continua em procissão até a condução do santo ao altar da igreja diminui, pois vão ancorar seus paquetes, sendo substituído por um público mais diverso, entre mulheres, jovens e crianças – os que ficam na praia aguardando a chegada da imagem do santo. Posteriormente, esses pescadores juntam-se àqueles que acompanham a missa. Quanto à performance e caracterização do pescador, realmente aconteceram mudanças, estes não vão mais vestidos tradicionalmente como foi descrito. No entanto, nesses dois anos eles usaram uma camiseta personalizada com motivos da festa (2011) e já no ano seguinte isso não aconteceu.

Diante dos relatos e ao observar essa festa nos dias atuais, percebo mudanças que variam particularmente quanto às brincadeiras realizadas e às formas de arrecadação de dinheiro para ajudar a igreja. Porém, a festa continua sendo marcada ainda pelas competições, não mais entre os partidos, mas em algumas brincadeiras realizadas, com a participação de pessoas de várias faixas etárias, da criança ao mais velho.

Deste modo, a tradicional festa do santo protetor dos pescadores, São Pedro – que dá o nome à igreja católica local –, corresponde ao total de dez dias, inicia nove dias antes do dia de São Pedro e encerra no dia de homenagem ao santo, dia 29 de junho. A data é marcada pelas cerimônias religiosas, missas diárias que abrem os eventos da noite e a diversidade de brincadeiras e atividades culturais, que variam a cada ano, tais como: concurso de quadrilhas⁵⁸ – considerando a participação das localidades pertencentes ao município; concurso do melhor cantor(a), apresentação de grupo de danças e capoeira, gincanas, competições esportivas (como futebol e vôlei), competição

⁵⁸ O festival de quadrilha é a única atividade cultural deste evento que aceita a participação de pessoas de outras localidades. A quadrilha de Barreiro é considerada a mais tradicional em comparação a de Flecheiras, pois é famosa por já ter ganhado vários concursos, inclusive, foi a ganhadora deste festival. Existe outro dia, já no período do mês de julho, que acontece outro festival de quadrilha no "Barreirão Clube", mas, neste momento, a quadrilha de Barreiro não concorre, pois como ganhadora do festival de quadrilhas de Flecheiras, ela se apresenta apenas para receber os convidados e, logo depois, dá início a competição, com apresentação de quadrilhas de vários municípios da macro região.

de rendeiras (quem faz em menor tempo a maior e melhor renda), corrida de pacote (grupo de jovens que consegue conduzir em menor tempo um pacote até a linha de chegada), concurso da garota mais bonita de Flecheiras⁵⁹, dentre outras.

O primeiro dia do evento é marcado por uma procissão dos devotos pela cidade, que acontece ao amanhecer. Esta prática não fazia parte do formato, tem apenas dois anos. Ainda na madrugada, antes do sol nascer, algumas pessoas começam a descer no sentido da praça, onde ficam aguardando o início da procissão. Aos poucos, é possível perceber um pequeno público que varia entre jovens, adultos e idosos, mas sendo mais marcante a presença de adultos. Em torno de cinco e meia da manhã, a procissão sai de frente da igreja e segue pelas ruas de Flecheiras, iniciando o trajeto pela Rua São Pedro. A cada ano o percurso varia, pois não é possível andar por todas as ruas, uma vez que Flecheiras cresceu muito. Nestes dois anos de existência, o percurso só se concentrou nas ruas do centro, ou seja, ainda não passou pelo bairro de Barreiro.

A procissão caracteriza-se pelas constantes paradas na frente da casa de alguns fiéis, momento em que acontece a reza do terço. Elas são agendadas previamente, de acordo com a manifestação de interesse dos moradores. Gradativamente, os devotos saem de suas casas e acompanham a procissão, até retornar novamente para a igreja, em torno de umas sete e meia, quando todos são recebidos por um padre para que seja hasteada a bandeira de São Pedro e dar-se por oficializado o início da festa do padroeiro dos pescadores. Esse momento é celebrado com um grande café comunitário, organizado em uma pequena viela ao lado da igreja.

⁵⁹ No ano de 2013, não fizemos observação da festa, devido à conclusão da tese, mas sabemos que aconteceu também concurso do rapaz mais bonito de Flecheiras, o que é uma grande novidade.

Fotografias 24 e 25 – Preparação para a procissão ao amanhecer do dia e o terço nas casas dos devotos



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Fotografias 26 e 27 – Jovens na procissão e o momento que a bandeira de S. Pedro é hasteada



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

O segundo momento do dia ocorre por volta das 19h00, quando acontece a primeira missa, repetida diariamente durante os outros dias de festejo. Por motivo de espaço, ela é realizada fora da igreja, na praça. Durante todos esses dias, logo após a celebração, em procissão a imagem do santo é conduzida para a casa de um devoto,

retornando à igreja no dia seguinte antes da celebração da missa. Após esse momento, iniciam-se as atividades culturais, que ocorrem em sua maioria no espaço da praça, com exceção das atividades esportivas, que acontecem na praia. O local fica lotado, desde apreciadores, comerciantes com suas barracas de venda de brinquedos, e as barracas de São Pedro, as que vendem comidas e bebidas para arrecadar dinheiro para a igreja⁶⁰, e outras pessoas a oferecer diversão com várias brincadeiras. Os nove dias são marcados por esse ritual, variando apenas quanto às atividades culturais e os dias de fim de semana, pois é quando existe mais nitidamente uma presença de turistas e veranistas. Na última noite, tem destaque os famosos leilões ou jantares, com o objetivo de arrecadar dinheiro para a igreja, e de uma pequena banda de forró pé de serra⁶¹, do próprio município, para animar a noite. Momento em que algumas pessoas dançam, particularmente os adultos e mais velhos. Essa é a festa de encerramento organizada pela igreja, que começa e termina cedo na noite.

Todavia, outra festa é organizada pelo público mais jovem e acontece nos clubes locais e ultimamente tem sido realizada no Barreirão Clube, localizado na fronteira entre Barreiro e o centro de Flecheiras. São convidadas bandas de música de outros municípios que disponibilizam geralmente forró e axé⁶². Esta festa sempre teve uma associação direta com a Festa de São Pedro, era chamada A Festa Tradicional de São Pedro, mas, segundo um jovem, a partir de 2013 o padre quer fazer essa dissociação, pois na realidade não está relacionada à Festa de São Pedro. Agora vai se chamar só Festa Tradicional de Flecheiras. Para ele, "uma é a festa do leilão da igreja e a outra é a festa da juventude" (Gustavo, 25 anos, E-05/2013). Percebe-se aqui as diferenças que marcam essas manifestações entre gerações e entre o espaço do sagrado e do profano. Uma atendendo os objetivos organizacionais e tradicionais da igreja, mais calma e frequentada geralmente por pessoas mais velhas, e outra atendendo aos objetivos profanos de diversão dos jovens, em espaço fechado, com muita bebida, terminando ao amanhecer do dia.

⁶⁰ Estas barracas ficam na responsabilidade da comunidade, a cada dia, moradores de uma rua específica se comprometem em levar comidas e bebidas para vender.

⁶¹ É um estilo mais tradicional, à moda do forró de Luiz Gonzaga, com um vocal, sanfona, zabumba e triângulo, como a banda que animou o encerramento de 2011.

⁶² Esta festa pode ser realizada tanto no mesmo dia da praça, mas só quando ela encerra ou em outro dia, preferencialmente no fim de semana.

Fotografias 28 e 29 – Missa e noite do leilão, com os vários objetos e pratos de comidas que vão ser leiloados



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Fotografias 30 e 31 – Apresentações culturais: festival de quadrilha e roda de capoeira



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Fotografias 32 e 33 – Competição de corrida de paquete e das rendeiras



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

O dia 29 de junho corresponde à tradicional procissão dos pescadores com a imagem do santo no mar. Da mesma forma que iniciou, a festa se encerra por volta das cinco e meia da manhã quando a imagem é colocada em um paquete e este adentra ao mar, seguido por vários outros pescadores. Fogos de artifício são soltos em homenagem ao dia do padroeiro. Em torno de uma hora e meia eles estão de volta, recebidos novamente com muitos fogos. Devotos e curiosos conduzem a imagem do santo até o altar onde vai ser celebrada a missa de encerramento. O altar sai da praça central e é armado em uma pequena área da praia, que algumas pessoas denominam de Praça dos pescadores. Atualmente ela é quase imperceptível devido a um grande hotel que foi construído bem ao seu lado. Desta forma, após a missa, a imagem é trazida para a igreja, momento em que a bandeira hasteada no primeiro dia de festa é retirada e a festa é encerrada.

Fotografias 34 e 35 – Procissão dos pescadores no mar



Fonte: fotos de Flávia Sousa

Fotografias 36 e 37 – Procissão pela praia até chegar ao altar na pequena praça dos pescadores



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Esta festa tem se caracterizado por ser vista como uma manifestação das tradições e cultura local, ressaltando elementos simbólicos relativos à religiosidade, à vida do pescador e da mulher rendeira. Mas, ao mesmo tempo, traz também novidades quanto às novas manifestações dos jovens, como apresentação de atividades culturais, em

especial danças e capoeira – competições esportivas, etc. A presença dos jovens da área central e do Barreiro é marcada em todos os dias do evento, em particular nas atividades noturnas. Alguns cuidam da organização, outros participam dos jogos, das apresentações culturais, das gincanas, da venda das comidas nas barracas e outros apenas circulam e observam a festa, uma vez que são vários dias de festejo e o "movimento" na praça, sobretudo à noite, é constante.

O cenário de turismo é importante para se perceber as realizações das festas, pois muitas se transformam diante da demanda turística, criando e renovando práticas a partir de elementos considerados tradicionais, como, por exemplo, a competição entre as mulheres rendeiras. Trata-se de uma maneira de valorização de um elemento da cultura local, para que os turistas valorizem esse tipo de trabalho. Nesse sentido, essas festas tornam-se grandes momentos de lazer, encontros e, também, símbolos da performance para os "outros" verem. Rosa (2007), refletindo sobre a festa e o lazer em contextos de turismo, destaca:

Junto a outros atrativos locais de uma região/cidade, como competições esportivas, festivais, comércio e natureza, ela [a festa] impulsiona a mobilidade de pessoas de outras localidades para o lugar, seduzidas pelo acesso aos bens, serviços e produtos culturais daquela sociedade, entre os quais as atividades de lazer se destacam. (*Ibidem*, p. 206).

Desta forma, as transformações no formato da festa existem, mas são relativas, pois comparando as falas apresentadas inicialmente com a experiência atual, percebo algumas continuidades, particularmente no âmbito da celebração religiosa, com as missas diárias e a participação dos jovens na organização, nas brincadeiras e competições. As discontinuidades são relativas às atividades culturais, pois são atualizadas ao contexto, ao modo de vida dos jovens. Os significados e a importância dessa festa também apresentam diferenças no decorrer do tempo, pois se antes ela era considerada o evento mais importante, movimentado e animado da localidade, atualmente ela concorre com várias outras que têm igual ou maior importância do que ela. Estes fluxos dependem da experiência de cada um e dos processos de significação que são criados e recriados pelas novas gerações.

Desta maneira, a maioria dos jovens participa da Festa de São Pedro e gosta devido ao movimento que ela traz para a localidade, especialmente à noite na praça, uma vez que são vários dias de festejo. Ela tem maior significado para aqueles que fazem parte da organização, e para os grupos culturais, devido às apresentações, como as quadrilhas, a capoeira, o grupo de dança e para os times de vôlei ou futebol, devido às competições que estão em jogo. Enfim, é um festejo que proporciona aos jovens dias de realização dessas atividades lúdicas, de interação entre eles, diferentemente das festas de final de ano, que possuem outro formato e representam outros significados.

5.2. Festas de fim de ano: *Réveillon* dos Nativos e Festa do Pisca

A festa de passagem do ano, que acontece na praia de Flecheiras desde o início deste século, já é considerada como um dos maiores eventos da localidade, uma vez que aglomera um maior número de visitantes vindos de Fortaleza, de outras regiões do país e de outras nações. A organização é mérito da própria comunidade, através da ADCF e Ponto de Cultura, com o apoio da prefeitura municipal e do governo do estado.

É interessante observar como essa festa foi ganhando proporções inesperadas pelos organizadores, uma vez que ela se originou a partir da ação de uma moradora participante da associação, que, no ano de 2001, resolveu criar a festa dos nativos, denominada *Réveillon* dos Nativos e Amigos de Flecheiras. Um jovem relata que esta comemoração comunitária originou-se como uma alternativa em oposição à festa privada que acontecia em uma casa de veraneio, reservada apenas para quem podia pagar caro, na qual os nativos só conseguiam entrar para trabalhar. Esta festa era bastante conhecida em Fortaleza – o *réveillon* da casa do Léo (veranista). Desta forma, ainda quando não existia essa festa dos nativos, os moradores locais comemoravam particularmente, em família, ou seguiam para a tradicional festa na sede do município, com bandas e queimas de fogos.

Com o aumento do turismo na localidade, a festa organizada pela comunidade foi se tornando mais conhecida, a cada ano aumentava o número de participantes. O evento – que acontece nas margens da praia e que, no início, era conhecido por ser uma festa muito bonita, tranquila, com pouca gente e com uma boa

música, geralmente, as bandas convidadas faziam parte do circuito mais alternativo da música cearense – era referência, em Fortaleza, para quem buscava uma festa de *réveillon* tranquila e teve seu auge quanto ao número de participantes após a realização do *reality show* “No limite”, da Rede Globo, em 2009. Desde então, a festa sempre é comentada pelo grande número de participantes, o que já não é tão bem visto pela maioria dos moradores, uma vez que há muita gente, muito barulho e movimento, o que perturba a tranquilidade local. Por outro lado, aqueles que se beneficiam mais diretamente do turismo, principalmente os donos de comércios, restaurantes, pousadas e hotéis, bem como para os que trabalham com vendas de produtos artesanais e alimentação, acreditam ser um ótimo período para os negócios.

Fotografias 38 e 39 – *Réveillon* dos Nativos e Amigos de Flecheiras



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Com o passar do tempo, notadamente a partir de 2006, junto ao *réveillon* dos nativos foi acontecendo uma festa paralela. Jovens, filhos dos donos de casa de veraneio, que estavam naquela localidade em férias, passaram a disponibilizar a partir do som dos carros, outras músicas (axé, forró, *funk*, dentre outras)⁶³. Isso acontecia em um

⁶³ Esse movimento acontecia praticamente em todos os grandes feriados, correspondia a uma forma de encontro desses jovens que frequentam Flecheiras, desta maneira, o *réveillon* passou a ser o período em que acontece a maior concentração desses veranistas, mobilizado pela diversão.

limite de espaço entre a festa dos nativos e a que acontecia na casa do Léo. Desta maneira, vários carros estacionados na praia tocavam, ao mesmo tempo, músicas variadas. Esse fato passou a ser um problema para a festa dos nativos, uma vez que atrapalhava o som da banda contratada e contradizia a imagem de uma festa tranquila, que tanto prezavam. Iniciou-se, então, um movimento de proibição desses carros em torno da festa. Na medida em que isso foi acontecendo, eles começaram a se organizar em uma área mais afastada. O número de frequentadores aumentou e, como se tratava de uma festa com muito barulho, passou a incomodar também os próprios veranistas. Deste modo, a festa começou a sofrer intervenções do poder público, com fiscalização de guardas de trânsito municipal e policiamento. A área onde poderiam fazer a festa passou a ser delimitada, uma vez que correspondia a uma região da praia bem afastada do perímetro urbano. Ao invés de proibir, o poder público contribuiu para transformá-la em um produto turístico. Isso fica claro no relato de um representante da secretaria de turismo ao defini-la a partir de três momentos: “primeiro a festa era uma “fuleragem⁶⁴”, com o tempo se transformou em um problema e depois em um produto”.

Os participantes relatam que todos os anos a festa é ameaçada, pois a medida que se aproxima do fim do ano, os comentários sobre a não realização da festa começam a ser espalhados. No entanto, este ritual festivo sempre acaba acontecendo. Assim, essa festa passou não só a fazer muito sucesso, aumentando o número de apreciadores, inclusive, dos jovens locais, como também a dispor de uma pequena infraestrutura, com pessoas que passaram a vender bebidas e comidas no local. Nesta perspectiva, concordo com as reflexões de Costa sobre a festa:

A festa, percebida em sua dimensão histórica e social, é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações desenvolvidos na sociedade. A festa popular, na sociedade urbana e industrial, é um fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreendimentos, oferecimento de bens culturais) e políticas (sistemas de troca de interesses, conflitos por poder e prestígio). Por conta disso, ela não pode ser considerada unicamente como expressão da alienação de um ou vários grupos sociais ou, num polo oposto, como meramente um mecanismo de “resistência” à indústria cultural ou a esta entidade opaca que é a “cultura dominante”. Trata-se de uma experiência cultural mutante ligada às diversas esferas da vida social,

⁶⁴ Esta palavra tem vários sentidos que, dependendo do contexto, pode ser negativo ou positivo. No cenário explicitado no relato, significa esse aspecto mais negativo da palavra, de ser uma festa pequena, desorganizada, bagunçada.

cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento. (COSTA, 2006, p.83).

A Festa do Pisca foi crescendo e passou a acontecer em vários dias, iniciando-se após o Natal e se estendendo até o primeiro dia do ano novo, sendo seu auge quanto ao número de participantes no dia da passagem do ano novo. Isto cria um movimento de circulação entre essa festa e aquela organizada pelos moradores locais. A maioria dos jovens da localidade passa a virada do ano na festa dos nativos e só após a passagem segue com um grupo de amigos para a Festa do Pisca. É comum estar na Festa do Pisca e perceber o movimento das pessoas chegando, seja a pé ou de carro, geralmente carregando um isopor nas costas ou sacolas com bebidas.

Fotografias 40 e 41 – Pessoas chegando à festa tanto pela praia como pela estrada



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Este evento tem em sua matriz organizativa pessoas da capital e de outras cidades. Trata-se de uma festa que possui vários elementos importantes que dão sentido à sua existência: carros com um bom som instalado, músicas diversas, bebidas alcoólicas e, nos últimos anos, tem marcado forte presença os denominados paredões de sons (várias caixas de som enormes, muitas vezes acompanhada de jogo de luz e telão). Ao considerar

as observações da dinâmica da festa e a ideia de *objeto focal*, ou seja, o polo de agregação dos participantes, segundo Guarinello (2001), pode-se dizer que, mesmo essa festa tendo vários elementos, um deles é fundamental, o som, no sentido mais amplo, as músicas disponibilizadas.

É denominada de Festa do Pisca exatamente porque os jovens se encontram à noite na praia munidos de seu carro com um bom som instalado, deixando os faróis acesos a piscar, incluindo nessa festa muita bebida. Aos poucos, os carros vão chegando, alguns começam a festa no fim de tarde, com o pôr do sol, acontecendo, portanto, um rodízio, pois alguns vão embora e outros chegam em torno das oito horas, intensificando a circulação por volta da meia noite. Muitos daqueles que "curtiram" no fim de tarde retornam à festa durante a madrugada. Dessa maneira, os carros que disponibilizam o som agrupam-se aleatoriamente, mas os veículos de amigos tendem a ficar juntos.

Com o passar das horas, o número de carros vai aumentando e o barulho também. Na estrada que dá acesso a área da festa começa um grande congestionamento de carros. Pessoas querendo entrar com o seu veículo no sentido da praia e outras buscando estacionar na estrada e em suas proximidades, sobretudo, aquelas que não vão fazer uso do som do seu carro. Diante da possibilidade de enfrentarem atolamentos na areia da praia em razão da variação das marés, como já aconteceu com vários carros, diversos frequentadores preferem estacionar seus veículos na margem da pista. A inserção dos paredões⁶⁵ criou essa possibilidade, pois a maioria passou a frequentar os sons disponibilizados por eles. Quanto maior o paredão mais distante ele fica dos carros pequenos, sendo localizado após a sequência dos carros. Acredito que isso seja também para que seu som se direcione para a zona da praia sem residências, evitando reclamações pelo barulho, o que possibilita também mais área livre para o público "curtir" o som.

⁶⁵ Os paredões são aparelhagens de som potentes que ultimamente têm sido bastante utilizados em vários eventos em Fortaleza e em vários municípios do estado do Ceará, bem como em outros estados do país. Sua utilização tem acontecido também em pequenas festas particulares realizadas em espaços públicos, como em ruas, ao redor das praças e em espaços privados, como postos de gasolinas. Compreendem várias caixas de dispositivos sonoros acopladas a carros pequenos, médios ou grandes, dependem do tamanho da torre de som, com energia gerada a partir de baterias, e música controlada a partir de um computador, especialmente nos grandes paredões.

Essa festa tem passado por variações diversas: de **tempo**, pois no início acontecia em vários períodos do ano e agora só é realizada no final do ano; de **espaço**, a festa vem passando por um processo de formalização e regularização, pois já aconteceu em vários espaços, mas com o tempo sofreu intervenção da prefeitura, que passou a organizar a festa em um local específico, fora do perímetro urbano, com a presença de guardas de trânsito; e de **formato**, com inclusão de vários paredões de som (pequeno, médio e grande), a presença de vários grupos, pois antes era uma festa entre os jovens moradores das casas de veraneio, hoje tem a participação também dos jovens locais, e a inserção forte do mercado (venda de bebidas e comidas e o patrocínio de empresas de cervejas).

Apesar da variação, a festa apresenta algumas regularidades, como a permanência do carro com o som e os faróis acessos a piscar, a bebida e os grupos de jovens. O movimento dessa festa cria uma aproximação/intersecção com as experiências mais urbanas daqueles que vivem nas grandes cidades.

Fotografias 42 e 43 – Festa do Pisca 2009/2010



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Fotografias 44 e 45 – Organização aleatória dos carros e paredões com área mais livre 2011/2012



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

Desta forma, acontece uma mistura de sons – ao mesmo tempo se escuta forró, axé, *swingueira*, pagode, eletrônica, *funk*. Nos últimos anos, de acordo com a observação que desenvolvi na passagem do ano de 2009 para 2010 e 2011 para 2012, tiveram destaque os paredões – que acabam por obter o predomínio do som até uma determinada distância. A noite vai ficando mais animada com o incremento do consumo de bebidas alcoólicas da parte de alguns jovens, pois com o passar das horas, é possível ver garotas e rapazes subindo em carros e paredões para dançar. Aliás, a dança é uma manifestação que é mais visível com o passar das horas, como se a bebida fosse uma substância importante para que algumas pessoas criem coragem e fiquem à vontade para dançar. A festa segue por toda a noite e se encerra depois do nascer do sol, por volta das sete horas da manhã.

Esta festa fez tanto sucesso na região, que uma banda de forró fez uma música para homenageá-la, denominada “Pisca Pisca”. A partir de sua letra, cujo trecho transcrevo a seguir, é possível identificar os elementos considerados importantes:

“E na festa do Pisca Pisca
 Só entra gente bonita,
 Eu tou na lista
 Eu tou na lista (bis)

Iluminação a laser e som automotivo
 Muita mulher bonita, uísque e aditivo
 Painel de led de alta resolução
 e super projetor e pisca alerta nos carrões

E na festa do Pisca Pisca
 Só entra gente bonita,
 Eu tou na lista
 Eu tou na lista (bis)”
 (“Pisca Pisca”, Banda Forró Estourado)

As variações no formato desta festa com a inserção dos paredões deram outra conotação à medida que se ampliou o leque de opções para o público, bem como se intensificaram as fiscalizações para não ultrapassarem as fronteiras delimitadas, uma vez que o volume do som aumentou consideravelmente. Os donos dos paredões geralmente são pessoas apaixonadas pelo som automotivo, que fazem dele um *hobby*. Investem “uma grana alta” para ter um som potente com o objetivo apenas de divertimento em momentos de lazer⁶⁶:

O paredão é como um hobby que dá prazer à gente. Tem a semana que a gente passa toda trabalhando, então o paredão é um momento de lazer no final de semana para poder descontrair e começar a semana relaxado. (Machado - estudante).

Outros são empresários do ramo de som automotivo que também têm os paredões como *hobby* e investimentos no seu próprio negócio, uma vez que quanto maior o paredão, melhores serão as possibilidades de contratação para festas e eventos variados.

⁶⁶ Estas informações são referentes a uma reportagem sobre paredões de som no Ceará, transmitida na televisão, a partir da qual pude conhecer alguns pontos de vista dos amantes e donos dessa aparelhagem. Dessa forma, essas falas comentadas não dizem respeito aos jovens interlocutores dessa pesquisa, mas contribuiu para compreender a visão daqueles que investem financeiramente no som do carro, pois alguns deles já levaram seu carro ou paredão para participar da Festa do Pisca.

Este é o caso do empresário Robinson Machado: "O paredão divulga muito a marca de uma empresa e, além de fazer a festa, arruma muitas amizades boas. Hoje, o paredão é quase uma necessidade na nossa cidade." E ressalta outra vantagem em ter um paredão: "A maioria, quem é feio é só montar um paredão, pronto, fica bonito".

A "cultura do paredão", como forma de lazer e de atração de apreciadores, já é "febre" em praticamente todo o estado do Ceará e em outros estados, em espaços públicos e privados, sendo realizados campeonatos cearense e brasileiro com o objetivo de apresentar o som mais potente. Essa manifestação está intrinsecamente relacionada ao comportamento das pessoas com o som (a música) e o que ela pode possibilitar enquanto mediação interativa entre esses jovens. Tais manifestações já geraram muitos conflitos, pois existem muitas pessoas insatisfeitas com a "poluição sonora" provocada, a ponto de em 2011 ser sancionada uma lei em Fortaleza para moderar o uso desse tipo de aparelhagem em espaços públicos. Essa cidade é considerada por alguns proprietários de paredões a capital do som automotivo e dos paredões. A iniciativa desse município tornou-se referência para que outros também tomassem alguma medida.

No último *réveillon* de Flecheiras, 2012-2013, a Festa do Pisca foi proibida por uma liminar expedida pelo Ministério Público Estadual, impedindo a entrada de paredões de som no município de Trairi. Só foi permitido o acesso de carros que portavam caixas de som originais dos veículos. Tal medida provocou várias opiniões divergentes na localidade de Flecheiras. A maioria, em especial, representantes da associação comunitária, se diz indignada, uma vez que teve sua opinião desrespeitada na audiência pública, pois o juiz expediu a liminar de proibição. Uma parte da população já estava acostumada com a festa, pois sempre na base da negociação conseguia mantê-la, uma vez que já havia chegado a um consenso quanto ao local em que ela poderia ser realizada, fora do perímetro urbano, como já acontecera.

A observação de campo nesse período me possibilitou ouvir vários comentários sobre a realização ou não da festa. Por um lado, muitos jovens lamentando a possibilidade de não acontecer, mas ao mesmo tempo demonstravam uma esperança, justificando que essas especulações geralmente ocorriam, mas que a festa findava por se realizar. Outras pessoas, particularmente as que alugam casas, reclamavam, destacando que a localidade iria ter um prejuízo muito grande, pois a festa garantia uma grande movimentação na economia local, tanto na parte do aluguel de casas e no comércio em

geral. Entretanto, alguns donos de pousadas e pessoas mais velhas apoiavam a medida, pois queriam que voltasse a época do *réveillon* com mais tranquilidade, que continuasse com a imagem de um turismo familiar e tranquilo, que estava sendo abalada por essa festa.

A discussão tomou conta também das redes sociais, muitas pessoas querendo saber se iria acontecer ou não, as comunidades criadas para a Festa do Pisca na página do *facebook* garantiam que a festa iria iniciar a partir do dia 28 de dezembro. Outros já diziam que ela iria ocorrer em uma praia do município vizinho. O fato é que a fiscalização foi séria, paredões que foram apreendidos, mas alguns conseguiram entrar, chegaram em momentos em que não havia controle. Porém, praticamente foram impedidos de fazer uso da aparelhagem, pois a fiscalização estava sempre circulando na localidade.

Diante das especulações, as expectativas aumentavam, e a dúvida persistia: iria acontecer ou não a festa? Este era o comentário na pracinha na noite do dia 28. Em um primeiro momento, pensei que ela iria acontecer ali mesmo, pois constantemente chegavam grupos de jovens nos seus carros, tiravam o isopor com as bebidas e ligavam o som do carro. Estava acompanhando um grupo de jovens da localidade, que também começou a comprar bebidas. Por volta das 23h30min, percebi que os grupos estavam se dispersando, diminuindo o número de carros, isso era um indicativo de que a festa estaria acontecendo em outro lugar. Um dos rapazes do grupo que estava sempre circulando em sua moto, procurando saber sobre a festa, informou que já havia um movimento de carros na praia, na direção da praia do Guajiru, ou seja, no sentido contrário do local onde costumava acontecer nos anos anteriores. Então, decidimos ir até lá, pois era preciso organizar as caronas, uma vez que o lugar da festa fica distante e a maioria dos jovens da localidade não tem transporte particular, é preciso conseguir carona em carros ou motos, os que possuem fazem mais de uma corrida para transportar os amigos. Ao chegar no local, encontrei vários carros com o som ligado, mas sem o uso do paredão.

O ritmo da festa continuava o mesmo, a "galera" em volta dos carros, com suas bebidas, "curtindo" as variadas músicas. Mas, por volta das duas da manhã, a polícia chegou. O interessante é que, ao perceber a aproximação da polícia, os donos dos carros desligaram o som, para evitar maiores complicações. Os jovens tentaram conversar e

negociar com a polícia, porém esta estava irredutível, pois se baseava na lei estadual do silêncio e na proibição de carros na área da praia. Enfim, a polícia estava destinada a acabar com a festa. Neste momento, muitos carros começaram a sair e as pessoas se dispersarem, resolvi também ir embora, acreditando que a festa havia acabado. Depois, soube que ela continuou em uma área mais afastada.

No dia seguinte, a festa tornou a acontecer da mesma forma, o movimento se iniciou na praça e depois os jovens seguiram para a antiga área da festa. No entanto, por volta das 03h30min da manhã a fiscalização chegou e acabou com a festa. No dia 30, havia uma festa fechada (banda de forró) em um clube local, muitas pessoas foram para essa festa e, nesta noite, não ouvi comentários sobre a realização da Festa do Pisca. Neste dia, muitos jovens investiram na festa privada.

Na passagem do ano, não visualizei a Festa do Pisca em nenhuma direção da praia e o grupo do qual estava mais próxima, não tinha notícias se realmente iria acontecer. A festa que dominou, e com um grande público, foi a do *réveillon* dos nativos. No dia seguinte, tentei saber notícias sobre a Festa do Pisca, enquanto alguns jovens falavam que ela não tinha ocorrido, outros falavam que sim, mas em uma área muito afastada da praia de Flecheiras.

As mudanças no formato da festa ao longo dos anos e a atual proibição do Ministério Público, na realidade, favoreceram o retorno da manifestação antiga, isto é, com o som automotivo de pequena potência, sem a presença de paredões e de infraestrutura para vendas de bebidas e de comidas. Os carros continuam a circular de um canto para outro, ou seja, se a fiscalização intervém, eles se direcionam para outra área. Foi dessa forma que esta festa conseguiu se manter por alguns dias na última passagem do ano (2012-2013), driblando a fiscalização da polícia.

A discussão sobre a proibição da Festa do Pisca criou muitas divergências. De um lado, os representantes dos donos de pousadas e hotéis, a maioria deles contra essa festa, de outro lado, jovens representantes da associação comunitária, comerciantes, etc., que se posicionam a favor. O Ministério Público alega que a Festa do Pisca promove "a perturbação do sossego alheio" e "o aumento considerável na comercialização do tráfico de drogas e venda de bebidas alcoólicas", que a festa acontece de "forma ininterrupta", afastando das pacatas praias do município "famílias e turistas que vão à busca de descanso e de um ambiente sadio [...]". (Liminar do Ministério

Público). Contudo, os representantes locais (associação dos moradores, entre outros) não concordam com o que foi alegado, afirmam que houve exageros e abusos de poder. Desta forma, no momento da audiência pública, defenderam uma posição pela continuação da festa, mas a decisão da justiça foi contrária a esses interesses internos, pois a votação realizada entre os vereadores deu ganho para o fim da festa, com a diferença de um voto. Em apoio e defesa da continuação da festa, foi realizado um abaixo assinado mobilizado a partir de jovens que participam da associação comunitária e outros interessados, com o seguinte argumento:

Nós Nativos, Moradores, Amigos, Comerciantes, Artesãos e Outros, abaixo assinados e qualificados, requeremos junto ao poder Público Municipal, à Prefeitura Municipal de Trairi, à Câmara Municipal e as Autoridades Policiais Civil e Militar, a Manutenção do evento denominado “FESTA DO PISCA”, o qual se realiza anualmente na comunidade de Flecheiras nos dias que antecedem o Ano Novo, em locais e horários apropriados, de forma organizada, dentro de uma visão ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, em face do mesmo ter se tornado PATRIMÔNIO CULTURAL DAS FLECHEIRAS, ao longo de mais de Dez anos de sua existência, com fulcro na CRFB/88, na lei e na ordem. (Documento do Abaixo Assinado).

Porém, neste conflito de interesses o que prevaleceu foi a defesa de uma imagem de turismo familiar e tranquilo, sempre publicizado e ressaltado pelos donos de pousadas e hotéis. Aliás, essa é uma questão que sempre surge no diálogo com os jovens, dos desentendimentos que já ocorreram com essas pessoas, pois muitas intervenções e proibições aconteceram na medida em que eles foram construindo seus empreendimentos. Alguns jovens dizem que eles querem ser os donos de Flecheiras e que foi preciso muito diálogo para mediar alguns conflitos, como a proibição do estacionamento dos paquetes, o jogo de bola em frente a esses estabelecimentos e a realização das festas noturnas de carnaval. Algumas pessoas acreditam que essa representação teve poder de influência para a efetivação da medida tomada pelo Ministério Público, sobretudo porque a maioria das pessoas que participa da Festa do Pisca não costuma hospedar-se nesses estabelecimentos e sim em casas, seja de veraneio ou dos residentes locais.

Mesmo com todo o processo de intervenção do poder público, existe uma insistência dos jovens em mantê-la. O cenário indica que a Festa do Pisca irá continuar causando conflitos entre interesses divergentes, mas aproximando-se do formato que lhe deu origem, se assim permanecer a lei contra os paredões de som.

Existem algumas semelhanças entre a Festa do Pisca e outros movimentos que acontecem no Brasil em que o som, considerando a sua aparelhagem, é o grande mobilizador da festa, a exemplo do “circuito bregueiro” em Belém do Pará, estudado por Costa (2009). Analisando as suas variações, identifica que ultimamente a aparelhagem tem uma grande importância, ela torna-se a principal protagonista para atrair o público. Ao mesmo tempo, o formato do estilo da festa lembra a maneira como acontece a tradicional *rave*, ao ar livre, embalados pela música, bebidas e drogas, bem como remete aos “pancadões”, bailes que acontecem nas ruas da periferia de São Paulo, onde o som automotivo, bebidas e drogas também são o centro, como bem descritas por Pereira (2010).

5.3. As relações entre os jovens na Festa do Pisca

A Festa do Pisca é constituída, principalmente, por jovens vindos de vários lugares do estado e da capital, mas, com o decorrer do tempo, passou a ser também apreciada pela maioria dos jovens locais que se identifica com a proposta. Um dos jovens entrevistados destaca os efeitos e a novidade dessa festa ao comentar sobre o turismo, no sentido de que junto com ele teria chegado festas com outras influências, diferentemente daquelas que estavam habituados:

Turismo é bom, não é ruim não, tem as festas também de culturas diferentes, como a Festa do Pisca que eles trouxeram pra gente, que eu nunca vivi e agora estou vivendo! A Festa do Pisca é uma festa que eu nunca iria saber [...] A festa é uma coisa muito boa, diferente, que a gente não sabia o que era, e hoje a gente conhece, a gente aproveita, curte. A gente que é jovem quer curtir, aproveitar, então eles trazem a Festa do Pisca e a gente curte, se beneficia, dança, faz amizade, conquista pessoas. O turismo não tem só lado ruim, aprendi muitas coisas e quero aprender cada vez mais [...]. (Gustavo, 22 anos, E-01/2010).

Desta forma, a Festa do Pisca, que segundo relatos, iniciou-se timidamente como uma brincadeira e encontro entre amigos nos períodos de férias, hoje consegue mobilizar a localidade, proporcionando dias de muita agitação para os mais jovens, pois são aproximadamente cinco dias de festa. Dias em que a tranquilidade de uma pequena localidade litorânea se encontra na confluência da intensidade de uma grande cidade, com fluxos de pessoas, imagens e sons. Diferentemente da festa do *réveillon* organizada pelos moradores, que se caracteriza por ter um caráter mais familiar, a Festa do Pisca possibilita aos jovens locais o deslocamento, o encontro com os diferentes estilos de músicas e de comportamentos, momento de diversão e transgressão, uma vez que estão com seus pares e longe da presença e dos olhos dos pais.

Enfim, o instante os conduz a outra esfera diferentemente das regras sociais que compreendem o seu dia a dia. É um movimento de deslocamento do que lhe é comum, mas sem sair fisicamente do local, aproximando-os, por um lado, das experiências de anonimato próprio das cidades grandes, uma vez que predomina a presença de pessoas desconhecidas que estão compartilhando sons e significados da festa. Por outro lado, permite a formação de pequenos grupos de conhecidos e amigos, alguns mobilizados pela música e pela bebida, outros apenas pela ludicidade da música e dança. Isso não impede a circulação desses jovens por grupos de conhecidos. Mesmo que exista um ponto fixo de encontro do grupo, a festa é demarcada pela circulação desses jovens nos vários ambientes sonoros: “Eu gosto de ficar circulando entre os paredões e ouvir ao mesmo tempo vários sons, porque são várias músicas ao mesmo tempo. Ando e encontro uma música legal e paro para curtir” (Pedro, E-05/2013).

Circular na Festa do Pisca é como experimentar a “disritmia”, como se fosse uma pessoa a correr o botão do rádio em busca de uma frequência, enquanto isso vai escutando ruídos, músicas cortadas, até que decide parar em uma determinada rádio e ouvir aquela música. Assim fazem os jovens constantemente no ambiente dessa festa.

Durante os períodos em que o som era predominantemente disponibilizado pelos grandes paredões, observei que eles agregavam mais participantes, em especial os jovens que são da localidade. Esse fato é interessante para se pensar na configuração dessa festa, pois por mais que ela se caracterize por ser aberta, ou seja, participa quem quer, é possível perceber que existem fronteiras simbólicas, não necessariamente impostas, mas espontâneas entre os participantes, pois as diferenças são visíveis. Estas

fronteiras são demarcadas, principalmente, entre dois grandes grupos: aqueles que vão à festa munidos de seu carro com um bom som instalado, bebidas e amigos e aqueles que não têm carro e vão para “curtir” o que os primeiros disponibilizam, agrupando-se geralmente em volta das bebidas e nas proximidades desses carros. Contudo, pude perceber que a inserção dos grandes paredões tinha possibilitado uma participação mais "unificada" desses jovens locais e daqueles que não têm carro, pois é como se tivessem um grande palco só para eles, com direito a um bom som, jogo de luz e um telão a transmitir clipes de músicas. Percebo os paredões como elemento de inclusão desses jovens na festa, ou seja, não ficavam mais à margem, na dependência dos sons dos carros. Neste sentido, os paredões aglomeravam grandes multidões, incluindo aqueles que vão de carro, mas que preferem deixá-lo estacionado nas redondezas, sem fazer uso de seu som.

Fotografias 46 e 47 - *Paredão Ricardo Som*, patrocinado por uma empresa de cerveja, com stands de venda no local



Fonte: Fotos de Flávia Sousa

As redes de sociabilidades observadas no momento dessa festa se dão mais entre os grupos de jovens que já se conhecem, moradores do município, o que não significa a negação da existência de uma interação com os de "fora". A festa também

propicia esse processo de interação – muitas vezes mobilizado por uma relação de "colegagem" ou uma paquera, ao que pude perceber compartilhadas entre eles.

Acompanhando um grupo de rapazes, pude ter uma ideia da dinâmica deles na festa. Em um determinado dia da festa na passagem de 2012 para 2013, percebo a relação desses jovens com outro grupo, compartilhando conversas e bebidas. Quando perguntei sobre aquelas pessoas e de onde os conheciam, um rapaz comentou que eles eram de Fortaleza e os conhecera no feriado da semana santa. O mesmo rapaz disse também que faz muitas amizades, mas nem sempre tem sorte para “ficar” com uma garota de fora – é mais difícil. Esse é um dos objetivos de parte dos jovens locais nas noites de festas. Às vezes, eles somem do grupo, vão circular e, na demora em retornar, alguns começam a deduzir que a pessoa provavelmente deve ter encontrado alguém. Mas também se manifesta entre os membros do grupo uma preocupação relativa à segurança do companheiro, sem se saber ao certo o que pode ter acontecido, prevalece o receio de que também possa entrar em alguma confusão. Esses momentos geram, no dia seguinte, comentários sobre quem conseguiu “ficar” com alguém, mas nem todos entram na "onda" de confirmar ou negar – são os considerados "come quieto”.

Outro rapaz relatou que sempre vai e que gosta de circular nos vários paredões para ouvir os variados sons, mas, também, com o objetivo de conseguir alguma paquera. Afirmou que geralmente tinha facilidade de “ficar” com meninas de fora, e disse: "lá para tantas, quando as pessoas já estão tomadas, não tem mais esse negócio de quem é de fora e ou de dentro⁶⁷", ou seja, as interações acontecem. A relação é situacional e demarcada por um distanciamento e uma aproximação, uma vez que a maioria desses jovens não se conhece. São distantes em vários aspectos, mas que, pelo momento de compartilhamento de interesses comuns, como a paquera, uma aproximação pode acontecer – o que pode se manter, de acordo com a relação estabelecida e a frequência desse visitante na localidade, bem como isso pode se desfazer no mesmo instante. Neste sentido, como aponta Simmel (2006), a sociabilidade se constrói e se dissolve.

Em Flecheiras, existe um fluxo contínuo de temporadas em que as experiências urbanas se intensificam como nos períodos e festas citadas anteriormente.

⁶⁷ Comentário de um jovem em situação de conversa espontânea em uma barraca de praia. Não obtive referência de seu nome.

Momentos que muitos jovens destacam como sendo significativos, uma vez que a localidade fica mais movimentada, sobretudo, com as festas e a presença de pessoas diferentes. Para alguns, as férias de final de ano correspondem às melhores festas de Flecheiras, especialmente porque elas acontecem no espaço da praia, local que consideram mais adequado, devido ao clima mais intimista que contribui para o namoro, para as paqueras, bem como para o uso de drogas ilícitas.

As experiências relativas à Festa do Pisca me conduziram a refletir sobre a "translocalidade" que, segundo o antropólogo Appadurai (1997), é um processo que é possível se pensar a partir desses deslocamentos geográficos contemporâneos de "desterritorialização" e "reterritorialização", assim como os locais em dinâmica de turismo. Desta maneira, o período da Festa do Pisca, diferentemente do que mobiliza a Festa de São Pedro, produz outras experiências diferentes daquelas vividas no cotidiano da localidade, uma vez que é atravessada por múltiplos fluxos de pessoas, imagens, sons, estilos de vida, valores, ideias, dinheiro e tecnologia, o que implica nos estilos e modos de vida desses jovens. Nesta perspectiva, como afirma Costa (2003): "As formas de sociabilidade inscrevem-se no núcleo em torno do qual se organizam relacionamente e se configuram simbolicamente os estilos de vida" (*Ibidem*, p.125).

A tradicional festa de São Pedro tem um caráter religioso, proporciona sociabilidades que ocorrem mais entre parte dos jovens locais. É um momento de encontro e descontração, da convivência e o fortalecimento das amizades, a partir da constituição de grupos para participar das brincadeiras e competições. Essa festa apresenta, portanto, uma dinâmica e elementos diferentes e opostos aos da Festa do Pisca, sobressaindo-se nesta, um formato organizacional mais urbano, bem como seus elementos, em particular as aparelhagens de som e os variados estilos de música. A praia é um espaço extenso, com áreas mais iluminadas e outras mais escuras, proporcionando vários ambientes.

A praça, onde acontece a festa de São Pedro, corresponderia a um lugar público, com maior controle social, em que os jovens estão sob o olhar de pessoas de outros grupos etários, sendo constantemente julgados por suas atitudes. Nesta perspectiva, um dos jovens entrevistados ressalta que não gostou quando algumas festas passaram a acontecer na praça, como o Festival das Algas, e que sempre gostou de participar, mas, ao ser transferido para a praça, deixou de ser interessante. O jovem

destaca também as diferenças, pois quando era criança e adolescente gostava muito da festa de São Pedro, mas que, atualmente, ela não tem mais o mesmo sentido: "quando eu era criança gostava bem mais, agora não tem a mesma graça" (Marcos, 23 anos, E-06/2012).

Desse modo, as festas de fim de ano, particularmente a do Pisca, proporcionam, além do encontro entre eles, uma aproximação com o outro, com os turistas, com pessoas que estão de passagem, mas em busca de viver momentos de lazer, "da diversão pela diversão". São festas com dinâmicas, elementos e características mais urbanas. Existe nesse cenário, portanto, um encontro de interesses entre esses jovens, quando compartilham de experiências comuns, onde as diferenças relativamente desaparecem, por exemplo, entre o centro de Flecheiras e Barreiro. A sociabilidade é assim uma forma de sociação, conforme Simmel (2006), fundamental que nesses momentos específicos de festas se estabeleça uma aproximação entre esses jovens mesmo diante dos vários distanciamentos que possam existir entre eles, seja de classe, de raça, de nacionalidade, pois o que é importante é o compartilhamento das experiências comuns que se dão nesses momentos de "curtição", mediados pelo clima da festa, entre música, dança, bebidas e paqueras.

Desta forma, nessa localidade, as mudanças advindas do turismo e o acontecimento de novas festas não implicaram no fim das manifestações tradicionais, como, por exemplo, a festa de São Pedro, mas sim na sua ressignificação. Os jovens, considerando os eventos mais recentes de final de ano, têm uma maior identificação com a Festa do Pisca pelos elementos que ela compõe e a possibilidade de um anonimato, não experimentado em outras festas nessa localidade.

6 Da sociabilidade aos modos de vida

A sociabilidade dos jovens na localidade de Flecheiras é dinâmica e varia de acordo com a "intermitência urbana", ora essa sociabilidade é mais intensa com os amigos e colegas da própria localidade, como nas práticas esportivas de fim de tarde, ora ela acontece aproximando-os de pessoas que são de fora, propiciando relações de trocas diversas. As manifestações de lazer, fomentadas, principalmente, pelas necessidades do turismo, reestruturam o cotidiano, potencializando momentos de sociabilidades observadas nas festas, onde há uma maior presença de público externo ao distrito. O jogo de alteridade e as trocas com o outro que ali chega são mediações importantes que parecem configurar novas experiências de vida.

Pensar os jovens a partir de suas experiências de sociabilidade neste campo de múltiplas conexões com outras esferas sociais permite também compreender, de uma maneira mais ampla, as mudanças que estão acontecendo na localidade e a maneira como esses jovens estão interpretando e agindo nesse novo cenário local, que configura novos estilos e modos de vida. Estas intersecções observadas serão abordadas considerando as singularidades das culturas juvenis, como afirma Pais (2003), que constroem uma dinâmica específica com relação às sociabilidades do lazer.

A "emergência turística" e a conseqüente valorização de atividades voltadas para o lazer, sobretudo a partir das dinâmicas das festas, implicam em várias mudanças que se relacionam diretamente com o estilo de vida desses jovens e repercutem em outras dimensões da vida. As mudanças nas formas de sociabilidade dos jovens reverberam mais diretamente nas relações de trabalho, olhando pela perspectiva da necessidade de consumo, e da família, especialmente pelos conflitos geracionais que surgem devido à maneira dos jovens se comportarem diante das novas sociabilidades noturnas, como as festas mais recentes e a busca intensa pela diversão.

Aspectos relacionados à dimensão afetiva desses jovens apresentaram-se como significativos e possibilitaram fazer conexões com outras esferas sociais. Dessa forma, as sociabilidades dinamizadas nos momentos de lazer têm implicado na esfera dos relacionamentos afetivos, suscitados a partir de alguns dos rapazes que vivem mais intensamente essas novas experiências.

6.1 As novas interações e as implicações na dimensão afetiva

O cenário diverso, a aproximação com outras pessoas de origens e culturas diferentes e os eventos que dinamizam e mobilizam a localidade criam expectativas e interesses variados nos jovens. O contato com o outro parece ter implicado em mudanças no modo de vida destes jovens, reestruturando as relações afetivas, originando algumas diferenças e conflitos entre moças e rapazes locais. Estes últimos, tanto os do Barreiro como os do centro de Flecheiras, têm reclamado da falta de interesse de suas conterrâneas para com os rapazes da localidade em detrimento dos de fora.

Este âmbito das relações afetivas ganhou importância na pesquisa quando observei que se tratava de algo muito significativo na vida dos jovens, suscitado especialmente a partir da fala de alguns rapazes locais. Os relatos surgiram desde as primeiras inserções no campo de pesquisa, quando perguntava sobre as transformações na localidade e sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos, se eles as percebiam e quais foram. Assim, dentre as mudanças demarcadas pela inserção do turismo, como as novas possibilidades de trabalho, as mudanças nos espaços e a chegada de novos moradores, ressaltava-se também os aspectos relativos às interações entre as moças nativas e os homens de fora. Diante destas constatações, tanto jovens de Flecheiras como de Barreiro comentam que sempre procuram paquerar, “ficar” com as garotas de fora, uma vez que as moças da localidade não se interessam por eles, mas sim, principalmente, por estrangeiros. Alguns relatos podem contribuir para explicitar melhor este aspecto:

As pessoas que vivem aqui no centro, e mais as moças [especialmente as moças], poucas se salvam. As moças daqui ficam mais bestas com as pessoas daqui. Elas querem mais os rapazes de fora. Aí a gente começa a querer as de fora também, porque as moças daqui ficam bestas com a gente. Eu não dou em cima de nenhuma menina de Flecheiras, eu não dou não. Hoje eu fico só na minha. [...] Porque aqui elas não querem nem cearense, nem brasileiro, só estrangeiro. (Marco, 22 anos, E-11/2010).

Aqui em Flecheiras não tem nenhuma menina, moça que me interesse não, porque as meninas daqui são muito bestas, sabe, assim, digamos que elas preferem ficar com esses rapazes de fora e ficam com uns

cabra feios. Aí quando eu saio assim para as festas, tocando e tal, não sei se é porque eu toco, é mais fácil ficar com as meninas de fora, elas se interessam e tal [...]. (Danilo, 24 anos, E-11/2010).

[...] Tá só chegando gringos aí. Tá acontecendo a mesma coisa que aconteceu quando os portugueses chegaram aqui e descobriram o Brasil, quando eles chegaram aqui, os índios já estavam, acabaram que se misturando, constituindo família, e hoje está acontecendo a mesma coisa, os portugueses, os italianos vêm pra cá e começam a namorar as meninas daqui. Hoje tá desse jeito, é a realidade. Nós somos os índios, porque nós somos descendentes de índio mesmo, e eles [gringos] chegam querendo comprar tudo, e daqui a pouco eles são donos de toda terra e vão colocar os índios para correr de novo. (Raí, 22 anos, E-06/2011).

Estes relatos expressam certo descontentamento e, ao mesmo tempo, um orgulho ferido por parte desses rapazes diante da falta de interesse de suas conterrâneas, o que justificaria os seus investimentos também para com as moças de fora, como se observa mais fortemente no primeiro e no segundo relato. Esse descontentamento e “orgulho ferido” eram igualmente notórios na forma como se expressavam, principalmente, no tom de voz.

Os jovens ressaltam, predominantemente, as relações das jovens com os estrangeiros; entretanto, observei que há muitas aproximações também com os próprios brasileiros, seja da capital ou de outras regiões do país. Mas, para esses rapazes parece ser muito mais forte o fato de terem que estabelecer uma concorrência com os estrangeiros, exatamente por estes representarem a novidade para as moças, principalmente quanto à língua, à cultura, ao tipo físico (geralmente homens brancos com olhos claros) e quanto ao fato de terem, geralmente, uma vida mais estabilizada financeiramente. Estas são características bem distintas dos rapazes locais, colocando-os diante de uma relação desigual perante o ato de conquista de suas conterrâneas.

Este quadro das relações afetivas gerou alguns conflitos entre esses jovens (moças e rapazes), que se manifestam a partir de alguns discursos negativos. Por um lado, os rapazes denominam suas conterrâneas, especialmente as que mantêm relação com estrangeiros, de “interesseiras” e de “caça gringo”; em contrapartida, na comparação com o outro, o de fora, elas os consideram como “desrespeitosos”, “sem futuro”, “pabuladores” (aquele que conta vantagem, que diz ser o que não é na realidade). Esses

discursos são especificamente construídos no contexto de possibilidades comparativas e escolha do parceiro(a).

Ao tentar compreender esta disjunção entre ambos os sexos, que implica nas relações de gênero⁶⁸, percebi que este não é um fato generalizado e que existem perspectivas diferentes entre os jovens, até na própria maneira como esse tema surgiu no campo de pesquisa. Como falei anteriormente, o assunto ganhou relevância a partir dos rapazes e, geralmente, surgia em suas falas mesmo que não fosse abordado diretamente; porém, o mesmo não ocorreu com o relato das moças. Na realidade, este foi um dos aspectos que me chamou atenção no campo, pois a importância foi sendo construída dada a repetição dos rapazes sobre o mesmo assunto e pela oportunidade de observar alguns desses momentos de sociabilidade entre os jovens de dentro da localidade e os de fora.

Nesse sentido, trago um breve relato do diário de campo a partir de uma observação realizada no espaço da praça:

Era noite de sábado do mês de dezembro de 2011, em torno de umas dez da noite, dia considerado "movimentado", eu estava na praça acompanhada do namorado, de alguns conhecidos e dois parentes. Dentre esses, haviam duas moças que moravam ali na própria localidade. Estávamos sentados especificamente nas mesas dos quiosques, onde conversávamos e bebíamos cervejas. Em uma mesa praticamente vizinha a nossa, chega um grupo de jovens, a maioria rapazes, que começaram a ingerir bebidas alcoólicas e a ouvir música a partir do som do carro que estacionaram ali próximo. Com o passar do tempo, alguns desses rapazes passaram a dirigir o olhar para a nossa mesa, especificamente para as garotas, que logo notaram e com um certo tempo corresponderam. Os rapazes iniciaram então uma aproximação nos cumprimentando e perguntando de onde éramos [foi uma forma de chegar bastante educada, acredito que isso foi principalmente porque na mesa havia um homem]. Essa pergunta iniciou um extenso diálogo, falamos de nossas origens, onde morávamos, estudos e trabalho. Os rapazes tinham em torno de 22 a 23 anos, eram de Fortaleza, mas um disse que estava morando em São Paulo devido aos estudos, fazia faculdade de Medicina. A partir daí o diálogo começou a se desenvolver mais com as nativas, pois ambas ainda estavam concluindo o ensino médio, fator que os conduziram a falar com as garotas sobre universidade, as dificuldades de passar em

⁶⁸ Entendo gênero de acordo com as reflexões de Marília Carvalho (2009), proposta a partir das contribuições das escritoras Joan Scott e Linda Nicholson. Para a autora deve se dar atenção ao gênero considerando-o como uma construção dinâmica de significados - sem deixar de perceber às práticas sociais e às possibilidades de ação dos sujeitos, sempre orientados pelas condições socioculturais em que estão imersos.

um concurso vestibular, enfim, esse foi o mote para a conversa e uma aproximação. Após um tempo, algumas pessoas da mesa foram saindo e uma das garotas que estava sendo paquerada, também. Assim, um dos rapazes voltou para a mesa dos amigos, eu e meu companheiro resolvemos também sair, deixamos, portanto, um casal que continuou a conversar e com o tempo saiu daquele espaço em direção à praia. No outro dia, fiquei sabendo que depois a amiga teria voltado e também saído com o rapaz. (Diário de campo, 12/2011).

Estas garotas eram moradoras da área do centro de Flecheiras, uma é filha de comerciante e a outra de pescador, ambas sem namorados. Eram bem bonitas, com um pouco menos de 18 anos de idade. No entanto, ao dar mais atenção e tentar abordar isso nas falas e entrevistas com as moças, percebi a dificuldade desse assunto ser explorado ou desenvolvido por elas. Então, geralmente era necessário tematizá-lo trazendo as falas, a impressão manifestada pelos rapazes, ou seja, os comentários sobre as dificuldades de "ficar" ou de namorar as garotas locais porque estas estariam mais interessadas nos rapazes de fora. Às vezes, fazia isso como uma estratégia para ver se as garotas desenvolviam o assunto. Então, só quando apresentava esse argumento é que conseguia algumas impressões que possibilitaram um ponto de vista do lado feminino.

As garotas com as quais dialoguei foram unânimes em afirmar que a prática de "ficar" com rapazes de fora não era um fato generalizado, relativizando, desta forma, a primeira impressão transmitida pelos rapazes. As garotas ressaltaram que existem aquelas que não anseiam por uma aproximação com o outro que está ali de passagem, sobretudo estrangeiros, mas sim por se relacionar com rapazes que vivam no distrito ou município. Neste sentido, não importa de onde eles sejam, mas que estejam na localidade, vivendo próximo a elas. As moças que participaram mais diretamente da pesquisa e que pensam dessa maneira, moram tanto no Barreiro como na área mais central⁶⁹, são, na maioria, filhas de pescadores ou pedreiros, possuem nível escolar médio completo e estavam trabalhando naquele momento. Em geral, com base nas falas, são garotas que não objetivam sair da localidade para morar fora, são mais apegadas à família e, desta forma, preferem construir uma relação com alguém que viva ali e que tenha objetivos semelhantes aos delas.

No entanto, como resalta uma das jovens, estas realizações são difíceis, pois a localidade é pequena e nem sempre os interesses se correspondem, ressaltando que

⁶⁹ Para uma compreensão do quadro geral, visualizar o perfil em anexo.

é difícil encontrar uma "pessoa legal" e que queira namorar. Algumas reclamam que muitos rapazes não querem uma relação séria, como namorar, mas apenas "curtir":

A gente sempre está procurando (namorado), mas é aquela coisa, tem umas meninas que ficam com um e com outro, tem meninas mais seletivas, não por besteira, como umas que só querem ficar com cara rico. Não é isso. Mas é porque eu gosto de ficar com um cara só quando eu gosto mesmo. Não gosto de ficar com um menino só por ficar não. [...] Como todos os rapazes, aqui em Flecheiras, eu acho que o que falta é eles quererem ter uma coisa séria, claro que tem aqueles que querem, mas os que querem ou é meu amigo ou é longe de mim, distante de amizade, ou eu não gosto, gostar mesmo, assim como homem. Quando a gente gosta de uma pessoa, eu gosto de um menino daqui, mas é aquela coisa, eu gosto de alguém que não gosta de mim... A gente tenta, mas quando a pessoa não gosta, a gente não pode fazer nada. [...] Às vezes a pessoa tá em outro tempo, não quer a mesma coisa que a gente, não quer namorar sério. [...] Mas já fiquei com uma pessoa de fora, mas não deu certo, exatamente porque só vinha a passeio, férias, aí é pouco tempo. (Andressa⁷⁰, 21 anos, E-11/2010).

Eu já namorei por muito tempo um rapaz aqui da localidade. Foi uma experiência muito boa, mas não deu certo, muitos ciúmes, e eu gosto de liberdade. Eu gosto de relação fixa, não gosto de sair ficando com um e com outro, até porque respeito também a minha família. [...] Nunca fiquei com estrangeiro. Já trabalhei em vários lugares que tinha contato com eles, recebia até flores, mas nunca quis, não confundo, sei separar as coisas. Eles gostam porque sou simpática, brincalhona, sabem, percebem que você não é do tipo interesseira. Meu negócio é amar. [...] Estou namorando uma pessoa daqui que foi morar fora por causa de trabalho, de vez em quando ele vem [...]. (Tassila⁷¹, 23 anos, E-05/2013).

Por outro lado, aquelas que apresentam um interesse nos rapazes de fora, geralmente se justificam dizendo que os rapazes da localidade são "desrespeitadores", "bestas", "feios" e "pabuladores". Ao tentar entender o que está por detrás destas desqualificações, compreendo que elas são utilizadas para designar aqueles rapazes namoradores ou considerados como "pegador", no sentido de que gostam de "ficar com

⁷⁰ Andressa, na época, estava cursando faculdade de pedagogia, a qual concluiu recentemente, trabalha em um restaurante, seu pai é pedreiro e electricista, a mãe é doméstica. É moradora do Barreiro, foi para lá desde criança, mas atualmente ela passa mais tempo na casa da família com a qual trabalha do que na sua própria casa.

⁷¹ Tassila, tem ensino médio completo, trabalha, é filha de pescador e a mãe não trabalha fora. Mora na área central, bem próxima da praia.

uma e com outra" e que comentam com os amigos sobre suas relações (o tipo "pabulador"), considerados de pouca confiança, sobretudo, porque falam demais. Então, muito provavelmente, manter relações com pessoas de fora é tanto possibilitar uma experiência diferente, bem como evitar estas situações de comentários na localidade, uma vez que essas pessoas estão geralmente só de passagem.

Existe uma preocupação por parte de algumas garotas de não ficarem "faladas" na pequena localidade – muitas vezes, essa preocupação é extensão da família, ou seja, que de alguma forma tem a sua conduta orientada por valores da família, devendo respeito aos pais, como ressaltou Tassila no seu comentário transcrito acima. O ato de "ficar" com rapazes de fora acaba também gerando alguns comentários por parte dos seus contrerregiões que se referem a essas garotas como "interesseiras", geralmente denominadas também como "garotas bestas e que só querem ser". Estes termos foram bastante utilizados por ambos os sexos ao falarem sobre esse assunto.

Neste sentido, tive dificuldades de trabalhar esse aspecto diretamente com as garotas, pois, quando questionadas se já haviam tido relação com pessoas de fora, na maioria das vezes diziam que não e atribuíam essa conduta a outras garotas, dizendo que as mais interessadas nessas relações eram as consideradas "patricinhas", "bestinhas" ou "interesseiras". Quando imaginava estar aproximando-me de algumas dessas garotas, ouvia o mesmo discurso de negação ou simplesmente não conseguia realizar a conversa, pois dependendo do local de encontro, era impossível desenvolvê-la de uma maneira mais espontânea. Desta forma, acabava solicitando um encontro em outro momento, mas, geralmente, não acontecia conforme o combinado e era adiado. Constatava que a pessoa não queria tratar daquele assunto. Como o distrito é pequeno, o fato de ter família na localidade e estar desenvolvendo uma pesquisa com jovens pode ter sido um elemento que implicou na impossibilidade de intensificar alguns dados mais específicos e complexos para esses jovens, como, por exemplo, a fala de algumas jovens sobre as experiências com homens de fora, limitando-me a algumas impressões obtidas com base em observações e relatos – não tão aprofundadas como gostaria.

Deste modo, a riqueza dos dados sobre esse assunto foi maior com os rapazes. Contudo, esse fato sugere que esse assunto é complexo nessa localidade, especialmente, para as garotas, e pode significar processos ainda desiguais nas relações de gênero, nesse caso específico de como a mulher vive a sua feminilidade na dimensão

afetiva, o que demonstra que elas são mais controladas socialmente, observando-se com quem se relacionam e sendo julgadas por suas escolhas – fato geralmente bem comum em pequenas localidades onde a maioria das famílias se conhece.

São muitas as ambiguidades nos discursos sobre as relações amorosas com estrangeiros. Por este ponto de vista, é possível pensar que o fato de "ficar" ou "namorar" com os homens de fora, sobretudo, o estrangeiro, parece não ser tão bem visto por uma parte da sociedade local e parece ainda estar relacionado ao âmbito dos valores morais em torno do assunto, formado por pessoas mais velhas, as quais geralmente desvalorizam esse tipo de relação – o que pode estar atrelado ao fato do estrangeiro carregar uma imagem negativa devido a sua constante relação com os problemas do "turismo sexual". Esta seria uma hipótese que ajuda a pensar essas falas femininas que, ao comentarem sobre relações com estrangeiros, atribuem sempre essa experiência para outras garotas, como uma forma de defesa quanto às imagens negativas que isso possa causar ao assumirem também esse interesse.

Na localidade existem alguns exemplos de relações duradouras e matrimônios que contribuem para relativizar as imagens negativas e influenciar as investidas das jovens. Essas relações promissoras são frutos das primeiras inserções de estrangeiros na localidade. A maioria destes casais vive fora do país⁷², mas sempre retorna para visitar os familiares em períodos de férias. Desses casais, conheço duas moças que eram moradoras da área mais central de Flecheiras, uma filha de pescador e outra filha de um mecânico. Essas relações representam, além de uma ascensão social, também possibilidades de deslocamento para outras experiências fora do país, afastando-se do controle da família; porém, nem todas as trocas afetivas com estrangeiros são com a intenção de um relacionamento sério, pois podem ser consideradas apenas como um momento de "curtição", de possibilidade de conhecer pessoas diferentes, conforme ressaltam alguns comentários de jovens locais.

Este processo de mudanças que propicia e potencializa o contato, a troca afetiva com o outro, constitui também um cenário de ambiguidades entre esses jovens,

⁷² O contexto atual, ano de 2013, é muito significativo quanto as novas possibilidades interativas e pode gerar novas relações e casais, pois todas as localidades praianas estão hospedando estrangeiros, principalmente espanhóis, e brasileiros de outros estados que trabalham nos parques de energia eólica que estão sendo instalados no município. Já é possível ouvir comentários sobre esse fato, mas não serão contemplados nessas reflexões, diante do encerramento do trabalho de campo.

considerando aqueles que aderem às novas experiências, que querem experimentar o novo e os que são mais apegados aos valores locais e da família.

As observações possibilitaram perceber que existe uma diferença quanto à conquista de uma paquera, no sentido de que seria mais fácil para as jovens do que para os rapazes dessa localidade estabelecer esse tipo de relação com o outro, visto que a reclamação parte do lado masculino. Há duas hipóteses, a primeira é baseada no fato de que nessa localidade existem muito mais homens de "fora" do que mulheres em busca de manter uma relação com os nativos; a segunda hipótese refere-se ao fato das mulheres estabelecerem mais aproximações com esse outro, devido à sua inserção no mercado de trabalho do turismo (restaurantes e hotelaria). Assim, tal situação estaria dificultando o desenvolvimento de uma relação afetiva com alguns jovens locais, que passam a buscar fora de sua localidade outras parceiras.

Como ressaltado anteriormente, os rapazes que mais explicitaram essa dificuldade de interagir com suas conterrâneas são aqueles que vivem uma vida mais intensa em torno das festas, sempre em busca de diversões e a conquista faz parte dela. Nem todos os rapazes expressaram essa dificuldade, especialmente aqueles aparentemente mais calmos, reservados e discretos. Com essas características, dois rapazes do Barreiro e um do centro de Flecheiras, afirmaram que a concorrência aumentou, mas que não encontram dificuldades em "ficar" com algumas moças. Ressaltaram que as consideradas "mais bestas", que geralmente preferem os rapazes de fora, são algumas que moram na rua central (Rua São Pedro), possuem uma condição financeira melhor, porque os pais são donos de comércio ou pousadas – "por isso, se acham muita coisa, só querem ser". Além das diferenças sociais que começam a intensificar-se entre as jovens que são de famílias que vivem do comércio ou do turismo e as que vivem da pesca, existe o fato das moças que moram nessa área central ter um contato mais próximo com as novidades urbanas, com os turistas que estão circulando pela localidade, principalmente, nas ruas mais próximas da praia. Tal fenômeno não é específico dessa realidade, pois acontece em outras experiências de fluxos de pessoas, imagens e dinheiro, ou seja, em locais que existem muitos intercâmbios culturais e processos mais intensos de urbanização.

Este fenômeno que diz respeito às relações afetivas em situações de mudanças, seja pelo processo de urbanização ou de contato com outras culturas, já foi

abordado na literatura sociológica e antropológica e nesta existe uma predominância das mulheres locais se interessarem de modo mais imediato pelo novo. Em algumas experiências interioranas e rurais, esta troca é com os rapazes da cidade e, geralmente, ocorre o deslocamento dessas jovens para os centros urbanos mais próximos. Ao passo que nas pequenas cidades turísticas, como as litorâneas, o contato se dá diretamente nas próprias localidades, tanto com os rapazes da cidade grande e do estrangeiro, sendo este último o foco maior de interesse.

Bourdieu (2004), em seus trabalhos, oferece referências importantes para a compreensão das relações entre os camponeses e o celibato. O autor desenvolveu suas observações em uma pequena cidade do interior da França, na década de 1960, em que as posições sociais e econômicas implicavam no crescimento do número de homens solteiros, sobretudo os primogênitos, considerando também as relações que se estabelecem quando valores urbanos adentram ao campo. Sua pesquisa combinou história, observação de campo e dados estatísticos no objetivo de compreender o porquê de uma taxa alta de homens solteiros nesse meio rural. No campo empírico centrou suas observações em um baile tradicional da cidade, porque esse seria um espaço legitimado para as sociabilidades entre os sexos. Neste, os homens solteiros vindos da zona camponesa chamavam a atenção por não dançarem, não interagirem com os demais e por agruparem-se separadamente, delimitando uma fronteira e um modo de ser em relação aos demais da cidade.

Nesta pesquisa, as jovens do campo tinham mais contato com a cidade, seja a partir do acesso às revistas ou mais diretamente para aprimoramento de estudos ou trabalho, ao passo que os rapazes se dedicavam às atividades no campo. Desta forma, as garotas acabavam se aproximando e se identificando com os valores e experiências urbanas, apresentando, conseqüentemente, interesse pelos rapazes da cidade em detrimento daqueles do campo. As diferenças entre a condição feminina e a masculina e as relações de proximidade das garotas com a cidade produzem para os rapazes do campo uma vida reservada a essa condição de celibatário, o que os afasta de uma possibilidade matrimonial com as mulheres locais. No baile, onde as sociabilidades poderiam acontecer, as fronteiras culturais entre campo e a cidade são nítidas e afastam qualquer chance de sociabilidade entre eles. O comportamento e as manifestações do corpo significam símbolos de expressão de pertencimento à experiências diferentes. Neste

cenário de valorização dos modos de vida urbano, os homens do campo se retraem diante das diferenças.

Guardada as devidas diferenças de contexto que afastam a realidade atual pesquisada daquela discutida por Bourdieu (2004), algumas aproximações atualizam esse fenômeno social. Em Flecheiras, os processos de mudanças com a inserção do turismo e a fomentação do processo de urbanização são os marcadores que originam estas diferenças entre homens e mulheres. Ambos vivenciam essa aproximação com os valores e modos de vida urbano, mas, as mulheres são as que diretamente passam a ter um processo mais intenso de troca afetiva a partir da interação que têm estabelecido com os homens de fora, dentre eles, os estrangeiros. Os jovens atuais, considerando a faixa etária estudada, são os que vivem esse processo mais intenso de mudanças e os rapazes que, inicialmente, reclamaram desse cenário pareciam magoados, como se tivessem sido traídos por suas conterrâneas. Por terem dificuldade de estabelecer uma relação com elas, reagiram ao fato. Se inicialmente pareciam comportar-se como vítimas, como excluídos desse processo interativo, aprenderam a reagir. Procuraram maneiras de se incluir a partir do cuidado com a aparência e a busca de relações com pessoas de "fora" da localidade, seja de outros distritos ou municípios e bem menos com as garotas estrangeiras, somando-se a esse fato a busca, também, nas redes sociais. Os turistas solteiros são predominantemente do sexo masculino e investem mais fortemente nas relações com as jovens nativas.

Existe uma especificidade dessas localidades litorâneas que vivem a "emergência turística", as mudanças são diversas e as relações afetivas ganham um significado importante, uma vez que a concorrência que se abre entre os homens da localidade e os de fora é, desde o ponto de vista destes jovens, desleal. Primeiro, pela questão cultural (comportamento, aparência, língua), por representarem a novidade para as garotas e depois pelas condições sociais e econômicas, por chegarem geralmente com uma vida mais estabelecida. Em sua maioria, trata-se de rapazes mais velhos, com idade dos trinta anos para cima. Representam para algumas jovens, homens ideais para estabelecer uma relação mais séria, em alguns casos, resultando em namoros e matrimônios. Dependendo da condição social desses estrangeiros, isto pode significar uma grande mudança na vida dessas jovens, principalmente para aquelas que são filhas de pescadores, pois passam a experimentar uma melhoria econômica significativa. Desta forma, talvez essas relações também as possibilitem sair do poder da família e de ter

acesso ao conhecimento de outra cultura, seja nas trocas diretas com o parceiro, bem como a partir da oportunidade de conhecer outros países. Isso acontece não só com aquelas que foram morar no país de origem do parceiro, mas também com as que mantêm uma relação com estrangeiros que residem na localidade, pois sempre viajam quando este vai rever a família no seu país.

Como foi explicitado no capítulo anterior, em Flecheiras existe toda uma preocupação de se criar uma imagem de um turismo mais familiar e tranquilo, o que afasta uma possível imagem da prostituição. Essa manifestação ainda não é tão significativa quando se compara com outros lugares do litoral cearense. Ao conversar com uma mulher, dona de pousada, afirma que muitas vezes o turista já chega acompanhado, geralmente com garotas da capital ou de outras praias de regiões metropolitanas, como Cumbuco, no município de Caucaia. A referida mulher diz ter conhecimento de que algumas garotas da localidade já se relacionam com estrangeiros apenas em troca do dinheiro, mas que são poucas, e que isso não é tão revelado, é mais privado e se dá principalmente com alguns estrangeiros que moram parte do ano na localidade e outra em seu país, geralmente são casados.

Atualmente existem estudos interessados em compreender essas relações sexuais e amorosas que acontecem em contextos de turismo globalizado (Piscitelli (2004) e (2010); Medeiros (2011), dentre outros). Buscam não generalizar, mas diferenciar as relações que se denominam de "turismo sexual" (as relações de aventura e sem compromisso e, geralmente, de natureza comercial) e o turismo com ênfase romântica, o que se tem denominado de "turismo afetivo" (que se caracteriza pela intenção de viver um namoro, uma relação mais duradoura), levando em consideração os vários interesses que fazem parte dessas relações. As pesquisas, especificamente de Piscitelli (*Ibidem*), buscam compreender a partir de cada experiência as relações que se estabelecem entre estrangeiros e nativos, fugindo aos estereótipos, classificações e generalizações, uma vez que essas relações têm se apresentado cada vez mais complexas, pois o "turismo sexual" é genérico e não contempla a diversidade das possibilidades de interesse entre nativos(as) e estrangeiros(as).

Embora geralmente predominem as relações entre nativas e homens estrangeiros, essas pesquisas tentam entender também as diferenças de sexo nesses processos relacionais, pois existem lugares que tanto as mulheres como os homens locais

estabelecem uma relação com o estrangeiro(a), especialmente locais que apresentam um processo mais antigo e intenso de turismo internacional. No Ceará, essas relações mais heterogêneas e de uma maior troca com os estrangeiros fora de Fortaleza, ocorrem nos litorais de Canoa Quebrada, no município de Aracati, e Jericoacoara, no município de Jijoca. São praias consideradas mais internacionais e que o turismo chegou mais cedo, nas décadas de 1970 e 1980, com presença predominante de europeus:

Em Jeri e Canoa, esse conjunto de transformações é inseparável do turismo. Economia, sociabilidade e sexualidade se entrelaçam em processos que conduzem a muitas pessoas locais a escolherem parceiros/as de outras nacionalidades, principalmente de países “ricos”. Esse tipo de escolhas não é recente. Nos dois lugares, os visitantes estrangeiros rapidamente se integraram no circuito de trocas sexuais, afetivas e matrimoniais das populações nativas. (PISCITELLI, 2010, p.12).

Esta antropóloga, ao desenvolver uma pesquisa sobre ““Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil”, tendo como campo de observação a praia de Jericoacoara, chegou à conclusão de que essas mulheres, geralmente mais velhas que os nativos com os quais se envolviam, entravam num jogo assimétrico, tanto pela idade como por sua estrutura financeira, consideradas “gringas ricas”. No entanto, com o passar do tempo, quando deixavam de ser consideradas turistas, esta vantagem estrutural era “neutralizada” e essas mulheres passavam a ser dominadas pelos parceiros. O envolvimento em um sentimento de paixão pelo parceiro as deixava vulneráveis e só com o tempo percebiam que haviam sido objeto de exploração econômica. Sobre esse aspecto da desestabilização com relação aos privilégios estruturais, Piscitelli (2010, p.31) considera que existe uma significativa diferença quando essa questão “envolve homens brancos europeus e mulheres nativas no Ceará [...] Nesses últimos, os privilégios estruturais nunca são desestabilizados⁷³”.

Esta relação dos nativos especificamente com estrangeiras ainda não é significativa em Flecheiras onde predominam as relações entre homens estrangeiros e nativas. Desta forma, com base nas últimas observações e conversas, percebo que os

⁷³ Esses dados pontuais são com base em sua pesquisa realizada em Fortaleza, no Ceará, no início dos anos 2000, com nativas e homens europeus, que resultou no artigo intitulado: *On “gringos” and “natives”: gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil*, publicado em 2004.

rapazes locais têm interagido mais com mulheres de outras localidades e capitais: "Já paquerei com as meninas de fora, mas daqui ainda não. Eu me interesso mais pelas meninas de fora, porque elas são mais simpáticas do que as meninas daqui. As daqui são abusadas, só querem ser, se acham [...]" (Pedro, 18 anos, E-06/2011).

Dessa forma, os primeiros discursos com teor de vitimização ganham um caráter mais ativo, expressando algumas conquistas, entre namoro e "fica", com garotas de "fora". Para tanto, observei que isso é consequência de um grande investimento destes rapazes, que abrange da aparência aos modos de comportamento, de "saber chegar junto" – o que parece representar para eles uma constante aprendizagem –, até a aquisição de bens, como aparelhos celulares, motos, carros, além da valorização das novas tecnologias, principalmente, do acesso à internet para o uso das redes sociais. A descoberta das redes sociais, aliás, contribui para manter as relações estabelecidas nessas situações de sociabilidade, bem como o contato com os amigos e paqueras.

6.2 As redes sociais entre o local e o global

Era uma noite de domingo, em torno de umas nove e meia da noite, estava andando na praça com alguns amigos e parentes. Era o último dia de um fim de semana prolongado, devido ao feriado de 7 de setembro, entretanto, já com poucas pessoas de fora na localidade. A noite estava tranquila, com pouca gente na praça, dentre elas, alguns grupos de jovens e um em específico me chamou a atenção. Eram aproximadamente nove jovens, entre garotas e rapazes, estavam sentados no chão da praça, na forma de um círculo e no centro dele tinha algumas bebidas e copos. A maioria dos que estavam ali eram rostos conhecidos, alguns não moram mais na localidade, estavam só para passar o feriado. Mas o que me chamou a atenção naquele momento era o fato que alguns estavam manejando o seu aparelho celular e, vez por outra, faziam pose para fotos, tiradas a partir desses aparelhos. Fotos essas que pude vê-las no dia seguinte ao abrir o *facebook*, cheias de comentários e "curtidas" [...]. (Diário de campo, 09/2012).

As novas tecnologias da informação (TICs) têm transformado as interações em amplos setores da sociedade contemporânea, produzindo novas temporalidades e espacialidades nas formas de comunicação, sobretudo, com o acesso das pessoas ao aparelho celular e a internet como destaca Castells (1999; 2003).

Particularmente, os jovens têm aderido de maneira intensa a estas interações virtuais, encurtando distâncias espaciais e ampliando os sentidos da realidade social por meio das redefinições das fronteiras entre o real e virtual em suas novas experiências de sociabilidades conforme discute Lévy (1996). Vale lembrar que nem todos os jovens estão inseridos nestes novos fluxos de informação e comunicação, as experiências diversas de inserções dos jovens no mundo contemporâneo apontam para realidades bastante heterogêneas. O interesse neste tópico é refletir sobre a maneira específica como os jovens dessa localidade passaram a interagir com as novas tecnologias da informação, destacando sua importância e sua relação com o estilo de vida desses jovens, bem como símbolo de consumo e distinção. Esse processo de acessibilidade à internet, aos celulares, às redes sociais coincide, na localidade de Flecheiras, a um momento de intensificação do turismo e a instalação de novas antenas de empresas de telecomunicações.

Os jovens têm acompanhado a dinâmica das mudanças nas formas de acesso à internet, fator que está diretamente relacionado às transformações quanto ao poder de consumo e que representa também as influências dos valores urbanos – o que contribui para dinamizar as sociabilidades entre estes jovens e destes com os de "fora". Assim, a cena relatada no início da seção é cada vez mais comum. A partir do último ano de pesquisa, percebi que há um predomínio do uso da internet via aparelho celular, entretanto, há bem pouco tempo a internet representava a novidade e lotava as poucas *lan houses* do distrito - casas que começaram a oferecer esse tipo de serviço.

A maioria dos jovens interlocutores desta pesquisa, passou a ter acesso à internet a partir do ano de 2007, período em que as escolas públicas do município começaram a receber os laboratórios de informática com os computadores ligados à internet, lugar pelo qual eles começam a conhecer o chamado "mundo virtual" e a utilizar as redes sociais⁷⁴.

Durante o período da pesquisa, percebi a dinâmica das formas de acesso à internet; enquanto algumas *lan houses* eram abertas oferecendo esse tipo de serviço, outras eram fechadas, consequências de dois aspectos: o primeiro diz respeito a um fator importante que foi a aquisição do computador e a instalação da internet na própria casa,

⁷⁴ Os jovens estudantes recorreram as *lan houses* depois que o acesso aos *sites* de relacionamentos foram proibidos na escola. A utilização da internet é permitida apenas para a pesquisa.

realidade dos jovens que têm maiores condições financeiras, seja adquirindo tal condição a partir do seu próprio trabalho ou possibilitado pelos pais – os que podem são, em sua maioria, comerciantes ou donos de pousadas; o segundo aspecto diz respeito ao acesso via aparelho celular, que é bem mais recente e está relacionado a ampliação das empresas de telecomunicação móvel e a melhoria na transmissão do sinal nessa localidade, bem como a oferta de um serviço num valor mais acessível. Dessa forma, os jovens passaram a ter mais acesso ao aparelho celular e planos que incluem o acesso à internet a baixo custo.

Alguns jovens comentam que, no início, quando a internet era a novidade, queriam “viver *online*”, enfrentando as filas de espera nas *lan houses*, mas que atualmente não é mais assim, uma vez que o acesso via aparelho celular possibilita ficar menos tempo *online*, mas com um acesso mais constante, ou seja, ver as atualizações com mais frequência durante o dia. Desta forma, a dinâmica de uso varia bastante, visto que também podem acessar em casa a partir de um computador ligado à internet. No entanto, existe uma maior praticidade através do celular, pois é um aparelho que está geralmente junto com a pessoa, para onde quer que ela vá e com um custo mais baixo do que um *notebook*, por exemplo. Um jovem destaca que tem *notebook* e internet em casa, mas que praticamente não o utiliza, dado as facilidades de acesso via celular. Estas são mudanças que marcam a contemporaneidade nesse local e implicam em transformações na vida desses jovens.

Atualmente, a localidade oferece duas casas que ofertam os serviços de internet, as quais ainda são relativamente utilizadas pelos jovens⁷⁵, mas com o predomínio de uso dos adolescentes, principalmente com o objetivo de jogar e/ou fazer pesquisas para trabalhos escolares. Segundo um dos proprietários, sessenta por cento de sua clientela é de jovens que variam entre 12 e 18 anos de idade, sendo que os mais novos vão mais para jogar do que para acessar as redes sociais, público que vem crescendo mais nesses estabelecimentos. No período em que a internet representava a novidade na localidade, funcionava apenas no laboratório de informática da associação dos moradores. Esse era o único lugar, depois da escola, a oferecer acesso à internet para a comunidade, a partir de dois computadores, com um preço simbólico, para que as

⁷⁵ Eles pagam, aproximadamente, R\$ 2.00 por uma hora de acesso à internet.

peessoas pudessem começar a conhecer e ter acesso a essa nova possibilidade de comunicação. Conseguir um computador desocupado era o mais difícil.

A maioria dos jovens que contribuíram para esta pesquisa, faz uso de *sites* de relacionamento. Há aproximadamente três anos, logo no início da pesquisa, já era possível perceber o grande interesse dos jovens pelas possibilidades comunicativas que a internet promovia, a exemplo dos *sites* de relacionamentos, como *orkut*, *sites* de bate-papo e conversas instantâneas, como *The Microsoft Network (MSN)*. No entanto, devido às rápidas mudanças no mundo das tecnologias, atualmente estas redes de relacionamentos foram substituídas pelo *facebook*, que comporta bate-papo, mensagens (que tem a mesma função de e-mail) e postagens abertas, desde notícias mais gerais como a socialização de fotografias e notícias pessoais.

A partir do relato de um jovem, pode-se notar essa mudança no intervalo de três anos. A primeira conversa com ele foi logo no início da pesquisa, quando trabalhava na *lan house* da associação comunitária, e agora, no final da pesquisa, início de 2013, momento em que o jovem em questão já não trabalhava mais na *lan house* e sim como garçom, mas ainda estava ativo nas redes sociais. A seguir apresento os dois relatos:

A internet é uma inclusão digital. Veio com uma expectativa pequena, a gente foi conhecendo aos poucos, hoje pra mim já é muito bom, é muito útil pra divulgar o meu trabalho no *youtube*, como cantor de MPB, faço dupla com um amigo meu, então eu posto meus próprios vídeos lá, vejo quantas pessoas acessaram, então é muito bom, tenho *orkut* também, então é um meio de trabalho, de se comunicar com pessoas diferentes, me comunico com um amigo meu do Rio de Janeiro e outras pessoas, o próprio *youtube* é muito bom, o msn, porque a gente conhece pessoas aqui em Flecheiras, daí no outro dia você já vai embora, daí já avisa e no outro dia a gente já encontra *online*. E serve também muito para divulgar até a própria cultura local, a gente tem um blog: ponto de cultura Flecheiras, daí a gente divulga artesanato, comidas típicas, sobre as festas que acontecem aqui. A internet é uma rede muito grande, é um meio de comunicação, e acho que só perde para televisão [...] E eu que trabalho com a internet, considero uma cultura diferente para se comunicar com outras pessoas, e é muito boa. Então, é aquela coisa, internet é igual a amigos. A gente que vive em Flecheiras é assim. (Gustavo, 22 anos, E-01/2010).

[...] Tenho internet em casa, mas praticamente não uso, por causa do celular [*smartphone*], que estou usando bem mais [...] Acesso à

internet mais para entrar no *facebook*, nos aplicativos novos, como, por exemplo, o *instagram*⁷⁶, para postar foto, marcar os amigos, ver onde as pessoas estão, sabe, encontrar as pessoas, para se comunicar mesmo. Por exemplo, quando a gente vai para uma festa, é só marcar os amigos, daí a pessoa já sabe, e quem quiser é só aparecer, pois já sabe onde vamos estar, onde tem festa. Assim, nem todo mundo tem *facebook*, mas a maioria, sim. *Facebook* é tudo, dá para fazer tudo [...]. Particularmente eu não uso e-mail. (Gustavo, 25 anos, E-05/2013).

Os relatos acima transcritos expressam que esses jovens estão acompanhando essa dinâmica das mudanças no mundo das novas tecnologias e as formas de acesso à internet, privilegiando as redes sociais, atualmente, o *facebook*. Considera-se também que a comunicação virtual é utilizada por esse público com vários objetivos e um deles é manter contato com pessoas conhecidas e com os amigos da localidade que estão morando fora, socializar eventos, acontecimentos, como festas, bem como fazer outras amizades, principalmente com pessoas que conhecem em momentos de festas e férias em Flecheiras, ou mesmo através da própria rede social. Quanto a este caso específico, Pedro relata que sempre busca fazer amizades, conhecer pessoas novas, não só com aqueles que estão de passagem pela localidade e que conhece no trabalho ou nos espaços de lazer, mas também a partir das redes sociais. Ele tem atualmente 20 anos e afirma já ter feito algumas amizades no *facebook*, convida as pessoas e elas aceitam, especialmente brasileiros. Quando está *online* desenvolve um diálogo, diz que geralmente pergunta se a pessoa conhece a sua localidade e faz propaganda para que venha conhecer. Afirma que convida tanto homens como mulheres. Por último, diz que a amizade que iniciou com uma jovem de outro estado do Nordeste já se transformou em namoro, pois sempre se falam também através do celular e que ela já o convidou para ir visitá-la. Neste sentido, é como se a cidade, o mundo, as pessoas externas a esse local, estivessem mais próximos. Cria-se um imaginário de proximidade e afetividade, o que, numa dimensão subjetiva, faz com que os sujeitos elaborem outras possibilidades de experiências, num sentido de expandir as suas vivências, ir além das fronteiras espaciais e sociais da localidade.

A partir do uso pessoal que faço do *facebook* e pelas amizades estabelecidas com muitas pessoas da localidade, inclusive jovens que são interlocutores diretos dessa pesquisa, foi possível perceber que muitos deles têm contato com pessoas

⁷⁶ Aplicativos para fotos.

de fora do país, principalmente jovens que trabalham mais diretamente com o turismo ou que gostam de frequentar as festas com forte presença de um público externo, como a Festa do Pisca. Isso foi observado a partir de comentários nas notificações e fotos postadas. A rede social também possibilita a manutenção de contato e atualização dos acontecimentos para aqueles jovens que estão morando fora, pois os comentários são frequentes quando os jovens postam alguma coisa que aconteceu ou vai acontecer na localidade, como, por exemplo, as festas.

O objetivo aqui não é explorar as várias possibilidades do uso destas novas tecnologias, mas elencar o acesso desses jovens a essas novas formas de comunicação, observando a sua importância enquanto novidade que representou naquele contexto de abertura para o contato com pessoas de outros lugares e países. Representa, também, elemento importante na composição do estilo desses jovens, demarcando aproximações com os de "fora" e distinção em relação aos seus conterrâneos que não aderiram a essas tecnologias da comunicação, torna-se, portanto, um produto de consumo. Neste sentido, a experiência com as novas tecnologias da informação tem gerado novas formas de sociabilidade entre o mundo virtual e real e ressignificado as formas anteriores de encontros na localidade por meio da marcação dos horários e pontos de encontro através das redes sociais. Tem sido importante perceber como os jovens vêm acompanhando as mudanças nas formas de acesso e significando as diversas formas de uso.

Desta forma, percebo as redes sociais como uma extensão das experiências vividas pela maioria dos jovens nessa localidade, uma maneira também de manter as sociabilidades iniciadas nos vários momentos de trocas interativas. Outro aspecto bastante relevante, é que o acesso à internet, as trocas via rede social, não implicou numa redução das possibilidades interativas e as vivências com os amigos face a face, pois isso ainda é muito valorizado por esses jovens. Pelo contrário, as redes sociais fomentam para que esses encontros aconteçam, a partir do momento que as redes de amigos visualizam as marcações no *facebook* e se dirigem para onde os outros estão, seja na praça, na casa de um amigo, na praia, em uma festa, etc. É uma prática que já faz parte do estilo de vida desses jovens. Portanto, adquirir o celular conectado à internet tem se tornado cada vez mais uma necessidade para esses jovens que acompanham as mudanças na localidade, pois é uma maneira de inserir em determinados grupos e demarca um estilo de ser.

Deste modo, múltiplas interações sociais estão permeadas pelas redes virtuais e redefinem as noções de local e global no distrito turístico estudado nesta pesquisa. As redes sociais são pontos de abertura, encontro, aproximação, divulgação e propagação das teias de relações locais. Estas redes deslocam espaços e tempos e tecem continuidades em relações afetivas principiadas na localidade ou principiam namoros e paqueras que serão efetivados em futuros encontros presenciais em Flecheiras. A internet é também um campo aberto de negócios, estilos de consumo e inúmeras imagens que acionam novas práticas e comportamentos sociais nessa localidade litorânea.

6.3 Os estilos dos jovens

O cuidado com a aparência, com um “certo jeito de ser”, o saber paquerar, a necessidade de ser "descolado", de saber "chegar junto" tornaram-se requisitos importantes entre esses rapazes para enfrentar o atual contexto de concorrência. É como se estes jovens estivessem aprendendo uma maneira de lidar com isso, que se expressa num estilo, uma maneira de se apresentar em público. Novos comportamentos configurados nesses momentos de interação entre eles e com os de "fora", pois também aprendem a partir da observação de estilos dos rapazes que vem das grandes cidades. Portanto, se as meninas são mais conhecidas por cuidarem da aparência, essa é uma preocupação que se estendeu também aos rapazes. A noção de estilo que ajuda a pensar esse cenário será tomada com base na compreensão de Feixa (2008), para o qual:

El estilo puede definirse como la manifestación simbólica de las culturas juveniles, expresada en un conjunto más o menos coherente de elementos materiales e inmateriales, que los jóvenes consideran representativos de su identidad como grupo. La mayoría de grupos juveniles comparten determinados estilos, aunque éstos no siempre sean espectaculares ni permanentes (puede hablarse también de estilos individuales, en la medida en que cada joven manifiesta determinados gustos estéticos y musicales y construye su propia imagen pública). (FEIXA, 2008, p.118).

As reflexões sobre o estilo dos jovens serão em torno da emergência do cuidado com a aparência que engloba não só a maneira de se vestir, mas também uma preocupação estética que está relacionada com o corpo, bem como aspectos relacionados às formas de agir diante da dinâmica das sociabilidades nos espaços de lazer, considerando as possibilidades de interações com pessoas de fora, que estão ali de passagem. Esse conjunto de manifestações está relacionado mais precisamente aos grupos de jovens que vivem experiências mais intensas de lazer e que nesses momentos objetivam uma relação de aproximação com os de "fora". Assim, não é uma prática generalizada, é relativa, pois existem jovens que não demonstram preocupações em viver essas experiências mais intensas voltadas para as sociabilidades que estabelecem contatos com o outro. Durante a pesquisa, dei mais atenção a esses jovens que estão mais frequentemente nessas vivências que possibilitam interações com diferentes alteridades.

Neste sentido, a imagem e o elemento corpo ganham uma importância significativa entre esses jovens. Como afirma Bourdieu (2004, p.115-116) em seu estudo com os camponeses, "En efecto, la *hexis* corporales, ante todo, *signum* social. [...] En las relaciones entre los sexos, es la *hexis* corporal lo que constituye el objeto primero de la percepción, a la vez en sí misma y a título de *signum* social". Desta maneira, o corpo expressa um jeito de ser, uma condição social. No caso dos jovens de Flecheiras, eles têm procurado se aproximar cada vez mais de um estilo, de uma condição social, de um modo de ser daqueles que chegam por lá, afastando-se do jeito mais simples na maneira de se vestir, acanhado e reservado que possam caracterizá-los inicialmente. Para eles, esta aproximação não parece ser tão difícil, sobretudo pelas mudanças na dinâmica social desses lugares, pelo fato das zonas litorâneas viverem esses processos mais intensos de urbanização, advindos do turismo, o que pode contribuir para essas diferenças singulares no que concerne a uma maior identificação com os valores urbanos.

Na preocupação com a imagem, o cuidado com as roupas que vestem é fundamental em dias considerados por eles de maior "movimento". No dia a dia, os jovens de um modo geral, ou seja, tanto as moças como os rapazes seguem o estilo da moda que os deixam com um visual mais "descolado", "alternativo". Como se trata de uma localidade litorânea, com calor o ano todo, ou seja, sem variação de temperatura, o predomínio é da moda *surfwear*. De forma que o estilo surfista tem demarcado uma identidade entre os jovens, pelo menos quanto ao visual, uma vez que aderir a esse

estilo não significa dizer que sejam praticantes de *surf*, mas sim que se identificam com esse visual. Os rapazes estão geralmente com as bermudas de tecido *tactel* na altura do joelho e camisetas. E a maioria das meninas usa *shorts* e saias curtas com camisetas de malha, ou vestidos. De fato, o estilo *surfwear* chegou nessa realidade através da sua expressão no litoral urbano das médias e grandes cidades. É com esse visual que a maioria dos visitantes jovens se apresentam na localidade.

A maioria dos jovens que circula pelos espaços de lazer usam roupas que geralmente chamam a atenção para o corpo, sejam os rapazes com suas camisetas apertadas, demarcando seus músculos fortes, ou as meninas com minissaias ou *shorts*. Os espaços de circulação, como a praça, são lugares onde essa preocupação se manifesta, mas se intensificam nos momentos de festas, principalmente, as de final de ano. Nestes dias, é possível perceber todos os preparativos, pois as lojas que vendem roupas estão sempre movimentadas bem como os salões de cabeleireiro. Estes, são os empreendimentos mais recentes nesta localidade, e já é possível perceber que as moças de cabelos cacheados têm aparecido com eles mais lisos.

Muitos afirmam, em especial os meninos, que é preciso “andar bonito”, ou seja, arrumado e na moda, porque, do contrário, as garotas não vão olhar para eles. Ressaltam que estas olham logo para esse aspecto e que, por isso, é importante cuidar da imagem. A aparência visual é acompanhada pela preocupação com o físico, tanto rapazes e moças estão dando mais atenção ao corpo, procurando estarem em forma, "corpos sarados", fazendo uso de atividades físicas que fortaleçam e moldem o corpo, especialmente nos últimos anos, com uma academia que foi montada na área central. A frequência dos usuários aumentou bastante nesse espaço, tanto homens como mulheres, jovens e adultos⁷⁷. A academia ajudou nesse chamado da atenção para o corpo, para partes específicas, pois os corpos da maioria dos jovens já são “tonificados” pelas

⁷⁷ Um jovem que pratica musculação nessa academia afirma que no início havia um horário que era mais usado pelas mulheres e outro para os homens, uma vez que estas não gostavam de fazer atividade física junto com os homens, ressaltando a vergonha ou mesmo a saliência de alguns. Hoje não seria tão separado dessa forma, existe mais variação, sendo mais utilizada no turno da noite. Inicialmente, a academia representava, nesse contexto, um ambiente novo, em que era preciso adaptar-se às maneiras de uso coletivo. No primeiro instante, ao que tudo indica, criou alguns estranhamentos a partir de constrangimentos entre os sexos - o que foi diminuindo na medida em que esse espaço e o seu uso foi deixando de ser novidade. Não me detive em observações nesse espaço.

próprias atividades de lazer valorizadas por eles, como os esportes (futebol, vôlei, natação⁷⁸, etc.).

Desta forma, é como se a composição dessa imagem (corpo físico e a aparência – cuidado com a imagem) falasse de si ao outro, como uma forma de se apresentar, sem ser necessário primeiramente verbalizar, mas que o "corpo enquanto operador social, expressivo e emotivo" (FERREIRA, 2011, p.270) simboliza isso. Nos dias mais movimentados, fim de semanas, grandes feriados ou dia de festas, junto a esse visual, adota-se outras atitudes que demarcam o jeito de ser e os aproximam mais ainda das atitudes daqueles que estão ali de passagem, é o consumo de bebida alcoólica. A maioria dos jovens, seja na praça ou em espaços de festas, sempre está com um copo de bebida na mão. Aspecto observado mais entre os rapazes do que entre as garotas. A bebida alcoólica é elemento fundamental nesses momentos de sociabilidades, tanto para mediar as relações, como para possibilitar a desinibição de alguns deles, sem a qual seria impossível adquirir coragem de "chegar junto" de uma garota. Elias e Dunning (1992), trazem uma reflexão que ajuda a entender o uso social das bebidas alcoólicas nos momentos de sociabilidade, sobretudo as mediadas nas práticas de lazer. O uso está relacionada à acentuação do prazer que ela pode proporcionar aos que estão compartilhando de uma reunião social, no sentido de que seu uso não teria o mesmo significado se consumida de forma individual, o que está em jogo é o seu efeito compartilhado com outros. Consideram também que o consumo nessas circunstâncias:

[...] favorece a perda relativamente rápida da habitual armadura de restrições profundamente engravadas e, assim, a abertura a uma divertida excitação mútua que serve de contraponto à relativa solidão do indivíduo e às suas obrigações e rotinas verificadas nas esferas de não lazer, incluindo as da vida familiar. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 182).

Ainda com relação ao cuidado do jovem com o corpo, segundo Ferreira (2011), este tem sido abordado nos estudos da sociologia da juventude, por se considerar que os jovens têm desenvolvido práticas em que o corpo é elemento central de manifestação de expressão, que vai do vestuário às atividades físicas e/ou esportivas, formas de apropriação e vivências sociais das festas, a inscrição no corpo de tatuagens e

⁷⁸ Para aqueles que gostam de nadar no mar.

piercing, dentre outras. Estas práticas compreendem uma importância enquanto "base da estruturação de muitos dos núcleos de sociabilidade juvenis" (FERREIRA, 2011, p.270). As manifestações das culturas juvenis contemporâneas são heterogêneas, "assumem formas mais mundanas, com ambições mais rasantes e intenções mais contextualizadas" (*Ibidem*, p. 270). Apresenta-se, portanto, com uma necessidade de um olhar analítico diferente daquele que foi desenvolvido no contexto do pós-guerra, pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCCS), sobretudo, a partir da década de 1970, em Birmingham, Inglaterra. Os estudos denominados de "subculturas espetaculares" observaram as expressões dos jovens, condensadas nos seus estilos, como uma forma de resistência coletiva de uma determinada classe em relação a uma cultura dominante. A centralidade nas manifestações dos estilos juvenis como forma de resistência, foi criticada pelos estudos posteriores, considerados pós-subculturais, construindo novas perspectivas de análise:

Comum às abordagens mais recentes parece ser o reconhecimento do poder da estética e da visualidade no contexto juvenil. Todavia, ao contrário daquilo que era apreendido pelo paradigma subcultural, a imagem é concebida como um recurso ao dispor do indivíduo, passível de uma aplicação estratégica e lúdica, mais associada a operações de inventividade pessoal e coletiva do que, propriamente, a vínculos socioculturais de natureza estrutural. Deste modo, contra uma perspectiva que salientava os traços de rigidez, autenticidade e homogeneidade das respostas estéticas dos grupos juvenis, as perspectivas pós-subculturais destacam o carácter fugaz, mutante e híbrido da imagem e da representação visual. (CAMPOS, 2010, p.115-116).

Nesse sentido, pensando a partir das experiências da maioria dos jovens de Flecheiras, encontro aproximações com essa perspectiva mais inventiva, em que os jovens criam estratégias coletivas e/ou individuais de manifestar-se perante o outro, como uma tentativa de igualar-se aos de fora e distinguir-se dos de dentro, sobretudo os que parecem recusar essa abertura para essas influências urbanas. Ao mesmo tempo, os aspectos do âmbito dos valores sensíveis operacionalizados pelo corpo relativos ao experimentalismo, hedonismo e presentismo, abordados por Ferreira (2011) como uma forma de "ética da celebração" da vida em contraponto às formas passivas de "matar o tempo" ou às formas "combativas de viver a vida", também ajudam a pensar as manifestações dos jovens na experiência de Flecheiras, guardando as suas devidas

particularidades. Desta forma, esses aspectos são entendidos por esse autor da seguinte forma:

[...] o *experimentalismo* enquanto tentativa constante de desafiar o limite possível, mesmo que tal implique riscos, muitas vezes de vida; o *hedonismo* como princípio do prazer, do gozo e da satisfação em torno do lúdico e do lazer; o *presentismo* como forma imediata e desfuturizada de viver intensamente o momento presente [...]. (FERREIRA, 2011, p.270).

Considero que os dois primeiros aspectos abordados são especialmente mais compreensíveis nesse contexto, o *presentismo* definido dessa forma não corresponde a realidade dos interlocutores, pois como veremos no tópico seguinte, eles têm projetos de futuro, mesmo que seja numa dimensão de "futuro breve", ou seja, "projetos de curto ou curtíssimo prazo" como explicitou Leccardi (2005). O componente das festas, especificamente, ajuda a perceber essa forma mais excessiva de viver a vida no seu sentido mais imediato da busca pela excitação, pelo experimentalismo observada mais entre os rapazes, seja na busca constante pelas festas, dentro ou fora do município, no uso exagerado do álcool ou drogas ilícitas – aspectos bastante reclamados pelos pais e instituições religiosas, como a igreja. Em dias frequentes de festas, como a do Pisca, que corresponde aproximadamente cinco dias, o cansaço do corpo parece não ter limites, alguns jovens são capazes de todos os dias marcarem presença nas festas e no dia seguinte ir trabalhar, mesmo com pouca ou quase nenhuma hora de descanso.

Nestas circunstâncias os aditivos (energéticos) às bebidas alcoólicas são bastante ingeridos por eles, como forma de mantê-los acordados. Os jovens falam desses feitos com orgulho, como uma vantagem em relação aos outros que não o fizeram. Como as festas são esporádicas durante o ano, isso cria essa necessidade de aproveitar ao máximo quando elas acontecem. Esse quadro gera risco de vida na volta pra casa, quando essa festa é fora da localidade, o que já resultou em alguns acidentes. Tal cenário gera muitos conflitos com a família, devido à preocupação manifestada pelos pais de que seus filhos(as) se envolvam com coisas que "não prestam", principalmente em relação às filhas, medo de gravidez, de que fiquem "faladas"; nos rapazes, é o medo com o consumo de drogas ilícitas e álcool. As novas práticas de sociabilidades desses jovens têm provocado alguns conflitos intergeracionais, uma vez

que alguns pais reconhecem e demarcam uma forma diferenciada dos jovens se comportarem e “conduzirem a vida”.

Portanto, a sociabilidade dos jovens, principalmente desses que se encontram na confluência da dinâmica com os de fora são mediadas através de várias estratégias que representam um modo de ser desses jovens como uma resposta às mudanças mais imediatas relativas aos valores urbanos que adentram ao cotidiano da localidade. Diante do contexto heterogêneo e das relações de alteridade, os jovens não se isolam, mas sim tentam se incluir no processo de mudanças, a partir das perspectivas e valores de cada um. Isso foi observado nessa pesquisa a partir das sociabilidades de manifestação afetiva, considerando as novas configurações e como isso altera de forma diferente a vida desses jovens, moças e rapazes. Assim, os rapazes encontraram no cuidado e investimento na aparência uma possibilidade de interagir com garotas de outras localidades, uma vez que reclamam a falta de interesse de suas conterrâneas. Desta maneira, é importante ressaltar que essa valorização da aparência dar-se também pela preocupação de serem aceitos em determinados grupos. De acordo com Melucci (1997), estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais os indivíduos se identificam e mandam sinais de reconhecimento para outros.

Para esses rapazes, as mudanças representam um grande desafio, sobretudo na ordem do investimento social e financeiro. Essas necessidades criadas a partir das experiências de sociabilidades nos períodos de lazer se conectam diretamente com a dimensão do trabalho, uma vez que para a maioria dos jovens locais, estar trabalhando é essencial para que se possa manter as várias necessidades de consumo que estão geralmente ligadas às satisfações mediadas em momentos de lazer, como, por exemplo, a paquera e os jogos de conquistas.

6.4 Das necessidades de consumo à importância do trabalho

Este cenário sociocultural, a circulação de imagens e dinheiro e a convivência com o outro que vive a intensidade da cultura urbana das grandes cidades, que manifesta outras condições sociais, geralmente melhor do que aquela vivida pela

maioria dos jovens locais, faz com que se crie várias necessidades, objetivas e subjetivas, como essa que representa uma determinada vaidade, que se expressa em uma preocupação com a aparência e aquisição de bens, geralmente valorizados pelos modos de vida urbano. As mudanças de valores são reconhecidas e ressaltadas pelos jovens, como explicita o seguinte relato:

Elas [as pessoas] começaram a ficar mais gananciosas, porque vai chegando o pessoal de fora, comprando terreno, construindo casa... Eles têm carros bonitos, importados, daí as pessoas ficam pensando se um dia elas vão ter um carro desses, aí isso vai ficando na mente das pessoas, mudando as pessoas mais simples. As pessoas ficam mais bestas, querem ser muito [muita coisa] e não é. (Marco, 22 anos, E-01/2010).

Fato que não se restringe apenas a essas influências mais diretas das trocas com aqueles que estão ali de passagem, mas também pela maior facilidade desses jovens circularem por grandes centros urbanos, como Fortaleza. Não que isso seja constante, mas todos já tiveram a oportunidade de conhecê-la, alguns para visitar parentes, outros por motivos de trabalho ou estudo, ou mesmo como uma viagem rápida para resolver problemas relativos à saúde, por exemplo. Ademais, existe o fator dos veículos de informação, como a televisão e a internet, o que pode, de certa forma, contribuir para fomentar essa necessidade.

Nesse sentido, junto à preocupação com a aparência, os rapazes têm adquirido mais cedo o seu primeiro carro ou moto, sobretudo os solteiros que gostam de viver as experimentações e diversões proporcionadas pelas festas. Um transporte individual, para um determinado grupo de jovens, antes de representar uma necessidade para facilitar a condução e a mobilidade para outras localidades do município, significa elemento que ajuda nesse processo de inclusão e de conquista. O carro ou a moto representa elemento de inserção em diferentes redes de sociabilidade, atrai mais amizades e paqueras. Seus proprietários tornam-se visivelmente mais populares e solicitados nas situações de festas, principalmente quando esta é fora da localidade. Dessa forma, na perspectiva antropológica, os bens de consumo não significam só a aquisição de um bem material, pois têm o seu sentido simbólico, de acordo com cada

contexto social e cultural, uma vez que, "a função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido" (DOUGLAS E ISHERWOOD, 2009, p. 108).

Deste modo, jovens a partir da faixa dos vinte anos, que já possuem um trabalho e têm renda aproximadamente de um salário mínimo ou mais, começam a adquirir a sua primeira "máquina", geralmente, moto, pois tem um valor mais acessível do que o carro. Atualmente, isso é possível devido às várias facilidades de crédito no mercado e nas formas de pagamento, que garante o consumo também nas classes populares. Este não é um acontecimento isolado, compreende uma realidade do cenário brasileiro, como bem analisou Sciré (2009) em sua pesquisa sobre as práticas populares de consumo em uma região periférica da cidade de São Paulo.

As mudanças específicas que estão relacionadas aos estilos de vida desses jovens vão criando várias demandas ou necessidades de consumo que implicam objetivamente no fato de terem como mantê-los. Desta forma, o trabalho é uma dimensão muito importante na vida dos jovens, maneira pela qual podem nutrir as necessidades de consumo. Um jovem, filho de pescador aposentado, destaca que no primeiro emprego que passou a receber o equivalente a mais de um salário mínimo, comprou várias coisas que tinha vontade: televisão, câmera fotográfica, *notebook* e celular.

Os jovens que contribuem diretamente para esta pesquisa, conforme apresentado na introdução, encontram-se em uma faixa etária em que o trabalho já faz parte de suas experiências. O que os diferencia são as formas de acesso às oportunidades de trabalho, devido ao pertencimento deles às condições sociais diferentes. Neste sentido, variam entre dois grupos: jovens que são filhos de professores, comerciantes, donos de pequenas pousadas – representam os de melhores condições financeiras e o segundo grupo são filhos de pescadores, pedreiros, domésticas e/ou aposentados. Os interlocutores dessa pesquisa se concentram mais no segundo grupo, mas, nesta discussão sobre as experiências dos jovens em relação ao trabalho, faremos, na medida de que for preciso, algumas relações entre esses dois grupos. Os primeiros têm uma menor preocupação de estar em busca de trabalho, pois geralmente desenvolvem atividades nos negócios da própria família.

Devido ao turismo, as pessoas mais estabelecidas, ou seja, com uma melhor condição financeira na localidade de Flecheiras, realizaram algum tipo de

empreendimento, é o caso, por exemplo, de boa parte das professoras que moram nessa localidade, e, neste sentido, os filhos geralmente trabalham no empreendimento da família, seja com venda de roupas, lanchonetes, restaurantes, dentre outras. O segundo grupo representa jovens que têm mais dificuldades financeiras e uma experiência instável quanto ao mundo do trabalho, uma vez que o dinheiro dos pais geralmente só supre as despesas básicas da casa, necessitando que estes estejam sempre em busca de trabalho para arcarem com suas necessidades pessoais e muitas vezes ajudarem também nas despesas de casa. São esses jovens que lidam mais diretamente com as novas possibilidades e condições de trabalho advindas com a inserção do turismo na localidade.

O atual cenário possibilitou novas formas de trabalho (em hotéis, pousadas, casas de veraneio, condomínios fechados, restaurantes, construção civil, bares e comércio em geral), implicando em significativas mudanças socioeconômicas e transformando os modos de vida local no que diz respeito às formas mais tradicionais de trabalho, como a pesca e a agricultura. Essas atividades são consideradas ocupações que vêm de várias gerações, mas com a inserção do turismo, aos poucos vão sendo substituídas por novas possibilidades: pedreiro, zelador, segurança, garçom, recepcionista, serviços gerais, comerciante, etc. As novas gerações não trabalham com essas atividades tradicionais e alguns adultos têm se afastado dessas ocupações, substituindo-a por outras, como zelador, segurança, ou mesmo agregando estas às atividades tradicionais. A atividade da pesca para os jovens torna-se algo muito mais ligado a uma prática de lazer do que a uma forma de “ganhar a vida”. Para os jovens que gostam do mar e aprenderam a pescar, essa atividade torna-se algo que se faz por prazer em momentos de folga do trabalho.

Atualmente é comum ouvir os mais velhos dizerem que os jovens não querem mais saber de pescar, consideram um trabalho "pesado" e "duro" e têm preferido outras formas de ocupações. Por outro lado, os próprios pais afirmam que não querem essa vida para seus filhos, mas sim que estes devem estudar e buscar outras formas de "ganhar a vida", porque o trabalho com a pesca também seria muito instável, "nem sempre o mar está para peixe". Neste contexto de possibilidades, seja a partir das novas formas de trabalho ou através dos estudos, existe uma valorização e orientação por parte dos próprios pais para que seus filhos se envolvam e se dediquem a outras atividades, na perspectiva que estas possam contribuir com uma vida mais estável financeiramente em comparação com a instabilidade de quem vive da pesca.

Ao conversar com as pessoas sobre as mudanças ocorridas na localidade, o aumento das possibilidades de trabalho é sempre destacado por elas. Este aspecto é ressaltado por todas as gerações, sobretudo, as dos mais velhos, pois conseguem perceber com muito mais precisão histórica essas diferenças. Assim, trago o relato de uma senhora que sempre trabalhou com a produção do artesanato de renda e seu marido como pescador, hoje são aposentados, mas não pararam de exercer suas atividades:

As coisas começaram a mudar, principalmente depois que esses portugueses começaram a aparecer mais por aqui e a comprar os trabalhos da gente [artesanato de renda], com esses restaurantes, com os empregos, que a gente também não tinha. Então melhorou muito, não só nas Flecheiras, mas também em Trairi. Hoje, tem muita gente de fora, daí os aluguéis da casa da gente, também ajudou muito [...]. Tudo melhorou. Também com o Condomínio da Diagonal, tem muita mulher empregada, ganhando seus trezentos, quinhentos, já é uma ajuda. Melhorou muito, graças a Deus. [...] O Hotel Solar das Flecheiras foi o primeiro a ser construído (final dos anos 1980), daí começou de lá, porque antes não tinha casa para alugar, daí com esse hotel, as pessoas começaram a chegar e quando enchia lá, daí eles traziam aqui para as minhas casas... Nesse tempo, eu tinha duas casas para alugar, e nesse tempo nem água encanada eu tinha, era na bomba. Eu enchia os tambores de água, e o pessoal tomava banho, depois a gente comprou o motor, e aí as coisas foram melhorando, quase todo mundo hoje tem água encanada [...]. Mas antes, minha casa era pequena, de taipa, que como você sabe, antes as casas nem eram atijoladas, era barro... Depois foi que as coisas foram melhorando, fui fazendo de tijolo, fui fazendo outra, meus filhos todos já tem sua casa, e eu tenho minhas casas para alugar. (Deusa, E-11/2010).

Percebo que, em Flecheiras, as relações intergeracionais são demarcadas pela “geração mais nova”, jovens que estão conectados e compartilhando de diversas experiências que se referem às mudanças advindas do turismo e suas implicações. Uma “geração intermediária”, que se encontra na fronteira entre a mais nova e a mais velha, pois seria um dos elos importantes no caráter contínuo das mudanças geracionais (MANNHEIM, 1982). As mudanças relacionadas ao âmbito do trabalho são expressas pela geração mais velha com muita satisfação, ao fazerem referência às conquistas da família no sentido de uma melhor condição financeira. Para a maioria das pessoas dessa geração, que se encontra numa faixa etária de cinquenta a sessenta anos ou mais, na localidade não falta emprego, quem não trabalha é porque não quer, pois existiriam pessoas que têm mais de dois trabalhos. Tal opinião é reiterada pelos adultos, que

representariam uma geração intermediária, os que conseguiram se beneficiar mais diretamente com a chegada do turismo, a partir do final da década de 1990, pois a maioria conseguiu se estabilizar financeiramente a partir de um trabalho autônomo voltado para o turismo ou comércio. Desta forma, a população de Flecheiras tem vivido uma intersecção no que diz respeito a essas experiências laborais, entre o trabalho com a pesca, a agricultura e as novas atividades advindas com o turismo, uma vez que as novas gerações têm se ocupado mais das novas oportunidades.

Neste sentido, a renda mensal das famílias é complementada de várias maneiras. Ao conversar com uma mulher da geração intermediária, casada e de aproximadamente 36 anos, ela comenta que trabalha como agente de saúde e cozinheira, participa da associação dos moradores e organiza os ensaios do grupo de quadrilha do bairro Barreiro. Na ocasião, ela faz questão de destacar que atualmente em Flecheiras é a mulher quem praticamente sustenta a casa, pois acredita que existem mais possibilidades de trabalho para as mulheres do que para os homens, principalmente para aqueles que não trabalham como pescadores, pois considera que as ocupações são restritas: construção civil, segurança, zelador de casa ou garçom. Graburn (2009, p. 34), ao tecer uma análise sobre os primeiros estudos sobre turismo com ênfase nas relações de gênero, destaca que, especialmente nos países em desenvolvimento, "as oportunidades de emprego na área de turismo normalmente favorecem mais as mulheres do que os homens, algumas vezes provocando uma mudança nas relações de poder".

A condição da mulher, dita anteriormente, é bem interessante quando se pensa nas estruturas familiares tradicionais no que concerne a divisão do trabalho, em que o homem trabalhava fora e a mulher cuidava da casa e dos filhos. Essa era uma realidade da geração mais velha, os homens lidavam com a pesca, as mulheres cuidavam da casa, mas é importante destacar que nesta localidade a maioria não se restringia às atividades domésticas de casa, pois muitas trabalhavam como rendeiras⁷⁹, apanhadoras de lodo⁸⁰ (consideradas como marisqueiras), ou lavadeiras de roupas. Atualmente essa realidade se transformou mais ainda, pois as donas de casa continuam

⁷⁹ Não podemos deixar de contextualizar as atividades das rendeiras. Dona Deusa, de aproximadamente 60 anos, faz renda desde criança, e afirma ter sempre ganhado dinheiro com essa atividade, mas, destaca que hoje está bem melhor, pois vende seus produtos diretamente para o consumidor, e que antes, quando era mais jovem, passava a sua produção para outras pessoas venderem, geralmente de fora da localidade.

⁸⁰ Lodo, como era popularmente conhecido, trata-se de um tipo de alga, que era retirada junto aos corais no momento da maré baixa. Esse trabalho, que era bastante pesado, era feito predominantemente pelas mulheres. O procedimento era: retirar o lodo, pôr para secar e depois ele era pesado e vendido. Diziam que essa alga servia para a indústria de cosmético.

trabalhando fora, e as jovens seguem o mesmo caminho, não só como domésticas, cozinheiras ou camareiras, atividades mais restritas às mulheres, mas sim conquistando novas possibilidades, como as de garçonetes, recepcionistas ou professoras, especialmente as que investiram nos estudos, pois a escolarização já era valorizada bem antes da inserção do turismo, já representava uma das maneiras de mobilidade social.

Ao refletir sobre esse cenário atual de tanta valorização do trabalho e da educação nesse local de ascensão e diversidade social, penso que isso pode estar atrelado exatamente ao aspecto histórico de ausência desses elementos em décadas anteriores, no sentido da falta de oportunidades de trabalho para além da pesca e da agricultura, o que predominou até final da década de 1990. Experiência que foi vivida pelos mais velhos e por aqueles que hoje se encontram na “geração intermediária”. Portanto, era constante a saída dos jovens para ir trabalhar nas cidades grandes, principalmente para Fortaleza, São Paulo ou Rio de Janeiro, tanto homens como mulheres. O destino, muitas vezes, estava vinculado à possibilidade de ser recebido por um parente, condição fundamental para a efetivação da partida. Isso significava possibilidades de melhorar as condições de vida, no que diz respeito à situação financeira.

Quanto à educação, o acesso à escola era difícil, pois, em Flecheiras, só existia da primeira a quarta série e a complementação dos estudos deveria ocorrer na sede, em Trairi. Isso, de certa forma, já dificultava e reduzia as possibilidades de se concluir o ensino fundamental, especialmente os que tinham menores condições financeiras, pois as famílias mais estabelecidas financiavam os estudos dos filhos em Fortaleza. Somente no final da década de 1990, as condições e o acesso à escola foram melhorando, com a construção de mais um prédio em Flecheiras, ampliando o atendimento ao ensino fundamental completo e, posteriormente, o ensino médio, o que aconteceu já em meados desta última década. Dentre os jovens que participaram desta pesquisa, a maioria concluiu o ensino médio, apenas dois rapazes haviam desistido da escola, um porque começou a trabalhar como ajudante de pedreiro e sentiu dificuldades de conciliar estudo e trabalho e o outro foi por motivo de conflitos pessoais com a

direção da escola. Ambos afirmaram que desejam um dia concluir seus estudos através do ensino supletivo⁸¹.

Ao conversar especificamente com os jovens sobre sua relação com o trabalho, destacando os do segundo grupo, identifiquei que a maioria teve uma iniciação ainda no período escolar, sendo que as moças geralmente começam como babá (que às vezes se estende também ao serviços de doméstica) e os rapazes como ajudante de pedreiro, serviços gerais, ou garçom. Esses jovens reconhecem e valorizam a maior possibilidade de trabalho, mas também tecem críticas quanto às condições estabelecidas. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que as possibilidades aumentaram, existe a instabilidade constante do trabalho temporário, realidade dos contextos turísticos, devido a sazonalidade, que se divide entre alta e baixa temporada. O fato da sazonalidade torna a vida dos jovens mais difícil, principalmente para os que trabalham e recebem por diária, em torno de vinte reais, às vezes por mais de nove horas de trabalho, e dos garçons que recebem de acordo com a demanda da clientela, ou seja, apenas os dez por cento. Contudo, a experiência de garçom, dependendo do lugar onde se trabalhe, é uma das que mais garante melhor remuneração, na alta temporada um jovem pode chegar a receber até mais de dois salários mínimos por mês e na baixa temporada chega a um pouco mais de um salário, depende da demanda.

Nesta perspectiva, os trabalhos temporários e sem vínculo empregatício, no qual os jovens recebem por dia trabalhado, representam trabalhos precários e instáveis, e é reflexo de um contexto bem mais amplo de informalidade e flexibilidade no mundo do trabalho. Para Pais (2005, p.11), "a vivência precária do emprego e do trabalho envolve modalidades múltiplas de "luta pela vida" que compreendem trabalho doméstico, eventual, temporário, oculto ou ilegal, pluri-emprego [...]".

Assim, os trabalhos temporários são fatores complicadores para os jovens que querem uma vida financeira mais estável. Para alguns, a solução é tentar conciliar dois trabalhos ao mesmo tempo, para que não lhes falte dinheiro mensalmente. Outros conseguem trabalhos melhores, o que varia de acordo com as experiências ou redes de amizades ("quem indica"). São os que conseguem trabalhar de forma mais estável,

⁸¹ Ao tempo que ocorrem mudanças advindas especificamente do turismo, podemos considerar outras que são relevantes na dimensão do cenário nacional, principalmente no que concerne à expansão da educação nas últimas décadas (Oliveira, 2007) e aos financiamentos para o ensino superior (créditos estudantis e bolsas de estudos integrais do governo federal) que contribuem para que os jovens tenham mais acesso à educação do que gerações anteriores.

recebendo aproximadamente um salário mínimo, em particular no comércio e hotelaria ou em empregos fixos com carteira assinada, que geralmente corresponde a um salário mínimo. Existe um hotel e um condomínio de casas que são sempre referências para os jovens quando o assunto é emprego com melhores condições salariais e carteira assinada, com todos os direitos trabalhistas garantidos; porém, isso não significa a permanência desses jovens nesses empregos mais valorizados, pois para eles, nessas boas condições de trabalho deve estar incluída uma boa relação entre empregador e empregado. Alguns afirmam terem saído de empregos em que se sentem explorados ou humilhados, pois muitos não conseguem lidar com alguns níveis de exigência impostos pelos patrões ou reclamações e falta de respeito por parte dos clientes, especialmente para quem desenvolve alguma atividade que precisa de uma relação direta com o turista. Um dos rapazes entrevistados, de aproximadamente 25 anos, relatou que pediu demissão de um emprego com carteira assinada porque se sentia explorado e considerava que seu trabalho não era valorizado pela empresa, desta maneira, passou a ser autônomo, trabalhando com a confecção de artesanato.

Nesta perspectiva, a flexibilidade desses jovens para o trabalho é grande, com vinte e poucos anos já possuem uma experiência significativa, no sentido de uma grande variação nos tipos de ocupação, principalmente pelo aspecto temporário, pelos conflitos com patrões ou por não gostarem de lidar diretamente com os turistas, o que os fazem procurar outras ocupações. Desse modo, o relato seguinte destaca esses aspectos a partir da trajetória de trabalho, bem como chama a atenção para alguns projetos de vida:

O turismo é bom porque Flecheiras ficou mais conhecida. De certa maneira, é bom. E tudo isso traz mais emprego para as pessoas, muita gente que não tinha trabalho agora tem. Muita gente trabalhando em hotel [...] Para quem gosta do ramo, é bom, eu não gosto. [...]. Atualmente eu trabalho com música, já tem uns dois anos, em uma banda (do município) de Paraipaba (localizado vizinho ao Trairi), trabalho também com eletrônica, e com várias outras coisas. Já trabalhei como segurança na Rede Globo, no período que foi realizado o programa *No Limite*, trabalhei em uma fábrica de gelo, e já trabalhei também no hotel Orixás. Bem, eu trabalho com tudo que seja da minha área e que eu goste, e que eu acho que posso dar conta. Dessas minhas experiências, eu gosto mais de trabalhar é com música e instalação elétrica. [...] Mas a minha ideia é fazer um curso avançado de eletrônica lá em Fortaleza. Eu entendo o básico, mas eu quero fazer um curso técnico ou superior para aprimorar meus conhecimentos. [...]

Mas também estou esperando algum concurso público em Trairi. Eu quero fazer para ficar melhor, porque ficar só na banda o dinheiro não favorece muito não [...] ⁸². (Danilo, 24 anos, E-11/2010).

O jovem em questão expressa a sua falta de identificação com os trabalhos que tenham que lidar diretamente com o atendimento ao turista, destacando como prioridade as atividades com a música e a eletrônica, mas, ao mesmo tempo, deixa claro seus projetos para aprimorar seus conhecimentos e a busca por um trabalho que possa lhe dar estabilidade, como um emprego na prefeitura municipal. Acompanhei esse jovem do final de 2010 até meados de 2012, e observei que sua vida não mudou muito quanto ao trabalho, continuava trabalhando principalmente com a música aos fins de semana em um município vizinho. Os estudos em Fortaleza não foram possíveis, devido à falta de condições financeiras. Fez a seleção para o concurso da prefeitura, mas não conseguiu aprovação. Quanto a isso, reclamou bastante da concorrência e pelo fato de não ter se dedicado aos estudos preparatórios. Na última conversa, o objetivo deste jovem era concorrer a uma vaga para trabalhar em uma empresa que iria instalar os aerogeradores para a produção da energia eólica no município de Trairi. Já estava mantendo contato com um dos engenheiros responsáveis que estava hospedado na localidade. Neste sentido, as experiências desse jovem, além do que já foi ressaltado, trazem a ideia de "projetos de curto prazo que assumem o presente estendido como área temporal de referência" (LECCARDI, 2005, p.15). Desta maneira, os projetos vão se adaptando ao cenário de possibilidades. Da mesma forma, o relato seguinte também trás esses aspectos, corresponde às experiências de uma jovem filha de professora, e todas as suas tias também exerceram essa profissão:

Eu já trabalhei como garçomete no hotel Orixás, mas vi que não era a minha praia, desisti. Atualmente estou estudando [Faculdade de Matemática, em Trairi], faço meus artesanatos, parei de fazer os artesanatos relacionados às algas [no Projeto ALGAS - Cultivando Sustentabilidade], e faço os meus artesanatos de *biscuit* para lembranças de aniversário, e ajudo minha mãe com as coisas que ela também faz de lembrancinhas. [...] Bem, foi por pensar que eu

⁸² Na busca por um emprego mais estável, muitos jovens submeteram-se ao último concurso público da prefeitura de Trairi, 2012, para os cargos de Agente Administrativo (nível médio), Serviços Gerais (nível fundamental) e Segurança (nível fundamental). Na época os comentários sobre esse concurso estavam disseminados, porém nem todos que se inscreveram conseguiram ser aprovados. Consideraram que a concorrência foi muito grande. Não tenho o número real de inscritos, mas apenas uns cinco candidatos de Flecheiras foram aprovados.

queria viver minha vida aqui, construir família, que eu resolvi fazer essa faculdade de matemática em Trairi. Mas eu queria muito fazer faculdade de *design* de produtos, mas se eu não me engano, só tem na UFC do Cariri, e em uma universidade particular em Fortaleza. Bem, isso era o sonho, e com certeza teria que procurar trabalho em outro lugar porque em Flecheiras não teria para essa área [...]. Mas como eu não tenho condição de fazer esse curso, eu vou concluir matemática e ficar por aqui mesmo e trabalhar como professora. (Marina, 25 anos, E-11/2010).

Esta jovem tem uma trajetória parecida, no sentido de uma busca por outras atividades que não tenha que lidar diretamente com o turismo, mas teve influências significativas da família para a realização de um curso superior. A partir do ensino médio foi morar com parentes em Fortaleza, para poder continuar os estudos em uma escola particular, no intuito de se preparar para o vestibular. Após concluir o ensino básico realizou alguns exames vestibulares, não obtendo êxito, retornou para a localidade. A partir deste momento, começou a se inserir nas experiências de trabalhos possibilitadas pelo turismo, das quais não gostou – "vi que não era a minha praia, desisti". Ao mesmo tempo, começou a participar do projeto Cultivando Algas, desenvolvido junto à associação comunitária, onde aprendeu a confeccionar artesanatos e alguns produtos a partir das algas marinhas, o que foi importante e influenciou no seu atual trabalho. A oportunidade de fazer um curso superior foi realizado a partir do momento em que chegou em Trairi uma universidade particular oferecendo os cursos de Matemática e História. No início da pesquisa, quando a conheci, ela estava iniciando o curso de matemática e atualmente encontra-se no último semestre e aguarda o concurso do estado para professor(a). Nesta trajetória, a influência e a ajuda da família foi essencial. Para pagar a faculdade, trabalha junto com sua mãe produzindo lembrancinhas para aniversário.

Portanto, as mudanças possibilitam que essa geração não precise necessariamente sair da localidade para poder trabalhar. Não é uma situação essencial como em algumas experiências de extrema pobreza e falta de oportunidades de trabalho, onde partir torna-se a única opção para os jovens. Uma parte dos jovens ressalta, mesmo criticando as condições de trabalho, que não é mais necessário sair da localidade ou do município para trabalhar, uma vez que a renda dá para se manter, seria o mesmo valor que ganharia na capital, considerando as diferenças de custo de vida de ambos os lugares. O relato seguinte explicita esse aspecto. Refere-se a um rapaz que nasceu em

um município vizinho e passou a morar na localidade quando adolescente. Seus familiares são de lá e desde criança já circulava na localidade, principalmente, em períodos de férias:

Aqui eu faço é tudo. Lá em Paraipaba [município vizinho a Trairi e também turístico] eu morava longe da praia. E aqui não, eu moro bem pertinho do trabalho, é tudo perto. [...] Eu pretendo ficar por aqui mesmo, morar aqui pertinho, trabalhar por aqui... Se aparecer outra oportunidade melhor, claro que sim. Mas, tipo, teve um cara que me ofereceu um trabalho em Fortaleza, ganhando mil reais, mas pra mim não ia compensar, porque em Fortaleza os gastos são maiores. Aqui eu não pago aluguel, nem luz, então é bem melhor aqui. (Duarte, 22 anos, E-11/2010).

Este rapaz morava com uma irmã na casa deixada de herança pela avó, trabalhava como garçom em um restaurante e gostava de trabalhar diretamente com o turista. Não conversei mais com ele após essa primeira aproximação, mas observei que sua vida mudou bastante no último ano, 2012, pois agora ele trabalha em um posto de combustíveis recém inaugurado na localidade, casou e tornou-se pai.

Há os que gostam de trabalhar com o turismo, apesar das dificuldades, mas há os que não se identificam e nesse sentido buscam outras oportunidades que ofereçam maior satisfação e retorno financeiro. Alguns conseguem essa realização no próprio município ou localidade, outros desejam partir, procurar novas experiências, que incluem trabalho e/ou estudo.

6.5 Os jovens entre permanecer e sair

O desejo de mobilidade, com o objetivo de alcançar uma formação universitária e/ou um emprego com melhores condições salariais apresentava-se como projeto de vida da maioria dos jovens entrevistados no início desta pesquisa. Para Velho (2003, p.103), o projeto existe no mundo da intersubjetividade, e é “instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de se expressar,

articular interesses, objetivos, sentidos, aspirações para o mundo”. Essas duas perspectivas manifestadas pelos jovens apresentam uma relação e uma variação de acordo com as condições sociais de suas famílias.

Durante o período da pesquisa, acompanhei alguns jovens nessa dinâmica da busca por novas experiências. Até o final da pesquisa de campo, poucos realizaram essa mobilidade, outros teceram novos trajetos e continuaram na localidade. Assim, alguns projetos específicos, que a partir dos relatos juvenis pareciam tão próximos de serem realizados, perderam-se nos labirintos, nas incertezas e imprevisibilidades da vida, ganharam outros sentidos, consequências das trajetórias não lineares do curso de vida de muitos desses jovens, o que Pais (2005) chamaria de movimento "ioiô". Para este autor,

Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, um vazio temporal de enchimento adiado. Projeto em descoincidência com trajectos de vida. Em contrapartida, o presente enche-se de possibilidades múltiplas, de diferentes experiências e desejos profissionais. As escolhas são múltiplas e reversíveis, embora nem sempre possíveis. (*Ibidem*, p.12).

Assim, trago alguns relatos que dão conta da dinâmica vivida pelos jovens entre anseios e realizações, considerando a "estrutura labiríntica" deste caminho, bem como as implicações das condições sociais, das relações familiares e da valorização de pertencimento às redes de sociabilidade para objetivar alguns projetos, sobretudo, os que estão submetidos à saída dos jovens para viver na cidade.

Os relatos a seguir compreendem os anseios anunciados de um projeto de vida e as possíveis mudanças nos trajetos que constroem outras experiências e outros projetos de "curto prazo". A primeira a ser relatada corresponde a um jovem que é filho de pescador e a mãe é rendeira. Ambos são atualmente aposentados.

Gustavo: no período da primeira conversa, início de 2010, ele estava com 22 anos, com ensino médio completo. Trabalhava na *lan house* da associação comunitária, sua única experiência de trabalho até aquele momento. Nos fins de semana cantava MPB em alguns bares, fazendo dupla com um amigo, ele na voz e o amigo no violão. Não

considerava isso uma forma de trabalho, mas algo que fazia por prazer. Participava da Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras (ADCF) e do Ponto de Cultura. Na época, morava com os pais e manifestou desejo de ir estudar em Fortaleza, cursar a faculdade de comunicação, na área de jornalismo, ressaltando que esse era seu grande sonho desde criança. Mas observa que a real condição financeira atrapalha, dificulta a realização, mas que de qualquer forma iria tentar trabalhar para um dia conseguir realizar o sonho. Enquanto não fosse possível, iria seguir morando em Flecheiras, pois gostava de viver ali e de estar com os amigos. Em junho de 2011 voltou a conversar com ele. Percebo que algumas coisas mudaram, continuava trabalhando em uma *lan house*, mas também como garçom em um restaurante, experiência nova, mas que estava gostando. E continuava falando do desejo de ir para Fortaleza, e agora encorajado pelo fato de um amigo ter ido morar lá, e que, portanto, iria começar a procurar emprego. Mais ou menos um semestre depois, sua articulação com Fortaleza estava maior, sempre que folgava no trabalho, viajava para visitar os amigos e passou a se identificar com a vida nessa cidade e a reforçar a vontade de ir morar lá. Criou algumas expectativas de trabalhar em alguns lugares como restaurantes, foi chamado para uma entrevista, mas não deu certo, uma vez que as condições salariais não dariam para viver na capital, diante do alto custo de vida e das despesas que teria com aluguel e alimentação, sobretudo, porque não poderia contar com a ajuda de parentes, assim como esse seu amigo que foi morar em Fortaleza. Nesse sentido, aguarda uma próxima oportunidade que possa oferecer uma remuneração melhor. Até a última observação de campo, início de 2013, continuava trabalhando como garçom em um restaurante local.

Na última conversa, esse jovem fez questão de enfatizar que gosta da ideia de um dia ter a experiência de morar em Fortaleza. Porém, o baixo salário e alto custo de vida nessa capital não compensaria sair de Flecheiras. Ele destaca que a vida na localidade estava muito boa, pois tinha muitos amigos para sair e um trabalho relativamente bom, tendo uma remuneração mensal que dava para manter suas necessidades, como ir às festas, comprar vários objetos de consumo (celular, *notebook*, televisão, etc.) e não precisava ter dispêndio de recursos com aluguel e outras despesas extras, pois continuava morando com os pais. Para ele, Fortaleza também se torna um lugar de desejo porque acredita que lá tem mais opções de divertimento, demarcando que a cidade é maior, e porque sempre que vai se sente mais à vontade para viver a sua sexualidade como homossexual. Quanto a isso, disse que não encontra problemas em morar em Flecheiras, pois não se sente discriminado pela sua opção sexual, sente-se respeitado; no entanto, destaca que é um lugar muito pequeno, e não dá para ficar à vontade em todos os lugares, é especialmente esse aspecto que o faz renovar a vontade de um dia morar fora.

Esse jovem traçou algumas estratégias para a realização de um dos seus projetos, trabalhar na capital. Contudo, isso estava submetido às suas condições de permanecer nesse lugar, como ser admitido em um emprego em que a remuneração fosse superior aos gastos que iria obter com a moradia e alimentação. Outro aspecto é o fato de não ter uma rede de parentes nesse local que pudesse lhe dar um apoio enquanto se estabelecesse. Os investimentos no ensino superior dependiam do seu estabelecimento financeiro na capital. Desta forma, foi contornando esses projetos de acordo com as possibilidades ensejadas na própria localidade.

Destaco a seguir uma experiência que se diferencia da anterior, principalmente pelo objetivo e pelas condições sociais que constituem outras possibilidades de inserção na cidade. Trata-se de uma moça, filha de pai comerciante e mãe agente de saúde, que é estimulada a ir para Fortaleza especialmente para estudar, se formar, seja em nível técnico ou superior.

Maria: no nosso primeiro contato, ela estava com 18 anos, em junho de 2011. Nesse período Maria já havia concluído o ensino médio nessa localidade e estava fazendo um curso de técnica em enfermagem na cidade de Fortaleza, passando três dias da semana em Flecheiras e os demais na capital, na casa de uma tia. Nos dias que estava na localidade, trabalhava ajudando a família no comércio. Sua intenção era continuar estudando para fazer um curso superior em nutrição. Aproximadamente um ano depois, nos encontramos novamente e ela havia trancado o curso técnico de enfermagem, justificou que não estava gostando e que pretendia fazer um curso em radiologia em Fortaleza e continuar morando com uma tia. Nesse intervalo, havia se submetido à prova de ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), teria sido aprovada para estudar em uma universidade particular no município de Sobral, mas que não tinha dado certo porque tinha perdido a data para obter a bolsa do PROUNI (Programa Universidade para Todos). Dessa forma, acabou desistindo, pois ficaria muito difícil para seus pais pagarem a universidade e moradia, uma vez que não dispunha de parentes nesse local. Pretendia fazer a próxima seleção do ENEM, pois se fosse aprovada nem faria mais o curso técnico. Nesse momento também ressaltou a possibilidade de morar em São Paulo com uma prima, caso a sua nota fosse aceita em alguma universidade dessa capital.

Nesta perspectiva, essa jovem tem uma trajetória muito mais labiríntica. Entre ‘permanecer’ e ‘sair’, suas possibilidades para experimentar o novo são mais alargadas. Existe uma maior flexibilidade quanto às suas escolhas, pois as decisões

podem ser reversíveis. Sua mobilidade entre um lugar e outro é mais oportunizada pelas condições dadas por sua família e parentes, diferentemente do jovem anterior.

Na experiência seguinte, chamo a atenção para um jovem que pertence, quanto às condições sociais, ao segundo grupo de jovens, é filho de pai pedreiro e a mãe é doméstica, morador do Barreiro, mas que, diferentemente dos jovens anteriores, conseguiu alcançar seu objetivo de morar em Fortaleza, mesmo entre idas e vindas. A rede de parentesco foi fundamental para o seu estabelecimento em um primeiro momento de tentativas, oportunidade não vivenciada pelo jovem Gustavo, por exemplo, pois não teve essa opção.

Eduardo: nossa primeira conversa foi no final do ano de 2010, ele estava com 19 anos, ensino médio completo e cheio de planos para sair de Flecheiras. Naquele momento, trabalhava como ajudante de pedreiro, seguindo os passos do pai, e acabara de fazer alistamento no exército, na cidade de Fortaleza, pois pretendia estudar e seguir carreira militar. Estava aguardando o resultado para saber se iria ser chamado para servir o exército. Mas já trabalhava desde o período em que cursava o ensino médio, ajudava em um depósito de construção e depois passou a trabalhar como ajudante de pedreiro, e já havia tido uma breve experiência como garçom (trabalho temporário). Entre a conclusão do ensino médio no ano anterior e a nossa primeira conversa, já havia morado por cinco meses em Fortaleza, na casa de um primo, com o objetivo de conseguir um trabalho e estudar. Pensava em cursar uma faculdade de engenharia civil devido a sua experiência com construção. Entretanto, não deu certo, retornou para Flecheiras, uma vez que não tinha conseguido trabalho - o que era fundamental para a sua permanência nessa cidade. Mas naquela oportunidade de estar em Fortaleza, fez duas seleções para entrar na carreira militar como sargento, mas não tinha sido aprovado na prova de conhecimentos gerais. No entanto, se alistou no exército, com o objetivo de ser chamado para servir e a partir daí ingressar na carreira militar. Aproximadamente um ano e meio depois, em junho de 2012, tive a oportunidade de encontrá-lo na localidade, quando conversamos sobre sua experiência em Fortaleza, pois estava lá servindo à Aeronáutica. Afirmou que estava gostando de ser soldado e que iria se esforçar para continuar e chegar a ser sargento. Mas, ao mesmo tempo, falava que se tivesse concurso para a polícia militar, iria fazer. Na realidade, gostaria de um trabalho que pudesse transferir para Trairi, uma vez que tinha muitas saudades de morar em Flecheiras. Sempre que tinha folga do trabalho, ia visitar a família. Destacou que morar em Fortaleza estava sendo muito difícil, pois sentia muita falta da tranquilidade da localidade, da família e dos amigos. Considera a capital um lugar muito violento, e que só saía de casa para o trabalho ou visitar algum parente. Quando vai visitar os familiares em Flecheiras, sente-se livre, alegre e feliz. Disse que tem horas que dá vontade de desistir de tudo e voltar, mas sabe que tem que ser forte, continuar na "luta" para alcançar os objetivos, que é não precisar

depende de ninguém. Disse que esse é seu sonho desde criança. Para isso, precisa continuar e tentar "subir na vida", dessa forma, através da carreira militar.

Além dos aspectos ressaltados anteriormente, no sentido de como essas experiências variam de acordo com as condições sociais, gostaria de chamar a atenção para dois elementos citados por esse rapaz que não foram trazidos nos relatos anteriores, mas que percebo como importante para esses jovens. O primeiro diz respeito a uma dificuldade de sair do local devido às relações de afeto com a família, a rede de amigos, e as sociabilidades nos momentos de lazer. O segundo elemento está relacionado à dimensão da sensação de uma maior segurança vivendo na localidade de Flecheiras, por ser um lugar tranquilo ao se comparar com a vida na cidade de Fortaleza. Representam as ambiguidades que se manifestam entre o desejo de permanecer a sair do lugar. Isso também pode estar relacionado ao fato da localidade ter se tornado turística e ao mesmo tempo valorizada por aqueles que moram em grandes centros urbanos.

A fala seguinte, que considero muito significativa, corrobora e destaca bastante alguns dos aspectos já citados anteriormente por Eduardo, do pertencimento ao lugar pelas vivências no lazer, pelos laços afetivos, no sentido das relações de sociabilidades com os amigos e as relações com a família:

Eu penso em sair, dar uma viajada, mas tem a família, minha mãe, meu pai que já tá ficando velho, minha avó [...]. Depois eu saio, e se eles chegarem a faltar, o povo vai ficar falando que os pais tão ficando velhos e eu fiz foi sair de casa [...]. Aí, eu não vou sair daqui não, enquanto meus pais tiverem vivos, eu vou ficar por aqui mesmo [...]. Mas eu já perdi muitas oportunidades por causa de família [...]. Quando eu era mais novo eu tive uma oportunidade de ir pra França e Itália, tinha uma oportunidade de ir trabalhar numa *pizzaria* na Itália, mas aí eu não estava com os documentos completos, aí não deu certo [...]. Tive outra oportunidade de ir embora com uma namorada aí que eu tive da França, mas também não deu certo [...]. Eu também não penso mais em ir pra fora não, passei 15 dias ali no estado do Piauí e quase morro, ainda mais que lá eu ficava mais em casa, fui para fazer autoescola (tirar carteira de motorista), e ficava pra morrer [...]. A gente se lembra das coisas, das brincadeiras, das amizades, aí dá saudades demais... Se a gente for para um lugar e não tiver divertimento, uma forma de substituir as suas brincadeiras daqui, não dá certo não. Se você for só trabalhar, você se lembra logo do seu lugar e vem logo embora. Tem menino aqui que vai pra Fortaleza e não aguenta não, vem logo embora, não dura uma semana. Tem um que já foi, já voltou, já foi de novo, mas não se acostuma não. Eu sei

que é bom a gente sair daqui um pouco para dar esquecimento do povo, porque aqui o povo presta muita atenção a vida dos outros, então é bom sair pra dar um tempo. (Raí, 22 anos, E-06/2011).

A relação com a família manifestada por esse jovem representa outra importância que não a econômica, mas que também pode ser fator decisivo para a sua permanência ou saída. Os sentimentos afetivos e/ou de responsabilidade para com a família podem interferir na individualidade desses jovens, no sentido de que a busca por novas experiências sejam sublimadas, de maneira que acabam por conformar sua vida às condições de possibilidades locais. Nesta perspectiva, o apego, os valores que ligam esse jovem à família também constroem frustrações diante das possibilidades de experiências anunciadas e não vividas. Contudo, a sua relação de pertencimento ao local não dizem respeito só à família, mas as experiências hedonistas, concernentes às amizades e ao lazer. Representa a importância da situação social desse contexto de valorização do lazer, marcada por uma intensa manifestação de sociabilidades.

As ambiguidades manifestadas pelos jovens entre o *permanecer* e *sair* são também observadas na pesquisa de Wedig e Menasche (2009), ao tratar de jovens de uma zona rural do Rio Grande do Sul que circulam entre o campo e a cidade, ou seja, moram no campo, mas trabalham em uma cidade próxima, que é possível ir e retornar todos os dias, devido à facilidade com os transportes coletivos ou individuais, como a moto. A valorização dos jovens pelo campo é observada nesta pesquisa, destacando alguns elementos que se aproximam dos que foram ressaltados pelos jovens de Flecheiras:

[...] A escolha dos jovens em continuar residindo ali está relacionada não apenas à ausência de dispêndio de recursos em aluguel ou alimentação, mas a um anseio de permanência no campo - um campo, veremos, associada a uma imagem idealizada do rural -, afirmado como um local de moradia desejado: por constituir-se em um ambiente mais tranquilo e menos violento do que a cidade, por fornecer alimentos considerados mais saborosos e saudáveis, por possibilitar cotidianamente a manutenção dos laços familiares e de amizade (WEDIG E MENASCHE, 2009, p. 07).

Essas experiências apresentadas variam diante das condições sociais e econômicas desses jovens, mas também indicam que eles não têm mais o deslocamento para a cidade como uma necessidade fundamental para a obtenção de um trabalho, como na geração anterior. Já os jovens advindos das famílias com uma melhor condição social continuam a sair, principalmente, para a obtenção de uma formação em nível superior.

Desta maneira, alguns fatores são importantes na vida dos jovens e implicam no seu movimento entre permanecer e sair da localidade. As relações com a família, o pertencimento às redes de sociabilidade, os momentos de lazer. Nas experiências apresentadas, a família ganha grande importância, seja pela dimensão dos laços afetivos ou enquanto estrutura de apoio financeiro. As famílias que oferecem melhor condição financeira podem ser determinantes para que o jovem possa desempenhar com mais tranquilidade seus projetos de vida, especialmente os que almejam uma formação superior, pois não precisam ter pressa em entrar no mercado de trabalho, podendo também oscilar em suas decisões profissionais, isto é, desistir e começar de novo. Quanto aos jovens que não dispõem dessa base financeira, precisam valorizar inicialmente a entrada no mercado de trabalho e batalhar para conquistar outros projetos, como uma formação superior, se assim desejarem.

Nesta relação entre permanecer e sair da localidade, além desses fatores internos, existem as dificuldades de adaptação e de se estabelecerem em um novo lugar, em especial para quem não tem o apoio financeiro e afetivo de parentes no local de destino, ou seja, como a presença de tios e/ou primos. Diante destas variáveis, alguns nem conseguem iniciar o caminho de partida. Criam estratégias, constroem sua vida de acordo com as possibilidades locais. Outros tentam, como Gustavo, mas nas primeiras dificuldades, retornam; porém, há os que são mais persistentes, que planejam melhor seus objetivos e que obtiveram mais êxito nas novas experiências e vão conduzindo a vida fora da localidade, alimentados pelas constantes visitas ao local, o que alguns consideram condição necessária para continuarem a vida fora, "lutando" pelos seus objetivos, como é o caso representado por Eduardo.

Os projetos de vida para a maioria desses jovens significam investimentos pessoais para uma mudança, como por exemplo, a busca de melhores condições de vida no contexto experienciado, seja em relação ao trabalho ou aos

estudos. O anseio pelo trabalho e a sua importância nesse cenário de mudanças sociais, culturais e econômicas, que no primeiro momento pode significar uma maneira de manter suas necessidades pessoais e obter uma autonomia relativa diante dos pais, transforma-se nesse processo de transição dos jovens para a vida adulta. O trabalho não se restringe apenas à realização dessas necessidades, ele faz parte e está articulado a um projeto maior de vida, que, para muitos, significa o desejo por mobilidade social.

As transformações sociais apresentadas também indicam que o tradicional modelo de transição para a vida adulta, que dizem respeito à sucessão de três fases – o trajeto escolar, a entrada no mercado de trabalho, o casamento e a consequente saída da casa dos pais – passa por mudanças significativas, pois essas fases podem acontecer ao mesmo tempo ou serem adiadas. Na experiência da maioria dos jovens essas fases são significativas, mas não acontecem necessariamente de forma linear. As primeiras experiências de trabalho têm caminhado junto com a escola, principalmente dos jovens com mais dificuldades financeiras, e a saída de casa tem sido adiada, uma vez que o casamento não está nos seus planos imediatos. Neste sentido, Pais (2005) traz uma reflexão que expressa a dinâmica dessa transição dos jovens no período contemporâneo, a partir de uma crítica a perspectiva de transição linear:

A linearidade das trajetórias de vida dá-se numa espacialidade geométrica, isto é, homogênea, unívoca, isotrópica, clara, objectiva. Ora, os jovens vivem predominantemente numa espacialidade antropológica que é *fractal* por natureza, dando guarida ao mítico, ao sonho, ao desejo, à ilusão, ao inesperado, ao indefinido, ao enigmático, ao especulativo, à indeterminação. Veremos que alguns jovens movem-se no labirinto da vida numa entrega ao acaso ou ao destino enquanto que outros actuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que esta se encontra sujeita a uma série de contingências, as chamadas contingências da vida. (PAIS, 2005, p.14).

As práticas sociais observadas nesse contexto significam que as mudanças advindas especialmente com o turismo transformam as experiências desses jovens, implicando em uma transição nos modos de vida. A intensificação do processo urbano na localidade aproximou os jovens de outros valores em que o modo de vida urbano é valorizado. Estas mudanças possibilitaram novas formas de sociabilidades e

relações de alteridade, onde o outro (o turista, aquele que está de passagem) torna-se referência enquanto estilo de vida desejado, manifestado pelos jovens da localidade, principalmente a partir da construção de um gosto estético pelas festas urbanas realizadas na localidade, as formas de consumo constituídos de significados atinentes ao estilo de vida urbano, como carro, moto, *notebook* e celular sofisticado. Este outro também cria tensões nas relações afetivas entre esses jovens, a partir do momento que, especialmente o turista homem e estrangeiro, torna-se referência para as moças enquanto tipo de homem desejado, em detrimento dos seus conterrâneos, implicando em uma nova configuração nessas relações afetivas, uma vez que diante desse cenário os rapazes também passaram a priorizar um relacionamento, seja "ficar" ou "namorar", com garotas de fora. Neste sentido, o trabalho é dimensão importante na vida dos jovens, particularmente para manter esse estilo de vida e constitui nessa localidade uma reestruturação quanto aos tipos de ocupações que se diferenciam daquelas mais tradicionais vividas pela maioria dos pais.

7 Considerações finais

O percurso investigativo proporcionou descobertas singulares diante de uma realidade aparentemente conhecida e possibilitou uma aproximação de várias questões voltadas para o tema proposto, o qual transitou entre juventude, sociabilidade e mudanças sociais. O campo apresentou constantes inquietações e desafios que me conduziram a um caminho de decisões sobre as prioridades do que se apresentava enquanto problemática de pesquisa relacionadas às experiências de sociabilidade dos jovens em um contexto de mudanças advindas principalmente do turismo. Dessa forma, a partir dos resultados de pesquisa, foi possível tecer aproximações e diálogos com outras investigações desenvolvidas sobre a ótica das experiências juvenis e sobre os "efeitos" dos turismo em pequenas localidades.

O trabalho de campo possibilitou pensar em um *duplo movimento* que contribuiu para o desenvolvimento de uma reflexão mais articulada sobre o processo de mudança social neste contexto e a relação deste processo especificamente com os jovens. O *duplo movimento* constituiu perceber as mudanças como ponto de partida para produzir novas formas de sociabilidades e, nesse mesmo processo, as alterações nos modos de vida e nos significados das experiências vividas pelos jovens. Por estas razões, uma das hipóteses centrais desta pesquisa incidia sobre a relevância das formas de sociabilidade para além de suas interações mais fluídas e lúdicas.

Expressão das mudanças e ao mesmo tempo incidindo sobre a experiência diária dos jovens, a sociabilidade traduz maneiras de pensar, sentir e agir diante das alterações. Ao tratar a sociabilidade como uma manifestação que também expressa as tensões e ambiguidades dos processos sociais, afasto-me de interpretações que a percebem apenas como reduzida às interações mais fluídas e lúdicas e aproximo-me daquelas que a percebem relacionada a outras formas de socialização. A perspectiva adotada corrobora com as interpretações que consideram a ideia de sociabilidade proposta por Simmel (2006) como bem mais complexa, sendo, também, expressão de outras formas de socialização (Alcântara Júnior, 2005b).

Assim, diante da multiplicidade dos jogos sociais, pensar a sociabilidade dos jovens nesse contexto de mudanças é perceber o seu entrelaçamento com outras

formas de socição, como, por exemplo, "o conflito" e "o estrangeiro" na acepção de Simmel (2002). De acordo com este autor, o conflito é elemento importante e constituinte da vida social.

A partir de uma perspectiva analítica das transformações e seus "efeitos" nas experiências dos jovens, é importante considerar que as mudanças provocaram tensões, conflitos em várias dimensões das sociabilidades desses jovens. A primeira a ser destacada está relacionada à maneira como as transformações socioespaciais implicaram nas formas de sociabilidade entre os jovens locais, gerando conflitos e modos de agir, tendo em vista enfrentar e dar sentido ao novo contexto. As reconfigurações socioespaciais, que geraram relações assimétricas entre o centro de Flecheiras com o novo bairro do Barreiro, são constituintes de "estigmas sociais" do primeiro em relação ao segundo. Esta configuração traz questões importantes sobre os novos arranjos sociais, bem como gera formas de sociabilidades específicas entre os jovens locais.

As "relações jocosas" são manifestações dos jovens nas formas de lidarem e reagirem ao contexto assimétrico e produzirem mais uma relação de proximidade do que de distanciamento entre eles. As "relações jocosas" são também mediadas por outros elementos agregadores, como a convivência na escola e nos momentos de lazer, especialmente na prática de esportes. Estas constatações não significam negar as tensões existentes nesses espaços de interação, mas o fato é que não aconteceu uma separação, uma segregação entre essas duas áreas, pois há circulação e as tensões são mediadas. Observa-se, portanto, a dimensão socialmente construtiva do conflito, no sentido de superar "[...] as desigualdades sociais construídas e estruturadas pelos resultados dos entrelaçamentos ocorridos na sociedade" (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005a, p. 9).

A circulação é maior de Barreiro em direção ao centro de Flecheiras, motivada pelas possibilidades de lazer nos espaços da praça, da praia, pois são nesses locais onde concentram-se uma maior variedade de opções. Entretanto, a escola, em ambas as áreas, contribui para que esses jovens convivam e se conheçam desde tenra idade. As atividades esportivas nesse contexto apontam para uma especificidade nas relações entre esses jovens, suscitando práticas mobilizadoras de formas de socição, como as relações de amizade, bastante valorizadas entre eles; porém, ao mesmo tempo, conectando com outras formas de socição, como o conflito, principalmente, nos momentos de competições. Deste modo, a solidariedade (amizade) e o conflito são

elementos intrínsecos das competições nas práticas esportivas. Neste sentido, Alcântara Júnior (2005a) ressalta que o conflito é uma: "ação desencadeadora de reviravoltas, mudanças sociais, constituindo-se num componente regular do próprio cotidiano e substância existente nos diversos movimentos efetuados pelas mudanças nas relações humanas". (*Ibidem*, p. 10).

As tensões também foram observadas nas interações afetivas entre esses jovens. Determinados dispositivos afetivos provocam tensões e separações nas relações entre "nativos", produzindo novas zonas de contato com o outro (estrangeiros, ou de outras regiões brasileiras). Assim, o interesse privilegiado de algumas "nativas" pelos estrangeiros, em detrimento dos conterrâneos, suscita de alguns rapazes locais uma busca por relações com garotas de fora da localidade. Portanto, a tensão e a separação provocadoras de desigualdades para os rapazes que não encontram na sua localidade opção para relacionar-se afetivamente, produzem, ao mesmo tempo, reviravolta. Diante das desvantagens, buscam outras possibilidades, tentando interagir com garotas da redondeza ou de outras regiões do país.

As aproximações e trocas com o outro geralmente acontecem nas festas que ocorrem durante todo o ano. As intermitências, os diferentes ritmos fazem com que elas ocorram de forma esporádica, sendo mais intensas nas férias, ou seja, na alta temporada, sobretudo, no final do ano. As possibilidades das festas se ampliaram nessa localidade, principalmente, devido à valorização do lazer, característica destes contextos de turismo. Por um lado, o lazer representa o grande objetivo do viajante e, por essa razão, muitos eventos são para ele voltados, mas gradualmente também valorizado pelos nativos, sobretudo, aqueles envolvidos com as atividades econômicas correlatas e pelos jovens. As festas em espaços públicos, como na praia e na praça, transformam a dinâmica local, e a presença dos jovens é uma característica importante, sobretudo, pelas possibilidades interativas com o outro e com tudo o que esse outro traz de valores.

Neste sentido, vem se construindo na localidade uma dinâmica específica que está relacionada ao fluxo desses eventos e dos turistas. Isso tem a ver com uma certa característica desses contextos, que é a dupla relação entre alta e baixa temporada. Isto gera, a partir do ponto de vista dos jovens, uma alternância entre "movimento" e "calmaria", e uma variação quanto ao uso de determinados espaços. Essas categorias "nativas" contribuíram, numa perspectiva analítica, para uma aproximação com a hipótese

reflexiva de Fortuna (2009) – a intermitência urbana –, de forma que foi possível pensar as manifestações de sociabilidade, levando em conta a alternância entre "movimento" e "calmaria".

Atualmente, os jovens de Flecheiras vivem dinâmicas interativas diversas e que, na relação espaço-tempo, variam quanto à intensificação das relações entre os de dentro da localidade e destes com os de fora. Ora ela é mais valorizada entre os de dentro, sobretudo nos períodos mais calmos, pois as manifestações das sociabilidades nos momentos de lazer restringem-se aos jogos de fim de tarde na praia e os encontros à noite na praça. Em alguns dias específicos da semana, contudo, essa "calmaria" é interrompida por um relativo "movimento", como nas quintas-feiras e fins de semana, devido a um pequeno aumento do fluxo na localidade. Este ritmo mais calmo é interrompido principalmente nos períodos de alta temporada e/ou feriados, pois a dinâmica se altera significativamente, entre o aumento do fluxo de turistas e as possibilidades de festas e do encontro com outro. Neste sentido, o olhar para o outro é despertado e a sociabilidade para com este é valorizada. É um período bastante referenciado pelos jovens como mais movimentado, exatamente por representar maiores possibilidades de festas e encontros com as novidades que rompem com o cotidiano mais calmo da localidade e os conduzem a uma confluência com valores e estilos urbanos.

Deste modo, a imagem de um "turismo familiar e tranquilo", tão construído por aqueles que promovem o turismo na localidade, é transformada nesse período, sobretudo nos dias de agitação promovidos, por exemplo, pela Festa do Pisca. Esta festa é desejada pela maioria dos jovens, mas indesejada por vários donos de hotéis e pousadas, porque isso vai na contramão da imagem que querem construir, o que gera divergências e conflitos de interesse. Destes conflitos participam também os jovens filhos de donos de casas de veraneio, criando uma forma de diversão compartilhada entre eles, os nativos e os de fora. Neste caso, a Festa do Pisca é ao mesmo tempo conflito e agregação de solidariedades para assegurar a melhor festa, no ponto de vista dos jovens. Flecheiras, uma pequena localidade, exprime, de alguma forma, as relações sociais que caracterizam o estrangeiro na acepção de Simmel (2002), pois como afirma Frúgoli (2007, p. 48) fica evidente a "fragilidade dos laços sociais, feitos de intimidade e distância, com relações marcadas entre pequenas repulsas recíprocas no sentido das relações de proximidade e distanciamento". Os jovens de Flecheiras experimentam uma festa com características e valores advindos dos grandes centros urbanos, pelos

elementos que a compõem e que, ao mesmo tempo, está condensada em território de urbanização recente.

Este modo de pensar a sociabilidade em conexão com outras formas de socialização abre caminhos para entender a relação entre a sociabilidade juvenil e as formas de inserção desses jovens em outras esferas sociais. O trabalho apresenta novas configurações nesse contexto de turismo, especialmente pelas novas possibilidades que afasta os jovens das atividades tradicionais, como a pesca e a agricultura, e os aproxima das novas formas de ocupações. Isto cria um cenário significativamente diferente daquele vivido por outras gerações, bem como opções para a permanência desses jovens nessa localidade, reduzindo o fluxo para a grande cidade em busca de trabalho. Assim, representa uma dimensão muito importante na vida dos jovens e, nesse contexto, significa uma forma de manter suas necessidades de consumo, que se ampliaram diante das influências urbanas. Neste sentido, o trabalho é essencial para a condição juvenil e contribui para que esses jovens sintam-se incluídos no processo de mudanças, na medida em que favorece para que eles possam exibir símbolos compartilhados, seja em relação ao modo do lazer, ao estilo de roupas, celulares, etc.

As formas de sociabilidade se constituíram em pontos e teias importantes de minha observação, de percepção dos jovens sobre as mudanças e seus múltiplos significados e como ponte de mediação que permitiu compreender mudanças de estilos de vida e os novos significados do trabalho, lazer e consumo nas práticas e falas cotidianas desses jovens. Estas mudanças em seus modos de vida apontam para a confluência dessas zonas de contatos com diversos "estrangeiros", tanto aqueles que se deslocam até Flecheiras, mas também os novos amigos que se aproximam pelas redes sociais. Todos estes novos elos de interação produzem encontros, desencontros, amizades, conflitos e diferenças culturais e simbólicas que permitem a redefinição de trajetos, percursos e projetos de vida desses jovens de Flecheiras.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 25-36, 1997.

AGIER, Michel. **Esquisses d'une anthropologie de la ville: lieux, situations, mouvements**. Louvain-la-Neuve: Bruylant-Academia, 2009.

_____. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Tradução Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Flávia Coelho. **Zona Costeira do Pecém: de colônia de pescador a região portuária**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALCANTARA JUNIOR, José O. Simmel e o conflito social. **Caderno Pós Ciências Sociais** - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005a, p. 7-15.

_____. O conceito de sociabilidade em George Simmel. **Ciências Humanas em Revista** - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005b, p. 31-40.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? Algumas reflexões. In: PLANEJAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL, 2004, Curitiba. **Anais do ENTBL**. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.ufg.br/this2/uploads/files/>>. Acesso em: set. 2011.

ASSIS, Leniton Francisco de. **Entre o turismo e o imobiliário: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade - Camocim-Ce -**. Tese (doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, 2012.

APPADARUAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. Tradução Heloísa Buarque de Almeida. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 49, p. 33-46, 1997.

BANDUCCI, Álvaro Júnior. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar In: _____; Barretto, Margarita(Org.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. São Paulo: Papyrus, 2001.

BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento de compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, out. 2003.

BECKER, Howard. A Escola de Chicago (Conferência). Tradução Vera Pereira. **Revista MANA**, São Paulo 2(2), 177-188, 1996.

_____. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983.

_____. **El Baile de los solteiros: las crises de la sociedad campesina en el Bearne**. Tradução Thomas Kauf. Barcelona: Editora Anagrama, 2004.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p 175-214.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 63, p. 113-137, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso em: 10 de 2012.

CARNEIRO, M. J. **O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/carne.rtf; acesso em: agosto de 2011.

CASTRO, Eliza Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, Marília Pinto. **Avaliação escolar, gênero e raça**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

CRUZ. Rita de Cássia Ariza da. Los nuevos escenarios del turismo residencial en Brasil: un análisis crítico In: Mazón, Tomás; Huete, Raquel; Mantecón Alejandro (Ed.). **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial**. Barcelona: Icaria editorial, 2009.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBIN, Alain. **O território do vazio - a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Do local ao global: turismo litorâneo cearense**. São Paulo: Papirus, 1998.

COSTA. António Firmino. Estilos de Sociabilidade In: Cordeiro, Graça Índias et al. **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta editora, 2003.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos**, 7(2), p.83-100, 2006.

_____. **Festa na Cidade** - o circuito Bregueiro de Belém do Pará. 2ªed. Belém: EDUEPA, 2009.

DAMO, Arlei Sander. **Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, n. 100, p. 1105-1128. Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 09 de 2011

DOMINGUES, José Maurício. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Revista de Sociologia**., São Paulo, V: 14(1), p. 67-89, 2002.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**. Para uma antropologia do consumo. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DURAND, Olga C. S. **Jovens da Ilha de Santa Catarina**: socialização e sociabilidade. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DURKHEIM, Emile. **La educación moral**. 2. ed. Buenos Aires: Editora Losada, 1997.

_____. **Lições de Sociologia**. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fonseca, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editora, 1992.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, Bandas y Tribus**. 4. ed., Barcelona: Ariel S. A., 2008.

_____; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p.185-204, maio-ago. 2010.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos In: PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (Org.). **Jovens e Rumos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p.257-275.

FORTUNA, Carlos. Cidade e urbanidade In:_____; LEITE, Rogério Proença (Org.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. (Série Cidades e Arquitetura).

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Das subculturas às pós-culturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea. Jornal de Comunicação e Cultura**, local de publicação, v. 3, n. 1, p. 138-166, 2005.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. A cidade no diálogo entre disciplinas In: Fortuna, Carlos.; Leite, Rogério Proença. (Orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009. p.53-67.

_____. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas. São Paulo. **MANA** 16(2), p. 311-325, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. De largo a jardim: as praças públicas no Brasil: Algumas aproximações. **Estudos Geográficos: revista eletrônica de geografia**, Rio Claro, v. 5, n.1, p.101-120, jan. 2007. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

GRABURN, Nelson. Antropologia ou Antropologias do turismo? In: _____ et al. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papius, 2009. p 13-52.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Latina**. Volume II -

São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2001. (Coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v.3).

HAGUETTE, André. Resenha - Metodologias Qualitativas na Sociologia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, V.75, n. 179/180/181, p. 373-394, jan/dez. 1994

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

JOSEPH, Isaac. A respeito do bom uso da Escola de Chicago. In: VALLADARES, Lícia do Prado (Org.). **A escola de Chicago**: impacto de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG - IUPERJ, 2005. p. 177-188.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução Sérgio Martins. Belo horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Espaços públicos na pós modernidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (Orgs.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009. (Série Cidades e Arquitetura).

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro, mudança social, jovens e tempo. Tradução - Noberto Luiz Guarinello. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP** - São Paulo, V.17. N. 2. p.35-57, 2005.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?.** São Paulo: editora 34, 1996.

LOBO, Elizabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social, Revista Social USP**, São Paulo, V:1 (1), p. 7-15, 1992.

LUIZ, Cruz Lima; SILVA, Ângela Maria Falcão. **O Local Globalizado pelo Turismo:** Jeri e Canoa no Final do Século XX. Fortaleza: EDUECE, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor, SOUZA, Bruna Montese de (Orgs). **Jovens na metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Tempo, 2007.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In FORACCHI, Maria; PEREIRA, L. **Educação e sociedade.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975.

_____. O problema sociológico das gerações. In: MANNHEIM, Karl. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 25).

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud és mas que una palabra. In: MARGULIS, Mario. **La juventud es más que una palabra:** ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução ao Estudos Culturais.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MEDEIROS, Maria da Graças Lucena de. Casais binacionais: turismo afetivo, turismo sexual e conjugalidade. In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, 2011.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, n. 5, p. 5-14, 1997.

_____ **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo/RS: Edt. Unisinos, 2004.

_____ **A Invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Iandra Virgínia Oliveira. **Os arranjos produtivos locais nas praias do Trairi**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

NISBET, Robert. El problema del cambio social In: Robert Nisbet et al. **Cambio Social**. Tradução Leopoldo Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, n. 100, p. 661-690. Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 09 de 2011.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, v. 25, 1990.

_____. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

_____. A vida como aventura: uma nova ética do lazer? In: **New routes for Leisure**. Actas do Congresso Mundial do Lazer/World Leisure congress. Lisboa: ICS, 1994.

_____. Is Leisure studies “ethnocentric?” Other “musics”, other insightis: A view from Lisbon, Portugal. In: **Wold Leisure Journal**, v. 52, 2010.

_____. **Ganchos, Tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Editora Ambar, 2005. (Enciclopédia Moderna Sociologia).

PEREIRA, Alexandre Barbosa. "**A maior zoeira**": experiências juvenis na periferia de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PISCITELLI, Adriana. "Gringas ricas": viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. **Revista Antropologia**. São Paulo. v. 53, n.1, p. 79-115, 2010.

RADCLIFF-BROWN. Alfred Reginald. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: editora vozes, 1973.

RODRIGUES, Adyr. Balasteri. Desafios para os estudos do turismo In:_____. (Org.). **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. Percalços do planejamento turístico: o Prodetur-NE. In: RODRIGUES, Adyr. B. (Org.). **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007. p. inicial-final.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SCIRÉ, Claudia. Uma Etnografia Multissituada das Práticas Populares de Consumo. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 93-109, 2009.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Sociología: estudios sobre las formas de Socialización**. Madrid, España: Alianza, 1977.

_____. **Sobre la individualidad y las formas sociales**. 1ª ed, Quilmes: Universidade Nacional de Quilmes, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, n. 13, p. 73-94, 2000.

_____. Estudo sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, n. 5, p. 37-52, 1997.

_____. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In:_____. (Org.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Argvmentvm, 2009.

TELLES, Vera da Silva. **A experiência da insegurança**: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, 4(1-2): 53-93, 1992.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Quando a televisão vira outra coisa**: as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José dos Espinharas – PB. 2004. Tese– Universidade do Vale dos Rios do Sino, São Leopoldo, 2004.

VELHO, Gilberto. O futuro das Ciências Sociais e a importância do seu passado. **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**. Oeiras, n. 48, p. 11-18, 2005.

_____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

VELSEN, Van. A análise situacional e o método do estudo de caso detalhado. In: BIANCO Feldman Bela. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**: imaginários urbanos. São Paulo: Global, 1987.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**: juventude e política social. São Paulo-Campinas: editora escuta, 1994.

WEBER, Max. A “objetividade”do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In: **Metodologia das Ciências Sociais**. Tradução de Agustin Wernet. 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: UNICAMP, 1999, vol. 1.

WEDIG, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Entre o campo e a cidade: o lugar do consumo na mobilidade material e simbólica de jovens rurais. In: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Janie K. **Juventude, Consumo & Educação 2**. Porto Alegre: ESPM, 2009. Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: maio 2013.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília v. 25, p. 205-224, maio-ago de 2010.

_____. **A presença feminina nas (sub)culturas juvenis**: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. A estrutura social de uma área urbana e degradada. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **A presença feminina nas (sub)culturas juvenis**: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 107-126 jan.-abr. 2005.

Sítios virtuais consultados

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRAIRI. Disponível em: <www.trairi.ce.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2009.

FLECHEIRAS. Enseada de encantos saiba mais. **Diário do Nordeste online**, Fortaleza. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=661131>>. Acesso em: out. 2011.

O QUENTE de Flecheiras por Denise Mustafá. Disponível em: <<http://www.viajenviagem.com/2010/01/o-quente-de-flecheiras-por-denise-mustafa/>>. Acesso em: nov. 2011.

SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DO CEARÁ. Indicadores turísticos de 1995/2010, Fortaleza, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/arquivos-do-estudos-e-pesquisas/Indicadores%202010.pdf>>. Acesso em: set. 2011.

DUNAS são degradadas no Trairi. **Diário do Nordeste online**, Fortaleza. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

ANEXOS

1. Perfil dos jovens entrevistados

Um breve perfil do grupo de jovens que contribuíram mais diretamente com a pesquisa, especialmente aqueles que foram entrevistados. A idade explicitada corresponde ao período em que aconteceu a primeira aproximação. Os nomes utilizados especificamente para os jovens são fictícios, no intuito de preservar a identidade deles.

- **Gustavo**, 22 anos, nasceu em Flecheiras, filho de pescador (aposentado), e sua mãe é dona de casa. Ele tem ensino médio completo, concluído nesta localidade no ano de 2006. Sua experiência de trabalho sempre foi com *lan house*, desde que começou a participar da Associação do Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras (ADCF) e em 2005 do Ponto de Cultura. Iniciou trabalhando na *lan house* da ADCF, pois tinha alguns computadores com acesso à internet que era aberto para o uso da comunidade. Com o fechamento dessa *lan house*, ele passou a trabalhar na *lan house* de um amigo. Disse que ganha pouco, mas dá para "levar a vida". Ressalta que aprendeu a usar o computador na escola e agradece pela educação que teve nesse espaço. O seu trabalho permite que ele esteja sempre conectado, mantendo contato com os amigos e vendo as novidades. Mora com seus pais, mas tem muita vontade de ir estudar em Fortaleza, cursar a faculdade de comunicação, na área de jornalismo. Afirma que esse é seu sonho desde criança, mas que as condições financeiras atrapalham, dificultam a realização desse sonho. Outra coisa que gosta de fazer é cantar MPB. Ele e um amigo, que toca violão, fazem dupla, e sempre que podem e são convidados, marcam presença em bares e eventos na localidade. Disse que gosta de morar em Flecheiras e que nos momentos que não está trabalhando, gosta de sair para encontrar os amigos e aproveitar o que tem de bom nesta localidade.

- **Pedro**, 18 anos, nascido em Flecheiras. É filho único e vive com sua mãe, que trabalha como babá, avó (aposentada) e padrasto (produz e vende artesanatos). No período da conversa, ele era aluno do primeiro ano do ensino médio, mas fiquei sabendo que no ano de 2010 ele desistiu da escola, o motivo teria sido porque teve problemas na escola e se chateou com a diretora. Agora pretende terminar os estudos fazendo EJA.

Como perspectiva, ele tem o desejo de cursar uma faculdade de veterinária e montar uma clínica em Flecheiras ou Trairi. Ele trabalha como recepcionista em uma pousada, sendo que a sua primeira experiência foi trabalhando como ajudante de serviço geral junto com sua mãe em uma casa, também já foi garçom nos períodos de alta temporada, entretanto, não gostou da experiência, devido ao excesso de trabalho e baixo valor pela diária. Nos momentos de tempo livre, gosta de sair com amigos, jogar vôlei na praia e tomar banho no mar. Faz uso de internet, não com muita frequência, mas gosta de ir ver seus *sites* de relacionamentos, pois diz que faz muitas amizades em Flecheiras, gosta de ir acessar à internet para conversar um pouco com os colegas que estão fora.

- **Duarte**, 22 anos, nasceu em Fortaleza. Uma parte de sua família é de Flecheiras e outra de Paraipaba (município litorâneo, vizinho a Trairi), onde morava antes de chegar em Flecheiras. Já está com uns quatro anos que mora nessa localidade, mas que já a conhecia, pois era o local onde sempre passava férias. Iniciou o ensino médio em Fortaleza e concluiu em Paraipaba, por motivo de mudança de sua família. Atualmente mora com sua irmã na casa que era de sua avó. O motivo da mudança foi por causa de trabalho, no sentido de que era melhor trabalhar e viver em Flecheiras do que em Paraipaba, pois diz que em Flecheiras pode morar e trabalhar perto da praia, sem ter gastos, uma vez que já tem casa para morar. Trabalha como garçom em um restaurante italiano, mas já trabalhou em uma pizzaria e de vez em quando, nos períodos de alta temporada, consegue outros trabalhos. Sua perspectiva é fazer cursos em Fortaleza para aprimorar os conhecimentos na área de turismo ou administração de empresa, para usar com o turismo em Flecheiras. Gosta de morar nessa localidade, no entanto, não dispensaria uma oportunidade melhor, desde que compensasse bastante financeiramente, muito além do que ele ganha atualmente. Quando terminou o ensino médio tentou vestibular na UFC para bacharelado em matemática. Como não deu certo, foi morar em Flecheiras. Nos momentos de tempo livre gosta de sair com os amigos e jogar vôlei. Tem *sites* de relacionamento, mas é muito difícil usar, diz que realmente não gosta.

- **Raí**, 22 anos, nasceu em Flecheiras, mora em Barreiro, seu pai é pescador e agricultor, sua mãe é dona de casa. Não concluiu o ensino médio, pois teve que se afastar para poder trabalhar como pedreiro na construção civil do Condomínio *Eco Residence* em Flecheiras. Pretende retornar aos estudos por meio do EJA. Atualmente trabalha por conta própria, fazendo frete, tem um carro e sempre está circulando pelo município,

conduzindo as pessoas. Atualmente mora com seus pais e pretende ficar muito tempo em Flecheiras, justificando que é o filho mais velho e tem muito cuidado com seus pais que já estão ficando idosos. Já pensou em sair da localidade, mas logo vêm em mente os pais. Disse que essa questão de família já o fez desistir de ir para fora, pois já foi convidado para ir trabalhar na Itália. Todavia, como no período também teve dificuldades com os documentos que eram necessários, acabou desistindo. Em outro momento também já havia tido uma oportunidade de ir para a França, pois teve uma namorada que era de lá, mas desistiu. Sente-se responsável pela família. Comenta que é muito difícil se afastar de casa, pois já está acostumado, acha que terá dificuldade de adaptar-se em outro lugar, principalmente se não tiver um momento para diversão e lazer. Ele faz parte do grupo de capoeira, diz que gosta muito de praticar esse esporte e que está no grupo desde o início, portanto essa é uma das atividades de lazer, assim como jogar futebol no final da tarde quando retorna do trabalho. Não acessa à internet, diz que só o celular já é suficiente para que ele se comunique.

- **Marina**, 25 anos, nasceu em Flecheiras, vive com seus pais, a mãe é professora aposentada. Concluiu o ensino médio em uma escola particular de Fortaleza, foi em 2003 morar com uma tia para cursar o segundo e o terceiro ano, com o objetivo de fazer uma faculdade posteriormente, mas não foi aprovada no curso de Ciências Biológicas. Morou por quatro anos na capital e em 2006 retornou para Flecheiras. No período, sua irmã a convidou para entrar no Ponto de Cultura, começou a participar e gostou muito, aprendeu muitas coisas. Depois passou a participar também da diretoria da Associação de Produtores de Algas de Flecheiras e Guajiru, produzindo artesanato. Nessa oportunidade, viajou para várias localidades do Ceará, para aprender propostas alternativas de turismo, bem como produção de artesanato com o uso de algas marinhas. Atualmente está mais presente na Associação de Desenvolvimento Comunitário de Flecheiras. Trabalhou como garçom em um hotel, mas desistiu porque percebeu que não se identificava com o tipo de trabalho. Passou então a trabalhar em casa, juntamente com sua mãe, produzindo lembrancinhas para festas de aniversário. Atualmente é aluna do curso de matemática em uma faculdade particular em Trairi. Pretende se formar para exercer a profissão de professora na própria localidade. Ressalta que seu grande sonho mesmo era fazer uma faculdade de *design* de produtos. Como isso não é possível, pois em Fortaleza esse curso só é oferecido em universidade particular e lhe falta condições financeiras, conformou-se que vai concluir o curso de Matemática, ser professora e

construir família em Flecheiras. Quando está com tempo livre, gosta de conversar com amigas, tomar banho na praia e ver as amigas jogando vôlei. Acessa à internet mais para fazer pesquisa, não tem *sites* de relacionamentos.

- **Danilo**, 24 anos, nasceu em Fortaleza, mas sempre morou em Flecheiras com seus pais. Concluiu o ensino médio na localidade e atualmente trabalha com instalação elétrica (quando aparece algum serviço para fazer, geralmente de colegas) e música (toca nos fins de semana em uma banda de forró de Paraipaba e na semana, quando tem algum convite, faz dupla com um amigo tocando músicas de MPB na própria localidade de Flecheiras). Antes da música, teve experiência trabalhando em uma fábrica de gelo, como garçom em um hotel, e como segurança no período do programa *No limite* da Rede Globo de Televisão. Dessas atividades, gosta mais de trabalhar com a música e instalação eletrônica, não gosta da área de turismo. Quanto à eletricidade, aprendeu a partir de um curso de 80 horas oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI na própria localidade. Já a música, diz que não sabe muito explicar, mas que aprendeu sozinho. Foi a partir dos primeiros shows que teve em Flecheiras, ao observar os músicos, que se apaixonou pelo baixo, achou bonito o som e o jeito de tocar, e ficou com a ideia de que iria aprender a tocar tal instrumento. Seu atual sonho é ganhar dinheiro e ir para Fortaleza fazer um curso avançado na área de eletrônica ou mesmo uma faculdade. Diz gostar muito da área de construção civil, para trabalhar com instalação. Sabe que a música é só um tempo, tem que investir em outras coisas que gosta, e ter algo mais estável, como um emprego por meio de concurso, porque em Flecheiras é muito difícil ter um emprego que o satisfaça, pois o forte é o ramo da hotelaria, coisa que ele não gosta. Então, afirma que aparecendo uma oportunidade boa, sairia da localidade. Faz uso de internet esporadicamente para acessar seus *sites* de relacionamentos, mas ressalta que é só uma vez por semana. Quando tem tempo livre, gosta de sair com amigos, jogar vôlei, ir fazer luau na praia ou ver televisão, ler livros da área de eletrônica.

- **Renata**, 19 anos, casada, nasceu em Flecheiras e mora em Barreiro com seu companheiro. Seu pai é pescador (aposentado), sua mãe sempre trabalhou com renda, atualmente está aposentada, mas continua trabalhando. Tem ensino médio completo realizado em Flecheiras. Considera a vida na localidade muito difícil para os jovens,

pois considera que faltam oportunidades de trabalho e formação, para que os jovens não se envolvam com o que "não presta". Já teve várias experiências de trabalho: vendedora em loja de artesanato, garçonne, atendente em uma farmácia, ajudante de cozinha em um restaurante, monitora de atividades esportivas no período que a escola de ensino fundamental recebeu o projeto do segundo tempo da Secretaria do Estado, mas o projeto não teve continuidade. No período da conversa ela estava procurando emprego. Gosta muito de futebol, faz parte do time de futebol de salão, gosta de sair para competir, também joga vôlei, mas esse seria só mesmo como lazer. Então, o que mais gosta de fazer é jogar e ver os outros jogar. Pretende fazer um curso de Educação Física em Itapipoca (município vizinho onde tem Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará e universidades privadas) para ser professora, pois gosta de dar aula. Faz uso da internet em casa, via aparelho celular, principalmente para acessar os *sites* de relacionamento, mas não usa todos os dias.

- **Carlos**, 20 anos, solteiro, nasceu em Flecheiras, está em fase de conclusão do ensino médio. Seu pai é pescador e trabalha também com serviços gerais na rede de hotelaria, e sua mãe trabalha em casa de família. Sua primeira e atual experiência de trabalho é em uma *lan house*. Estuda no período noturno e trabalha durante o dia. Pretende concluir os estudos e posteriormente aperfeiçoar seus conhecimentos na área de informática por meio de um curso técnico ou superior, pois afirma gostar muito do que faz. Seu trabalho contribui para que ele esteja sempre em contato com pessoas de fora, principalmente turistas, o que ele considera uma boa experiência, mas as vezes limitada por causa da língua, no caso dos estrangeiros. Contribui também para que ele esteja sempre acessando à internet, seja para desenvolver pesquisas escolares como para manter contato com os amigos por meio das redes sociais (*msn, facebook e orkut*). Quando não está trabalhando ou estudando diz que gosta de sair para conversas com os amigos, praticar esportes e, quando tem, ir a festas.

- **Andressa**, 21 anos, de Flecheiras, ainda quando criança foi morar em Barreiro, mas, atualmente, voltou a morar em Flecheiras, na casa dos donos do restaurante em que trabalha. Antes morava com sua avó, mãe e irmã. Seu pai é pedreiro e eletricitista e a mãe trabalha em casa de família. Sua mudança para Flecheiras, foi, principalmente, quando terminou o ensino médio e foi aprovada para cursar pedagogia na Universidade Estadual do Ceará em Itapipoca, pois morando em Flecheiras ficava mais fácil trabalhar e se locomover no final da tarde para a faculdade. Prestes a concluir o curso, pretende

continuar os estudos, fazendo especialização, e prestar concurso público para professora daquela localidade. Quando tem tempo, gosta de ver os amigos, jogar bola com suas amigas, ou simplesmente caminhar na praia ou ler um livro de literatura e acessar internet para atualizar a comunicação nas redes sociais e fazer pesquisa.

- **Marcela**, 18 anos, solteira, nasceu em Flecheiras e ainda quando criança sua família vendeu o terreno que tinha e foi morar em Barreiro. Sua mãe trabalha em casa de família e seu pai é pedreiro e eletricitista. Concluiu o ensino médio e pretende prestar vestibular para o curso de Educação Física, em uma universidade particular em Itapipoca. Já trabalhou como babá e garçomete. Disse que ficou desempregada no dia anterior a nossa conversa, porque precisou faltar um dia, mas o seu patrão não compreendeu e a dispensou. Portanto, pretende, o quanto antes, procurar outro trabalho. É dançarina do grupo de quadrilha de Barreiro, atividade que gosta muito de fazer, além de jogar futebol. Quando tem tempo livre o que mais gosta de fazer é praticar esportes. Acessa à internet, mas afirma que atualmente é muito raro, pois usava mais quando estudava para fazer pesquisas da escola.

- **Maria**, 18 anos, solteira, nasceu em Flecheiras. Seu pai é comerciante sua mãe é agente de saúde. Concluiu o ensino médio nessa localidade e está fazendo um curso de técnica em enfermagem em Fortaleza, passando três dias da semana em Flecheiras e os demais em Fortaleza. Quando está na localidade ajuda a família no comércio, diz não ter renda própria, mas quando precisa de alguma coisa, tem a ajuda dos pais. Sua intenção é continuar estudando para fazer um curso superior em nutrição, na cidade de Fortaleza. Nos momentos de tempo livre gosta de praticar esportes, ou simplesmente assistir televisão. Gosta de acessar à internet tanto para pesquisar, como para manter o contato com os amigos por meio das redes sociais (*msn, facebook, orkut e e-mail*). O acesso é por meio do próprio celular, computadores na casa de amigos ou mesmo na *lan house*.

- **Joana**, 22 anos, mora com seu companheiro no bairro de Barreiro, concluiu o ensino superior em matemática, em uma universidade particular em Trairi, atualmente é professora temporária da escola local, atuando no ensino médio. Seu pai é pedreiro e sua mãe trabalha cuidando de uma casa de veraneio. Pretende continuar estudando na área de matemática, fazendo pós-graduação e posteriormente prestar concurso para ser efetiva do estado. Antes de ser professora trabalhou como agente administrativa na Secretaria de Ação Social e na Escola de ensino fundamental e médio da localidade.

Nos seus momentos de tempo livre gosta de ir a praia, ver jogos, assistir filmes ou ler um livro. Usa a internet apenas para fazer pesquisa. Não usa as redes sociais.

- **José**, 20 anos, solteiro. Seu pai trabalha no ramo da hotelaria, tem uma pequena pousada em sociedade com um português e é mestre de obras, sua mãe também trabalha na pousada e como cozinheira em casas de família. É neste ramo que ele está tendo experiência de trabalho, pois ajuda os pais no negócio. Mas antes disso trabalhou como gerente em uma distribuidora de bebidas, também era um negócio da família. Além de ajudar a família, está cursando uma faculdade de geografia em uma universidade particular em Trairi. Pretende concluir o curso e trabalhar como professor de Geografia, mas tem vontade de fazer outra faculdade em Fortaleza, engenharia civil ou mecânica, ainda não tem certeza. Quando não está trabalhando ou estudando, gosta de jogar vôlei, futevôlei e futebol ou ir a praia. Faz uso da internet em casa, principalmente para manter contato com os amigos, por meio do *facebook* e *orkut*.

- **Eduardo**, 19 anos, solteiro, nasceu em Flecheiras, mas ainda criança foi morar no Barreiro em decorrência da venda do terreno que sua família tinha próximo à praia. Seu pai foi por muito tempo pescador e atualmente é pedreiro, sua mãe é doméstica e trabalha como merendeira na escola de ensino fundamental de Barreiro. Concluiu o ensino médio e fez alistamento no exército, no qual pretende estudar e seguir carreira. Naquele momento estava aguardando o resultado dos testes. Assim que terminou o ensino médio foi para casa de parentes em Fortaleza para tentar continuar estudando, ou conseguir um trabalho, passou cinco meses e nada deu certo, retornou para Flecheiras e continuou seu trabalho como servente de pedreiro. Antes dessa experiência, trabalhou também como garçom. Quando retorna do trabalho no final da tarde, gosta de ir malhar na academia e depois jogar futebol no campo do Barreiro ou futevôlei na praia. Não faz uso da internet.

- **Marcos**, 23 anos, solteiro, nasceu em Flecheiras, seu pai é pescador aposentado, a mãe trabalha com serviços gerais em uma pousada. É filho de pescador e mora na área central junto com seus pais e irmãos. Possui ensino médio completo e já teve algumas experiências de trabalho, mas nenhum diretamente com o turismo, trabalhou em um supermercado e em uma escola, controlando a entrada e saída dos alunos no portão. Gosta de sair e frequentar as festas que acontecem na localidade, seu lazer é pescar e nadar. Tem vontade de fazer um curso superior na área de biologia marinha, mas diante

das dificuldades vai fazendo outros cursos. Atualmente, faz um curso de formação para Bombeiro no município vizinho.

- **João**, 24 anos, solteiro, nasceu em Fortaleza, mas logo veio morar em Flecheiras, por causa da família de sua mãe, que é da localidade. Mora só com a sua mãe, que é aposentada e dona de casa. Concluiu o ensino médio e pretende cursar uma faculdade na área de informática, uma vez que está diretamente relacionado ao seu trabalho. É dono da atual *lan house* de Flecheiras. Negócio que conseguiu montar graças ao crédito amigo (crédito para pequenos negócios). Sempre gostou de computadores, desde o período que conheceu esta máquina na escola em que estudava. Considera-se um autodidata, pois aprendeu muitas coisas sozinho. Atualmente faz um curso de análise técnica em Fortaleza, todos os sábados. A intenção é ampliar o negócio e continuar se aperfeiçoando. Antes de ser dono do seu próprio negócio, trabalhava como auxiliar administrativo pela prefeitura de Trairi. Acessa à internet, pois faz parte de seu trabalho, mas afirma não sei muito ligado à rede, pois gosta mais mexer com a parte interna do computador.

- **Aline**, 24 anos, solteira e mãe de uma menina de dois anos. Nasceu em Fortaleza, mas sempre frequentou Flecheiras para visitar a avó. Aos dezesseis anos resolveu de vez ir morar com sua avó. Tem ensino médio completo. Participa da diretoria da associação dos moradores, do Ponto de Cultura e do grupo de liturgia da igreja. Sua atuação em Flecheiras está muito ligada à dança, pois é professora de dança e faz parte da Companhia de Dança Arrego de Trairi, pela qual faz apresentação em festivais por todo o estado. Em Flecheiras ela atua no Ponto de Cultura com um grupo de dança, meninas de 13-15 anos de idade. Afirma que o dinheiro que ganha por meio do seu trabalho com dança, dá para se manter, comprar suas coisas e de sua filha. Além da dança, ela também gosta de atuar em peças teatrais, com um trabalho próximo à dança. Quando não está trabalhando gosta de ir à praia com sua filha, ou jogar bola com as amigas. Acessa à internet para manter contato com os amigos.

Tassila, 23 anos, filha de pescador e doméstica. Mora com os pais na área central de Flecheiras, próximo a praia. Possui ensino médio completo e já tem várias experiências de trabalho, em pousadas, hotéis e casa de família. Não anseia em sair da localidade, pretende trabalhar e constituir família em Flecheiras. No tempo livre gosta de sair para

ver os amigos, fazer esportes aquáticos, como aprender *kitesurf*. Disse que gostaria de se formar em educação física, por gostar dos esportes e atividades físicas.

2. Roteiro das questões orientadoras das conversas/entrevistas semiestruturada

Observação: As questões orientadoras objetivavam tematizar sobre as mudanças na localidade, a escolaridade, as experiências de trabalho, experiências relativas aos momentos de lazer e expectativas quanto ao trabalho, estudos e mobilidade.

1. Considerando os últimos anos, você percebe alguma mudança acontecendo na localidade de Flecheiras? Caso afirmativo, quais mudanças você identificaria, quais lhe chamam a atenção e por quê?
2. Essas mudanças têm alguma implicação diretamente na vida dos jovens?
3. Você está fazendo o que atualmente, estuda ou trabalha?
4. O que você acha de morar em Flecheiras/Barreiro?
5. Quando não está estudando ou trabalhando, o que mais gosta de fazer?
6. Você costuma ir às festas? Quais você mais gosta de ir? Por quê?
7. Flecheiras atende às suas expectativas de vida?
8. Pretende continuar morando nessa localidade? Por quê?

3. Roteiro de entrevista estruturada- Juventude e Sociabilidade: a experiência dos jovens em uma localidade litorânea

Pesquisadora: Flávia Alves de Sousa

Orientadora: Marília Sposito

Data do preenchimento do questionário: ___/___/_____ Horário: ___:___

1. Sexo: () Feminino () Masculino

1.2 Data de nascimento: _____

1.3 Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Companheiro(a) () Separado(a)

Outras: _____

1.4 Tem filhos(as): () sim () não; Quantos: _____

Se sim, com que idade teve o primeiro filho: _____

2. Você acha que nos últimos anos aconteceram mudanças aqui na localidade de Flecheiras.

() sim () não

Por quê?

2.1 Na sua opinião, essas mudanças têm alguma importância para a vida dos jovens?

() sim () não

Por quê?

3. Atualmente você estuda?

sim não

Em caso afirmativo, qual série você está cursando: _____

Em caso negativo, qual foi a última série cursada: _____

3.1 Qual a importância que a escola tem para a sua vida?

nenhuma importância pouco importante importante muito importante

Por quê? _____

3.2 Você considera que o ambiente da escola favorece a fazer amizades?

sim não

Por quê: _____

Em caso afirmativo, as amizades são mantidas fora da escola?

sim não

3.3 Você tem planos de continuar estudando?

sim não

Por quê? _____

3.4 Você já fez algum curso extraescolar?

sim não

Em caso afirmativo, qual (quais)?

4. Você trabalha?

sim não

Em caso negativo, considere as opções:

procurando emprego só estudando

Em caso afirmativo, que tipo de trabalho e onde:

Para os casos afirmativos:

4.1 Você trabalha com carteira assinada?

sim não

4.2 Já teve outras experiências de trabalho?

sim não

Quais?

4.3 Com qual idade teve o seu primeiro trabalho? _____

4.4 Você gosta das atividades com as quais já trabalhou?

sim não

Por quê?

4.5 Você já trabalhou diretamente com os turistas?

sim não

Em caso afirmativo, o que achou da experiência?

4.6 O que você faz com a sua renda mensal?

integralmente para ajudar a família

uma parte para ajudar a família

uma parte para os gastos pessoais

toda a renda para os gastos pessoais

4.7 Estar em Flecheiras contempla suas expectativas de trabalho?

sim não

Em caso negativo,

você pensa em trabalhar em outro lugar

espera que Flecheiras se desenvolva mais e crie mais oportunidades de trabalho

4.8 O que o trabalho significa para você?

5. Atualmente você mora com:

pai e mãe parceiro (a) e filhos com amigos com parentes

outras opções: _____

5.1 Sua família é composta por quantas pessoas?

5.2 Qual é o local de origem de seu pai e sua mãe?

5.3 Qual é a ocupação do seu pai?

pescador comerciante agricultor trabalha no ramo hoteleiro

trabalha em restaurantes

outras: _____

5.4 Qual é a ocupação da sua mãe?

marisqueira rendeira trabalha em casa de família trabalha no ramo hoteleiro trabalha em restaurantes

Outras: _____

5.5 A família é contemplada com o bolsa família?

sim não

5.6 Qual é a renda da sua família?

menos de um salário mínimo um salário mínimo

dois salários mínimos mais de dois salários mínimos

Especificar um valor aproximado:

6. Você faz uso de internet?

sim não

Em caso negativo, por quê?

Em caso positivo, com que objetivo?

Se for o caso, pode marcar mais de uma opção

manter contato com amigos

fazer uso de *sites* de relacionamentos

fazer pesquisa para a escola

Outras: _____

6.1 Em caso de responder sobre *sites* de relacionamentos, quais seriam?

6.2 Onde você faz uso da internet?

6.3 Com que idade você começou a ter acesso à internet?

6.4 Com que frequência você usa a internet?

todos os dias só de segunda a sexta-feira só nos finais de semana

Outras opções: _____

Quantas horas por dia, aproximadamente, você costuma dedicar ao uso da internet?

7. O que você gosta de fazer quando não está na escola ou no trabalho?

Se for o caso, pode marcar mais de uma opção

assistir televisão jogar *videogames* navegar na internet

conversar com os amigos viajar ou passear com os amigos ir a praia

praticar esportes ler um livro descansar ou dormir

Outras opções:

7.1 Você costuma ir a festas?

sim não

Em caso afirmativo, com que frequência você costuma ir:

uma vez por semana quinzenalmente uma vez por mês

raramente

Em quais festas você gosta de ir?

7.2 Você mantém contato com os turistas?

sim não

Em caso afirmativo, que tipo de contato você mantém?

Se for o caso, pode marcar mais de uma opção

somente de trabalho amizade contato passageiro namoro paquera

Outras: _____

7.3 Você está em um relacionamento sério com alguém?

sim não

Caso positivo, a pessoa é de Flecheiras ou de fora?

Caso não esteja em um relacionamento sério, isso é porque você:

prefere estar sozinho(a) prefere ter relações menos estáveis tem dificuldade de encontrar um parceiro(a) não encontrou o parceiro(a) ideal

Outras opções:

8. Você sempre morou em Flecheiras?

sim não

Em caso negativo, onde você já morou?

8.1 Você costuma sair frequentemente de Flecheiras?

sim não

Em caso positivo, para onde e fazer o quê:

8.2 Você tem projetos (planos) de vida para morar em outro lugar?

sim não

Por quê?

4-ANEXO

Tabelas feitas com dados dos arquivos “Basico_CE”:

Tabela construída por Jakson Aquino

Trairi 2000:

	ndom	pop	pes.dom	renda	anos.estudo
Canaan	2112	10085	4.775095	101.6951	1.858159
Córrego Fundo	1045	4928	4.715789	132.4153	1.413628
Flecheiras	660	3087	4.677273	196.6773	2.359209
Gualdrapas	1482	6640	4.480432	136.2456	1.759134
Mundaú	1553	7846	5.052157	125.5435	1.661072
Trairi	2644	11827	4.473147	227.1978	3.229048

Trairi2010:

	ndom	pop	pes.dom	renda
Canaan	3036	12064	3.973650	343.8480
Córrego Fundo	1362	5381	3.950808	238.1561
Flecheiras	1055	3954	3.747867	562.2922
Gualdrapas	1983	7322	3.692385	330.1573
Mundaú	1863	7527	4.040258	362.0808
Trairi	4067	15053	3.701254	577.4581

Onde:

ndom: número de domicílios no distrito

pop: número de pessoas

pes.dom: médio do número de pessoas por domicílio

renda: média da renda das pessoas responsáveis pelos domicílios

anos.estudo: número médio de anos de estudo das pessoas responsáveis pelos domicílios